

Do mesmo autor da saga *Cavalo de Troia*

J. J. BENÍTEZ

OS ASTRONAUTAS DE YAVEH



J. J. BENÍTEZ

OS ASTRONAUTAS

DE YAVEH

Tradução
Julio Andrade Filho



Copyright © J. J. Benítez, 1980
Título original: Los astronautas de Yavé

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Kxxx

Benítez, J. J.

Os astronautas de Yaveh / J. J. Benítez ; desenhos de F. Ghot ; tradução Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2010.

Tradução de: Los astronautas de Yavé

ISBN 978-85-7665-931-0

1. Bíblia - Miscelânea 2. Jesus Cristo -
Natividade - Miscelânea I. Ghot, F. II. Título.

10-03987

CDD: 232.92

A Tirma, Lara e Raquel, as mulheres da minha vida

Algo assim como uma “declaração de princípios”

Suponho que este momento chega para todo mundo. E, embora deva advertir o leitor – não na tentativa de me justificar, mas pelo mais estrito respeito à verdade – sobre minha profunda ignorância, já é tempo de me definir e de definir o que foi se sedimentando em meu coração.

Não sou imune ao negro fantasma do erro. Sei que, agora mesmo, ele pode estar planando sobre estas linhas. Mas, apesar disso, correrei o risco.

A esta altura, e depois de dar a volta ao mundo várias vezes, reuni provas e testemunhos suficientes para saber – com absoluta certeza – que os indevidamente chamados óvnis existem.¹ Se depois de comprovar que foram filmados, fotografados, detectados pelos radares civis e militares, que foram perseguidos pelos “caças” dos Exércitos de metade do mundo, que foram observados, enfim, por milhares de testemunhas de todas as categorias profissionais e culturais, se depois de tudo isso e de tê-los visto e fotografado pessoalmente eu não acreditasse na realidade óvni, não seria um prudente investigador, como pretendem alguns...

Seria um grande imbecil.

Não vou me proteger, portanto, com frases tão vazias quanto carregadas do “medo do que vão dizer..”, pelo menos naquelas facetas do fenômeno óvni em que as provas falam por si. As hipóteses sobre a origem dessas naves e sobre as intenções e objetivos de seus ocupantes são farinha de outro saco...

E eu falei em “naves”. Eis aqui um segundo pronunciamento. A análise dessas centenas de milhares de provas – as formas e aspectos dos óvnis, suas bruscas acelerações e freadas, seu impressionante desafio às leis gravitacionais, o silêncio com que se deslocam e a velocidade que desenvolvem, inimagináveis ainda para a tecnologia humana – leva qualquer mente medianamente lúcida e racional a uma única conclusão: encontramos-nos diante de máquinas. Supermáquinas, talvez...

É isto que eu penso: os óvnis – depois de separado o “trigo” dos casos verdadeiros do “joio” da confusão e do erro – não são nada além de “astronaves”. Mas, de onde?

E chegamos ao terceiro e último postulado. Na minha opinião – e em vista, também, dos milhares de casos ocorridos em todo o mundo desde mais de trinta anos atrás –, essas máquinas ou veículos são dirigidos ou tripulados, na maior parte dos casos, por seres de formas antropomórficas. Ou seja – e para não criarmos confusões –, seres parecidos com o homem. Em minhas andanças atrás dos óvnis, pude investigar mais de duzentos casos de pessoas de honestidade inquestionável que afirmam ter visto esses “tripulantes”.

Mencionei seres “parecidos” ao homem. Quero dizer com isso que, de acordo com esses milhares de visões, os “pilotos” dos óvnis não são exatamente iguais a nós. Variam em altura, volume craniano, ausência de pavilhões auditivos, movimentos mais ou menos naturais – sempre utilizando como referência nossa gravidade –, presença de escafandros e um longo “etc.”.

Aonde quero chegar? Muito simples: com base nesses milhares de declarações de testemunhas que afirmam dizer a verdade,² os especialistas e investigadores com um certo bom-senso – e espero me encontrar ainda nesse “pelotão” – consideram que esses “tripulantes” não podem ser habitantes da Terra. Suas características, ainda que apresentando os traços e atributos essenciais da natureza humana, não os rotulam como russos, norte-americanos, latinos ou asiáticos.

Que piloto americano se veria obrigado a usar um estranho escafandro em plena serra Cespедера, na província de Cádiz? Ou que astronauta soviético se movimentaria em “câmera lenta” no meio de um bosque sueco, a poucos quilômetros de Estocolmo?

Por acaso temos notícias de “humanoides” ingleses ou alemães que não atingem sequer um metro de altura?

Quando se ouviu falar, em toda a história da Medicina deste astro frio, de um único cidadão “normal” cujo occipital³ tivesse três vezes o tamanho de uma cabeça-padrão?

E exemplos como estes – insisto – existem aos milhares...

Para uma mente sadia, racional e suficientemente informada, esses seres só podem proceder de fora do planeta.

Com isso – e mantendo sempre o mesmo grau de sinceridade –, os investigadores e estudiosos do fenômeno só podem dar de ombros.

É justamente a partir daqui que – necessariamente – todos elucubramos. Enquanto esse histórico encontro entre o homem da Terra e os “homens” que nos visitam não for registrado, o máximo que podemos fazer é teorizar, suspeitar, imaginar...

E nessa órbita vou me mover a partir de agora. Que ninguém tome minhas palavras como uma verdade provada. Nem mesmo como uma verdade. Apenas o coração me move. E, acima até mesmo dos sentimentos, o respeito.

Respeito – não docilidade de cordeiro – a tradições que, como tentarei expor, às vezes não compartilho.

Mas não vamos nos desviar do caminho principal.

Uma vez definido que os tripulantes dos óvnis não são “terrestres”, qual pode ser sua origem? Um cuidadoso reconhecimento dos mais sólidos casos de “encontros” com esses seres me fez refletir sobre uma possível dupla procedência. Ao esmiuçar as descrições das testemunhas, deduzimos – quase por pura lógica – que esses tripulantes são de carne e osso. Estou me referindo a quase todos os “encontros”.

Tudo leva a pensar que não são nada além de “astronautas” – com ou sem capacetes espaciais, com ou sem as já esboçadas diferenças anatômicas em relação ao homem, com ou sem submissão, enfim, à gravidade terrestre – em missões especificamente científicas e exploratórias. Por que não são vistos recolhendo amostras de plantas, de minerais, de animais...? Só um afã de conhecimento poderia levá-los a sobrevoar as grandes urbes, as instalações militares, as centrais nucleares, as mais destacadas indústrias do planeta, as frotas ou os monumentos. Por meio desse prisma puramente intelectual – possivelmente “universitário” –, cabe encontrar uma razão que satisfaça a lógica humana. Isso não quer dizer, longe disso, que nossa lógica seja a deles...

Mas, supondo que assim fosse, esses objetivos “científicos” justificariam, de alguma maneira, suas violentas aproximações a aviões,

embarcações ou sondas espaciais.

Com base nessa hipótese, essas centenas – talvez milhares – de raças que estamos observando há séculos teriam seus lares em mundos basicamente parecidos ao nosso. É lógico acreditar que toda essa miríade de seres pensantes e de formas anatômicas iguais ou parecidas às do homem da Terra deve partir de astros cujas condições físico-biológicas estejam nos limites – mais ou menos – que conhecemos para nosso próprio *habitat*.

Se sabemos que nossa galáxia tem mais de 117 mil anos-luz⁴ em sua extensão máxima, quantos bilhões de planetas podem ser “irmãos” ou “primos-irmãos” da Terra? Não devemos cair, neste sentido, na “miopia” ou “cegueira” mental de outras gerações, que, por exemplo, apesar dos milhares de testemunhos, rejeitaram a possibilidade de que “caíssem pedras do céu, pela simples razão – esgrimiram os cientistas franceses do final do século xviii – de que não há pedras no céu...”.

E ficaram satisfeitos. Hoje, a presença de meteoritos não só é mundialmente aceita, como também, graças a essas “pedras” siderais, a Ciência chegou ao conhecimento de que os “tijolos” (os aminoácidos) para a “edificação” da Vida são basicamente iguais em todo o cosmo.

Cabe dentro do possível, também, que parte desses visitantes proceda não de nosso universo físico e visível, mas de outro – ou de outros – chamado “paralelo”, cuja compreensão é ainda mais angustiante.

Esses universos, com certeza, são tão físicos e mensuráveis quanto o que mal conhecemos e que nos envolve. A grande diferença poderia estar – sempre no âmbito da especulação – no fato evidente de que não os conseguimos ver nem registrar. E, porém, podem “ocupar” o mesmo “espaço” e o mesmo “tempo” que o nosso – como as palavras são limitantes! –, mas submetidos a ritmos ou vibrações atômicas diferentes das que conhecemos.

Por essa mesma regra de três, nosso cosmo pode permanecer ignorado para muitas das possíveis civilizações que habitem esses universos “paralelos” e que não alcançaram, ainda, o nível técnico ou espiritual suficiente para “descobrir” esses outros “âmbitos dimensionais” e “viajar” até eles.

Este, justamente, pode ser o “caminho” para as grandes viagens interestelares ou para passar de um universo a outros. Suponhamos que uma raça situada em um universo “paralelo” atinja um nível técnico capaz de detectar outros mundos habitados, mas em um cosmo como o nosso, ou seja, totalmente invisível para eles. Bastaria fazer uma de suas naves ou veículos “saltar” de seu âmbito tridimensional natural para o nosso. E esses “astronautas” – de carne e osso – “apareceriam”, por exemplo, em qualquer ponto de nosso universo, sem necessidade de se “trasladar” pelo espaço, tal como concebemos em nosso cérebro. Para isso, evidente, é necessário um perfeito conhecimento dos chamados “universos paralelos” e uma tecnologia tão sofisticada que hoje, em pleno século xx, só podemos relacioná-la à ficção científica.

Mas, salvando as devidas diferenças, não teria sido ficção para Napoleão uma visita a um dos porta-aviões da vi Frota dos Estados Unidos no Mediterrâneo? E se passaram apenas duzentos anos...

O que o bom são Pedro teria pensado se alguém lhe houvesse falado não de sua cadeira papal, mas de outra – a “elétrica” –, capaz de eletrocutar um homem em um segundo?

Para que continuar?

Como podemos falar de “impossibilidade de vencer tais distâncias intergalácticas” se nem sequer conhecemos a natureza e estrutura de nossas próprias partículas subatômicas? Como podemos ser tão insensatos de julgar o que não conhecemos? O fato de não termos a explicação definitiva para o fenômeno óvni não quer dizer que ele não exista.

Quanto à segunda grande fonte de origem desses seres extraterrestres – e também com base em uma não menos considerável relação de casos –, acredito firmemente em outros “planos” ou “realidades”, onde existe uma vida pensante. (Se as palavras me limitavam no momento de interpretar os “universos paralelos”, o que pode acontecer agora...?)

“ Planos” ou “realidades” ou “estados” ou “universos” – não importa a etiqueta que lhes ponhamos –, nos quais seres inteligentes e infinitamente mais evoluídos que o homem da Terra e que os “homens” talvez da galáxia ou desses mundos “gêmeos” vivam sob formas físicas tão assombrosas para nossa mente quanto, por exemplo, a pura energia lumínica ou mental.

“Seres”, talvez, não encadeados à torrente do tempo, como ocorre com nossa civilização. “Seres” adimensionais tão próximos, definitivamente, de Deus, que só poderiam ser associados ao pensamento ou aos sentimentos...

“Seres” que talvez tenham escalado essa confortável e desconcertante “vida” depois de um longo e penoso processo de perfeição. “Seres” – quem sabe? – que talvez tenham sido criados diretamente nesse estado...

“Seres”, enfim, capazes de penetrar nos milhares ou milhões ou infinitos “âmbitos dimensionais” tão alheios quanto distantes de seu “*habitat*” e que, de alguma forma, “estão sob sua responsabilidade”.

Não acho que repugne à razão a existência de entidades cujas “estruturas” mentais – outra vez as palavras... – tenham alcançado níveis tais de perfeição que se vejam livres das cadeias que ainda prendem formas humanas como a nossa.

Obviamente – e por estarem muito mais perto da Verdade que nós –, essas “civilizações” poderiam entrar, ou descer, em planetas como a Terra com objetivos radicalmente diferentes da pura pesquisa ou exploração científica.

Sua presença ao longo da História de uma humanidade como a que está passando pelo planeta atenderia, por exemplo, a necessidades de “categoria superior”. A cada dia tenho mais certeza de que nada fica ao acaso nos “universos” ou em nossas existências individuais.

Mas, antes de me aventurar na análise dessas estratégias ou missões de “categoria superior”, gostaria de ir além. É mais que provável que, a partir de níveis mínimos no desenvolvimento mental e tecnológico das raças que povoam os infinitos cosmos, a intercomunicação seja uma realidade igualmente clara e constatável.

Se a espiral da evolução em qualquer forma pensante – como acredito – conduz inevitavelmente a um mais profundo vínculo com a Força ou Energia que chamamos de Deus, é quase lógico e obrigatório que todas essas civilizações ou seres acabem “trabalhando” com uma única e formidável meta: a aceleração do conhecimento de Deus em todos os cantos e em todos os tempos da Criação. (E não pode ficar mais longe de

minha mente, nesse momento, o pobre e enfraquecido panorama de um Deus única e exclusivamente clerical ou antropomórfico...)

Esse maravilhoso “trabalho” – que talvez um dia cheguemos a compreender, e do qual participaremos em nível cósmico – vem sendo desenvolvido por uma legião de seres e entidades, desde muito antes, inclusive, de o homem ter surgido na Terra.

E, em que pode consistir essa “estratégia” ou “missão” de “categoria superior”?

Por um mero princípio de economia, acho que a Criação deve estar organizada de forma que núcleos imensos de seres sejam responsáveis por “parcelas” bem específicas. É muito possível que as “responsabilidades” apareçam em razão direta ao índice de perfeição de tais seres ou “pacotes” de seres.

Lancemos mão de um exemplo que, embora grosseiro, talvez ilustre o que tento definir: Todos temos consciência do nível de responsabilidade e desenvolvimento técnico e espiritual que preenche nosso mundo. Embora possa doer, esse “termômetro” ou “radiofarol” da humanidade do planeta Terra emite uma temperatura e cintilações tão frias e fracas que seria pouco menos que uma loucura nos outorgarem a tutela de uma determinada área universal. Do modo como nossa civilização se comporta, os hipotéticos seres pensantes a proteger receberiam de tudo, menos ajuda.

Além do mais, supondo – como suponho – que uma das bandeiras mais respeitadas na ordem cósmica seja a da liberdade individual e coletiva, dificilmente posso pensar em “mensageiros”, “missionários” ou “operários” da Grande Energia que não tenham superado – e em muito – este princípio sagrado.

É muito possível, inclusive, que só a partir de altíssimos graus na escala evolutiva seja possível a “intervenção” ou “manutenção” ou “vigilância” em universos ou mundos que estão no início dessa grande corrida rumo à Perfeição.

Uma vez assentada esta premissa, tudo fica mais fácil. Os “comandos intermediários” nessa formidável “hierarquia” que devem configurar as criaturas a serviço da Perfeição conhecem “seu trabalho”. E o cumprem e

executam, sempre de acordo com princípios e programas estabelecidos “em níveis superiores”.

E, embora também não me satisfaça, eis aqui outro exemplo que – tomara – talvez simplifique meus pensamentos:

Nessa caricatura do que Jesus de Nazaré quis fazer e dizer no planeta Terra – e que chamamos de Igreja – dificilmente os “comandos intermediários” (bispos) chegarão a cuidar pessoalmente do cúmulo de trabalhos a que obrigam, por exemplo, as pequenas ou grandes paróquias de cada região. Essas missões, simplesmente, estão nas mãos da “infantaria”: os sacerdotes.

Estes, salvo exceções, também não se situam nas “órbitas” do “Estado-Maior” (o Colégio de Cardeais), que costuma ser o que planeja e vela pelas linhas mestras da grande superestrutura.

Cada um tem sua missão, e o conjunto – pelo menos teoricamente – deve funcionar com um único propósito: elevar o homem, cada vez mais, em sua dignidade de filho de Deus.

Pois bem, em uma audaz extrapolação, este poderia ser o “esquema” de “trabalho” em escala cósmica. E nós, mundos como a Terra, entraríamos – querendo ou não – no catálogo das “paróquias” mais atrasadas, empoeiradas e maltratadas da gigantesca “diocese” que deve ser a Criação.

E, em nosso caso particular, com certos “agravantes” por todos conhecidos.

Nossa “paróquia”, enfim, quase com certeza foi deixada a cargo de “comandos intermediários” muito específicos da hierarquia celeste. E com ela, muitos outros seres pensantes, também em pleno período evolutivo e situados fisicamente em uma – ou quem sabe quantas – galáxia. Esses “comandos intermediários” – sempre ligados ao “Estado-Maior” – podem dispor de legiões ou miríades de seres (a “infantaria”), que são os encarregados e responsáveis pelo andamento, pelo “ver como as coisas vão”, ou por “corrigir” cada mecanismo que participe do nascimento e progressiva evolução de uma coletividade de seres inteligentes.

Acho perfeitamente possível, e muito mais racional que as doutrinas tradicionais a respeito, que “missões” de “injeção” – para utilizar uma expressão terrestre – da “consciência espiritual” em determinados seres

irracionais seja assunto dos “comandos intermediários” ou, inclusive, da “infantaria”, e não do próprio Deus. Sempre acreditei que a Grande Energia utiliza essa imensa lista de “intermediários” para perpetuar o já criado.

Ou será que o papa é o responsável direto e pessoal pelo batismo de cada novo cristão?

Na minha opinião – e insisto no fato de que estou só teorizando –, é muito mais bonito e próprio de um Deus “Gerador” que suas criaturas sejam encarregadas, nem mais nem menos, da seleção do momento e dos seres que, por suas características, estão convocados a serem filhos do Inominado. Mas, para desempenhar essa importante tarefa, como apontava anteriormente, é necessário uma altura mínima na espiral da Perfeição. Nós, simplesmente, não saberíamos nem poderíamos...

Depois de depositada a semente ou a centelha da inteligência e da imortalidade no ser, os servidores de Deus – vamos chamá-los de “anjos”, “enviados” ou “astronautas” – deverão permanecer muito perto dessa nova coletividade, procurando fazer com que seu livre-arbítrio não se veja anulado e que, ao mesmo tempo, disponham dos elementos mínimos para um lento, mas firme, processo de integração na magna comunidade da qual surgiram e da qual não terão consciência por muito tempo.

Essa apaixonante “missão” – assim dita meu coração – pode ser atribuída, às vezes, não só a seres puramente energéticos ou desprovidos de suporte físico, mas também a civilizações de carne e osso, mas que deixaram para trás muitas das misérias que ainda escravizam o homem do planeta Terra. Civilizações supertecnicizadas que podem habitar universos como o nosso ou – por que não? – outros cosmos “paralelos”.

Civilizações, enfim, que tiveram acesso, um dia, a boa parte do conhecimento da Verdade. Civilizações que, nessa espiral da Perfeição, chegaram a extremos tais que possam “dominar” o tempo, as forças da Natureza e algo perigoso e que galopa sempre à sombra do progresso, que nós chamamos de arrogância...

Civilizações que nada têm a ver, evidentemente, com a nossa.

Esses seres – eu gosto de chamá-los de “astronautas” – podem estar colaborando intimamente com a “infantaria” ou com os “comandos

intermediários” de escalas superiores e de naturezas, repito, basicamente diferentes das suas e, conseqüentemente, da nossa.

Esse entendimento – por que não? – pode ser perfeitamente possível quando se alcançam essas cotas mínimas de perfeição evolutiva. Respeitando novamente as diferenças, o homem não está tentando se “comunicar” com as plantas mediante o uso de sofisticados painéis eletrônicos? O que nossos antepassados teriam pensado diante de ensaios científicos como esses?

Como consequência desses “contatos”, os “astronautas” puderam se fazer presentes em nosso mundo. E, inevitavelmente, foram tomados por “deuses”, “anjos” ou “enviados”. E assim consta das tradições, lendas ou livros sagrados.

Pode ter sido prudente que em determinadas fases da difícil e atormentada evolução da Terra, esses “vigilantes” do Espaço tenham participado de uma forma direta ou mais ativa que o habitual. A quem enviar, então? Os seres adimensionais ou puramente energéticos? A mais elementar lógica não teria considerado isso eficaz. Como teriam se comunicado com os povos humanos primitivos? Como teriam conjugado uma mínima abordagem ao homem com a transmissão das mensagens e ideias-chave para sua evolução? O medo do desconhecido teria aumentado, nesses casos, até limites traumatizantes e de imprevisíveis conseqüências...

O que fazer, então?

Muito simples: o “Estado-Maior” ou os “comandos intermediários” da Criação podem ter aconselhado e arbitrado que seres basicamente idênticos ao homem do planeta Terra descessem ao lindo mundo azul. E que essas civilizações de carne e osso, supertecnicizadas e tão próximas dos planos divinos, fossem responsáveis por aqueles “trabalhos” que obrigavam uma ou várias “abordagens” ao gênero humano.

E isso, sem dúvida, pode ter sido estabelecido muito antes, inclusive, de o homem ter surgido no mundo...

A presença dessas civilizações siderais na história de muitos povos da Terra, em suas lendas e religiões, em suas cerimônias e folclore, ficaria,

assim, mais que justificada. E, principalmente, pareceria mais que lógico seu enigmático comportamento.

E dentre esses “programas de trabalho”, os “missionários” ou “astronautas” espaciais receberam uma tarefa definitivamente solene: preparar a chegada, à Terra, de um ser superior, pertencente ao “alto Estado-Maior” de toda a Criação: um ser que ia ser chamado de Jesus de Nazaré.

OS PREPARATIVOS DO GRANDE “PLANO”

Não posso evitar. Embora conheça o risco das comparações, vejo-me impelido a usar um novo exemplo.

Há apenas alguns dias, pude ver e ouvir na tevê o bispo porta-voz da Conferência Episcopal Espanhola. Os “comandos intermediários” da Igreja haviam se reunido para estudar e tratar os delicados problemas que a acossam. Um dos assuntos-chave da assembleia foi a programação de uma viagem do papa, João Paulo ii, à Espanha.

Os bispos espanhóis – e é natural – mostraram-se preocupados com essa visita do máximo responsável e chefe do “Estado-Maior” da grande “estrutura”.

“... Temos que verificar muitas coisas – apontou o bispo encarregado das relações com a imprensa. – Temos que organizar essa estadia do papa até os mínimos detalhes. Evidentemente, haverá novas reuniões e serão nomeadas comissões especiais de trabalho...”

As palavras do representante dos “comandos intermediários” me pareceram lógicas. E suponho que os milhões de telespectadores que o puderam ouvir também pensaram assim.

Pois bem – e entrando novamente na arena da hipótese –, se a Igreja espanhola se preocupa – e como! – com a histórica viagem de seu chefe supremo na Terra a nosso país, o que não pode ter acontecido há milhares de anos, “chegada a plenitude dos tempos”, quando o Pai ou a Grande Força estimou que já era o momento de seu filho aparecer no planeta Terra?

E, embora eu duvide que os “métodos” e “recursos” do “Estado-Maior” ou dos “comandos intermediários” da Criação tenham algo a ver com os

da Igreja Católica, parece lógico e sensato (sempre com base em nossa raquítica lógica, claro) que aquelas hierarquias celestes tenham adotado, também, as medidas oportunas para o feliz desenvolvimento do grande “plano da Redenção humana”.

Colocar Jesus na Terra não me parece que fosse uma tarefa complicada, mas nem por isso – suponho – deviam descuidar dos detalhes...

A grande complicação, imagino, podia ser o fato de – acima de tudo – ter que tentar respeitar a liberdade individual e coletiva dos habitantes de tão arisco e primitivo mundo.

E o “plano” ganhou “luz verde”...

E, um belo dia – há mais de 4 mil anos–, essas civilizações escolhidas ou “voluntárias” – quem pode afirmar? – surgiram com seus veículos espaciais e sua extraordinária tecnologia nessa mancha de pó que é a Terra. Os “astronautas”, sem dúvida, conheciam perfeitamente o “plano”. Seu contato e vínculo com os “comandos intermediários” ou o “Estado-Maior” dos Céus tinha que ser, no mínimo, constante. Quem poderia descrever, hoje, as faculdades e recursos mentais, espirituais e técnicos desses seres, tão longe de nossa obscura forma de vida?

Tenho certeza de que a Terra passou inteira pelo “pente fino”, com a finalidade de escolher a região ideal onde, um dia, pudesse nascer o grande “Enviado”. É possível que as naves dos “astronautas” tenham realizado minuciosas tarefas de sondagem e pesquisa.

E, finalmente, foi detectado o que deveria ser o “povo escolhido”. E começaram os primeiros “contatos” e “encontros” com os primitivos patriarcas.

E ocorreu um fenômeno, talvez previsto pelas hierarquias celestes e pelos próprios executores materiais do grande “plano”, pelos “astronautas”: desde o primeiro momento, os homens e mulheres escolhidos pelos seres do Espaço confundiram seus brilhantes e poderosos veículos com os tripulantes dos mesmos, e vice-versa. O “anjo do Senhor”, a “glória de Yaveh”, a “nuvem de fogo” ou a “coluna de fumaça” significavam uma mesma coisa. A absoluta falta de noções e de vocabulário daquela gente simples do deserto em relação a “máquinas” capazes de voar, de vencer a lei da gravidade, de emitir luz, das quais

entravam e saíam outros seres não menos estranhos, usando trajes espaciais – quem sabe se providos de escafandros –, deve ter provocado uma grave confusão em seus cérebros no momento de distinguir “astronautas” de “máquinas”.

Imagino que este problema não tinha maior importância para os “astronautas”. Ao contrário. É possível que, às vezes, o considerassem altamente prático e benéfico para seus fins.

Dado o formidável abismo mental e evolutivo que separava os homens da Terra de seus visitantes, qualquer tentativa de lhes explicar as verdadeiras “razões” de sua presença no mundo teria sido totalmente negativa. Não se tratava, afinal de contas, de mostrar aos seres pensantes do planeta Terra técnicas ou realidades que jamais teriam assimilado ou utilizado, mas de preparar um caminho, um povo, uma “infraestrutura” – se me permitem o termo – para o grande momento: para a chegada, milhares de anos depois, do Cristo.

Sempre me perguntei por que o Pai ou a Grande Energia, ou, talvez, o “Estado-Maior” dos céus julgou aquela remota época como o momento propício para a encarnação de Jesus. Hoje, sim, teríamos “reconhecido” – espero – essas formidáveis máquinas voadoras e os “astronautas” celestiais... Ou não?

Hoje, estamos em condições de interpretar e de compreender a luz elétrica, a lei da gravidade, as viagens espaciais, a utilização de capacetes e de trajes “anti-g”... e até começamos a aceitar a ideia de visitantes extraterrestres que chegam a nosso mundo em veículos que popularmente são batizados de “óvnis”.

Por que, então, a chegada do “Enviado” não foi retardada? Não teria sido mais fácil sua missão hoje?

A bem da verdade, não perdi a esperança de saber, um dia, os motivos que levaram o Pai ou o “Estado-Maior” celeste a considerar aquela época como “a plenitude dos tempos...”.

É possível que muitas pessoas se perguntem por que associo termos bíblicos como “o anjo do Senhor” ou “a glória de Yaveh” ou “a coluna de fumaça” ou “a nuvem de fogo” a aeronaves e “astronautas”.

Sei que não disponho das provas finais ou absolutas. Ninguém as tem. Porém, lendo e relendo as passagens do Antigo e Novo Testamento, bem como os Evangelhos apócrifos, as descrições daquelas testemunhas coincidem assombrosamente com as que reunimos em pleno século xx sobre óvnis.

Pensei muito antes de dar este passo. E agora, ao fazer isso, estou contente com minha decisão. Sei que jogo com puras teorias, mas algo me diz, no fundo da alma, que posso estar certo...

Aquelas formidáveis “luminosidades” que os Livros Sagrados nos relatam, aqueles seres “resplandecentes”, aquele “carro de fogo”, aquelas “nuvens de brasa” imóveis acima da Tenda da Reunião, aqueles “anjos” que subiam e desciam do céu em meio a uma “grande luz”, aquela “estrela”, enfim, que guiou os Magos até Belém da Judeia guardam uma suspeita semelhança com as naves, brilhantes e silenciosas, que são vistas, hoje, nos céus do mundo. Para qualquer pessoa medianamente informada acerca da realidade óvni, as coincidências são angustiantes.

E eu disse muitas vezes. Admitir que os “anjos” que aparecem na Bíblia possam ser seres do Espaço – “astronautas” de carne e osso – não escurece, longe disso, a grandiosidade e divindade do “plano” da Redenção.

Por que a presença, no mundo, de toda uma “equipe” de seres supertecnicizados e superpróximos de Deus teria que diminuir a beleza ou a solenidade da chegada de Jesus de Nazaré? Por acaso o papa não se serve dos mais rápidos e confortáveis aviões a jato para cruzar os céus do planeta e levar a palavra de Deus? Cristo teria repugnância – supondo que aparecesse em 1980 – das câmeras de televisão ou da difusão “via satélite”?

“NOTÍCIAS” SENSACIONAIS

Não desejo me estender mais. E acho que nunca teria exposto meus pensamentos, não fosse pela delicada natureza do que vou expor a seguir. Sempre gostei que o leitor fosse descobrindo, por si mesmo, os resultados de minhas investigações e chegasse ao fundo de minhas últimas inquietudes.

Nesta oportunidade, porém, quis que fosse diferente. Nem sempre se enfrenta passagens tão transcendentais como a concepção virginal de Maria, sua infância, o nascimento de Jesus e as possíveis vinculações de toda uma “equipe” de “anjos” ou “astronautas” com esses fatos.

Porque estes, nada mais e nada menos, foram o alvo de minha investigação.

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento oferecem relatos abundantes, onde essa “equipe” de “astronautas” aparece sempre em momentos decisivos. Não obstante, e apesar de meu interesse em encontrar explicações lógicas e racionais, nenhuma das que a Igreja e os exegetas, ou especialistas em assuntos bíblicos, chegaram a me oferecer aplacou minha inquietude. Não eram suficientes as cômodas “saídas” dos teólogos, que sempre submergem os “assuntos difíceis” ou “comprometedores” na neblina do “mistério da fé” ou dos “gêneros literários” ou do “fato sobrenatural”...

Por outro lado, esses “anjos” e suas manifestações guardam muita semelhança com o que ando investigando nesse outro campo dos “não identificados”. Era preciso mergulhar, portanto, em outras direções. Mesmo com o risco de me equivocar. Eu sei...

Havia – e há – muitas incógnitas na preparação da chegada de Jesus. Como a concepção virginal pôde ocorrer? Por que aquele foi o povo escolhido, e não outro, como “base ou infraestrutura” de todo um sistema monoteísta? Por que o “Estado-Maior” celeste considerou o Oriente Próximo como a região adequada para o nascimento do Messias? E, principalmente, como se desenrolou o parto do “Enviado”?

Nem os Evangelhos canônicos, nem evidentemente os teólogos, esclarecem esses pontos com transparência suficiente. Às vezes – para que nos enganarmos – o medo do encontro com tais verdades os paralisa, e quase todos “fogem”, disfarçando sua impotência com teses ribombantes que, suponho, não convencem nem a eles mesmos.

E nessa busca deparei-me, um dia, com os chamados Evangelhos apócrifos.

Minha surpresa foi crescendo conforme fui devorando aqueles textos no mínimo malditos até poucos anos. Ali encontrei dados, precisões,

relatórios, referências e descrições que me fizeram estremecer. Aquilo sim era racional. Aquilo sim solucionava algumas das grandes incógnitas...

Ali, por exemplo, comecei a intuir por que Jesus teve que nascer em uma caverna, e não em um estábulo.

Ali sim me ofereciam uma informação infinitamente mais verossímil sobre a pessoa de São José, sobre suas dúvidas e sobre o curioso julgamento a que se viu forçado...

Ali percebi o grande erro que foi considerar a família “humana” de Jesus como pobres cidadãos, quase andrajosos e indigentes. Nada mais longe da realidade...

Por meio dos apócrifos, ratifiquei até me saciar a constante e meticulosa “inspeção” da “equipe” de “anjos” ou “astronautas” em relação aos “avós” de Jesus e à pequena Maria.

Ali, estava claro como a luz que a “estrela” de Belém não podia ser uma estrela...

E o mais bonito e esperançoso – não me cansarei de repetir – é que as “boas novas” sobre a chegada do Salvador só contribuía para o engrandecimento do “plano” da Redenção do homem desse velho e rebelde planeta, perdido em uma das mais baixas curvas da espiral da Perfeição.

E, antes de passar à exposição dessas sensacionais “novas” sobre um “plano” que não considero fechado, espero que depois da leitura deste trabalho nenhum princípio ou sentimento se vejam feridos.

Isto não é Teologia, nem minhas aspirações são ser o dono da verdade. Se minha impaciente busca da Verdade – e este trabalho é só isso – estimular outros a continuar buscando, meu esforço não terá sido em vão.

1 J. J. Benítez é autor das seguintes obras sobre o tema: *Óvnis, S.O.S. à Humanidade; 100.000 Km em busca de óvnis; Óvnis, Documentos Oficiais do Governo Espanhol; TVE: Operação Óvni; Existiu outra humanidade; O Enviado; Incidente em Manises e Encontro na Montanha Vermelha.*

2 Ao avaliar um testemunho, não podemos ignorar que, em Direito, a declaração de um cidadão tem – por si mesmo – peso e seriedade suficientes para que os tribunais considerem suas palavras como “provas testemunhais”. E eu me pergunto: por que essas manifestações não podem gozar do mesmo caráter testemunhal quando a testemunha afirma ter visto um óvni? Quantas pessoas são condenadas ou absolvidas no mundo com base nos testemunhos de terceiros?

3 Osso occipital, situado na parte de trás da cabeça, correspondente ao occipício.

- 4 Um ano-luz é a distância que um raio de luz pode percorrer em 365 dias, a uma velocidade aproximada de 300 mil km/s.

1. Os assombrosos e desconhecidos Evangelhos apócrifos

“... e naquele momento, aquela estrela que haviam visto no Oriente voltou de novo a guiá-los até que chegaram à caverna, e pousou sobre a entrada. Então, os magos viram a Criança com sua Mãe, Maria, e tiraram dons de suas urnas: ouro, incenso e mirra.”

Este parágrafo – extraído dos Evangelhos apócrifos e especificamente do chamado Protoevangelho de Tiago (xxi, 3) – me fez decidir, em boa medida, escrever este livro.

Ele me impressionou. E comecei uma devoradora leitura de todos os apócrifos que pude localizar.

A famosa estrela de Belém da Judeia me intrigava fazia tempo. E então, novamente, estava diante de mim. E voltaram as velhas perguntas:

Tratava-se realmente de uma estrela? Por que guiava os magos? Por que “pousou” diante da caverna onde Jesus de Nazaré nasceu?

Tenho que reconhecer que, depois de percorrer mais de 300 mil quilômetros atrás de óvnis, a estrela em questão me parece “familiar”.

Mas, vamos por partes.

A verdade é que eu não podia suspeitar o que esses apócrifos encerravam.

Ao concluir o estudo, senti a necessidade de escrever meus pensamentos e impressões. Acho que poucas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer os textos dos Evangelhos apócrifos. E isso me animou a transcrevê-los. Pelo menos, a divulgar as partes que, para mim, têm um interesse muito especial.

2. Os evangelistas “oficiais” e os “intrusos”

Para ser sincero, tive que recorrer ao Dicionário da Real Academia para saber exatamente o significado de “apócrifo”. Eu já havia ouvido falar dos Evangelhos apócrifos. Mas não entendia por que, justamente, eram chamados assim.

Eis aqui o que diz o Dicionário Ideológico da Língua Espanhola: “Apócrifo: diz-se dos livros da Bíblia que, embora atribuídos a autor sagrado, não são declarados como canônicos”.

O problema começava a se esclarecer. Porém, ao ler “canônicos”, surgiram novas dúvidas. E que é, exatamente, “canônico”? Por que uns livros são declarados como tais e outros não? Que critério ou valoração havia sido seguido para isso?

A coisa era simples. “Cânone” é “o catálogo de livros sagrados admitidos pela Igreja Católica”. Na realidade, a questão ficava reduzida a um único ponto: e que critério a Igreja Católica seguia para decidir se um livro tinha caráter apócrifo ou canônico?

O assunto, pelo que pude comprovar, toma um “olé” dos teólogos e estudiosos da Bíblia com um posicionamento pleno de fé, mas diminuído em seu caráter racional e científico.

“ A Bíblia, e, portanto, os livros canônicos – dizem os especialistas – é inspirada por Deus.”

Isso significa que tudo o que pudesse ter sido escrito sobre Cristo – inclusive em vida do Mestre –, mas que não fosse reconhecido pelos homens que formam a Igreja como “inspirado”, não tem o menor valor canônico.

O tema, no mínimo, se presta a discussão.

E não é que eu duvide do referido caráter divino desses livros. Acredito em Deus e considero que, efetivamente, pode ser. Mas se a própria Igreja Católica reconhece que boa parte desses Evangelhos apócrifos foram

confeccionados por autores sagrados, por que não são incluídos no “lote” bíblico? E o que é pior: por que, durante séculos, foram perseguidos e condenados?

Segundo a própria Biblioteca de Autores Cristãos – declarada de interesse nacional –, “apócrifo”, no sentido etimológico da palavra, significa “coisa escondida, oculta”. Esse termo servia, na Antiguidade, para designar os livros que se destinavam exclusivamente ao uso privado dos adeptos de uma seita ou iniciados em algum mistério. Depois, essa palavra passou a significar livro de origem duvidosa, cuja autenticidade era impugnada.

Entre os cristãos – prossegue a bac –, foram designados com esse nome certos escritos cujo autor era desconhecido e que tratavam de assuntos ambíguos, embora apresentados com o caráter de sagrados.

Por essa razão, o termo “apócrifo” passou, com o tempo, a significar escrito suspeito de heresia ou, em geral, pouco recomendável.

Em algo a Igreja tem razão. Quero dizer que, com o passar do tempo, surgiram tantas histórias da vida e milagres de Jesus que é laborioso separar o joio do trigo.

Porém, e apesar de tudo isso, a própria Igreja Católica reconhece, hoje, o valor de alguns desses textos – chamados Evangelhos apócrifos –, que estendem ou apresentam pela primeira vez algumas passagens do nascimento, infância e pregação do Senhor.

O próprio são Lucas garante que, já desde o princípio, muitos empreenderam o trabalho de coordenar a narração das coisas que aconteceram no tempo de Jesus.

Isso é lógico e totalmente humano. Na realidade, vinha sendo feito havia séculos com os grandes personagens gregos, romanos, sumérios, egípcios etc. Por que não o fazer com Jesus de Nazaré, operador de milagres, Filho do Deus vivo, revolucionário para muitos e opositor dos Sumos Sacerdotes de Israel?

É igualmente verossímil que alguém tivesse a feliz iniciativa de relatar e deixar por escrito tudo o que o Mestre havia feito e dito. Essa ideia – tenho certeza, como jornalista que sou – deve ter florescido muito pouco tempo depois da morte e ressurreição do Cristo.

Parece claro que essa tarefa de “reconstruir” a vida de Jesus tenha sido empreendida não só pelos quatro evangelistas oficialmente aceitos, mas definitivamente por outros apóstolos, discípulos e “voluntários”.

E aí estão os Evangelhos apócrifos de Tiago, de Mateus, o Livro sobre a Natividade de Maria, o Evangelho de Pedro e o Armênio e Árabe da Infância de Jesus, entre outros, para ratificá-lo.

Esses textos apócrifos são, hoje, reconhecidos pela Igreja Católica como parte da Tradição. E embora eles, de fato, contenham passagens que parecem duvidosas, outras, porém, concordam entre si e – por sua vez – com os dos quatro evangelistas... “oficiais”.

Essa situação, guardadas as devidas diferenças, recorda-me um pouco a de nossos dias.

Em meus vinte anos como profissional do jornalismo, conheci dezenas de homens e mulheres que, apesar de não terem cursado a Faculdade de Comunicação e de não possuírem, logicamente, título algum que os acreditasse como jornalistas, demonstraram, e continuam demonstrando, que, para “fazer jornalismo”, são tão bons ou melhores que os “canônicos”, se me permitem a liberdade...

O que quero dizer com tudo isso? Algo muito simples.

Tenho certeza de que houve outros cronistas – inclusive apóstolos e discípulos de Cristo – que levaram para o papel um excelente trabalho sobre a vida e milagres do Mestre. Relatos, inclusive, que podem ter servido de base, em determinados momentos, para os quatro evangelistas “oficiais”.

Hoje, esses textos – surgidos, na maior parte, nos séculos ii e iv – são considerados “apócrifos”.

Na realidade, o que os distancia e diferencia dos quatro Evangelhos canônicos não é nada além do já apontado anteriormente: o fato de que “não foram inspirados por Deus”.

E eu continuo me perguntando: onde está a prova científica e palpável dessa “inspiração divina”? Deus tornou a descer no Sinai para entregar o “catálogo” dos livros “canônicos”, como se fosse um vendedor de livros em domicílio?

Até que ponto essa circunstância da “inspiração divina” – pelos homens que formaram a Igreja – não foi manipulada?

Até que ponto as próprias palavras de Jesus não foram distorcidas, a fim de “puxar a brasa para a sardinha” dessa instituição chamada Igreja?

Há mais de dois séculos, o doutor Fréret,⁵ um dos mais eminentes filólogos e orientistas de sua época, e o que melhor soube aplicar a filosofia à erudição – segundo frase de Turgot –, escreveu, à margem de seus muitos trabalhos de crítica histórica, um de crítica religiosa ⁶ que pode ser esclarecedor em relação àqueles confusos primeiros tempos do cristianismo.

No capítulo xii, ao falar dos motivos para acreditar nos milagres e em cada um dos citados nos Evangelhos canônicos, Fréret pede que cada um se certifique – por demonstração – da autoridade de tais livros, e também da firmeza das provas de que são verdadeiros para chamá-los de inspirados. De acordo com tão saudável critério, Fréret examina os Evangelhos, opondo à autenticidade dos reputados verdadeiros os muitos considerados como falsos, e que corriam desde o princípio.

“ É um feito certo – dizia o grande filólogo –, reconhecido por todos os sábios, confessado pelos defensores do cristianismo, que, desde os primeiros tempos da Igreja, e dos livros do Novo Testamento, foram publicados inúmeros escritos falsamente atribuídos a Jesus, ou à Virgem, aos apóstolos, aos discípulos. Fabricio, que reuniu todos os que pôde encontrar, conta cinquenta com o único título de Evangelhos, e um número muito maior sob diferentes títulos. Cada um desses escritos tinha seus partidários naquele tempo. Disso resulta, com evidência, que, dentre os cristãos daquele tempo, uns eram trapaceiros e impostores e outros, homens simples e crédulos. Se foi possível, com tanta facilidade, enganar esses primeiros fiéis, e se era tão factível induzi-los a ilusões com livros supostos, o que dizer de todos os sofismas com que se pretende demonstrar a impossibilidade de uma suposição em relação aos Evangelhos canônicos?

“ Em meio a tamanho caos de livros publicados ao mesmo tempo, e todos recebidos com respeito, então, como poderemos, agora, distinguir os que eram verdadeiros e os que não eram? Mas, o que torna ainda mais árdua

essa distinção é que vemos os Evangelhos apócrifos citados com veneração pelos primeiros padres da Igreja. As *Constitutiones Apostolicae*, são Clemente Romano, são Tiago, são Barnabé e ainda são Paulo, citam palavras de Jesus Cristo tiradas desses Evangelhos. Além do mais, não vemos que os apologistas da seita que ficou dominante conheceram os quatro Evangelhos que foram conservados como canônicos e verdadeiros...

“ Até são Justino, não encontramos em seus escritos mais que citações de Evangelhos apócrifos. De são Justino até são Clemente da Alexandria,⁷ os Santos Padres da Igreja se servem da autoridade, seja dos Evangelhos supostos, seja dos que agora passam por canônicos. Finalmente, desde Clemente da Alexandria, esses últimos triunfam e ofuscam totalmente os outros. É verdade que, nos primeiros padres, podem ser vistas algumas passagens iguais às palavras dos atuais Evangelhos. Mas, onde consta que tenham sido tiradas deles? São Mateus, são Marcos, são Lucas e são João não são citados, nem em são Clemente Romano, nem em santo Inácio, nem em qualquer outro escritor dos primeiros tempos. As sentenças de Jesus, que esses padres repetem, podiam ter sido aprendidas de viva voz pelo canal da tradição, sem terem sido tomadas de livro algum. Ou, se desejarmos que essas palavras tenham sido tomadas de algum Evangelho, não há razão que nos obrigue a acreditar que foram tiradas preferencialmente dos quatro que nos restam, que dos muitos outros que foram suprimidos.

“Os Evangelhos reconhecidos como apócrifos foram publicados ao mesmo tempo que os que passam por canônicos, e da mesma maneira e com igual respeito foram recebidos, e com idêntica confiança, e ainda com preferência, foram citados. Depois, não há um motivo para acreditar na autenticidade de alguns que não milite, pelo menos com a mesma força, em favor da autenticidade dos outros. E, posto que estes foram, evidentemente e por confissão de todos, escritos ‘supostos’, estamos autorizados a acreditar que aqueles também podiam ter sido.”

O que Fréret afirma é indiscutível. No final do século ii, segundo minhas averiguações, a literatura evangélica parece esgotada. Mas o cânone documental do cristianismo, embora tenha a seu favor a autoridade dos

três grandes doutores da época – Clemente da Alexandria, santo Irineu e Tertuliano –, dista muito de ter se estabelecido definitivamente. Ao lado dos escritos canônicos ou “autênticos”, circulava um número considerável de Evangelhos: os já citados dos Hebreus, dos Egípcios, de são Pedro, de são Bartolomeu, de são Tomé, de são Matias, dos Doze Apóstolos etc. E esses Evangelhos não eram de uso exclusivo das seitas chamadas hereges... Mais de uma vez, os doutores ortodoxos e os mais ilustres padres da Igreja se serviram deles.

Mas, desde o início do século iii até a celebração do Concílio de Niceia, no ano 325, as autoridades eclesiásticas se inclinaram para a admissão exclusiva dos quatro Evangelhos simétricos sobre os quais, inclusive os Santos Padres da Igreja de mais senso crítico, pensavam coisas como as seguintes, e que, evidentemente, são muito proveitosas:

1. Que o Evangelho de são Mateus era uma coleção de sentenças, discursos e parábolas de Jesus, feita por seu autor em língua aramaica, e anterior ao relato de são Marcos, e que o Cristo mesmo escolheu aquele apóstolo para que fosse testemunha dos fatos, e para que desse deles um testemunho público, deixando-o por escrito.
2. Que são Marcos, discípulo e intérprete de são Pedro, a quem acompanhou a Roma no ano 44, redigiu em forma de Evangelho um resumo da pregação de seu Mestre, a pedido dos fiéis que o haviam ouvido, e que o apóstolo o aprovou e mandou que fosse lido nas igrejas como escritura verdadeira.
3. Que são Lucas, discípulo e intérprete de são Paulo, fez o mesmo com a pregação do grande evangelizador dos pagãos, e que sua obra tem todas as características da certeza.
4. Que são João escreveu sobre Jesus depois dos noventa anos, com o objetivo de confundir os hereges gnósticos, e que seu Evangelho, como o de são Mateus, é o de uma testemunha excepcional.

Isso vem demonstrar – nem mais nem menos, e em honra à mais pura objetividade informativa – que nem são Marcos nem são Lucas conheceram Jesus. Escreveram, enfim, de ouvir falar, e sempre segundo o que são Pedro e são Paulo relataram, respectivamente.

Os outros dois evangelistas “oficiais” – Mateus e João – supostamente referiram os fatos como testemunhas diretas...

E ambas as “suposições” atravessaram o tempo e o espaço, tanto no catolicismo quanto no protestantismo, chegando até o fim do século xviii, quando alguns sábios da última religião começaram a duvidar que tais suposições fossem verossímeis.

A primeira dúvida recaiu sobre a afirmação de o Evangelho de São Mateus ter sido escrito por ordem de Cristo. Segundo Santo Epifânio e São João Crisóstomo – que vieram ao mundo, diga-se de passagem, alguns séculos depois –, São Mateus escreveu seu Evangelho não por ordem do Cristo, mas “a pedido dos judeus convertidos e cerca de seis anos depois da morte do Senhor”. Não se viu, então, inconveniente por ter escrito seu livro em aramaico, mas descobriu-se que circularam várias traduções gregas dele, algumas muito antigas, com numerosos saltos, alguns essenciais. E não se conseguiu descobrir quem fez a primeira tradução grega, nem quem tirou do grego a versão latina.

Quanto a São Marcos, a crítica do século xviii não hesitou em dirigir novos ataques contra sua origem apostólica. Duvidou, em primeiro lugar, que São Marcos fosse colega de São Pedro, alegando que ninguém sabe positivamente quem foi a pessoa do evangelista, que nem se deve confundi-lo com Marcos, primo de São Barnabé, nem parece provável que se identifique com aquele a quem São Pedro chama de filho, nem é possível considerá-lo – como afirmavam alguns teólogos – como judeu e da família sacerdotal de Aarão. Se assim fosse, como poderia ter escrito seu Evangelho em grego, e em Roma?

Como muito bem aponta o injustamente criticado Edmundo González-Blanco em sua obra *Los Evangelios apócrifos*, “o fato de um judeu não helenista ter escrito em grego, por mais em voga que essa língua estivesse em toda a extensão do Império, não é verossímil”.

As Igrejas cristãs, católica, grega e protestante, em suma, impuseram, desde o Concílio de Laodiceia até o século xviii, quatro Evangelhos simétricos, com proibição absoluta de dar crédito a outros. E viveram confinadas em sua autenticidade e em sua veracidade durante todo esse tempo. Algo assim como o que aconteceu nas ilhas Baleares, que

permaneceram felizes durante quinhentos anos com apenas sete leis, uma das quais proibia introduzir outra nova.

Porém, a crítica, desde seus primeiros passos no terreno da investigação documental, encontrou que o número de Evangelhos considerados, no início, “divinos”, e de cuja existência não cabe duvidar por serem conhecidos seus títulos, ou melhor, os nomes de seus supostos autores, bem como o conteúdo de muitos deles, era não de quatro, mas de 62, ou, pelo menos, de cinquenta, segundo Fabricio. Entre os Evangelhos descartados estão, entre outros, os de são Pedro, são Tomé, Nicodemos, santo André, são Bartolomeu, são Paulo, são Tiago, são Matias, são Tadeu, o Evangelho da Perfeição, o da Infância, o dos Doze Apóstolos, o dos Egípcios, os de são Barnabé, são Felipe, Marcião, Apeles etc.

A PROFUNDA CONFUSÃO

Se me estendi mais que o necessário nesses áridos aspectos da história dos Evangelhos canônicos e apócrifos foi com toda a intenção do mundo. Desejava me aproximar, e aproximar o leitor, mesmo que só durante breves minutos, do obscuro – e diria tenebroso – panorama da origem e da autenticidade de uns e outros textos.

Algo surge, não obstante, com um mínimo de pureza: houve inúmeros “evangelhos” que foram escritos, copiados e conservados ao longo dos dois primeiros séculos do cristianismo. Escritos que serviram, em boa medida, para construir ou completar os que, a partir do século iii, já foram “abençoados” e considerados canônicos ou definitivos.

Em outras palavras: é quase certeza que boa parte dos fatos e ditos atribuídos ao Mestre, que conhecemos pelos quatro Evangelhos tradicionais e “legais”, é baseada nos primeiros documentos – paradoxalmente qualificados pela Igreja como “pouco confiáveis” –, que são conhecidos por “apócrifos”.

Assim se faz a História...

Se a esse batalhão de problemas acrescentarmos a inevitável deformação que a realidade pode ter sofrido como consequência do passar dos séculos, essa natural e louvável confiança no rigor dos quatro Evangelhos

canônicos – e só pretendo ser leal comigo mesmo – pode se ver muito afetada...

Sim, eu sei que vozes iradas se erguerão nas fechadas filas do fanatismo religioso. Sei que as hipercríticas lançarão mão da Revelação e me dirão “que esses livros – como o resto da Bíblia – foram inspirados diretamente por Deus, e que, por isso, não cabe dúvida alguma”.

Eu já falei anteriormente, acredito em Deus – não exatamente no Deus de longas e brancas barbas – e sei que a Revelação é, ou pode ser, uma de tantas maravilhas que emanam da divindade. Mas, aqui, entramos direto em um “problema de fé”, não no canal da razão...

E se, como vimos, existe no mundo um considerável volume de escritos ou Evangelhos que foram manipulados e respeitados como verdadeiras urnas ou depósitos dos ensinamentos de Jesus de Nazaré e dos fatos que protagonizou enquanto viveu no planeta Terra, por que negar sequer um pinga de “inspiração divina” a muitos desses “apócrifos”? Com maior razão quando, como é bem sabido pelos “mineiros” da exploração bíblica, há registros de que os Santos Padres dos três primeiros séculos da Era Cristã serviram-se indistintamente desses “apócrifos”...

Em tudo isso pode ter acontecido o mesmo que acontece – e que acontecerá – com os fatos passados, dos quais sobreviveram apenas provas ou testemunhos tão frios e íntegros como são, hoje, por exemplo, os filmes ou fotografias. Cada um escolhe as notícias que melhor embasam seus objetivos, perfeitamente preconcebidos. E é muito humano que essas mesmas pessoas deem as costas aos conceitos contrários. Depois, diante dos outros, vangloriam-se de ter encontrado a verdade no lugar-comum – ou lugares-comuns – de sua preferência.

Os Santos Padres dos primeiros tempos do cristianismo careciam, salvo exceções, de espírito crítico. Era lógico. E julgavam crível tudo o que lhes podia parecer edificante. O critério que presidia e dirigia a seleção realizada por eles era essencialmente emotivo ou piedoso e, quando não, teológico ou doutrinal, sem os alcances críticos e históricos, indispensáveis a tudo que concerne ao que começava a ser entendido por cânone ou “catálogo” sagrado.

Além do mais, o simbolismo exegetico confrontava, então, com o puro e objetivo estudo da literatura bíblica, uma tendência de fundo místico que se desenvolvia paralelamente à tendência realista, sem abrir sulcos no caminho da análise histórica.

Assim atribuíam crédito e autoridade a uns livros e rejeitavam outros. Sem se ater a outra norma senão os ditames da comodidade intelectual ou das preocupações religiosas.

E descendo ao terreno do concreto, vejamos alguns exemplos sobre os critérios e pautas que esses Santos Padres da Igreja seguiam para “desqualificar” uns Evangelhos e “enaltecer” outros.

Santo Irineu – morto no ano 202 – expressava-se assim: “O Evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja está difundida por todo o mundo, o mundo tem quatro regiões, e convém, portanto, que haja quatro Evangelhos...”.

O citado santo também baseava sua preferência pelos quatro Evangelhos canônicos em afirmações como estas: “O Evangelho é o sopro ou vento divino da vida para os homens, e, posto que há quatro ventos cardeais, daí a necessidade de quatro Evangelhos... O Verbo criador do universo reina e brilha sobre os Querubins, os Querubins têm quatro formas, e eis aqui por que o Verbo nos obsequiou com quatro Evangelhos...”.

Mesmo se deixando levar pela mais densa caridade, só podemos sorrir ao ler o Santo Padre...

Aqueles que pretendem provar a supremacia dos quatro Evangelhos tradicionais sobre os apócrifos pelo fato de a Igreja os ter recebido universalmente desde os primeiros séculos ignoram ou esquecem que isso não foi exatamente assim. Pelos escritos de muitos Santos Padres da Igreja vemos que alguns daqueles Evangelhos passaram longo tempo sem serem recebidos e sem serem tidos como obra dos autores com cujos nomes circulavam no seio de certas seitas cristãs. Apenas depois de muitos anos vieram a ser reconhecidos como canônicos.

Holbach, no prólogo de *História crítica de Jesus Cristo*, recorda aos “esquecidos” que foi o Concílio de Niceia, no ano 325, referendado em 363 pelo de Laodiceia, que fez a separação de Evangelhos canônicos e Evangelhos apócrifos. Dentre os cinquenta textos existentes, escolheu apenas quatro, descartando o resto.

Um milagre, conforme conta o autor anônimo da obra *Libelus Synodicus*, decidiu a escolha...

E embora essa referência também não seja muito séria, entrando no plano da narração de casos, vejamos o que conta o autor anônimo:

“ ... Segundo uma versão, por força das orações dos bispos, os Evangelhos inspirados foram se colocar, por si mesmos, sobre um altar. Conforme a outra versão (mais grosseira e tão imprudente que levou os racionalistas a afirmarem que o altar estava disposto com artificiosidade e com deliberado propósito), todos os Evangelhos, canônicos e apócrifos, foram colocados sobre o altar, e os apócrifos caíram dele.

“ Uma terceira versão dá a variante de que só foram colocados sobre o altar os quatro Evangelhos verdadeiros, e que os bispos, em sentida e fervorosa prece, pediram a Deus que, se em algum deles houvesse uma única palavra que não fosse verdade, caísse aquele Evangelho ao chão, o que não se verificou.

“ Mas mais inocente é uma quarta versão, que, mudando o aparato das anteriores, afirma que o próprio Espírito Santo entrou no Concílio sob a forma de uma pomba, que passou pelo vidro de uma janela sem quebrá-lo, que voou pelo recinto com as asas abertas e imóveis, que pousou sobre o ombro direito de cada bispo em particular, e que começou a dizer, ao ouvido de todos, quais eram os Evangelhos inspirados...”

Não acho, naturalmente, que a separação dos Evangelhos “legais” foi feita de uma forma tão infantil e ridícula. Mas também não tenho a absoluta certeza de que o critério mais generalizado entre os bispos de Niceia no momento de escolher os Evangelhos canônicos distasse muito do já apontado indicador valorativo de santo Irineu...

Para ser sincero, acho que o acontecido naquele Concílio encheria de dúvidas e angústias os atuais estudiosos da Bíblia, sem falar nos honoráveis bispos e cardeais...

Os defensores da Revelação divina poderão alegar, contra tudo isso, que houve concílios muito posteriores, nos quais o “problema” foi definitivamente resolvido...

E, prosseguindo neste temporário papel de “advogado do diabo”, direi que sim, mas...

VATICANO II: A CONHECIDA ARTE DE NÃO SE COMPROMETER

Um de meus primeiros movimentos ao me deparar com o delicado assunto da Revelação divina foi entrar imediatamente em contato com os mais prestigiosos teólogos e beber, naturalmente, das fontes “oficiais” da Igreja.

E o que diz o Magistério da Igreja sobre a divina revelação? O que a grande “estrutura” pensa sobre esses livros diretamente “inspirados” por Deus?

O delicado tema – já tratado no Concílio de Trento e no Vaticano i – foi finalmente depurado no recente Vaticano ii.⁸

No capítulo ii – “A transmissão da Revelação divina” –, a Constituição Dogmática diz literalmente sobre a Revelação:

“ 7. Cristo mandou os Apóstolos pregarem o Evangelho. Os Apóstolos transmitiram tudo o que haviam recebido com as palavras, os exemplos e os ensinamentos. Dessa forma, alguns (Apóstolos e discípulos destes), inspirados pelo Espírito Santo, puseram por escrito o anúncio da salvação. Os Apóstolos, depois, confiaram aos Bispos, seus sucessores, o próprio posto de mestres. Esta Tradição e a Sagrada Escritura são como um espelho em que a Igreja contempla Deus.”

E um pouco mais adiante, diz:

“ ... Os Padres testemunham a presença dessa Tradição, à qual devemos o conhecimento do cânone dos Livros Sagrados e sua mais profunda inteligência. Dessa forma, Deus, que falou no passado, continua falando por meio da Igreja e do Espírito Santo.

“ 9. Tradição e Escritura estão unidas e se comunicam entre si. Por nascerem da mesma fonte, formam como uma única coisa e tendem ao mesmo fim. Uma e outra devem ser aceitas com igual piedade e reverência, enquanto a Igreja não alcançar, com a única Sagrada Escritura, sua certeza sobre todas as coisas reveladas.

“ 10. Tradição e Escritura constituem um único depósito sagrado da Palavra de Deus, confiante à Igreja...”

A frase conciliar “alguns (Apóstolos e discípulos destes), inspirados pelo Espírito Santo, puseram por escrito o anúncio da salvação” me parece digna de uma certa meditação. Se é evidente que antes do surgimento dos

quatro Evangelhos “legais” ou canônicos – aceitos oficialmente a partir do Concílio de Niceia no século iv – circulavam pela cristandade dezenas de escritos e narrações – além da própria Tradição oral – sobre a vida e ensinamentos de Jesus, e se os quatro textos oficiais beberam bastante dessa Tradição e dos “apócrifos”, onde começa e onde termina a “inspiração” divina?

Vamos dar outro exemplo. Se o autor – ou autores – de qualquer um dos quatro Evangelhos canônicos investigou a fundo antes de passar a limpo seu trabalho – caso de Lucas –⁹, isso pressupõe, simplesmente, que ouviu testemunhas, discípulos, homens e mulheres que poderiam ter se relacionado com o Mestre. Além disso, é lógico imaginar que o “repórter” em questão tenha recorrido àqueles escritos e “Evangelhos apócrifos” que, como diz a tradição, já existiam entre os primeiros cristãos. A quem devemos considerar, neste caso, como “depositário” da inspiração divina: os que recordavam e guardavam por via oral o acontecido em tempos de Jesus de Nazaré, os escritos onde começou a se refletir essa tradição ou os mencionados evangelistas, que reuniram muitos fatos, palavras e descrições já existentes nas duas anteriormente citadas “frentes” de informação?

O próprio Lucas está nos dizendo: “Posto que muitos tentaram narrar ordenadamente...”.

E que conste – e isso deve ficar absolutamente transparente para o leitor – que não estou negando a “inspiração divina”. Já disse que me parece algo perfeitamente possível dentro da incompreensível maravilha da divindade. O que já não me convence é que essa revelação seja exclusiva dos quatro Evangelhos canônicos, quando se sabe que boa parte dos materiais que os embasam procedem dos documentos apócrifos e da transmissão oral. Em todo caso, seria muito mais razoável e até justo “repartir” essa “inspiração” com todos... E, evidentemente, não cair na aberração e no absurdo de condenar os apócrifos – como fez a Igreja em determinadas épocas – sem antes expurgá-los... honrosamente.

O fato de alguns desses escritos – quase nunca os primitivos – conterem heresias não é razão para fazer os justos pagarem pelos pecadores.

E estamos chegando ao final deste preâmbulo obrigatório.

No capítulo v, a citada Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação expõe o seguinte:

“ ... Os evangelistas escreveram, escolhendo algumas das coisas transmitidas de viva voz ou por escrito, com a intenção de nos fazer conhecer a verdade...”

Como me parece grave esta declaração do Concílio Vaticano ii!

Isso quer dizer que os autores sagrados – seguindo essa via oral e dos apócrifos – pegaram umas coisas e deixaram outras... Quando lemos os Evangelhos canônicos e enfrentamos, a seguir, os apócrifos, percebemos que os fatos que os evangelistas deixaram no tinteiro foram muitos e, às vezes, importantes.

O que os quatro Evangelhos “legais” nos dizem, por exemplo, dos “avós” de Jesus? Que sabemos da infância de Maria? Por que os “repórteres oficiais” – exceção feita a Mateus e Lucas – não falam dos maravilhosos prodígios que cercaram o nascimento de Jesus?

Se Mateus é o único que faz menção à “estrela” de Belém e aos Magos é porque, simplesmente, leu isso ou lhe contaram, ou ambas as coisas. Pois bem, quando estudamos com atenção os mais importantes apócrifos, percebemos que o relato sobre essa “estrela” é muito mais extenso e apaixonante do que nos haviam dito...

E, curiosamente, enquanto nos quatro textos canônicos mal se abordam as perguntas anteriormente referidas, nos apócrifos, os também autores sagrados lhes dedicam amplas passagens. E, diante de minha surpresa, tanto o Protoevangelho de Tiago quanto o de Mateus, o Livro sobre a Natividade de Maria, o Livro da Infância do Salvador e a História de José o Carpinteiro, bem como os Evangelhos Árabe e Armênio sobre a Infância de Jesus (todos eles apócrifos), concordam de forma essencial nessas áreas da preparação da chegada do Salvador e de seu nascimento.

Na minha opinião, o fato de os evangelistas terem deixado de fora essas passagens é tão inexplicável quanto lamentável. Sei que nos deparamos, também nesses apócrifos, com narrações altamente duvidosas e sujeitas a uma inegável fantasia popular. Mas esses parágrafos – essencialmente os relacionados aos primeiros anos da vida de Jesus – nada têm a ver com esses reveladores e até agora ignorados capítulos onde acabamos

compreendendo por que, por exemplo, José e Maria tiveram que se refugiar em uma caverna; por que, por exemplo, atribuíam vários irmãos a Jesus de Nazaré; por que, por exemplo, José e a jovem Maria foram julgados; como, por exemplo, a “estrela” de Belém “pousou” junto ao local onde o “Enviado” nasceu...

Mas, vamos entrar no assunto.

5 Fréret: 1688 a 1749.

6 “Exame crítico dos apologistas da religião cristã”.

7 Clemente de Alexandria (padre grego): morto antes do ano 215.

8 O Concílio Vaticano II foi aberto, na primeira etapa, de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962, e fechado, em uma quarta etapa, de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965. A Constituição Dogmática sobre a Revelação divina foi promulgada em 18 de novembro de 1965.

9 No Evangelho segundo São Lucas (prólogo, 1-4) podemos ler: “Posto que muitos tentaram narrar ordenadamente as coisas que foram verificadas entre nós, tal como nos foram transmitidas pelos que desde o início foram testemunhas oculares e servidores da Palavra, decidi eu também, depois de ter investigado diligentemente tudo desde as origens, escrever-te em ordem, ilustre Teófilo, para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebestes”.

3. Os “avós” de Jesus: uma família abastada

Eis aqui a parte essencial do chamado Livro sobre a Natividade de Maria, um apócrifo que durante a Idade Média foi atribuído a São Jerônimo, mas que, segundo os mais recentes estudos, pode ter sido escrito – por um autor anônimo – nos tempos de Carlos Magno (século ix).

A fim de “contemporizar”, parece que esse autor eliminou do relato passagens que poderiam ter “escandalizado” seus contemporâneos, pondo, inclusive, em grave perigo sua integridade física...

Por exemplo, foram suprimidos capítulos como o do primeiro casamento de São José, as famosas provas das águas amargas e a escabrosa constatação ginecológica da parteira Salomé em relação a Maria.

Mas, vou cuidar de tudo isso em capítulos sucessivos, ao expor os apócrifos restantes.

Vejamos, primeiro, o que diz este famoso “Evangelho apócrifo” em suas primeiras passagens:

Outra vez o “anjo” do Senhor

I

1. A bem-aventurada e sempre gloriosa Virgem Maria descendia da estirpe régia e pertencia à família de Davi. Havia nascido em Nazaré e foi educada no templo do Senhor na cidade de Jerusalém. Seu pai se chamava Joaquim e sua mãe Ana. Era nazarena por parte de pai e belemita por parte de mãe.

2. A vida desse casal era simples e direita na presença do Senhor e irrepreensível e piedosa diante dos homens. Sua fazenda era dividida em três partes: uma era destinada ao templo de Deus e seus ministros; outra davam para os pobres e peregrinos; a terceira ficava reservada para as necessidades de seus serviços e para si mesmos.

3. Mas esses homens, tão queridos de Deus e piedosos para com seus próximos, tinham vinte anos de vida conjugal em casto casamento, sem obter descendência. Havia feito a promessa, porém, de que se Deus lhes concedesse um rebento, eles o consagrariam ao serviço divino. Por este motivo, costumavam ir, durante o ano, ao templo de Deus por ocasião das festas.

II

1. Já estava próxima a festa da Dedicção do templo, e Joaquim dirigiu-se a Jerusalém em companhia de alguns conterrâneos seus. Isacar¹⁰ era sumo sacerdote na época. Este, ao ver Joaquim entre seus concidadãos, preparado, com eles, para oferecer seus dons, menosprezou-o e desdenhou seus presentes, perguntando-lhe como tinha coragem de se apresentar entre os prolíficos, ele que era estéril.

Disse-lhe, ainda, que suas oferendas não deviam ser aceitas por Deus porque o considerava indigno de posteridade, e aduziu o testemunho da Escritura, que declara amaldiçoado aquele que não tenha engendrado macho em Israel. Queria, pois, dizer-lhe que devia primeiro se ver livre dessa maldição tendo filhos, e que só então poderia se apresentar com oferendas perante os olhos do Senhor.

2. Joaquim quis morrer de vergonha diante de tamanha injúria e se retirou para os pastos onde estavam os pastores com seus rebanhos, sem querer voltar para não se expor a iguais desprezos por parte dos conterrâneos que haviam presenciado a cena e ouvido o que o sumo sacerdote lhe havia jogado na cara.

III

1. Já estava havia algum tempo naquele lugar, quando um dia, estando sozinho, surgiu um anjo de Deus cercado de um imenso resplendor. Joaquim ficou perturbado diante da visão, mas o anjo da aparição livrou-o do medo dizendo: “Joaquim, não tenhas medo nem te assustes por me ver. Hás de saber que sou um anjo do Senhor. Ele me enviou a ti para anunciar-te que tuas preces foram ouvidas e que tuas oferendas subiram até sua presença. Julgou por bem pôr seus olhos em tua confusão, depois de ter chegado a seus ouvidos o opróbrio de esterilidade que injustamente te era dirigido. Deus é realmente vingador do delito, mas não da Natureza. E, por isso, quando julga por bem fechar a matriz, faz isso para poder abri-la de novo de uma maneira mais admirável, e para que fique bem claro que a prole não é fruto da paixão, mas da liberalidade divina.

2. Efetivamente: Sara, a mãe primeira de vossa linhagem, não foi estéril até os oitenta anos? E, não obstante, deu à luz em extrema velhice a Isaac, aguardado pela bênção de todas as gerações. Também Raquel, apesar de ser tão grata a Deus e tão querida do santo Jacó, foi estéril durante longo tempo, sem que isso fosse obstáculo para que engendrasse, depois, José, que foi não só senhor do Egito, mas também o libertador de muitos povos que iam perecer por causa da fome. E quem houve entre os juízes mais forte que Sansão ou mais santo que Samuel? Porém, ambos tiveram mães estéreis. Se, pois, a razão contida em minhas palavras não consegue te convencer, tem por certo, no mínimo, que as concepções longamente esperadas e os partos provenientes da esterilidade costumam ser os mais maravilhosos.

3. Sabe, pois, que Ana, tua mulher, vai dar à luz uma filha, a quem tu porás o nome de Maria. Ela viverá consagrada a Deus desde a infância, em consonância com a promessa que haveis feito, e já no ventre de sua mãe se verá plena do Espírito Santo. Não comerá nem beberá coisa alguma impura nem passará sua vida em meio ao bulício da plebe, e sim no recolhimento do templo do Senhor, para que ninguém possa suspeitar nem dizer coisa alguma desfavorável dela. E, quando crescer, da mesma maneira que ela nascerá de mãe estéril, assim, sendo virgem, engendrará, por sua vez, de maneira incomparável, o Filho do Altíssimo. O nome dele será Jesus, porque, de acordo com seu significado, há de ser o salvador de todos os povos.

4. Este será, para ti, o sinal de que é verdade tudo o que acabo de dizer: Quando chegares à porta Dourada de Jerusalém, encontrarás Ana, tua mulher, que virá a teu encontro. Ela, que agora está preocupada com tua demora em voltar, se alegrará profundamente por poder ver-te de novo.”

E, dito isso, o anjo se afastou dele.

O “anjo” se elevou

Este texto coincide, essencialmente, com os apócrifos de são Mateus e com o Protoevangelho de Tiago.



“E aconteceu que, quando Joaquim ofereceu seu sacrifício, juntamente com o perfume deste e, por assim dizer, com a fumaça, o anjo se elevou para o céu.”

Tanto em um quanto em outro, os autores reconhecem que Joaquim, o “avô” de Jesus, era homem abastado. Possuía cabeças de gado e terras e sua estirpe era respeitada pelas tribos de Israel.

Diz, por exemplo, são Mateus a este respeito:

“ 1. O Senhor, em recompensa, multiplicava de tal maneira seu rebanho, que não havia ninguém em todo o povo de Israel que pudesse ser comparado a ele. Vinha observando esse costume desde os quinze anos. Quando chegou aos vinte, tomou por esposa Ana, filha de Isacar, que

pertencia a sua mesma tribo – a da Judeia – isto é, de estirpe davídica. E depois de viver vinte anos de casamento, não teve dela filhos nem filhas.”

Destas afirmações, cabe deduzir que a família de Jesus não era de origem humilde, como se apregoou. Seus “avós” terrenos – se me permitem a expressão – dispunham de bens consideráveis. E José, seu pai, como carpinteiro, gozava igualmente de uma sólida posição. Como veremos mais adiante em outras passagens dos apócrifos, o ebanista e carpinteiro era também construtor; e, naquela época, um carpinteiro com oficina própria tinha mais que assegurado seu sustento...

Dentro do puramente circunstancial, esses dois apócrifos – são Mateus e Tiago – não coincidem, por exemplo, com o Livro sobre a Natividade de Maria no que se refere ao sumo sacerdote que injuriou Joaquim. Para os apóstolos não foi Isacar, sogro de Joaquim, e sim Rubens, um escriba.

O fato, como vemos, também não tem maior importância.

Mas ocorre, porém, maior detalhamento por parte de são Mateus quanto à aparição do “anjo” para Joaquim. Eu diria que fornece uma série de precisões e detalhes muito interessantes.

Diz o apócrifo de são Mateus:

1. Naquela mesma época, apareceu um jovem nas montanhas onde Joaquim apascentava seus rebanhos, e disse: “Por que não voltas para o lado de tua esposa?”. Joaquim replicou: “Vinte anos já faz que tenho esta como mulher, e, posto que o Senhor julgou por bem não me dar filhos dela, eu me vi obrigado a abandonar o templo de Deus ultrajado e confuso. Para que, pois, vou voltar a seu lado, cheio como estou de opróbrios e vexações? Aqui estarei com meu rebanho enquanto o Senhor quiser que a luz deste mundo me ilumine. Mas, nem por isso deixarei de dar, de muito boa vontade, por meio de meus criados, a parte que corresponde aos pobres, às viúvas, aos órfãos e aos servidores de Deus”.

o Mateus fala de “um jovem”. Pelo menos, a impressão que deve ter causado a Joaquim – retirado voluntariamente às montanhas – foi de uma pessoa de aspecto juvenil. E o diálogo, segundo os textos, fluiu sem problemas. Joaquim não sentiu espanto algum, como costuma ocorrer em outras narrações sobre anjos. Mas espantou-se, sim, com o desaparecimento do “jovem”, tal como conta o Evangelho apócrifo em questão:

2. Nem bem houve dito isso, o jovem respondeu: “Sou um anjo de Deus, que me mostrei hoje para tua mulher quando fazia sua oração em pranto; sabe que ela já concebeu de ti uma filha. Esta viverá no templo do Senhor, e o Espírito Santo repousará sobre ela. Sua felicidade será maior que a de todas as mulheres santas. Tanto que ninguém poderá dizer que nos tempos

passados houve uma semelhante a ela, e nem sequer haverá uma no futuro que possa ser comparada a ela. Por tudo isso, desce já dessas montanhas e corre ao lado de tua mulher. Tu a encontrarás grávida, pois Deus se dignou a suscitar nela um gérmen de vida (o que te obriga a mostrar-te reconhecido para com Ele); e esse gérmen será bendito e ela mesma será também bendita e será constituída mãe de eterna bênção”.

3. Joaquim prostrou-se em atitude de humilde adoração e disse: “Se é que encontrei graça diante de teus olhos, repousa um pouco em minha tenda e abençoa teu servo”. Ao que o anjo respondeu: “Não te chames de meu servo, mas cosservo; pois ambos estamos na condição de servir ao mesmo Senhor. Minha comida é invisível e minha bebida não pode ser captada por olhos humanos; por isso, não fazes bem em me convidar a entrar em tua tenda. É melhor que ofereças a Deus em sacrifício o que havias de presentear a mim.

Então, Joaquim pegou um cordeiro sem defeito e disse ao anjo: “Eu nunca teria me atrevido a oferecer a Deus um sacrifício se tua ordem não me houvesse dado poder para isso”.

O anjo replicou: “Eu também não te teria sugerido que o oferecesses se não conhecesse o beneplácito divino”.

E aconteceu que, quando Joaquim ofereceu seu sacrifício, juntamente com o perfume deste e, por assim dizer, com a fumaça, o anjo se elevou para o céu.

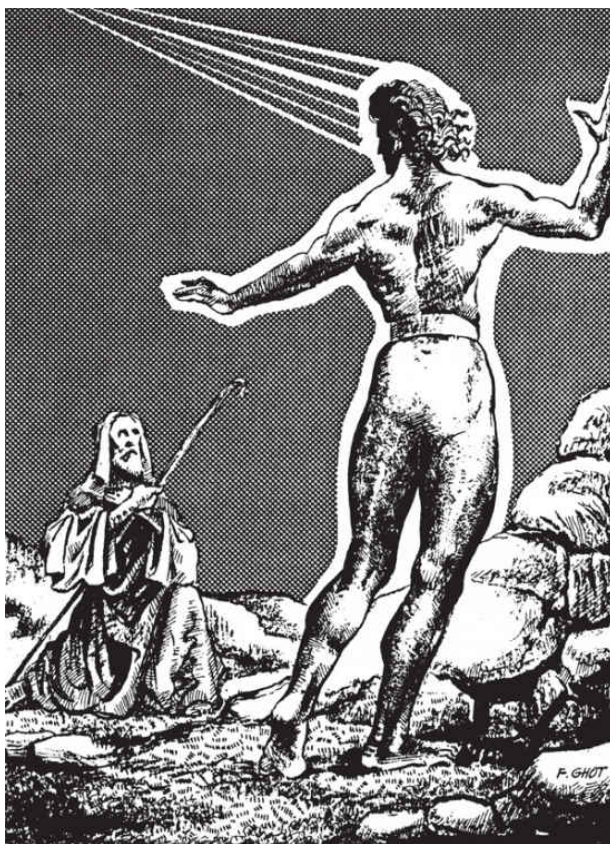
Então, Joaquim se prostrou com o rosto em terra e ficou deitado desde a hora sexta até a tarde. Quando chegaram seus criados e peões, por não saberem a que se devia aquilo, assustaram-se, pensando que talvez quisesse se suicidar. Aproximaram-se, pois, e à força conseguiram levantá-lo do chão. Então, ele lhes contou de sua visão, e eles, movidos pela admiração e pelo estupor que lhes causou o relato, aconselharam-no a pôr em prática sem demora a ordem do anjo, e que apressadamente voltasse para sua mulher.

Mas aconteceu que, enquanto Joaquim pensava se era conveniente ou não voltar, adormeceu, e surgiu em sonhos o mesmo anjo que havia visto anteriormente quando estava acordado. E ele assim falou:

“ Eu sou o anjo que te foi dado como guardião; desce, pois, tranquilamente e vai ao lado de Ana, porque as obras de misericórdia que tanto ela quanto tu haveis feito foram apresentadas ante o Altíssimo, que julgou por bem legar-vos uma posteridade como nunca puderam ter, desde o princípio, os santos e profetas de Deus, nem poderão tê-la no futuro.”

Joaquim chamou os pastores, quando acordou, para lhes contar o sonho. Estes lhe disseram, prostrados em adoração diante de Deus:

“ Tem cuidado e não desprezes mais um anjo do Senhor. Levanta-te e vamos. Avançando lentamente, poderemos ir cuidando de nossos rebanhos.”



*“Eu sou o anjo que te foi dado como guardião”, disse o jovem a Joaquim,
“avô” de Jesus.*

10 O tal Isacar – sumo sacerdote – era sogro de Joaquim.

4. Três horas de terror

A última parte do apócrifo de São Mateus – quando o anjo abandona Joaquim – tem um significado muito especial. Esta, pelo menos, é minha opinião.

Se analisarmos a aparição do “jovem” – “nas montanhas onde Joaquim apascentava seus rebanhos” –, o fato em si não parece ter maior importância. Mateus, pelo menos, não lhe presta atenção. No Livro sobre a Natividade de Maria, porém, o autor detalha e afirma que “o anjo de Deus se apresentou a Joaquim cercado por um imenso resplendor...”.

O mais provável é que nunca saibamos a verdade. Porém, e embora os apócrifos não entrem em acordo quanto à forma em que o anjo apareceu para Joaquim, o que é evidente é que esse “mensageiro” existiu. E que era “algo” físico.

“Algo” que não se desmaterializou ou desapareceu subitamente da vista de Joaquim, mas que “se elevou para o céu”, segundo reza o testemunho de São Mateus.

E eu continuo me perguntando: O que pode ser esse “algo” que se eleva da terra para o céu e que, ainda, é capaz de provocar tamanho estado de choque em um homem adulto como Joaquim?

O apócrifo se estende longamente no que aconteceu nas horas imediatas à ascensão ou “decolagem” do “anjo”. E afirma que os pastores encontraram Joaquim com o rosto em terra e que lhes deu trabalho levá-lo do chão...

Há algo que realmente não se encaixa. Vejamos.

Se analisarmos os diferentes textos apócrifos já mencionados, podemos deduzir que o anjo precisou, pelo menos, de três a cinco minutos para expor sua mensagem a Joaquim. Pois bem, durante todo o tempo que a conversa durou, os apócrifos não fazem referência ao medo ou incerteza de Joaquim. Só no final, quando o “anjo se eleva para o céu”, o avô de

Jesus cai em terra, aterrado. E assim permanece “desde a hora sexta até a tarde”. Ou seja, possivelmente, mais de três horas...

Por que um homem que já tinha quarenta anos e que devia estar acostumado à solidão do campo e das montanhas sente esse pavor e fica praticamente imóvel durante tanto tempo?

Se o anjo havia conversado com ele e o medo não havia se manifestado na pessoa de Joaquim, por que essa perturbação surgiu justamente no instante em que o “anjo”, com a fumaça, se elevou para o céu?

Só mencionarei uma coisa: conheço, neste momento, dezenas de testemunhas da passagem, aterrissagem ou decolagem de óvnis que sofreram, mais ou menos, o mesmo terror que o pai da Virgem.

Se hoje, em pleno século xx, cientes da existência da lei da gravidade, dos aviões supersônicos e dos módulos lunares, somos gravemente afetados quando um desses objetos aparece diante de nossos olhos, que se poderia esperar de uns elementares pastores que povoavam as montanhas de Israel há mais de 2 mil anos?

Como poderiam assimilar a ideia de um artefato que desce iluminando o terreno e que se eleva violentamente, talvez em meio a chamas e estrondos?

E insisto no fato de que o “anjo” não se apresentou diante da testemunha – diante de Joaquim – como um ente imaterial. Ao contrário. Tanto devia ser um personagem físico que, segundo Mateus, o futuro avô de Jesus “se prostrou diante dele e o convidou a repousar em sua tenda...”.

Esse convite incluía uma refeição, como é costume dos nômades e habitantes dos desertos do Extremo Oriente e do Oriente Médio.

E o anjo inclusive esclarece a seu interlocutor: “Minha comida é invisível e minha bebida não pode ser captada por olhos humanos...”.

É, possivelmente, uma das poucas vezes em que um “mensageiro” esclarece que seu sistema de alimentação nada tem a ver com o que conhecemos em nosso mundo. Reconhece, enfim, que também se alimenta, mas de outra forma.

Se esses seres – os chamados anjos – pertenciam a civilizações superiores, inclusive a outras dimensões ou estados da realidade, como Joaquim poderia compreender a dieta alimentícia deles?

Duvido, inclusive, que nós fôssemos capazes de assimilá-lo.

A NAVE E O TRIPULANTE

E, antes de prosseguir com os textos dos apócrifos, gostaria de chamar a atenção para um fato que se repete com grande frequência em quase todos os livros que integram a Bíblia, bem como nos Evangelhos apócrifos, e que já adiantei no prólogo. Um detalhe que também aparece na passagem que nos ocupa e que, penso, pode constituir grave motivo de confusão.

Para Joaquim – e é natural que assim seja –, tanto o “jovem” que lhe fala e a quem convida a repousar em sua tenda, quanto aquele que se eleva para o céu, provocando seu espanto, é ou tem a categoria de “anjo”...

Esse fato – concretíssimo – se sucede em dezenas de textos da Bíblia e, salvo exceções, os testemunhos englobam em uma mesma definição – “o anjo do Senhor” – os possíveis tripulantes e suas naves.

Também não pode ser diferente, repito, quando aqueles que observam o fenômeno carecem dos mais elementares conceitos e palavras sobre o que estão presenciando.

Para aqueles homens do deserto ou das campinas judias, a descida, em meio a luzes, de um objeto brilhante à luz do Sol só podia se tratar da “glória de Yaveh”. Que outra coisa podiam imaginar? Não estavam em condições de suspeitar ou de entender todo um gigantesco “plano” – em nível cósmico – para tornar possível a chegada do Filho de Deus a este planeta.

Mas, vamos deixar para mais adiante a possível interpretação da presença dessas naves naquela parte do mundo.

De acordo com a teoria que sustento no início deste trabalho, os “astronautas” que participavam do cumprimento do grande “plano” da Redenção – e uma vez consumida a dilatada fase da seleção, resgate e condução do povo escolhido até a Terra Prometida – iniciaram, com essas “aparições” aos “avós” do Enviado, uma última e decisiva etapa: a preparação dos humanos que, no final do processo, participariam diretamente do nascimento de Jesus.

Tal como apontava nessa mesma prévia exposição das ideias gerais, os “anjos” ou “astronautas” que foram “escolhidos” para materializar boa

parte do “plano” divino na Terra tinham formas humanas. Eram de carne e osso... E assim parece ratificar Joaquim. E insisto na circunstância de que o “jovem” não desapareceu subitamente, como talvez poderia ter feito um ente de outra natureza. Aquele “anjo” precisou de um veículo para se elevar aos céus. E a “decolagem” deve ter sido tão traumatizante para a testemunha que a deixou paralisada de terror ou, quem sabe, talvez inconsciente, devido à grande proximidade entre Joaquim e a nave em que o “astronauta” viajava. Estudando os milhares de casos de óvnis que se registram pelo mundo, pude comprovar que muitas testemunhas, efetivamente, ficam imobilizadas ou perdem a consciência quando essas máquinas se aproximam ou se afastam...

5. A não menos misteriosa gravidez da “avó” de Jesus

Justamente no apócrifo de Mateus, o “anjo” revela a Joaquim um fato de enorme importância para o ser humano. Também é a primeira vez, se bem me lembro, que um “enviado” ou “mensageiro” dos céus esclarece sua missão ou “trabalho” em relação à espécie humana. “Eu sou o anjo que te foi dado como guardião...”, diz nosso personagem a Joaquim.

Se isso fosse verdade – e não vejo razão alguma que possa impedir que seja, dentro de uma ordem superior –, cada homem gozaria, a partir do instante de seu nascimento, de um desses “guardiões” ou “guias”, encarregados de velar por sua segurança e evolução durante o tempo previsto para sua existência neste mundo.

E, quase sem querer, vêm à minha memória as afirmações de alguns “contatados” de hoje em dia, que afirmam que esses “guias” ou “mestres” cósmicos existem fisicamente e que pertencem a dimensões superiores.

“TU A ENCONTRARÁS GRÁVIDA”

Analisando esse mesmo Evangelho apócrifo de São Mateus, deparamo-nos com outros fatos de muito alta significação. Por exemplo, o “anjo”, em sua longa conversa com Joaquim, anuncia com categórica clareza: “... Por isso, desce já dessas montanhas e corre ao lado de tua mulher. Tua a encontrarás grávida, pois Deus se dignou a suscitar nela um germen de vida...”.

Essas frases do enviado me deixaram perplexo. Se o marido de Ana já estava – segundo o Evangelho apócrifo de Mateus – havia cinco meses naquela solidão, como podia tê-la engravidado?

E insisto no fato de que as palavras do anjo são definitivas: “... Tu a encontrarás grávida...”.

Isso evidencia um fato insólito e praticamente desconhecido até hoje: Maria, a filha de Ana e Joaquim, foi concebida de forma tão misteriosa

quanto foi Jesus. O próprio anjo se encarrega de acentuar isso quando diz a Joaquim: “... Pois Deus se dignou a suscitar nela um gérmen de vida”.

A obra do Espírito Santo aparece igualmente clara na concepção de Maria, tal como ocorreria, anos depois, na de Jesus de Nazaré.

No fundo, e se analisarmos o problema com objetividade, não podia ser de outra forma. Se o delicado “plano” cósmico da Redenção havia obrigado a toda uma depuração de uma das melhores raças na face da Terra – como era a judaica –, a fim de obter o que os antropólogos de hoje teriam considerado um tipo étnico sem misturas, é lógico pensar que os últimos passos dessa “corrente” foram controlados, e muito estreitamente, pelo “alto-comando”. Do ponto de vista dos códigos genéticos, inclusive, a combinação era assim perfeita.

Em um “plano” de tamanho alcance, tudo – até o menor detalhe – tinha que estar previsto e calculado. Por isso as palavras do mensageiro a Joaquim, fazendo-o ver que “Deus havia ouvido suas preces e que por isso faria Ana, sua mulher, fértil”, me parecem uma “saída honrosa”...

Também não era questão de explicar ao esforçado, mas sem dúvida primitivo Joaquim, os pormenores da Redenção do gênero humano...

E outra prova de que “tudo” devia estar perfeitamente previsto “nas alturas” foram as revelações do anjo a respeito do nome que deviam pôr na menina – Maria –, bem como a não menos importante e nada gratuita advertência de que “não deveria comer nem beber coisa alguma impura”.

A terminante proibição de comer ou beber “alimentos impuros” albergava, evidentemente, um objetivo de ordem sanitária. Muitos anos antes, outro “enviado” de alto escalão, a quem o povo judeu chamava de Yaveh – confundindo-o, sem dúvida, com o Grande Deus –, teve especial cuidado em ditar as mínimas leis sanitárias para aquele povo, reunidas no Levítico.

Mas, vamos deixar para mais adiante o curioso e significativo capítulo da alimentação de Maria, mãe de Jesus, e de como lhe era fornecida diariamente, como relatam os apócrifos.

6. Três anos de lactação

O Evangelho apócrifo de Mateus prossegue seu relato. Joaquim, após a segunda aparição do anjo, decide levantar seu acampamento e se põe em marcha. E diz, literalmente, o autor sagrado:

Andaram trinta dias consecutivos, e quando já estavam perto, um anjo de Deus surgiu para Ana enquanto estava em oração, e disse-lhe: “Vai à porta que chamam de Dourada, ao encontro de teu marido, porque hoje mesmo chegará”.

Ela se apressou e foi para lá com suas donzelas.

E, chegando, pôs-se a orar. E já estava cansada e também entediada de tanto esperar quando, de repente, elevou seus olhos e viu Joaquim que vinha com seus rebanhos. E, a seguir, saiu correndo a seu encontro, pendurou-se em seu pescoço e deu graças a Deus, dizendo:

“ Há pouco era viúva, e já não sou; há não muito era estéril, e eis que concebi em minhas entranhas.”

Isso fez com que todos os moradores e conhecidos se enchessem de júbilo, ao ponto de toda a terra de Israel se alegrar com tão boa-nova.

Como vemos, confirma-se novamente a hipótese de que Maria, mãe de Jesus, foi engendrada também por obra do Espírito Santo. Ou, o que vem a ser o mesmo, por um procedimento misterioso ou sobrenatural.

Um fato que – diga-se de passagem – jamais foi valorizado ou divulgado pela Igreja Católica...

O ANJO APARECE PARA ANA

Por sua vez, o Livro sobre a Natividade de Maria conclui este capítulo da história de Ana e Joaquim, os avós de Jesus, com um relato basicamente similar ao anterior.

Assim diz este apócrifo:

Depois se mostrou a Ana (refere-se ao mesmo anjo que havia se mostrado a Joaquim nas montanhas) e disse-lhe:

“ Não tenhas medo, Ana, nem creias que é um fantasma o que está a tua frente. Sou o anjo que apresentou vossas orações e oferendas diante do acatamento de Deus. Agora, acabo de ser enviado a vós para anunciar o nascimento de uma filha cujo nome será Maria, e que há de ser bendita entre todas as mulheres. A partir do momento que nascer, transbordará nela a graça do

Senhor e permanecerá na casa paterna os três primeiros anos, até que conclua sua lactação. Depois, viverá consagrada ao serviço de Deus e não abandonará o templo, até que chegue o tempo da discrição.¹¹ Lá permanecerá, servindo a Deus com jejuns e orações de noite e de dia, e abstendo-se de toda coisa impura. Jamais conhecerá varão, mas, ela sozinha, sem prévio exemplo e livre de toda mácula, corrupção ou união com homem algum, dará à luz, sendo virgem, ao filho, e sendo escrava, ao Senhor que com sua graça, seu nome e sua obra é Salvador de todo o mundo.

“ 2. Levanta-te, pois, sobe até Jerusalém. E quando chegares àquela porta que chamam de Áurea, por estar dourada, encontrarás ali, em confirmação do que te digo, teu marido, por cuja saúde estás angustiada.

“ Tem, pois, certeza, quando estas coisas se cumprirem, que o conteúdo de minha mensagem se realizará sem dúvida alguma.”

V

1. Ambos obedeceram à ordem do anjo e se puseram a caminho de Jerusalém partindo dos pontos onde respectivamente se encontravam. E quando chegaram ao lugar indicado pelo vaticínio angelical, encontraram-se mutuamente. Então, alegres por se verem de novo e firmes na certeza que lhes dava a promessa de um futuro rebento, deram as graças devidas a Deus, que exalta os humildes.

“LOUVADO SEJA DEUS POR NÃO ME TER FEITO MULHER”

É de se supor que a “equipe” de seres do Espaço que já “trabalhava” nessa “fase” do “plano” da Redenção humana questionasse – e com extrema preocupação – que tipo de reação o anúncio de um de seus “homens” acerca do futuro nascimento de uma menina podia provocar em Joaquim e Ana.

A razão era simples. Naquela época – e inclusive atualmente – a situação da mulher no Oriente não era muito justa...

Ter filhos era de extrema importância para a mulher judia. E a falta de filhos era considerada uma grande desgraça. Um castigo divino, até. Se a esposa dava a seu marido um varão, ela começava a ser respeitada e considerada pelas famílias fiéis ao cumprimento da Lei. Se, ao contrário, tinha uma menina, o acontecimento se via acompanhado, com frequência, de indiferença e tristeza.

A inferioridade da mulher nos tempos de Jesus chegava a tais extremos que um dos escritos rabínicos (o chamado *Berakot*) recomendava rezar todos os dias a seguinte oração: “Louvado seja Deus por não me ter feito mulher”.

É, portanto, pouco compreensível que Ana – e o que dizer de seu marido – expressasse tão grande alegria diante do nascimento de uma filha. Nem sequer as palavras do “astronauta” – “... e que há de ser bendita entre todas as mulheres” – podiam acalmar, com certeza, o inquieto coração da futura “avó” de Jesus. Era lógico.

Ela, como mulher, conhecia o grau de submissão a que estavam submetidas todas as mulheres. Quando uma mulher judia de Jerusalém saía de casa, por exemplo, fazia-o com o rosto coberto por dois véus, presos por um diadema na testa, com fitas penduradas até o queixo e uma malha de cordões e nós; desse modo, não era possível reconhecer os traços de seu rosto. A mulher que saía sem estar com a cabeça coberta – conta Joachim Jeremias –, ou seja, sem o aparato que velava seu rosto, ofendia a tal ponto os bons costumes que seu marido tinha o direito – inclusive o dever – de expulsá-la, sem ser obrigado a lhe pagar a quantia estipulada, em caso de divórcio, no contrato matrimonial. (Assim especifica o escrito rabínico *Ketubot*.)

Isso me inclina a pensar que a Virgem Maria, sendo já adulta e mãe de Jesus, também estaria obrigada a respeitar essa norma. Eis aqui, enfim, outro fato que também não foi registrado com fidelidade pela tradição pictórica mundial. A Virgem, como sabemos, aparece sempre com o rosto descoberto, e, na realidade, devia ser ao contrário.

Esta precária situação social da mulher no Oriente chegava a situações tão calamitosas quanto as seguintes, que foram perfeitamente registradas pelos escritos rabínicos *Qiddushin*, *Ketubot* e *Berakot*:

A boa educação proibia se encontrar a sós com uma mulher na rua; olhar para uma mulher casada e até mesmo cumprimentá-la. Uma mulher que se distraía com todo mundo na rua, ou que dava confiança em público, podia ser repudiada sem receber o pagamento estipulado no contrato matrimonial.

Filon diz a este respeito: “Mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, reuniões de grandes multidões de homens, em uma palavra: toda a vida pública, com suas discussões e seus negócios, tanto na paz como na guerra, é feita para os homens. Às mulheres convém ficar em casa e viver em retiro. As jovens devem ficar nos aposentos retirados, impondo-se

como limite a porta de comunicação (com os aposentos dos homens), e as mulheres casadas, a porta do quintal como limite”.

Os direitos religiosos das mulheres, assim como os deveres, eram limitados. Segundo Josefo, as mulheres só podiam frequentar, no templo, o átrio dos pagãos e o das mulheres. Durante os dias da purificação mensal e durante um período de quarenta dias depois do nascimento de um menino e oitenta depois do de uma menina, não podiam entrar nem mesmo no átrio dos pagãos.

O ensino era rigorosamente proibido para as mulheres. Em casa, a mulher não era contada no número das pessoas convidadas a pronunciar a bênção depois da refeição. Também não era obrigada a prestar testemunho, posto que, como se depreende do Gênesis (18, 15), “era mentirosa”...

Diante de um panorama tão obscuro e pouco grato, que tipo de futuro podia se imaginar para qualquer mulher nascida naquela época? Por isso que, talvez, a alegria de Ana e Joaquim pelos anúncios do “anjo” – segundo os apócrifos – houvesse sido provocada mais pelo fato em si de estar grávida que pela chegada de uma menina, suponho, porque esta circunstância lhes era “cobrada” pela sociedade em que viviam. Além, naturalmente, do fato de terem podido contemplar um ser “sobrenatural”. Se levarmos em conta que as mulheres daquela época – e muito especialmente as da classe alta, como era o caso de Ana – quase sempre permaneciam acompanhadas de donzelas, escravas etc., era muito provável que o “astronauta” ou sua nave – ou ambos – houvessem sido vistos também por elas. E a notícia teria corrido como rastilho de pólvora pelo povoado.

Se refletirmos sobre essa tardia gravidez de Ana – que possivelmente já havia entrado nos quarenta –, não precisamos de muito tempo para perceber quão maravilhosamente bem planejada deve ter sido a chegada do Messias. Estou me referindo, uma vez mais, ao “Estado-Maior”...

O fácil – embora, ao mesmo tempo, menos efetivo – teria sido suscitar em Ana e Joaquim um ou vários filhos, e na idade habitual. Isso, porém, não teria contribuído tanto com o realce da ação divina. Era, evidentemente, muito mais “espetacular” fechar temporariamente a maternidade dos “avós” de Jesus, submetê-los a uma situação tensa e

difícil como deve ter sido a censura do sumo sacerdote e, por último, fazer o imenso poder dos Céus brilhar diante do casal e diante de todo o povo judeu.

E não vou me referir, agora, a esse assombroso ou misterioso ou sobrenatural fenômeno – anunciado pelo “astronauta” – graças ao qual o óvulo de Ana foi evidentemente fecundado sem ter nada a ver com ação de homem algum. Prefiro esperar esse outro instante – praticamente “gêmeo” do que lemos – em que outro “tripulante” anuncia à jovem Maria que conceberá um filho sem mediação humana. Do ponto de vista genético, por exemplo, a incógnita é apaixonante...

O DILEMA DA LACTAÇÃO

Outra parte desse “plano” – e que me fascina por seu caráter preventivo – é a que faz referência aos primeiros anos da infância de Maria. Recordemos as palavras do “astronauta”: “... e permanecerá na casa paterna os três primeiros anos, até que conclua sua lactação”.

No início, porém, uma dúvida me assaltou... Os pediatras que consultei concordaram: três anos de alimentação à base de leite materno constitui, ou pode constituir, um erro. Eis aqui algumas razões:

Em um bebê normal – e não há razões para que, fisiologicamente falando, Maria fosse diferente –, os dentes começam a brotar entre os seis e nove meses de vida. É justamente nessa idade que os médicos recomendam o fim da lactação natural. Caso a mãe continue dando o peito à criança, ela pode morder o mamilo, provocando o surgimento de fissuras etc. Paralelamente, nesse momento surge, na mãe, uma espécie de rejeição à lactação.

Está provado, também, que justamente a partir desses nove meses a secreção láctea perde seu valor proteico. Como se sabe, o leite materno reúne, entre seus principais elementos, carboidratos, gorduras, sais minerais, proteínas e vitaminas.

Uma alimentação exclusivamente ancorada, durante três anos, no leite materno poderia provocar na criança um déficit geral que poderíamos traduzir, por exemplo, em anemia, desnutrição, avitaminose, distrofias, falta de defesas, eczemas, deficiências respiratórias...

Mas, nessa realidade – cientificamente provada – encontramos também outro dado muito significativo. Em pleno século xx, os médicos observaram que em países como o Zaire a mortalidade infantil é muito elevada, mas a partir dos dois anos de idade. Por quê?

A explicação parece simples: as crianças africanas são amamentadas justamente até a idade de dois anos...

O leite da mãe contém, também, defesas especiais? Segundo os especialistas, sim. E como afirmam célebres especialistas em pediatria, como Waldo E. Nelson e Schaffer, é muito provável que, apesar de todos os nossos conhecimentos, ainda não tenhamos descoberto todos os elementos que compõem o leite materno.

Nesse caso, a ação da “equipe” de “astronautas” que ordenou a lactação de Maria por um período de três anos pode ter sido correta. Desconheço se existem números confiáveis sobre os índices de mortalidade infantil na época de Jesus, mas suponho que deviam ser preocupantes. Se aqueles seres supertecnicizados tinham consciência de tamanha ameaça, coisa mais que certa, a medida em questão era totalmente razoável, acima, inclusive, dos problemas anteriormente referidos.

A medicina de 2 mil anos atrás não estava em condições de saber, por exemplo, que o colostro (o leite materno da primeira semana) é rico em anticorpos contra o vírus da poliomielite, contra o *Coli* e contra os estafilococos.

Segundo os médicos de hoje, a criança alimentada com leite materno está praticamente imunizada contra uma infinidade de infecções e sua flora intestinal apresenta, também, consideráveis vantagens.

Os psiquiatras e pediatras também se mostram de acordo em outro fato de grande importância para o equilíbrio emocional da criança: um bebê que recebe a correspondente alimentação láctea experimenta, normalmente, uma maior afetividade. Cresce sem medos e traumas, e o simples fato de colocá-la no peito anula nela o chamado “reflexo de Moro”, que consiste em um susto natural que a invade quando está de barriga para cima.

Se os “astronautas” – supomos que infinitamente mais adiantados que nossos atuais pediatras e psicólogos – pretendiam que Maria crescesse

plena de afetividade, sem medos e traumas e com um mínimo de defesas, em vista das muitas doenças que deviam assolar a população infantil, uma lactação prolongada podia ser o “tratamento” ideal.

Por outro lado, e posto que os pais da menina haviam feito voto solene de entregar o filho a serviço do Templo, cabe pensar que a “equipe” estabeleceu essa margem mínima de três anos a fim de evitar uma prematura entrega da criança aos sacerdotes. Está claro que o lugar natural onde todo infante deve permanecer é sempre no seio da família.

Resisto a acreditar, ainda, que Maria tenha sido alimentada nos três primeiros anos única e exclusivamente à base de leite materno. O mais provável é que essa dieta fosse acompanhada de outros produtos, próprios para essa idade, que podiam servir como complemento.

Em suma: a afirmação dos Evangelhos apócrifos sobre os três anos de lactação da pequena Maria poderia ser plenamente justificada, do ponto de vista médico. Isso fortalece minha opinião de que muitas passagens desses textos esquecidos ocorreram de verdade.

¹¹ Discrição: o período da menstruação.

7. A “equipe”, atenta à infância de Maria

Talvez seja esta – a parte dos Evangelhos apócrifos que relata os primeiros anos de Maria – a parte fantasiosa ou pueril ao extremo, pelo menos em alguns capítulos.

Outras passagens, porém, comuns inclusive nos apócrifos, me pareceram reveladoras.

Vejamos, em primeiro lugar, o texto do Evangelho apócrifo de Mateus:

IV

Passados nove meses depois disso, Ana deu à luz uma filha e lhe pôs o nome de Maria. No terceiro ano, seus pais a desmamaram. Depois, foram para o templo, e, após oferecer seus sacrifícios a Deus, doaram sua filhinha Maria, para que vivesse naquele grupo de virgens que passava dia e noite louvando a Deus. E, ao chegar em frente à fachada, ela subiu tão rapidamente os quinze degraus que não teve tempo de voltar seus olhos e nem sequer sentiu saudade de seus pais, coisa tão natural na infância. Isso deixou a todos estupefatos, de modo que até os próprios pontífices se admiraram.

E o autor sagrado prossegue mais adiante:

VI

E Maria era a admiração de todo o povo; pois, tendo apenas três anos, andava com um passo tão firme, falava com uma perfeição tal e se entregava com tanto fervor às louvações divinas que ninguém a tomava por uma menina, e sim por uma adulta. Era, ainda, tão assídua na oração, como se tivesse já trinta anos. Sua face era resplandecente como neve, de modo que com dificuldade se podia pôr o olhar nela. Entregava-se com assiduidade aos labores da lã, e é de se notar que o que mulheres mais velhas nunca foram capazes de executar, ela já realizava na mais tenra idade.

2. Essa era a norma de vida que havia se imposto: desde a madrugada até a hora terça, orava; desde a terça até a nona, ocupava-se em suas tarefas; da nona em diante, consumia todo o tempo em oração, até que o anjo do Senhor surgia, e de suas mãos recebia o alimento. E assim ia avançando mais e mais no caminho da oração.

Finalmente, era tão dócil às instruções que recebia em companhia das virgens mais antigas, que não havia nenhuma mais apta que ela para as vigílias, nenhuma mais erudita na ciência divina, nenhuma mais humilde em sua simplicidade, nenhuma interpretava com mais graça a salmodia, nenhuma era mais gentil em sua caridade, nem mais pura em sua castidade, nem, finalmente, mais perfeita em sua virtude. Pois ela era sempre constante, firme, inalterável. E cada dia ia avançando mais.

Cada dia usava para sua refeição (sustento) exclusivamente o alimento que lhe chegava pelas mãos do anjo, repartindo entre os pobres o que os pontífices lhe davam.

Frequentemente se via os anjos falando com ela, obsequiavam-na com carinho de amigos íntimos. E se algum doente conseguia tocá-la, voltava imediatamente curado para casa.

Salta aos olhos que o autor – neste caso Mateus e todos os que possam ter colaborado com a redação do referido Evangelho apócrifo – se excedeu na hora de expor as excelências de Maria.

O fato de uma criança caminhar “com passo firme” aos três anos deve ser considerado algo absolutamente normal. O estranho, aliás, seria o contrário...

E embora eu não duvide da qualidade do leite materno de Ana, o fato constatado pelos apócrifos, de que “foi desmamada aos três anos”, parece-me uma circunstância que, como já comentei, longe de proporcionar a adequada força ao organismo de Maria, a teria posto em grave risco de desnutrição. É de se supor, portanto, que a solícita Ana acompanhasse o peito com outro tipo de dieta...

Duvido, também, que a pequena Mariam – porque este era seu verdadeiro nome – se entregasse, já aos poucos três anos, às louvações divinas e a tão intenso ritmo de oração. E me permito duvidar não porque não acredite no poder do Profundo, mas porque sempre o considerei um Deus extremamente sensato.

O fato de que aquela criatura houvesse sido escolhida para servir de abrigo, durante nove meses, para o Filho do Altíssimo, não significa que a Natureza tivesse que quebrar seu equilíbrio natural.

Suponho, portanto, que por mais donzelas virgens de cercassem a menina, ela se comportaria como tal. Ou seja, com as mesmas travessuras, birras, brincadeiras e atitudes de um bebê primeiro e de uma menina depois.

Também não acredito que “ninguém, jamais, a via irada...”.

Será que já existiu, alguma vez na História dessa humanidade, uma única criança que não tenha chorado, esperneado ou protestado a plenos pulmões pelas pequenas coisas que ocupam e preocupam as crianças?

Sinceramente, este enfoque dos Evangelhos apócrifos, como apontava anteriormente, me parece fora de tom.

Como acho igualmente exageradas as afirmações de são Tiago em seu Protoevangelho, onde, entre outras coisas, pode-se ler:

VI

E dia a dia a menina ia se robustecendo. Ao chegar aos seis meses, sua mãe a deixou sozinha no chão para ver se se segurava, e ela, depois de andar sete passos, voltou ao regaço de sua mãe. Esta a ergueu, dizendo: “Vive o Senhor, que não andarás mais por este chão até que te leve ao templo do Senhor”.

E fez um oratório no quarto da menina, e não consentiu que coisa comum ou impura passasse por suas mãos. Chamou, ainda, umas donzelas hebreias, virgens todas, e estas a entretinham.

E diz o apócrifo mais adiante:

... Ao chegar aos três anos, disse Joaquim: “Chamai as donzelas hebreias que estão sem mácula, e que peguem candeias acesas, para que a menina não se volte para trás e seu coração seja cativado por alguma coisa fora do templo de Deus”. E assim fizeram enquanto iam subindo rumo ao templo de Deus. E foi recebida pelo sacerdote, que, depois de tê-la beijado, abençoou-a e exclamou:

“O Senhor engrandeceu teu nome por todas as gerações, pois no fim dos tempos manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel.”

Então, ele a fez sentar no terceiro degrau do altar. O Senhor derramou graça sobre a menina, que dançou com seus pezinhos, fazendo-se querer por toda a casa de Israel.

VI

Desceram seus pais, cheios de admiração, louvando ao Senhor Deus porque a menina não havia se voltado para trás. E Maria permaneceu no templo, recebendo alimento das mãos de um anjo.

OUTRO ABSURDO

Na verdade, é quase ridículo erguer um oratório no quarto de uma criança de tão pouca idade. O que talvez não devamos estranhar tanto é que Maria pudesse caminhar um pouco aos seis meses. Embora o normal, pelo menos hoje, seja que uma criança comece a dar seus primeiros passos aos doze meses, há muitos exemplos de outras que já começam aos sete ou oito.

E não podemos esquecer, em nenhum momento, que no organismo de Maria – e especialmente em seu código genético – já existia “algo” misterioso que, indubitavelmente, a diferenciava dos outros pequenos judeus.

De qualquer maneira, e por mais diferente que pudesse ser sua informação genética, não acho que as reações da menina fossem tão absurdas e impróprias como indicam os apócrifos. Eis aqui um ponto em que esses textos caem em plena fabulação.

Ou será que uma menina de três anos que sempre viveu ao lado de seus pais pode esquecer seu lar e ir correndo – e sem se voltar para trás – para um lugar estranho?

Se a pequena Mariam foi entregue aos cuidados do Templo em tão tenra idade, é de se supor que a transição tenha sido tão dura para ela quanto para seus pais...

E isso, na minha opinião, não diminuiu um só grama de esplendor do grande papel que Maria devia representar.

Mas, assim como acho exageradas as expressões dos autores sagrados no concernente a essas passagens da infância da Virgem, também reconheço que os apócrifos fornecem novos e sensacionais dados sobre a vida dela. Um desses “relatórios”, em particular, me fez pensar longamente...

8. Uma alimentação especial

Seria tão absurdo pensar que Maria – que seria mãe do Filho do Altíssimo – foi “vigiada” de perto por “aqueles” que, justamente, eram responsáveis por parte da realização do “plano” cósmico da Redenção humana?

Vou tentar me explicar.

Se, como afirmam os Evangelhos apócrifos, Maria foi engendrada de forma misteriosa e não pela ação direta de Joaquim, seu pai, é lógico que “aqueles” que estavam “supervisionando” o citado “plano” se encarregaram, também, de seu cuidado. E muito especialmente nos sempre difíceis e delicados anos da infância.

É revelador o fato de que nos três apócrifos de maior peso – o Protoevangelho de Tiago, o de São Mateus e o Livro sobre a Infância de Maria – os narradores coincidam também em um fato que vem ratificar o que acabo de expor.

Diz o capítulo vii do último apócrifo citado:

1. Mas a Virgem do Senhor ia avançando nas virtudes enquanto crescia; e, segundo as palavras do salmista, seu pai e sua mãe a abandonaram, mas Deus a tomou para si.

Diariamente tinha contato com os anjos. Ainda gozava, todos os dias, da visão divina, que a imunizava contra todo tipo de males e a inundava de bens sem conta. Assim chegou aos catorze anos, fazendo, com sua conduta, com que os maus não pudessem imaginar nela nada repreensível e os bons vissem sua vida e comportamento como dignos de admiração.

O “FANTASMA” DA DESNUTRIÇÃO

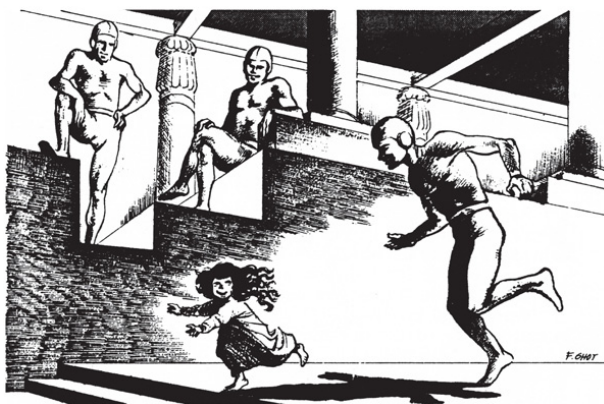
Há uma preocupação especial, nesses autores, de enfatizar a ideia de que a pequena Maria recebia sua comida das mãos dos anjos. No Evangelho apócrifo de Mateus, por exemplo, esta afirmação é repetida duas vezes. E o mesmo acontece com Tiago, em seu apócrifo da Natividade.

À primeira vista, poderíamos acreditar que essa expressão é produto, talvez, da imaginação oriental, tão generosa, sem dúvida, e tão manipulada – a bem da verdade – por muitos teólogos, exegetas e hiper-críticos.

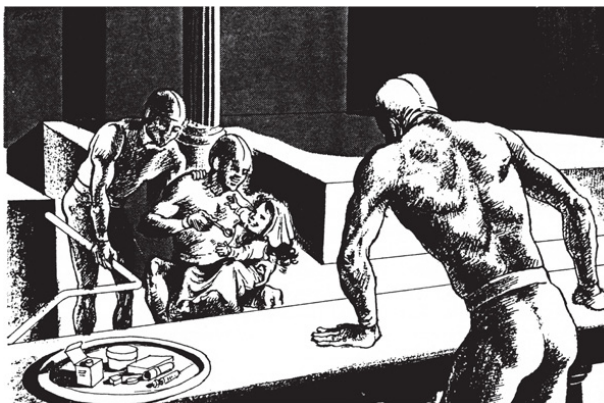
E é possível – por que não? – que estejam com a razão.

Mas, e se não fosse assim? E se esses anjos houvessem existido de verdade, como está refletido em dezenas de passagens da Bíblia?

Vamos supor que os apócrifos dizem a verdade. E vamos imaginar que esses anjos desciam todo dia ao templo para fornecer o alimento à menina. Tinham alguma razão especial para fazer isso? Existia a necessidade real de vigiar a comida de Maria? Ou se tratava de outro tipo de controle ou “checagem”...?



E a menina – Maria – “... diariamente tinha contato com os anjos. Ainda gozava, todos os dias, da visão divina, que a imunizava contra todo tipo de males...” (Livro [apócrifo] sobre a Infância de Maria.)



Os “astronautas” desciam diariamente ao templo e forneciam alimento à pequena Maria.

Vamos tentar racionalizar o assunto.

Se aquela criatura humana – Maria – havia sido selecionada para acolher em suas entranhas um ser tão diferente e elevado como Jesus, parece

necessário, mais que lógico, que aqueles “anjos” a submetessem a um estrito controle. Em uma época tão elementar, do ponto de vista da saúde e da alimentação, não era demais – longe disso – que uma “equipe” especializada fosse checando seus sinais vitais e de crescimento.

Só assim se podia garantir um perfeito estado de saúde. Só assim era possível evitar o indubitável e crônico déficit de vitaminas que aquele povo e a maioria dos que se assentavam no Médio Oriente padeciam.¹²

Qualquer uma das doenças próprias da infância, que hoje são evitadas graças ao complexo leque de vacinas, e que indubitavelmente podiam assaltar também a pequena Maria, ficava, dessa forma, conjurada.

Se – por simples curiosidade – olharmos para trás e examinarmos os índices de mortalidade infantil em épocas passadas, ficaremos abalados. Hoje em dia, inclusive, como todos sabemos, continuam morrendo milhões de crianças no planeta devido à fome e a doenças como difteria, meningite, febres e, principalmente, desnutrição. Segundo a unicef, do 1,5 bilhão de crianças que temos ainda no mundo, mais de 500 milhões estão gravemente desnutridas.

O que se podia esperar, então, em uma civilização de mais de 2 mil anos atrás, quando chegar aos 40 anos – idade do pai da Virgem – já era uma vitória?

Podemos ter uma leve ideia da dramática situação da humanidade há 2 mil anos no que diz respeito, por exemplo, à desnutrição sondando o problema em nossos dias. Vejamos.

Em 1979 – e segundo dados oficiais da fao* – 10 milhões de crianças em todo o mundo estavam tão desnutridas que suas vidas corriam grave perigo. Outros 400 milhões de pessoas vivem à beira da inanição. Por dia, morrem 12 mil seres humanos de fome, e só na Índia falecem, por ano, 1 milhão de crianças, vítimas da desnutrição...

Se isso está acontecendo agora, em plena Era do Espaço, o que não devia acontecer nos tempos de Ana e Joaquim?

A desnutrição pode ocorrer, segundo nossos cientistas, de quatro formas. Em primeiro lugar, pode ser simplesmente que uma pessoa não ingira alimento suficiente: é o que se chama de subnutrição. Pode ser que sua

dieta não inclua um ou vários alimentos básicos, o que provoca doenças deficitárias como a pelagra, o escorbuto, o raquitismo e a anemia na gravidez, devidas a uma insuficiência de ácido fólico. Pode ser, também, que haja uma malformação física ou uma doença – de origem genética ou ambiental – que impeça a pessoa de digerir corretamente os alimentos ou assimilar alguns de seus componentes: esta circunstância causa o que se chama de desnutrição secundária. Finalmente, e este caso é mais de má nutrição que de desnutrição, pode ser que o indivíduo esteja consumindo muitas calorias, ou um ou vários componentes de uma dieta correta em excesso: é o que entendemos por superalimentação.

Mas vou me referir, fundamentalmente, aos três primeiros tipos de desnutrição – que, sem dúvida, podiam ser os “fantasmas” que faziam a “equipe” de “astronautas” tremer, pensando na jovem Maria e seus ancestrais.

Uma insuficiência crônica de calorias, por exemplo, teria provocado na Virgem menina apatia, desgaste muscular e falhas de crescimento. As pessoas subalimentadas, seja qual for a idade, são mais vulneráveis a infecções e outras doenças, e se recuperam mais lentamente e com mais dificuldade. Se Maria houvesse padecido uma deficiência proteica crônica, seu crescimento teria sido mais lento e sua altura teria sido sensivelmente inferior à normal. Ainda, teria apresentado certos sintomas característicos: erupções cutâneas e palidez, edemas da fome, mudança na cor do cabelo...

É curioso, mas, se houvesse padecido esse problema, Maria – em vez de ter a cor morena própria da raça judia – teria sido ruiva...

Embora a proteínico-calórica seja a forma predominante de desnutrição, as doenças causadas por deficiências de determinadas vitaminas ou minerais também estão muito difundidas. Se isso acontece em nossos dias, o que podemos pensar de 2 mil anos atrás?

Naquela época, as doenças deficitárias clássicas deviam ser frequentes: o beribéri, a pelagra, o raquitismo. Esta última, que pode ser encontrada ainda na forma adulta, nas mulheres muçulmanas (“osteomalácia”), por seus hábitos de vida que as impedem de receber luz solar, fez com que eu pensasse em um “detalhe” não menos assombroso e que foi “planejado”, sem dúvida, com toda a intenção pela “equipe”.

Estou me referindo ao insólito fato de os “astronautas” terem concordado com o voto ou promessa de Ana e Joaquim – de certo modo desumano – de entregar seu único rebento, e em tão tenra infância, ao serviço do Templo. Aqui, havia algo que não encaixava...

Se pararmos para pensar, a postura da “equipe” não é tão desnaturada. Era justamente no grande Templo de Jerusalém – construído de acordo com os padrões e normas ditados pela própria “equipe” de “astronautas” – que melhor podiam “controlar” o crescimento e desenvolvimento físico e psíquico da menina. Ali, ainda, abundavam pátios abertos e o Sol batia abundantemente. Uma “checagem” quase constante de Maria enquanto vivesse na casa de seus pais teria representado, talvez, uma evidente complicação das manobras e trabalhos dos “astronautas”.

Não acredito, enfim, que a estadia da menina no Templo – supondo que tal relato fosse verdadeiro – obedecesse a razões de ordem espiritual. Esta, em todo caso, pode ter sido a desculpa de que os responsáveis pela integridade física e mental da Virgem lançaram mão.

Era quase impossível – insisto nisso – que os “astronautas” explicassem aos pais de Maria as verdadeiras razões daquele meticuloso controle... Um controle que deve ter recaído também sobre Ana, antes e durante a gravidez.

Hoje, sabemos que os seres mais indefesos perante os estragos da desnutrição são justamente as crianças – até os cinco ou seis anos – e as lactantes. As proteínas são particularmente necessárias durante o desenvolvimento do feto, para a formação de ossos, músculos e órgãos. O filho de uma mãe desnutrida tem mais probabilidades de nascer prematuro ou doente, e seu risco de morrer ou de ser vítima de malformações neurológicas ou mentais irreversíveis é muito maior. O cérebro inicia seu desenvolvimento no útero e o completa cedo (antes dos dois anos). A desnutrição durante esse período, quando estão sendo formados os neurônios e as conexões neuronais, pode ser causa de retardos mentais não passíveis de posterior recuperação. As consequências em longo prazo, não só de ordem individual, mas também social, não precisam ser expostas...

Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido se, por uma falta de controle, essa penúltima fase da Redenção – gravidez de Ana, crescimento

de Maria etc. – houvesse malogrado. Embora esteja falando em tese, o que teria feito a “equipe” celeste se, de repente, e por causa de uma nutrição deficiente ou por qualquer doença, a mãe de Maria houvesse abortado ou a menina chegasse a este mundo prematuramente ou com uma complicação cerebral, metabólica etc.?

A vigilância da saúde de Ana e Joaquim, bem como de seus avós e outros ancestrais, deve ter sido outra “missão” da velha “equipe” que havia se responsabilizado pelo “plano” divino desde os remotos tempos dos patriarcas. Esta que vemos agora, justamente, pode ter sido – na minha opinião – uma das razões básicas para a escolha, depuração sanitária e manutenção – a qualquer preço – da pureza da raça do “povo escolhido”. Era absolutamente necessário que os últimos “elos” da cadeia que devia terminar em e com Jesus fossem saudáveis e “especialmente” preparados... E eles conseguiram!

Esse vendaval de ameaças que, sem dúvida, acossava a povo judeu daqueles tempos – desnutrição, doenças infecciosas, altas taxas de mortalidade infantil etc. – me conduz, quase sem querer, a outra reflexão, não menos sutil: uma das poucas fórmulas que a “equipe” pode ter utilizado nessa corrida de obstáculos que deve ter sido a consecução de um “ramo” genética e fisiologicamente em condições no povo escolhido foi talvez a manutenção de famílias com possibilidades econômicas, e a cujos membros não faltassem, pelo menos, os alimentos básicos. Senão, por que a necessidade de o Messias descender de estirpe real? Por que a família de Joaquim e Ana teria muitos rebanhos e grandes propriedades? Esta, repito, pode ter sido a solução em meio a tanta miséria e doenças. Mas, voltemos às estatísticas de 1979, preocupantes por si mesmas e muito mais se as extrapolarmos aos anos anteriores ao nascimento do Enviado.

Estimativas baseadas nos resultados de 77 estudos sobre o estado nutritivo de mais de 200 mil crianças em idade pré-escolar, e realizados em 45 países da Ásia, África e América Latina, situam o número total de crianças que apresentam algum grau de desnutrição proteínico-calórica em 98,4 milhões. As porcentagens oscilam entre 5% e 37% na América Latina, de 7% a 73% na África e 15% a 80% na Ásia – excetuando a China.

O que não devia ocorrer nas terras da Palestina há mais de 2 mil anos? E, também, não podemos esquecer que aqueles povos se viram afundados, em diversas épocas, em secas, furacões, epidemias e fomes sem conta que ensombraram ainda mais o já crônico déficit alimentar do povo.

Em 64 a.C., um furacão destruiu toda a colheita, “ao ponto de o *modius* de trigo ser vendido, então, a 11 dracmas, como relata J. Jeremias. Quer dizer que por 11 dracmas compravam 8,752 litros, ao preço de um dracma por 0,7 litro. Em épocas normais, porém, adquiriam 13 litros de trigo por um dracma. Isso quer dizer que também naqueles tempos os preços subiam. E as altas dos elementos básicos – como era o caso do pão – desencadeavam – e sempre desencadeia – mais fome, mais doenças e, definitivamente, mais mortes.

Diante de situações como estas, só as famílias mais abastadas podiam escapar – e nem sempre – dos já citados fantasmas da desnutrição, avitaminose etc.

E embora eu tenha certeza de que no Espaço não deve prosperar nenhum tipo de regime político ou econômico, que mais os “astronautas” podiam fazer, se ainda deviam tentar conjugar sua tarefa com o máximo respeito à liberdade individual e coletiva dos humanos?

Se a esse complexo leque de razões higiênico-sanitárias acrescentarmos outras que, evidentemente, fogem a nosso entendimento, a constante presença dos “anjos” – dia após dia – junto à pequena Maria, ou Mariam, está mais que justificada.

É possível que o fornecimento desses alimentos por parte da “equipe” eliminasse os possíveis riscos de avitaminose, desnutrição, raquitismo etc., que a população infantil suportava naquela época.

E embora a família de Maria fosse rica, não podemos sequer comparar o valor nutritivo dos alimentos que os “anjos” ou “astronautas” podiam oferecer com a rudimentar dieta judaica.

Respeitando as diferenças, seria como tentar equiparar a esmerada e variada alimentação de uma criança sueca de hoje com a de outra de qualquer deserto da Arábia... de 2 mil anos atrás.

E mesmo achando que minha postura em relação aos “anjos” que aparecem na Bíblia ficou suficientemente clara no prólogo deste trabalho,

não quero seguir adiante sem reafirmar, agora, um daqueles pontos. Os “astronautas” tinham que ter um aspecto absolutamente físico. Essa figura humana – essa materialidade, definitivamente –, apesar de seus uniformes ou vestimentas brilhantes ou metalizadas, acabava gerando confiança.

Caso contrário, como entender que as testemunhas falassem com eles e que até a pequena Maria fosse vista com um grupo de “anjos”, como se fossem de velhos amigos?

Essa natureza física fica bem evidente quando o próprio Joaquim tenta convidar o “mensageiro” que apareceu para ele nas montanhas a entrar em sua tenda e repor suas forças com um bom banquete. E embora o anjo rejeite a refeição, no final desaparece da vista da assustada testemunha em “algo” que sobe aos céus e que Joaquim, como já comentei, confunde com o próprio “ser sobrenatural”. Tenho certeza de que aquele “anjo” precisou de um aparelho ou nave para se elevar, porque, simplesmente, era de natureza tão física quanto o próprio e aterrorizado futuro avô de Jesus, a quem acabava de dar uma mensagem...

Utilizando, inclusive, o mais puro bom-senso, era totalmente necessário que aquela menina fosse se acostumando, pouco a pouco, à presença dos “anjos” ou “astronautas” da equipe, e não que encontrasse de repente – anos depois – esses ou outros seres similares, encarregados de velar pelo sucesso de missões tão extremamente delicadas como a chamada “Anunciação”, “Concepção virginal” e posterior e não menos milagroso “Parto”...

Em minhas muitas viagens atrás dos óvnis, pude falar com uma infinidade de testemunhas que viram, muito de perto, os incorretamente chamados “objetos voadores não identificados” e seus ocupantes. Pois bem, a maior parte sofreu alterações de tipo psíquico, chegando, inclusive, a desmaiar.

Quando o autor sagrado especifica, no Livro sobre a Natividade de Maria, que ela “gozava todos os dias da visão divina, que a imunizava contra todo tipo de males”, é possível que esteja se referindo a algo que na época só podia ser assimilado pela mente humana como um fato divino ou sobrenatural, mas que hoje – em plena corrida espacial – podemos

começar a concretizar, por exemplo, na descida de uma dessas naves espaciais ou na saída a terra de seus ocupantes: os famosos “anjos”.

Tenho certeza de que se qualquer um de nossos filhos – aos três ou quatro anos – pudesse estabelecer um contato físico com os tripulantes de óvnis que se veem hoje em dia em qualquer continente, e se esse contato se prolongasse durante anos, sua familiaridade e a aceitação desses seres seria completa. Sem reservas físicas nem mentais.

¹² Em sua obra *Jerusalém no tempo de Jesus*, J. Jeremias fala de carnes, peixes, hortaliças, ervilha, nozes, amêndoas torradas, pão ázimo e vinho como principais integrantes das refeições festivas e pascais. Porém, eram banquetes que nada tinham a ver com a alimentação diária do povo.

9. A complicada escolha de um marido para Maria

E passaram-se os anos.

E Maria atingiu a puberdade. Foi quando – segundo relatam os Evangelhos apócrifos – surgiu o primeiro problema...

Segundo o costume judaico, quando as virgens que haviam sido educadas e que haviam vivido ao amparo do templo registravam sua primeira menstruação, abandonavam o recinto sagrado e, geralmente, voltavam para suas casas para contrair matrimônio.

Mas a jovem Maria se negou a aceitar as diversas propostas de casamento. Algumas, sem dúvida, muito vantajosas...

Neste ponto, pela primeira vez, aparece a figura do sempre enigmático – para mim – são José.

Os Evangelhos canônicos falam muito pouco sobre este importante personagem. Só os apócrifos fornecem mais alguns dados sobre seu passado e a curiosa história de sua “escolha” como marido de Maria.

Vejamos o que diz o Livro sobre a Natividade de Maria neste sentido:

VII

Assim chegou Maria aos catorze anos...

2. Costumava, então, anunciar publicamente o Sumo Pontífice que todas as donzelas que viviam oficialmente no templo e que houvessem cumprido a idade devida retornassem a suas casas e contraíssem matrimônio, de acordo com os costumes do povo e o tempo de cada uma. Todas se submeteram docilmente a esta ordem menos Maria, a Virgem do Senhor, que disse que não podia fazer aquilo. Deu como razão que estava consagrada ao serviço de Deus espontaneamente e por vontade de seus pais, e que, ainda, havia feito voto de virgindade ao Senhor, fato pelo qual não estava disposta a quebrá-lo pela união matrimonial.

Viu-se o sumo sacerdote, então, em grande aperto, pensando, por um lado, que não se devia violar aquele voto para não contrariar a Escritura, que diz: “Fazei votos ao Senhor e cumpri-los.”; e não se atrevendo, por outro, a introduzir um costume desconhecido para o povo.

Assim, pois, mandou que, por ocasião da festa já próxima, se apresentassem todos os homens de Jerusalém e adjacências para que seu conselho pudesse arrojar luz sobre a determinação que havia de ser tomada em assunto tão difícil.

3. Realizado o plano, foi consenso que se devia consultar o Senhor sobre esta questão. Puseram-se, pois, em oração, e o sumo sacerdote se aproximou para consultar Deus. E, imediatamente, fez-se sentir nos ouvidos de todos uma voz proveniente do oráculo e do local

do propiciatório. Dizia esta voz que, em conformidade com o vaticínio de Isaías, devia-se buscar alguém a quem se entregasse e a quem aquela virgem desposasse. Pois é bem sabido que Isaías diz: “Brotará um talo da raiz de José e se elevará uma flor de seu tronco. Sobre ela repousará o Espírito do Senhor; Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de conselho e de força, Espírito de consciência e de piedade. E será inundada do Espírito de temor ao Senhor”.

4. De acordo, pois, com esta profecia, mandou que todos os homens pertencentes à casa e família de Davi, aptos para o casamento e não casados, levassem suas varas ao altar. E disse que o dono da vara que, uma vez depositada, fizesse germinar uma flor e em cujo ápice pousasse o Espírito do Senhor em forma de pomba seria o designado para ser o guardião e marido da Virgem.

VIII

1. Lá estava, como um entre tantos, José, homem de idade avançada que pertencia à casa e família de Davi. E enquanto todos, em ordem, foram depositando suas varas, este retirou a própria. Por não ocorrer o fenômeno extraordinário anunciado pelo oráculo, o sumo sacerdote pensou que se devia consultar de novo o Senhor. Este respondeu que justamente aquele a quem a Virgem deveria desposar havia deixado de levar sua vara. Com isso, José ficou exposto, pois assim que depositou sua vara, pousou sobre sua extremidade a pomba procedente do céu. Isso mostrou claramente que era ele quem devia desposar a Virgem.

2. Foram celebrados, pois, os esponsais como de costume, e José se retirou à cidade de Belém para arrumar sua casa e preparar todo o necessário para o casamento.

Maria, a Virgem do Senhor, por sua vez, voltou para a casa de seus pais na Galileia, acompanhada das sete donzelas coetâneas suas e companheiras desde a infância, que lhe haviam sido dadas pelo sumo sacerdote.

A VERSÃO DE MATEUS

Mas, antes de comentar alguns dos curiosos aspectos desse relato, vejamos o que diz o Evangelho apócrifo de Mateus sobre esse mesmo assunto:

VII

O sacerdote Abiatar ofereceu, então, muitos dons aos pontífices para que entregassem a Virgem Maria e ele pudesse, por sua vez, dá-la em casamento a seu próprio filho.

Mas Maria, por sua vez, opunha-se resolutamente, dizendo: “Não é possível que eu conheça homem ou que homem algum me conheça”.

Mas os pontífices e seus parentes lhe diziam: “Deus é honrado nos filhos e adornado na posteridade, como sempre se observou em Israel”.

E Maria disse: “Deus é honrado, principalmente, com a castidade, como é fácil provar”.

VIII

1. E aconteceu que, ao chegar aos catorze anos, os fariseus usaram isso como pretexto para dizer que já era antigo o costume que proibia qualquer mulher de habitar o templo de Deus. Por isso, tomou-se a resolução de enviar um mensageiro por todas as tribos de Israel, que convocasse o povo todo para dentro de três dias no templo. Quando todo o povo estava reunido, Abiatar se levantou, subiu nos degraus mais altos a fim de ser visto e ouvido por todos, e depois de se fazer silêncio, falou desta maneira:

“ Ouvi-me, filhos de Israel; que vossos ouvidos percebam minhas palavras: desde a edificação deste templo por Salomão, viveram nele virgens filhas de reis, de profetas, de sumos sacerdotes e de pontífices, chegando a ser grandes e dignas de admiração. Não obstante, chegando a idade conveniente, foram dadas em matrimônio, seguindo com isso o exemplo das que anteriormente haviam precedido e agradado a Deus dessa maneira. Mas Maria foi a única a apresentar um novo modo de seguir o beneplácito divino, ao fazer promessa de permanecer virgem. Assim, pois, acredito que nos será possível descobrir quem é o homem a cuja custódia deve ser deixada, perguntando a Deus e esperando sua resposta.

2. Agradou a toda a assembleia tal proposição. Sortearam os sacerdotes entre as doze tribos de Israel, e Judá foi a escolhida. Então, disse o sacerdote:

“ Vinde amanhã todos os que não têm mulher e trazei cada uma vara na mão.”

Ocorreu, pois, que entre os jovens veio também José trazendo sua vara. E o sumo sacerdote, depois de recebê-las todas, ofereceu um sacrifício e inquiriu ao Senhor, obtendo esta resposta:

“ Coloca todas as varas no interior do santo dos santos e deixa-as ali durante um tempo. Manda que voltem amanhã para recolhê-las. Ao fazer isso, haverá uma de cuja extremidade sairá uma pomba, que empreenderá voo rumo ao céu. Aquele a cujas mãos vier esta vara portentosa, será o designado para encarregar-se da custódia de Maria.”

3. No dia seguinte todos vieram com presteza. E, uma vez feita a oblação do incenso, entrou o pontífice no santo dos santos para recolher as varas. Foram estas distribuídas sem que de nenhuma saísse a pomba esperada. Então, o pontífice Abiatar desfez-se das doze sinetas juntamente com os ornamentos sacerdotais e entrou no santo dos santos, onde pôs fogo no sacrifício. E enquanto fazia sua oração, apareceu um anjo que lhe disse:

“ Há, dentre todas as varas, uma muito pequena, que tu menosprezaste e a colocaste entre as outras. Pois bem, quando tirares esta e a deres ao interessado, verás como aparece sobre ela o sinal de que lhe falei.”

A vara em questão pertencia a José. Ele ficara de lado por já ser velho e não quisera reclamar sua vara com medo de se ver obrigado a assumir a donzela. E enquanto estava assim nessa atitude humilde, como o último de todos, Abiatar o chamou com uma grande voz, dizendo:

“ Vem recolher tua vara, porque todos estamos atentos a ti.”

José se aproximou temeroso ao se ver tão bruscamente chamado pelo sacerdote. Mas, quando foi estender sua mão para recolher a vara, saiu da ponta dela uma linda pomba, mais branca que a neve, que, depois de voar um pouco pelo alto do templo, lançou-se ao espaço.

4. Então, o povo inteiro o felicitou dizendo: “Venturoso tu em tua velhice, visto que o Senhor te declarou apto a receber Maria sob teu cuidado.”

Os sacerdotes lhe disseram:

“ Toma-a, porque tu fostes o escolhido dentre todos da tribo da Judeia.”

Mas José começou a suplicar com toda a reverência e a dizer-lhes, confuso:

“ Já sou velho e tenho filhos. Por que insistis em que me responsabilize por essa juvenzinha?”

Então, Abiatar, sumo sacerdote, disse:

“ Lembra, José, como pereceram Datão, Abirão e Coré, por desprezar a vontade divina. O mesmo acontecerá contigo se não atenderes a esta ordem do Senhor.”

José disse:

“ Não serei eu a menosprezar a vontade de Deus, mas serei guardião da jovem até que fique claro o beneplácito divino sobre qual de meus filhos há de tomá-la como esposa. Que lhe sejam dadas algumas de suas companheiras virgens, com quem possa, enquanto isso, conviver.”

O pontífice respondeu:

“ Sim, ser-lhe-ão dadas algumas donzelas para seu consolo até que chegue o dia prefixado em que tu a devas receber; pois hás de saber que não pode contrair matrimônio com nenhum outro.”

A VERSÃO DE TIAGO

Por último, são Tiago trata assim a escolha do marido de Maria em seu Protoevangelho:

2. Mas, ao chegar aos doze anos, os sacerdotes se reuniram para deliberar, dizendo:

“ Eis que Maria completou seus doze anos no templo do Senhor, que haveremos de fazer com ela para que não macule o santuário?”

E disseram ao sumo sacerdote:

“ Tu que tens o altar a teu cargo, entra e ora por ela, e o que te dê a entender o Senhor, isso será o que faremos.”

3. E o sumo sacerdote, desfazendo-se do manto das doze sinetas, entrou no *sancta sanctorum* e orou por ela. Mas eis que um anjo do Senhor apareceu, dizendo:

“ Zacarias, Zacarias, sai e reúne todos os viúvos do povoado. Que venha cada um com uma vara, e daquele sobre quem o Senhor fizer um sinal portentoso, desse será mulher.”

Saíram os heraldos por toda a região da Judeia, e ao soar a trombeta do Senhor, todos compareceram.

IX

1. José, deixando seu machado, juntou-se a eles e, tendo se juntado todos, pegaram cada um sua vara e se puseram a caminho em busca do sumo sacerdote. Este pegou todas as varas, entrou no templo e pôs-se a orar. Tendo terminado sua prece, pegou de novo as varas, saiu e as entregou, mas não apareceu sinal nenhum nelas. Mas ao pegar José a última, eis que saiu uma pomba dela e pôs-se a voar acima de sua cabeça. Então o sacerdote disse:

“ A ti coube receber sob tua custódia a Virgem do Senhor.”

2. José replicou:

“ Tenho filhos e sou velho, enquanto que ela é uma menina; não gostaria de ser alvo do riso dos filhos de Israel.”

Então o sacerdote disse:

“ Teme ao Senhor teu Deus e tem em mente o que fez com Datão, Abirão e Coré: como se abriu a terra e foram sepultados nela por sua rebelião. E teme agora tu também, José, para que não recaia o mesmo sobre tua casa.”

3. E ele, temeroso, recebeu-a sob sua proteção.

Depois, disse a ela:

“ Tomei-te do templo; agora te deixo em minha casa e vou continuar minhas construções. Logo voltarei. O Senhor te guardará.”

X

1. Naquela época, os sacerdotes se reuniram e decidiram fazer um véu para o templo do Senhor. E o sacerdote disse:

“ Chamai algumas donzelas sem mácula da tribo de Davi.”

Partiram os ministros e, depois de procurar, encontraram sete virgens. Então, surgiu na memória do sacerdote a lembrança de Maria, e os emissários foram e a trouxeram.

2. Depois que introduziram todas no templo, disse o sacerdote:

“Sorteai para ver quem há de bordar o ouro, o amianto, o linho, a seda, o jacinto, o escarlate e o verdadeiro púrpura. E o escarlate e o púrpura verdadeiros couberam a Maria, que, pegando-os, foi para sua casa. Naquele tempo Zacarias ficou mudo, sendo substituído por Samuel enquanto pôde falar. Maria pegou em suas mãos o escarlate e pôs-se a bordar.”

10. Os “microfones” de Yaveh

Segundo esses textos apócrifos, coincidentes em boa medida, como se pode comprovar, José devia ser um homem idoso.

O fato – confesso – deixou-me estupefato. Eu sempre havia lido, e assim me ensinaram desde a mais distante infância, que são José era um modesto carpinteiro, mais ou menos da mesma idade que Maria. Pois não era. Eis que estudando esses apócrifos, deduzimos que se tratava de um homem de certa idade, viúvo de sua primeira mulher e com filhos.

Estranhando, e com razão, além de consultar todas as fontes que me foi possível, procurei o eminente arqueólogo e reconhecida autoridade mundial no estudo dos Evangelhos apócrifos, o franciscano Bellarmino Bagatti, atualmente residente em Jerusalém.

O padre Bagatti me fez saber – e pouco depois outra grande personalidade no estudo bíblico, padre Ignacio Mancini, me confirmaria – que, “tal como foi publicado na recente obra *Edizione critica del testo arabo della Historia Josephi fagri lignarii e ricerche sulla origine*,¹³ os primeiros cristãos, de ascendência judaica, tinham em grande estima e veneração o carpinteiro de Nazaré, e que o fato de José – segundo o citado apócrifo – ter tido seis filhos com a primeira mulher, que o deixou viúvo aos 89 anos, não diminuía em nada sua santidade”.

A confirmação dos franciscanos Bellarmino Bagatti, Antonio Battista – que é o responsável pela tradução e transcrição da *História de José* – e do também padre Mancini congelaram minha mente durante algum tempo diante de outra pergunta: Por que o “Estado-Maior” escolheu justamente um homem tão idoso como marido de Maria?

Tinha que haver alguma razão. Deus – isso vou aprendendo pouco a pouco – sempre tem “razões” para tudo, e algumas, temos que reconhecer, muito boas...

E eis que um belo dia, meditando sobre esse detalhe, tive uma ideia.

A “equipe” de “astronautas” – já repeti isso a não mais poder – tinha quase tudo previsto. Se eles sabiam que a gravidez da Virgem podia criar polêmicas, boatos e até difamações, qual podia ser o meio mais eficaz para que as suspeitas da maternidade da menina não recaíssem primeiro e diretamente sobre José, seu marido? Simplesmente, unindo Maria a um homem que – quase com certeza – devia ser praticamente impotente para a procriação.

Essa velhice – segundo Bagatti, José tinha 90 anos quando se uniu em matrimônio a Maria – tinha, possivelmente, a finalidade de tornar mais crível aos olhos do povo a concepção milagrosa de Jesus e a virgindade de Maria.

Se pensarmos um pouco sobre isso, notaremos que a “estratégia” era boa, muito boa...

Essa velhice de José está referendada nos já mencionados apócrifos de Mateus e Tiago. Nosso homem acredita que a custódia da menina é uma obrigação temporária. Seus pensamentos vão além, e chega a considerar que a tutela acabará quando Maria possa se casar com um de seus filhos. Ao que parece, e segundo todos os indícios, o ebanista/construtor – e este é outro erro que foi cometido com José – tinha um total de seis filhos, alguns, inclusive, mais velhos que a própria Virgem. E eu dizia que foi cometido um erro com o venerável esposo de Maria porque José não era um “pobre carpinteiro”, como foi dito sempre. José, além de ebanista, era construtor. Mas, desse curioso assunto cuidarei mais adiante...

E antes de comentar o interessante episódio das varas e da pomba, não quero esquecer outro fato que se repete nas passagens que nos ocupam.

Curiosamente, e ignorando a vontade da menina, a “equipe” comunicou aos sumos sacerdotes e a todo o povo que Maria devia ser entregue àquele que fosse previamente designado pela “vontade divina”.

Isso evidencia duas coisas:

Primeira: que Ana, a mãe da Virgem, não lhe havia feito menção daquelas palavras que o “anjo” pronunciara diante dela catorze ou quinze anos antes. Como o leitor deve recordar, o “astronauta” deixou bem claro para a “avó” de Jesus que a menina que ia conceber seria bendita entre todas as mulheres, posto que dela nasceria o Salvador.

Por que Ana não comentou isso com sua filha? Uma circunstância tão importante teria feito a menina mudar de ideia, e, com isso, todos teriam poupado desgostos e dores de cabeça. A não ser, claro, que a “equipe” tenha se manifestado diante de Ana nesse sentido. Tudo é possível.

Segunda: que nos planos dos “astronautas” não cabia – longe disso – que Maria continuasse consagrada a Deus e reclusa no Templo. Depois de vencida a perigosa etapa do crescimento, a fase seguinte – a mais delicada de todas – obrigava a Virgem a contrair matrimônio, a fundar um lar e a cuidar, como qualquer mãe de família judia, de seu filho. E tudo isso dentro da mais estrita legalidade.

E assim aconteceu. No fundo, os desejos da menina não foram levados em conta. E os sumos sacerdotes, tal como estava previsto, seguiram a vontade de Deus e de seus “intermediários” – neste caso, os “astronautas”.

Uma “equipe”, como vemos, que estava atenta a tudo. Inclusive à comunicação direta – diretíssima – com o povo de Israel. Vejamos como.

A TENDA DO ENCONTRO

Mateus, em seu apócrifo, está nos falando – recordando, na realidade – do sistema que Yaveh e seus “anjos” usavam para expressar sua vontade, suas decisões e até suas contrariedades...

E digo que está nos recordando porque o livro sagrado que chamamos de Êxodo detalha minuciosamente as características e o modo de construir a “Tenda do Encontro ou da Reunião” e que, no fundo, não devia ser nada além – sempre falando hipoteticamente – de um “Centro de Comunicações”.

Iam a esse lugar – primeiro no deserto e anos depois no grande templo que Salomão mandou erguer em plena cidade de Jerusalém – os pontífices e sumos sacerdotes, que “consultavam” Yaveh e obtinham dele a “resposta” adequada...

Previamente, claro, uma suspeita “nuvem” descia sobre a Tenda do Encontro e sobre o Santo dos Santos, no Templo, e “a glória de Yaveh – diz a Bíblia – enchia a Tenda do Encontro...”.

No caso do apócrifo de Mateus, parte da história se repete.

... E o sumo sacerdote – relata o autor – depois de recebê-las todas (as varas), ofereceu um sacrifício e inquiriu o Senhor, obtendo esta resposta:

“ Coloca todas as varas no interior do Santo dos Santos e deixa-as ali durante um tempo. Manda que voltem amanhã para pegá-las. Ao fazer isso, haverá uma de cuja extremidade sairá uma pomba, que empreenderá voo rumo ao céu. Aquele a cujas mãos couber essa vara portentosa, será o designado para se encarregar da custódia de Maria.”

3. No dia seguinte, todos vieram com presteza. E uma vez feita a oblação do incenso, entrou o pontífice no Santo dos Santos para recolher as varas...

Acostumados como estamos, nos tempos que correm, com o fato de Deus não se manifestar em mais de uma forma física – nem mesmo sua voz –, poderíamos cair na tentação de imaginar que o autor sagrado utilizou, neste caso, uma nova metáfora. Algo assim como se Deus houvesse simplesmente inspirado o sumo sacerdote.

Eu penso, porém, que o Evangelho apócrifo de Mateus está refletindo – assim como ocorre nos demais livros sagrados que constituem a Bíblia – um fato real. Em outras palavras: que Yaveh falou com o pontífice de verdade. E este ouviu a “resposta divina” como qualquer um de nós pode captar, hoje, a voz amplificada por um microfone.

A “voz” que saiu do propiciatório e que foi ouvida por milhares de testemunhas tinha que ser, obviamente, uma voz “física” e no idioma comum dos habitantes de Jerusalém. Não acredito que os “astronautas” tivessem muitos problemas para se dirigir ao povo judeu. Estavam havia quase 2 mil anos tratando com aquela gente, e, dada sua tecnologia, bem como sua capacidade mental, aprender os idiomas e dialetos da região devia ser uma brincadeira de criança.

E embora pretenda me referir a isso quando chegar ao capítulo de “Yaveh” e de sua possível interpretação, é possível que o leitor já tenha começado a intuir por que a “equipe de astronautas” a serviço da Grande Força ou do Grande Deus ordenou – desde o início – a ins-talação de uma “Tenda da Reunião”, em pleno deserto primeiro, e de um grande Templo em Jerusalém, alguns séculos depois... e que mais podiam fazer para estabelecer uma estreita vigilância e um “diálogo” com o povo escolhido?

Quanto ao que aconteceu com as varas e a pomba, se tal fato for verdade, a “operação” deve ter sido tão pueril quanto divertida para os “astronautas”. Mas, justamente por sua simplicidade, o procedimento foi muito direto e positivo. Todos, simplesmente, ficaram de queixo caído.

E sem intenção de menosprezar o fato, suponho que hoje poderia ser repetido – e até melhorado – por qualquer grande prestidigitador desses que andam pelo mundo tirando coelhos das cartolas ou pombas das mangas de suas jaquetas.



Enquanto a “coluna de fogo” permanecia sobre a Tenda da Reunião, o povo aguardava em seu acampamento. Quando se elevava, os judeus se punham a caminho pelo deserto.

O que realmente devia importar à “equipe” era que todo o povo e os sacerdotes fossem testemunhas de outro feito “milagroso” que, além do mais, vinculava José à pequena Maria. Um feito que, ainda por cima, dizia respeito à mencionada profecia de Isaías.

Seja como for, esse encontro de José com Maria – tal como detalham os apócrifos – é, talvez, “aparatoso”, mas, bem analisado, a narração é muito mais “informativa” que a fornecida pelos evangelistas “oficiais”, que apresentam os “esponsais” de ambos como um fato consumado, sem que ninguém consiga saber como, quando e onde José aparece.

Mas, chegando a este ponto, talvez fosse conveniente nos determos nos Evangelhos apócrifos e contemplarmos a dura tarefa já realizada pelos “astronautas”, que foi relatada maravilhosamente nesse livro fascinante que chamamos de Êxodo.

As “surpresas”, nesse texto, são inesgotáveis.

11. Uma “nuvem” que foi vista por nossos pilotos

Quanto mais remexo no capítulo 24 do Êxodo – e especificamente nos versículos 12 a 18 – mais forte cresce em meu coração a teoria de que Moisés teve um intenso e decisivo “treinamento” ou “instrução” dentro do que hoje conhecemos e compreendemos como uma nave espacial.

E espero que o leitor não se descabele...

Eis o que essa passagem reproduz literalmente:

Disse Yaveh a Moisés:

“Sobe até mim, no monte; fica ali, e te darei as tábuas de pedra – a lei e os mandamentos – que tenho, escritas para vossa instrução.”

Moisés se levantou, com Josué, seu ajudante; e subiram ao monte de Deus. Disse aos anciãos:

“Esperai-nos aqui até que voltemos a vós. Aí ficam com vós Aaron e Jur. Quem tiver algum problema, que recorra a eles.”

E Moisés subiu ao monte.

A nuvem cobriu o monte. A glória de Yaveh descansou sobre o monte Sinai e a nuvem o cobriu por seis dias. No sétimo dia, Yaveh chamou Moisés do meio da nuvem. A glória de Yaveh surgia aos olhos dos filhos de Israel como fogo devorador sobre o cume do monte. Moisés entrou na nuvem e subiu ao monte.

E Moisés permaneceu no monte quarenta dias e quarenta noites.

Na minha opinião pessoal – e como investigador do fenômeno óvni – a descrição do Êxodo guarda uma semelhança simplesmente extraordinária com muitos dos casos que hoje são estudados na jovem ciência chamada Ufologia.

Nos últimos anos – sem falar de épocas passadas – foram registrados muitos casos de estranhos e às vezes gigantescos objetos que permanecem imóveis ou se deslocam pelos céus, envolvidos em uma fumaça ou gás que lembra nuvens. Essas “nuvens”, inclusive, chegaram a se deslocar contra o vento ou foram detectadas nas telas de radar como um eco sólido e metálico.

Em outras oportunidades, a “camuflagem” ou nuvem que cerca o óvni desaparece e as testemunhas contemplam a silhueta de um disco ou de um

grande cilindro.

Há poucos meses, um comandante da companhia aérea espanhola Aviaco comunicava ao Centro de Controle de Voo de Madri a presença, a 21 mil pés de altura e sobre a província de Navarra, de uma enigmática “nuvem” com forma de cogumelo, de um diâmetro formidável. Permanecia estática e solitária em um céu absolutamente azul e limpo. Aquilo impressionou tanto o comandante Sedó que ele pediu autorização para contornar a “nuvem”. E Madri o autorizou a isso.

Quando conversei com esse grande profissional do ar, sua opinião foi categórica: “Aquilo parecia uma nuvem, mas não era. Tinha contornos perfeitamente definidos. Sem a menor irregularidade. E você sabe que isso é impossível em uma simples formação nebulosa.

“ Depois de fazer um giro de 360 graus em volta da enorme massa flutuante, segui para Barcelona.

“ Tenho certeza – destacou o veterano comandante – que ali dentro havia algo escondido...”¹⁴

Pouco tempo antes, outros dois pilotos espanhóis – Carlos García-Bermúdez e Antonio Pérez –, também da companhia Aviaco, sofreram um não menos enigmático “encontro” com outra “nuvem”.

Voando a plena luz do dia entre Valencia e Bilbao, o mau tempo neste último aeroporto obrigou-os a desviar para o “alternativo”. Naquele caso, o de Santander. Pois bem – segundo relataram –, a poucas milhas de Bilbao, já a caminho de Santander, o avião entrou em uma brilhante e solitária nuvem. A partir desse mesmo instante – e por uns sete minutos –, quase todo o instrumental eletrônico, bússolas, horizontes etc., “ficou louco”. O rádio parou de receber sinais e os pilotos, por sua vez, também não foram ouvidos pelas torres de controle de voo mais próximas. Ainda por cima, o voo, que deveria ter durado entre doze e quinze minutos em condições normais, prolongou-se durante quase 35. E um último fenômeno, tão incompreensível quanto os anteriores: ao entrar na misteriosa nuvem, o “contador de milhas” do Caravelle parou e começou a “retroceder”, como se o jato voasse “para trás”. O citado hodômetro chegou a “zero” e continuou “retrocedendo” até “menos nove milhas”. Algo assim como se houvesse se situado sobre Pamplona. Ao sair da

“nuvem”, o medidor de distâncias voltou ao mesmo número que marcava ao entrar na nuvem pela primeira vez.¹⁵



A “nuvem” cobriu o Sinai e a “glória” de Yaveh pousou na montanha... E seis dias depois, Moisés foi chamado por Yaveh. (Êxodo)

Como isso era possível? Os pilotos, logicamente, checaram todos os sistemas, geradores, instrumentos etc. Justamente ao deixar a nuvem para trás, o avião havia voltado à mais estrita normalidade. E tanto Bermúdez quanto Pérez, a quem conheço pessoalmente e cuja perícia e honradez estão fora de questão, garantiram que o avião jamais abandonou o rumo para Santander.

O que havia acontecido dentro daquela “nuvem”? Por que levaram mais que o dobro do tempo necessário para ir de Bilbao ao aeroporto da capital da montanha?

Tratava-se de uma nuvem normal? Evidentemente, não.

Mas, então, o que era ou o que encerrava aquele mistério com forma de nuvem?

Em 17 de junho de 1977, outro piloto, neste caso português, observava ao meio-dia, a uns 2 mil pés de altitude, um estranho objeto, “camuflado” entre nuvens.

O piloto da Força Aérea Portuguesa, José Francisco Rodrigues, pertencente à 31a Esquadra de B.A.-3, em Tancos, conduzia naquela ocasião um avião DO-27, e, ao passar sobre a Barragem do Castelo de Bode, notou um objeto escuro que estava meio escondido entre os cúmulos.

Estava praticamente imóvel e não correspondia a nenhum modelo conhecido de avião. Tinha a clássica forma de meia laranja, com uma fileira de janelinhas retangulares.

Quando o piloto solicitou informação sobre um possível tráfego naquele setor, o radar batina respondeu negativamente. Ao cabo de alguns minutos, o objeto desapareceu a grande velocidade.

Segundo declarações de Rodrigues, aquele aparelho – de uns 13 a 15 metros de extensão – estava quase “camuflado” entre as nuvens...

Pouco tempo antes, também em Portugal, vários aviões de combate da Força Aérea do país irmão decolaram em busca do mais ridículo dos “objetivos”: uma nuvem.

O radar militar havia detectado um eco metálico não identificado, e como acontece quase sempre nesses casos, o Alto-Comando português havia ordenado a saída de dois “caças”, a fim de identificar o suposto “avião”. Ao chegar à altitude e coordenadas indicadas pela tela, os pilotos comunicaram à base que “ali havia só uma nuvem...”.

De repente, a “nuvem”, diante da surpresa dos pilotos e dos militares que acompanhavam a presença do eco não identificado na tela de radar, elevou-se na vertical, desaparecendo a grande velocidade.

Nenhuma nuvem, evidentemente, pode fazer uma manobra dessas. E muito menos quando, como naquela ocasião, não há vento...

O que a nuvem escondia em seu interior? Quase com certeza, um objeto metálico. Assim denunciava o radar.

Recentemente, tive a oportunidade de investigar outro caso, que tem a ver com este fenômeno.

Sobre a belíssima costa de Santander, e especificamente sobre a Peña de Santoña, em plena luz do dia, centenas de moradores da região puderam ver, em um dia azul e totalmente limpo, uma nuvem de características muito estranhas se colocando a baixa altura. Dentro da massa nebulosa, as testemunhas perceberam uma mancha escura.

Aquela nuvem permaneceu sobre aquele lugar durante mais de uma hora. (Vale ressaltar que nas imediações da Peña de Santoña estende-se, justamente, a famosa penitenciária de Dueso...)

Pois bem, passado um tempo, as assustadas testemunhas viram a nuvem se elevar e desaparecer...

E o que poderíamos dizer daquela outra famosíssima “nuvem” que estava colada ao chão, na qual o 5o Regimento inglês de Norfolk entrou, em plena guerra com a Turquia, e não se voltou a saber mais dele? Onde estão aquelas centenas de homens? O que realmente escondia a densa nuvem?

No verão de 1979, um prestigioso administrador de fazendas com residência em Málaga me contou outro “encontro” que dá muito que pensar em relação aos óvnis e à utilização das nuvens como “camuflagem”.

Meu amigo, cujo nome não estou autorizado a revelar, circulava por volta do meio-dia, meio-dia e quinze, pela estrada Málaga-Fuengirola. Sua mulher estava dirigindo. Havia vento oeste, e, antes de chegar a Carvajal, uma formidável nuvem de chuva que talvez se encontrasse a 2 mil, 2.500 metros de altitude, abriu-se subitamente. O administrador ficou atônito ao ver no vazio um objeto redondo, cor de chumbo e muito maior que uma praça de touros. Toda a “barriga” do corpo estava repleta de janelas pelas quais saía ou se podia ver luz. Em poucos segundos, a nuvem se fechou e o óvni ficou oculto.

Apesar da visão fugaz, a testemunha – homem de toda confiança – notou perfeitamente que “aquilo” permanecia oculto atrás da nuvem de chuva.

E assim, com casos mais ou menos similares, poderíamos encher páginas e páginas...

Em Ufologia, a possível explicação para este fenômeno poderia ser dada até por uma criança. Que melhor sistema para permanecer oculto e imóvel

sobre uma cidade, uma base militar ou qualquer outro objetivo que “dentro” ou acima de uma nuvem?

E é perfeitamente admissível que, como no caso do comandante Martín Sedó, o óvni ou óvnis possam ser os “fabricantes” dessas nuvens. Uma tecnologia superior não encontraria maiores dificuldades para que suas naves se deslocassem, inclusive, mantendo a sua volta o gás ou as nuvens que eles mesmos criassem. Pobres de nós no dia em que russos ou americanos descobrirem um sistema como esse! Os ataques de surpresa a qualquer país ou continente podem chegar sob a aparência de um inofensivo aguaceiro...

Usando o bom-senso – e imagino que os tripulantes dos óvnis gozam, neste aspecto, de um tanto por cento a mais que o homem da Terra –, é possível encontrar outro procedimento “natural”, e que não chame a atenção dos “autóctones”, como o das nuvens? Se vivemos em um planeta em que as nuvens são algo consubstancial a sua atmosfera, isso quer dizer que a presença dessas massas – em qualquer canto do globo – jamais ferirá o estado emocional de seus habitantes. E isso é muito importante para os seres que desejarem nos conhecer e estudar... sem serem descobertos.

Se a “equipe” de “astronautas” que pretendia estabelecer um contato com Moisés e Josué “na terceira fase” não desejava ser incomodada pelos possíveis curiosos – que devia haver – do acampamento judeu, que melhor “barreira” que “fabricar” uma densa nuvem ou névoa e cobrir o Sinai?

Mas, vamos abandonar por um momento esse oportunismo ufológico e vejamos o que diz a voz da Igreja a respeito da “nuvem” e da “glória” de Yaveh.

A OPINIÃO DA IGREJA

Embora os comentários dos teólogos e exegetas católicos sobre o espetacular surgimento de Yaveh no monte Sinai discorram pelos mais variados caminhos interpretativos, eis aqui, a meu entender, aqueles de maior peso e que – de alguma forma – sintetizam a “consciência” da Igreja.

Segundo a Bíblia Comentada, declarada de interesse nacional e publicada sob os auspícios da alta direção da Pontifícia Universidade de Salamanca,

a nuvem que desceu sobre o Sinai “era uma imagem que os autores sagrados tomaram com gosto para representar a majestade e inacessibilidade de Deus”.

E dizem, também, os professores de Salamanca:

“ ... Para impressionar aquela gente simples era preciso apresentar Yaveh em toda sua majestade, como Senhor das forças da Natureza...

“ Os antigos sempre se impressionaram com as tempestades acompanhadas de relâmpagos e trovões. Hoje, sabemos devido a que leis físicas esse fenômeno natural se produz; sabemos que se reduz a descargas elétricas; mas para os antigos era um mistério, e a explicação natural era relacioná-lo com a ira do Deus onipotente.”

Os comentários da Universidade Pontifícia de Salamanca ao Êxodo, no concernente a esta presença de Yaveh no monte sagrado, seguem adiante:

“ ... A descrição da teofania¹⁶ é grandiosa: trovões, relâmpagos e nuvens densas acompanham Yaveh em sua manifestação majestosa. A ‘nuvem’ tinha por finalidade esconder a ‘glória’ resplandecente de Yaveh, para que os israelitas não fossem cegados por seu furor e mortalmente feridos em sua presença. Os comentaristas liberais – prossegue Salamanca – quiseram ver nessa teofania a descrição de um ‘deus das tempestades’ que seria adorado antes de Moisés pelas tribos do Sinai. Nada disso é insinuado no contexto, e, por outro lado, os dados arqueológicos que conhecemos daquela região não avalizam essa hipótese gratuita. Mais ainda, é inconsistente supor que a teofania do Sinai é a simples descrição de uma erupção vulcânica. Nem a montanha é de tipo vulcânico, nem os documentos extrabíblicos falam de uma região vulcânica naquela parte do Sinai, nem o relato bíblico sugere algo parecido a uma erupção vulcânica. Não se fala de cinzas nem de lava ardendo; o povo está ao pé da montanha contemplando o espetáculo maravilhoso sem se mexer, o que não é concebível no caso de um transbordamento do vulcão. Os fenômenos relatados pelo autor sagrado limitam-se a trovões, relâmpagos e fumaça. Tudo isso não tem outra finalidade senão realçar a manifestação majestosa de Deus, que ia estabelecer as bases da aliança com Israel.”

“MAJESTADE INACESSÍVEL” PARA A “BÍBLIA DE JERUSALÉM”

A *Bíblia de Jerusalém*, uma das obras mais prestigiosas da Igreja Católica, publicada sob a direção da Escola Bíblica de Jerusalém, da qual participaram, dentre outros, figuras tão relevantes como R. de Vaux, P. Benoit, Cerfaux, P. Dreyfus, M. Boismard e a equipe das Concordâncias da Bíblia, assim se pronuncia sobre o possível significado da “glória de Yaveh”:



Para a Igreja Católica, a “nuvem” de Yaveh é apenas uma manifestação de Deus por meio das “forças da Natureza”: tempestades, relâmpagos, trovões...

“ A ‘glória de Yaveh ’, na tradição sacerdotal, é a manifestação da presença divina. É um fogo que se distingue claramente da nuvem que o acompanha e o envolve. Esses traços são tirados das grandes teofanias que se desenrolam no âmbito de uma tempestade, mas se impregnam de um sentido superior: essa luz brilhante, cujos reflexos o rosto de Moisés irradiará, expressa a majestade inacessível e temível de Deus, e pode surgir independentemente de toda tempestade, como também tomará posse do Templo de Salomão...”

Curiosamente, a *Bíblia de Jerusalém* – ao contrário do que vimos nos comentários dos professores da Universidade de Salamanca – faz referência à hipótese “vulcânica”. Vejamos:

“ ... As tradições yavehista, sacerdotal e deuteronomista, descrevem a teofania (presença de Deus) do Sinai no âmbito de uma erupção vulcânica.

A tradição eloísta a descreve como uma tempestade. Trata-se de duas apresentações inspiradas nos mais impressionantes espetáculos da Natureza: uma erupção vulcânica, tal como os israelitas haviam ouvido os visitantes da Arábia do Norte contarem, ou tal como eles mesmos haviam podido ver de longe, desde a época de Salomão (expedição de Offir).

“Essas imagens – conclui o comentário da *Bíblia de Jerusalém* – expressam a majestade e a glória de Yaveh, sua transcendência e o medo religioso que inspira.”

“O PRÓPRIO DEUS”, SEGUNDO DUFOUR

Por sua vez, a grande equipe dirigida pelo padre Xavier León-Dufour descreveu a “glória de Yaveh” “como o próprio Deus, porquanto se revela em sua majestade, seu poder, o resplendor de sua santidade e o dinamismo de seu ser”.

“A NUVEM: APENAS UM VÉU DE DEUS”, DIZ BAUER

E chegamos a J. B. Bauer, que, com 47 especialistas, estudou as doutrinas teológicas de fé e os costumes de cada livro ou de cada local bíblico. Em seu Dicionário de Teologia Bíblica, essa formidável equipe assim se pronuncia a respeito do termo bíblico “glória de Yaveh”:

“O Deus transcendente se revela nos fenômenos meteorológicos terrestres, por exemplo, na escura nuvem de tempestade. Essa nuvem é apenas o véu da verdadeira aparição de Deus, do fogo e luz celeste abrasadores, que, sem véu, aniquilaria o homem. Pode-se, pois, definir a palavra *kabod* (‘glória’) como o próprio Deus, porquanto se revela em solene epifania em meio a trovões e relâmpagos, tempestade e terremotos.”

COM TODO MEU RESPEITO...

Acho que, às vezes, a prudência da grande “estrutura” – a Igreja – pode ser tão irritante quanto ridícula. E não quero pensar que nefasta...

Entendo que ninguém – nem mesmo os teólogos (que estudam os “atributos” de Deus) – possa entender, nem se aproximar sequer, da

Divindade. E eu, muito menos. Mas, daí a tratar todo um crédulo e dócil povo como deficiente mental...

Esta é minha opinião – com todo o respeito – em relação a alguns dos comentários que acabamos de ver e que “refletem” o sentimento da Igreja sobre o que diz a Bíblia, o Livro Sagrado por excelência, não esqueçamos.

É possível – eu já não tenho tanta certeza quanto os exegetas – que “os antigos” não conhecessem as leis físicas que regem as descargas elétricas, os trovões, as formações nebulosas e as forças da Natureza em geral. Mas afirmar – mesmo insinuar – que esses fenômenos naturais “eram relacionados pelos antigos à ira do Deus onipotente” parece-me mais infantil e primitivo que essa suposta “barbárie” que os mestres da Teologia gostam de atribuir aos seminômades, por exemplo, da península do Sinai. Não nego que tenha havido – e que ainda há – sobre a face da Terra povos e culturas que atribuíram ao Sol, à Lua e ao raio um poder sobrenatural. Mas, daí a atribuir a todos os “antigos” as mesmas superstições e medos – como afirmam esses teólogos – há uma grande distância...

Que poderíamos pensar, hoje, de uns supostos sábios do século xxx – só para dar um leve exemplo –, que ensinassem e escrevessem para os homens de seu tempo que os “antigos” do século xx sentiam um medo irracional e mágico pela chuva e que, posto que não haviam aprendido a controlá-la, tentavam “conjurar” a “ira de Deus” com guarda-chuvas...

Evidentemente, esses doutores esqueceram de “antigos” cultos e preparados, como os egípcios (muito mais “antigos” no tempo que os judeus), os sumérios, os acádios, os maias etc. Justamente o povo que conduzia Moisés pelo deserto procedia de uma das nações mais cultas da Terra: o Egito. Será que os israelitas não haviam aprendido, nas centenas de anos que conviveram com os faraós, o que realmente eram e representavam as chuvas torrenciais, as tempestades de verão no Delta ou os relâmpagos nas temperadas noites de Ramases?

Aquele povo estava havia poucos dias no deserto do Sinai quando chegou à montanha sagrada. Não podia ter esquecido, em tão curto espaço de tempo, o que no Egito – conforme as estações – é pura rotina.

A maior parte dos homens e mulheres que formavam a expedição de Moisés havia trabalhado durante toda a vida no campo.¹⁷ Estavam

familiarizados com as nuvens, muito mais – tenho certeza – que os eminentes teólogos do século xx. Por que iam se surpreender ou se prostrar quando surgisse diante deles a “nuvem” de Yaveh? E, se assim aconteceu – conforme está escrito –, é preciso procurar a razão em outra direção...

Não devemos esquecer que a massa granítica do Sinai – cujo pico mais alto se encontra a 2.400 metros acima do nível do mar – se ergue – e se erguia então (há mais de 3.440 anos) em meio a uma região desértica, onde as nuvens não eram assim muito frequentes. As precipitações atuais – que podem nos servir de referência aproximada – correspondem a cerca de 100 milímetros por metro quadrado ao ano.

De acordo com esses dados científicos, o que podemos pensar dessas outras interpretações teológicas sobre tempestades, erupções vulcânicas ou terremotos?

Na atual formação montanhosa do Sinai não existem vestígios de vulcões. E, segundo os vulcanologistas, jamais existiram na região. Só na região de Madian houve certa atividade vulcânica. Mas isso fica do outro lado do golfo de Akaba, no deserto da Arábia, e a muitas centenas de quilômetros do monte Sinai.

Meu pensamento, porém, concorda com as afirmações de Dufour, que, com mais sensatez que os anteriores, se limita a “classificar” a “glória de Yaveh” como o reflexo da Divindade ou como o próprio Deus.

No fundo, é como não dizer nada...

É curioso como os doutores em Teologia e os grandes exegetas sempre encontram explicações para tudo. Não importa que não sejam racionais. Não importa que pareçam muito mais fantásticas e incríveis que o que realmente o escritor sagrado quis dizer. E assim floresceram os chamados “gêneros literários”, aceitos pelo Magistério da Igreja e referendados no Concílio Vaticano ii, e que, em muitas ocasiões, não são nada além da negativa de reconhecer que não se sabe o que realmente aconteceu nos tempos do Antigo ou do Novo Testamento. Jamais ouvi ou li um desses personagens confessarem humildemente que “não faz nem ideia do que tal ou qual autor sagrado quis dizer”.

Afirmações como a do equipamento de Bauer – “Deus se revela nos fenômenos meteorológicos terrestres...” – pode, talvez, encher de lógica satisfação meus amigos meteorologistas, mas não podemos evitar um certo sorriso de incredulidade...

De acordo com essa premissa, Deus se revela também nas areias do deserto, nos tiros de canhão das guerras e na Coca-Cola. E temos certeza de que é assim, mas isso não é responder à pergunta específica sobre a natureza da “nuvem” do Sinai ou da “glória de Yaveh”.

Isso, em meu povoado, se chama “dizer disparates...”.

Sim, estou plenamente de acordo com essa outra frase de Bauer que diz “que a nuvem é apenas o véu de Deus, do fogo e da luz celeste, abrasadores, que, sem véu, aniquilaria o homem”. Mas, presumo que tal coincidência se refere apenas às puras palavras, e não à intenção delas.

Em minha opinião geral – e insisto que posso estar enganado –, as coincidências entre as investigações atuais sobre os “não identificados” e a descrição bíblica da “nuvem” que cobriu o Sinai e do “fogo devorador no cume” são alarmantes.

“ Aquilo” sim tinha entidade para deixar os israelitas atônitos. “Aquilo” sim era fora do normal, do conhecido, diferente das tempestades e fenômenos meteorológicos a que os homens de Israel estavam acostumados. E tenho certeza de que a “nuvem” que escondeu o Sinai durante tantos dias não era mais que uma simples “camuflagem”, igual ou parecida às que já mencionei, e em cujo interior foram vistos ou captados por radar misteriosos “objetos voadores não identificados”.

E eu estava dizendo que Bauer acertou sem querer em sua interpretação sobre o “véu” que protegia os homens da luz e fogos divinos, porque, possivelmente, aqueles veículos siderais emitiam algum tipo de radiação, capaz de fulminar ou afetar gravemente quem caísse em seu raio de ação.

Por essa razão, justamente, Yaveh adverte diversas vezes Moisés acerca da necessidade de não ultrapassar determinados limites. “Guardai-vos de subir ao monte – diz Yaveh no Êxodo (19) – e até de tocar seu sopé. Todo aquele que tocar o monte morrerá. Mas ninguém porá a mão no culpado, que será lapidado ou flechado; seja homem ou animal, não ficará com vida...”.

Estas palavras – muito duras – só podiam encerrar um código: qualquer aproximação à nave – ou naves – da “equipe” de “astronautas”, que haviam descido no cume do Sinai, devia ser evitada a qualquer preço. Mas não por medo das reações dos judeus, e sim para salvaguardar a integridade física deles. Os “astronautas” deviam saber – tal como nos consta hoje – que uma contaminação de tipo radiativo poria a perder os planos previstos para aquele povo “escolhido”. Se o que estava sendo preparado era o desenvolvimento de uma raça especial e geneticamente preparada para a encarnação de um ser tão especial como Jesus, a ameaça de uma possível mutação de tipo genético devia ser desterrada a todo custo.

A isso, evidentemente, teríamos que acrescentar uma necessária e irremediável “teatralidade” dos “astronautas”, se realmente queriam ver florescerem as ideias e projetos do “Estado-Maior” celeste.

Apesar da “camuflagem”, a nave principal – talvez a única que desceu na montanha – devia ser vista muitos quilômetros além, e especialmente durante a noite. Hoje, temos centenas de milhares de casos de óvnis que foram vistos em todo o mundo e que brilham na escuridão com uma luz “como candeia”, “como brasas” ou “como mil sóis”, utilizando descrições das próprias testemunhas.

É justamente essa luminosidade e as fascinantes mudanças de cores que mais chama a atenção das pessoas que as viram. Muitas dessas testemunhas com quem pude conversar afirmam que se trata de um espetáculo majestoso e inesquecível. Algo que me recorda as expressões das “testemunhas da glória de Yaveh no Sinai”. Lembro as palavras de um médico do povoado de Guía, na ilha da Grande Canária, que foi testemunha, junto com outras pessoas, da quase aterrissagem de uma nave esférica e imensamente luminosa e transparente:

“ Aquilo irradiava majestade – disse Julio César Padrón. – Se existe alguma coisa parecida com Deus, tem que ser como ‘aquilo’...”

Fica evidente que se um médico do século xx – que viu o homem chegar à Lua – não tem palavras e conceitos para explicar a maravilha que diz ter visto, o que não aconteceria com os simples camponeses, artesãos ou pecuaristas de mais de 3.500 anos que formavam o povo judeu?

E Moisés foi chamado por Yaveh, e transpassou a nuvem, e permaneceu quarenta dias e quarenta noites no monte sagrado. Mas, por quê? O que aconteceu realmente nesse período de tempo? Que tipo de “instrução” Moisés recebeu? E o mais importante: que “tipo” de Deus era Yaveh?

14 Os relatos completos desses casos aparecem no livro *Encontro na montanha vermelha*, também de J. J. Benítez.

15 Ver nota de página anterior.

16 Teofania, entre outros significados, refere-se à presença de Deus.

17 Os textos da Escritura – tal como informam os professores de Salamanca – não coincidem quanto ao número de anos relativos à duração da permanência dos filhos de Israel na terra dos faraós. Assim, há uma dupla tradição: o Gênesis (15) diz na promessa de Deus a Abraão: “Tua descendência será escrava em terra estrangeira durante quatrocentos anos, e na quarta geração voltará para cá”. É o número de santo Estevão e Flavio Josefo.

Por outro lado, o Êxodo (12) fala de 430 anos, enquanto nas versões dos Setenta, Samarit, Vet.-Lat., computa-se o número de 430 anos para o tempo que os patriarcas e os israelitas passaram na Palestina e no Egito. Segundo são Paulo, esse número é computado desde a vocação de Abraão até Moisés. Dividindo o número 430 em dois, temos que se atribuem 215 anos para os patriarcas em Canaã e mais 215 para os israelitas no Egito. Esse é o número seguido por Eusébio. Logo, temos três números: 400, 430 e 215.

Em suma, e embora os exegetas não entrem em acordo, parece mais que provável que o povo judeu tenha permanecido em terras egípcias, pelo menos, dois séculos. Tempo mais que suficiente, como dizia, para se familiarizar com o campo e com todos os fenômenos naturais que nele se dão.

12. Moisés: quarenta dias de “treinamento”

É tão fascinante quanto difícil imaginar o que realmente aconteceu com Moisés e seu ajudante no interior ou nas proximidades da nave de Yaveh.

Algo, não obstante, foi registrado no citado livro sagrado, o Êxodo.

Sabemos, por exemplo, que após esses quarenta dias no topo do Sinai, os dois dirigentes do povo judeu receberam as famosas tábuas de pedra da Lei, “escritas pelo dedo de Deus”.

Diz o Êxodo que Yaveh lhes mostrou uns planos ou modelos de como devia ser a Morada e a Tenda do Encontro, que devia ser construída junto ao acampamento.

E que Yaveh lhes falou, também, do descanso sabático, das características e da forma de construir a referida Tenda da Reunião, bem como de todo um conjunto de máximas, normas e leis.

É muito possível – embora não esteja especificado diretamente no Êxodo – que Moisés tenha recebido uma “iniciação” especial que lhe permitisse melhor compreender o objetivo final daquela longa marcha pelo deserto.

Quem pode afirmar ou negar que Moisés não foi, então – durante esse longo mês dentro de uma nave espacial –, treinado ou instruído sobre os diferentes sistemas para “contatar” qualquer uma das muitas naves que, indubitavelmente, fariam parte da grande missão?

Seu cérebro, inclusive, pode ter sido “ativado” de uma forma especial, agilizando e desenvolvendo, assim, as adormecidas faculdades paranormais daquela civilização.

Por que não?

A realidade é que, quando desceu do Sinai, além das tábuas sagradas da Lei, Moisés pôs mãos à obra e ergueu, a certa distância do acampamento, a famosa Tenda do Encontro.

O Êxodo dedica nada menos que quinze capítulos às vicissitudes da edificação da Tenda, da Arca e de tudo o que devia reunir, a ornamentação,

os sacerdotes etc.

Aquela Tenda era realmente importante para Yaveh e para o povo judeu. Mas, por quê?

Para que tanta riqueza de detalhes nas medidas, materiais, distribuição etc.?

A resposta é fornecida pelo próprio Êxodo, no capítulo 40, versículos 34 a 38.

Diz assim:

Yaveh toma posse do santuário

A nuvem cobriu, então, a Tenda do Encontro, e a glória de Yaveh encheu a Morada. Moisés não podia entrar na Tenda do Encontro, pois a nuvem morava sobre ela e a glória de Yaveh enchia a Morada.

Em todas as marchas, quando a nuvem se elevava de cima da Morada, os israelitas levantavam o acampamento.

Mas se a Nuvem não se elevava, eles não levantavam o acampamento, à espera do dia em que se elevaria. Porque durante o dia a Nuvem de Yaveh estava sobre a Morada e durante a noite havia fogo à vista de toda a casa de Israel. Assim acontecia em todas as suas marchas.

Está claro que, concluída a Tenda do Encontro, uma das naves espaciais se situou sobre ela. E Moisés – o único “iniciado” – podia entrar nela, “falando cara a cara com Yaveh”, tal como relata o Êxodo.

Ali, talvez, recebesse as ordens ou recomendações oportunas. E dali – por que não? – o povo podia ouvir a “voz de Deus”.

Na realidade, tinha que ser muito simples para os “anjos” ou “astronautas” que a voz de Yaveh chegasse até o último recanto do acampamento judeu.

Concluído o êxodo pelo deserto, Salomão mandou edificar um soberbo templo na cidade de Jerusalém. E diz também, literalmente, o Livro Primeiro dos Reis (8, 10-12):

“ Ao saírem os sacerdotes do ‘Santo dos Santos’, a Nuvem encheu a Casa de Yaveh. E os sacerdotes não puderam prosseguir no serviço por causa da Nuvem, porque a glória de Yaveh enchia a Casa de Yaveh.”

Foi justamente nesse *sancta sanctorum* – um lugar especialmente projetado pela própria “equipe” de “anjos”, tanto na Tenda do Encontro como no Templo – que Yaveh se fez ver e ouvir em muitas oportunidades. Um lugar a que só os “iniciados”, ou seja, os sacerdotes, tinham acesso.

E foi até ali, portanto, que o sumo sacerdote do Evangelho apócrifo de Mateus foi para “consultar” Deus. E ali justamente ouviu a resposta. Um esclarecimento longo e muito específico sobre o que devia fazer com os “candidatos” para Maria e com as varas que cada um devia portar.

Se essas varas – como relata o apócrifo – foram depositadas durante certo tempo no “santo dos santos”, no lugar secreto e ao qual, sem dúvida, Yaveh tinha acesso direto, deve ter sido extremamente simples a preparação da escolha e de todo o “aparato” de que, necessariamente, teve que ser cercada...

Mas, continua no ar a pergunta-chave: Que tipo de Deus era Yaveh, então?



Moisés recebeu um intenso “treinamento” enquanto permaneceu no topo do Sinai?

13. Uma delicada “missão”

Poucos capítulos me causaram tanto medo quanto o que começo agora.

Medo de estar absolutamente enganado. Medo – principalmente – de ferir sensibilidades ou embaçar ideias.

Se o faço é, apenas, como expus no prólogo, porque meu coração assim dita. Porque, pessoalmente, tenho certeza do que aqui – penosamente – vou tentar expor. E porque, definitivamente, acho que o conceito que podemos ter de Deus se vê, com isso – é o que acredito, pelo menos –, seriamente enobrecido.

Tomara que não cometa um novo erro...

ALGUMA COISA FALHOU

Até para os exegetas e doutores mais retrógrados da Igreja, fica claro que “alguma coisa falhou” neste planeta.

A espécie humana se “desviou”. Ou, quem sabe, talvez “alguém” alheio a nosso mundo se encarregou de alterar o ritmo evolutivo.

E a humanidade decolou em desordem. Alterada pela morte e pelas doenças. Vítima da violência, da angústia e do egoísmo.

Os planos primitivos da Suprema Sabedoria transformaram-se em simples papel molhado.

Foi necessário, talvez, reorganizar tudo. Traçar um novo “projeto de homem”. Outro modelo.

Mas como fazer isso sem alarde? Como conseguir sem interferir na liberdade humana, premissa principal em toda criação divina?

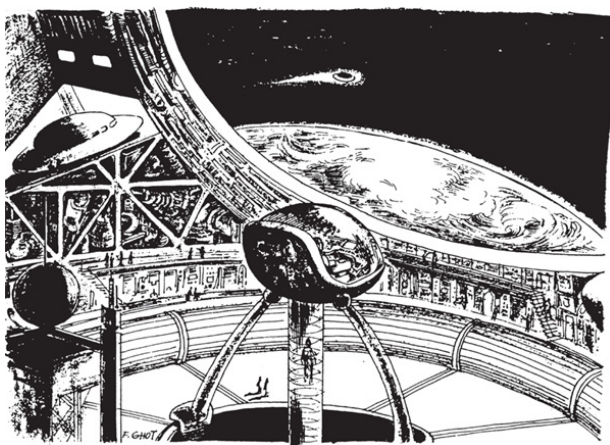
E o “alto-comando” – e continuo utilizando as palavras que fluem espontaneamente em meu coração – optou por enviar Alguém. Um ser suficientemente importante e preparado para causar o impacto necessário, não só no momento histórico e específico de sua existência no mundo, mas durante muitos séculos.

Alguém que – sutil, mas claramente – deixasse traçado o único caminho para endireitar o rumo dos homens da Terra.

E talvez esse “alto-comando” – após não poucos estudos e considerações – tenha determinado uma data.

E as “forças intermediárias” a serviço de Deus rastrearam o planeta de norte a sul e de leste a oeste. E fizeram seu relatório. E todos concordaram com um povo e uma região do mundo.

A “operação” devia se centrar nos homens que integravam uma raça ainda incipiente e que habitavam entre o Nilo e o Tigre. O chamado “Crescente Fértil” que, naquela época – há mais de 4 mil anos –, constituía o maior centro cultural do globo terrestre. Nenhum outro canto do planeta, quase com certeza, oferecia aos “exploradores do espaço” maior índice de progresso e florescimento.



Os “astronautas” a serviço de Yaveh “passaram pente fino” no mundo em busca de uma região adequada onde Jesus pudesse nascer...

Que continente podia reunir, em tão reduzidos quilômetros quadrados, um cruzamento tão sublime de culturas como as do Egito, Babilônia, Nínive ou Ur?

A África, talvez? Era evidente que não.

A Europa, sob o domínio de tribos bárbaras?

A Atlântida, supondo que houvesse existido, havia sido tragada pelas águas do oceano Atlântico cerca de 8 mil anos antes.

O que restava, então?

Só a América. Mas ainda seriam necessários pelo menos mais 2 mil anos para que florescessem no Novo Continente culturas tão promissoras como a maia, a inca ou a tolteca.

A Austrália, por sua vez, era uma região tão primitiva que nem sequer foi levada em consideração.

Quanto à Ásia, exceção feita à China, era também um território meio vazio e assolado por grupos tão belicosos quanto incultos.

A bem da verdade, apenas o Oriente Próximo e Médio haviam adquirido um nível mínimo para acolher tão alto “Enviado”.

E com o beneplácito do “alto-comando”, teve início a “Operação Redenção”.

PRIMEIRO PASSO: REUNIR UM POVO

Seguindo, talvez, um lento, metódico, mas rigoroso “plano”, os “comandos intermediários”, em estreita colaboração com os “astronautas”, foram selecionando e controlando determinados indivíduos e famílias. E começaram as aparições e “encontros” com os primeiros e antediluvianos patriarcas.

O objetivo número um para o “alto-comando” tinha que ser, evidentemente, o desenvolvimento ou estabelecimento de um povo ou de uma comunidade suficientemente estável. E, o mais importante: um núcleo humano virgem. Desprovido de ideias religiosas anteriores e indiferente aos mil deuses que tiranizavam e desconcertavam as consciências de egípcios, amorreus, babilônios etc.

Mas onde encontrar tamanha raridade? Efetivamente, esse povo não existia. Todos, em maior ou menor grau, estavam contaminados ou deformados.

Não houve outro remédio senão “criar” essa nação. E diz o Gênesis (12, 1-3):

“Yaveh disse a Abraão: Vai de tua terra, e de tua pátria, e da casa de teu pai, à terra que eu te mostrarei. De ti farei uma nação grande e te abençoarei. Engrandecerei teu nome; e sê tu uma bênção.”

Este tipo de promessas e aparições de Yaveh, como sabemos, acontecia naqueles tempos com certa regularidade.

É evidente que os responsáveis pela materialização do “plano” – os “astronautas” – queriam ir explicando a “seu” povo – ao povo de Deus – por que os haviam escolhido.

Tal como antecipei nas primeiras linhas deste ensaio, em boa lógica – e dentro da variadíssima escala de seres inteligentes que, tenho certeza, o Profundo criou –, o “alto-comando” responsável pela “Operação Redenção” teve que escolher ou designar para os “encontros” com os homens de Israel “forças” ou “civilizações” relativamente próximas a nossa forma física.

A escolha de seres de formas físicas diferentes da humana só teria gerado confusão. Se o “alto-comando” pretendia inculcar naquele novo povo a ideia de um único Deus, era preciso fazê-lo com extrema simplicidade.

E surgiram os “anjos”.

Curiosamente, nas quase duzentas intervenções desses seres no Antigo e Novo Testamento, sempre são descritos como jovens de grande beleza e de vestimentas brancas e brilhantes.

Suas formas, evidentemente, são humanas. Alguns, inclusive, chegam a passar inadvertidos entre o povo. Outros, como consta do Antigo Testamento, acompanham os patriarcas e comem com eles – caso de Abraão – ou os forçam a abandonar uma cidade – caso de Lot em Sodoma –, depois de deixar meio cega uma turba que os tentava violentar...

Para esses dois “astronautas” que foram até a casa de Lot, não me parece que seja excessivamente complicado deslumbrar momentaneamente a massa de moradores que os queria sodomizar. Uma civilização tão adiantada devia dispor de armas – raios paralisantes, gases anestésicos etc. – para casos extremos.

SAN LUIS. “ERA COMO UM ANJO”

E abundando na possibilidade de que aqueles “anjos” não fossem nada além de “homens” do espaço – “homens” de natureza física igual ou parecida à nossa –, quero relatar um fato que ocorreu há não muitos meses e que me fortaleceu nessa ideia.

O caso, ocorrido a cerca de 38 quilômetros da cidade argentina de San Luis, foi investigado com a minuciosidade e seriedade que caracterizam meu afetuoso amigo e irmão Fabio Zerpa.

Eis o que aconteceu:

Nas primeiras horas do sábado, 4 de fevereiro de 1978, um grupo composto por seis homens chegou de automóvel ao clube de pesca da cidade, situado no dique La Florida.

Desceram do carro Manuel Álvarez, de 32 anos; Ramón, Pedro e Jenaro Sosa, de 30, 32 e 34 anos, respectivamente; Regino Perroni, de 26, e Eduardo Lucero, de 24 anos. Após uma refeição frugal, prepararam seus elementos de pesca a fim de, uma vez mais, tentar a sorte nas águas do dique. Para isso, utilizaram uma balsa.

De acordo com seus relatos, a partir das 2h30 da madrugada, começaram a registrar rajadas de vento, que provocaram uma forte correnteza. Somente Manuel Álvarez, Pedro Sosa e Regino Perroni continuaram com suas varas de pescar. O resto decidiu dormir “para estar em forma pela manhã”.

O tempo passou, e às 5 horas uma súbita e intensa luz – “como se o Sol estivesse no zênite” – surpreendeu a todos. Aquela luminosidade era tão forte que tiveram que fechar os olhos e cobrir o rosto com as mãos por alguns instantes. Ao abri-los, encontraram em frente a eles um objeto voador com a forma de um prato de sopa invertido, do qual havia descido um estranho ser. Tinha um sorriso enigmático e apresentava as duas mãos estendidas para o grupo de atônitos pescadores. Suas palmas estavam voltadas para cima e os olhava fixamente.

Aquela situação se prolongou por cerca de um minuto. “Na realidade – contaram as testemunhas – não poderíamos precisar com exatidão o tempo transcorrido. Os segundos pareceram séculos...”

Por último, o tripulante da nave tornou a entrar nela e depois, em segundos, empreendeu voo e desapareceu.

“Tinha um corpo perfeito”

Para Manuel Álvarez, auxiliar de tráfego da Aerolíneas Argentinas no aeroporto de San Luis, “foi como uma visão que nos houvesse capturado”.

Eis aqui seu relato:

“ Por volta das 5 horas da manhã tudo se iluminou, como se fosse um dia de Sol radiante. Quando, após a primeira surpresa, abri os olhos, vi uma luz imensa. Algo assim como vários refletores desses que se usam nos estúdios de televisão, mas muito mais potente.

“ Em um instante e a uma velocidade desconcertante, surgiu um disco voador que freou de repente e ficou suspenso a uns 3 metros do chão, a uns 25 metros de nossa balsa. Então, da parte inferior saiu uma escadinha igual à dos aviões Focker, mas sem corrimão. Desceu um ser muito estranho por ela.

“ Parecia um ser humano. Porém, sua pele tinha uma cor e uma textura muito fortes. Como um boneco... Tinha uns 2 metros de altura e seu corpo era perfeito. Parecia um ‘super-homem’.

“ Desceu da nave com movimentos completamente normais e parou em frente a nós, a uns 15 metros da balsa. Sorriu e mostrou as palmas de suas mãos, com umas luvas de motorista, sem dedos. Usava um traje prateado e escamado, mais ou menos como a pele dos peixes...

“ Tinha um escafandro. Mas aquilo não nos impediu de ver seu rosto, sereno, rosado e de forte textura.”

Quando os investigadores perguntaram se aquele ser havia tentado se comunicar com eles, Álvarez respondeu: “Acho que não. Pelo menos não ouvimos nada nem pudemos perceber mensagem telepática alguma, conforme soube que aconteceu em outros casos.

“ Olhou sorridente para nós. Entrou na nave e em um instante desapareceu sem deixar nenhum rastro ou som.

“ Nós estávamos tão confusos e assustados que não conseguíamos nem falar...”

“Só faltava um par de asas...”

A narração de Pedro Sosa, funcionário do governo local, não foi muito diferente. Não obstante, acrescentou alguns elementos nos quais, ao que parece, seu companheiro não reparou:

“ Só faltava um par de asas – disse – para que parecesse um desses anjos que se veem nos afrescos das igrejas ou nas gravuras antigas. A perfeição

de seu corpo, o brilho daquilo que parecia ser sua vestimenta e o escafandro que cercava sua cabeça como uma auréola me fizeram lembrar disso.

“ Quanto ao óvni – acrescentou – tinha a forma comum desses objetos: lembrava um prato de sopa virado para baixo. Na parte superior, pude distinguir uma espécie de grande janela, de onde saíam cintilações verdes e avermelhadas. Por baixo emitia uma intensa luz branca, como um imenso foco. Quanto a sua estrutura, talvez chegasse aos 20 metros de diâmetro. A cor era cinza-chumbo.”



“Era como um anjo...”, disseram as testemunhas da cidade argentina de San Luis a respeito de um tripulante que desceu de uma nave muito brilhante. Isso não faz lembrar as inúmeras descrições da Bíblia em relação aos “anjos” do Senhor?

“Eu me assustei e corri”

“ Praticamente, a única coisa que lembro é que muito medo me invadiu – afirmou, por sua vez, Regino Perroni, funcionário do cassino provincial –, então, quando a luz me cegou, só consegui sair correndo para acordar meus colegas. Por isso, não vi esse misterioso ser, mas vi perfeitamente o óvni. Especialmente quando decolou. No meio daquela luz vimos Pedro e Manuel paralisados em frente à nave.

“ Quando o objeto se afastou e as trevas voltaram, não soubemos o que fazer nem o que dizer durante quase quinze minutos. Estávamos abobados.

O amanhecer, em comparação com a luz do óvni, parecia noite fechada, sem lua nem estrelas.”

UM CONCEITO CHAMADO “YAVEH”

Se esses “encontros” – centenas no mundo todo – trazem à mente das testemunhas as velhas ideias de “anjos”, como comprovamos no caso de San Luis, que sentimentos e deduções brotariam nos cérebros de homens de mais de 2 mil anos diante de situações parecidas?

Todos os caminhos parecem nos levar a um mesmo final: nossa civilização está decolando para as estrelas, e agora – só agora – é capaz de começar a descobrir a verdadeira natureza daqueles “anjos” bíblicos...

Seres que, com certeza, se vestiam de forma parecida com o que nos contam, hoje, os testemunhos de tripulantes. Usavam uniformes ou trajes adequados aos curtos ou longos deslocamentos no interior de suas naves. Vestimentas que, à luz de seus brilhantes veículos, deviam resplandecer majestosamente.

Sinto verdadeira impaciência por ver chegar o dia em que um sacerdote seja levado para fora da Terra em um veículo espacial. Acho que todos sentiremos uma profunda emoção ao ver duas ideias tão aparentemente díspares fundidas: “Deus e tecnologia...”.

E o “plano” da Redenção do gênero humano entrou em funcionamento. Mas aquela magna operação não podia frutificar se os patriarcas primeiro, e o povo escolhido depois, não recebessem com clareza a ideia de um Deus único, soberano e poderoso.

Estavam ainda frescas, em todo o mundo, as múltiplas erupções de deuses e divindades que se reproduziam como gafanhotos e que, definitivamente, iam sangrando a verdadeira Verdade. Uma Verdade – também é certo – que duvido muito houvesse podido ser revelada a todos os povos existentes na superfície da Terra.

“A plenitude dos tempos” – acho – podia estar estreitamente relacionada com este momento histórico da revelação, por parte das “hierarquias celestes”, desse único e grande Deus.

Sem essa noção básica da existência de um único Criador, o povo escolhido para a encarnação do Enviado não teria sido útil.

Isso devia constar dos primeiros “artigos” do projeto de Redenção humana. E os “astronautas” foram comunicando tão decisivo “conceito” a patriarcas e, por último, aos israelitas. E devem ter feito isso sem pressa. Suave, mas firmemente. Fazendo com que coincidisse, logicamente, as aparições de suas naves – com todo seu esplendor – com a transmissão da ideia. Era de vital importância que aquela gente, intoxicada pelas centenas de deuses que enchiam os corações do “Crescente Fértil”, ficasse total e definitivamente impressionada e convencida com a “glória de Yaveh”. Os “astronautas” – era lógico – jogaram com vantagem. Nenhum daqueles deuses de bronze, ouro ou pedra de Ur, Nínive ou Egito podia voar, irradiar luz, destruir um exército ou uma cidade ou fazer brotar água das rochas do deserto...

Que poder tem, hoje, o cântico monótono e o tum-tum do tambor de um feiticeiro africano ao lado das sulfamidas ou de uma cirurgia de catarata?

E nasceu, pouco a pouco, o conceito e o termo “Yaveh”. E aqui devem ter começado os primeiros graves contratemplos para a “equipe”. Nenhum daqueles seres – isso está claro – era realmente Deus. Eles mesmos, em alguns “encontros próximos” com as testemunhas, encarregaram-se de deixar isso bem claro: “Somos apenas servidores de Deus”, repetem.

E assim devia ser, na verdade. Eu não sei como Deus é, mas sei que sempre se vale de suas criaturas ou de “intermediários” para agir. Não imagino o Grande Criador dentro de uma nave espacial descendo no cume do monte Sinai...

Se uma das partes da “missão”, insisto, era inculcar naquele povo elementar a ideia de um Deus único, parece totalmente consequente e justo que aproveitassem seu poder e majestade para semear seu propósito.

E aqueles seres – a grande “equipe” que com certeza a “missão” formava – invocaram o nome de Deus ou de Yaveh sempre que consideraram oportuno.

Era necessário que a jovem comunidade associasse aqueles “fenômenos” luminosos, aqueles objetos brilhantes e seus tripulantes com algo sagrado e divino. Deve ter bastado uma leve orientação dos “astronautas” para que o povo escolhido identificasse tudo aquilo com o único e verdadeiro Criador.

E, em alguns “encontros”, inclusive, a voz que parte da “nuvem” ou da “glória de Yaveh” afirma, com total clareza, que essa é a “voz de Deus”.

Mas, que mais podiam fazer?

Será que os “anjos”, ou tripulantes das naves espaciais, podiam se sentar e dialogar com os patriarcas – todos eles pastores ou agricultores – e expor o “plano” de uma Redenção?

Não era o momento oportuno.

A Verdade não teria sido assimilada por aquela gente elementar. Nem sequer hoje estamos em condição de fazer isso...

Os “astronautas” tinham diante de si uma tarefa tão complexa e laboriosa – dada a angustiantemente curta evolução mental de seus “protegidos” – que se viam obrigados, inclusive, a “camuflar” sob a aparência de “ordem divina” ou de “aliança” algo tão elementar como a saúde e higiene públicas.

“ Como constituir uma comunidade geneticamente aceitável se nem sequer conheciam as medidas básicas de saúde?

Ou será que pode ter outro sentido o fato de um Deus falar com aquele povo (Gênesis, 17, 1-15) e estabelecer como “aliança”... o corte do prepúcio?

Hoje, sabemos que a circuncisão constitui uma medida sanitária de primeira ordem.

Se aquele povo incipiente tinha que melhorar do ponto de vista biológico, era obrigado a começar por esta e por outras medidas, como relata o Levítico.

Vamos revisar, por curiosidade, a citada passagem do Gênesis:

A aliança e a circuncisão

17. Quando Abrão tinha 99 anos, surgiu Yaveh e disse:

“ Eu sou *Sadday*.¹⁸ Anda em minha presença e sê perfeito. Eu estabeleço minha aliança entre nós dois, e te multiplicarei sobremaneira.”

Caiu Abrão, rosto em terra, e Deus assim falou:

“ De minha parte, eis minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de povos. Não te chamarás mais Abrão; teu nome será Abraão (Abraham), pois pai de multidão de povos te constitui. Far-te-ei fecundo sobremaneira, transformar-te-ei em povos, e reis sairão de ti. E estabelecerei minha aliança entre nós dois, e com tua descendência depois de ti, de geração em geração: uma aliança eterna, de ser eu teu Deus e de tua posteridade. Darei a ti e a tua posteridade a terra em que andas como peregrino, todo o país de Canaã, em posse perpétua, e eu serei o Deus dos teus.”

Disse Deus a Abraão:

“ Guarda, pois, minha aliança, tu e tua posteridade, de geração em geração. Esta é minha aliança que haveis de guardar entre mim e vós – também tua posteridade: Todos os vossos homens serão circuncidados. Circuncidareis a carne do prepúcio, e isso será o sinal da aliança entre mim e vós. Aos oito dias, será circuncidado entre vós todo homem, de geração em geração, tanto o nascido em casa quanto o comprado com dinheiro de qualquer estranho que não seja de tua raça. Devem ser circuncidados o nascido em tua casa e o comprado com teu dinheiro, de modo que minha aliança esteja em vossa carne como aliança eterna. O incircunciso, o homem que não tenha circuncidada a carne de seu prepúcio, esse será apagado dentre os teus por ter violado minha aliança.”

A preocupação de “Yaveh” – da “equipe” espacial, definitivamente – com o estado de saúde daquele povo escolhido é palpável.

E, na verdade, deviam ter razões de sobra...

Mas, como explicar a gente tão primitiva a necessidade do corte da pele do prepúcio para evitar, assim, a transmissão de doenças que arruinariam o “plano”?

Era muito mais inteligente – e prático – que o povo assimilasse essa medida sanitária como um rito ou aliança. Dessa forma quase infantil, a “equipe” poupava o trabalho de recordar quase diariamente a necessidade da circuncisão.

A CIRCUNCISÃO:

UM NOVO ERRO INTERPRETATIVO DA IGREJA?

É altamente significativo que já desde os primeiros “encontros” entre os “astronautas” e os patriarcas – acabamos de ver isso na “visão” de Abraão –, a “equipe” se preocupe e anteponha a circuncisão a outros planos concretos. E mesmo que só para citar, convém chamar a atenção para essa autoidentificação dos “astronautas” – *Sadday* –, que nada tem a ver com o nome revelado a Moisés anos depois. O porquê dessa mudança de “Sadday” (Deus da Montanha ou da Estepe) para “Yaveh” é algo que, como tantos outros assuntos, ficou no enigma.

Cabe pensar que, no início, as naves dos “astronautas” foram obrigadas a permanecer longos períodos nas montanhas. Justamente naqueles tempos iniciais, Abraão e sua família habitaram, também, a região montanhosa de Jarã...

Ali devem ter acontecido os primeiros contatos da “equipe” com a semente do futuro povo escolhido: com os patriarcas. Talvez por isso

conservaram o nome de “Sadday”. Mas, com o passar dos séculos, estabelecendo-se os judeus nos desertos do Sinai, os “astronautas” mudariam o epíteto de “Deus da Montanha” por “Yaveh”.

Mas, voltemos ao tema da circuncisão.

Que interpretação a Teologia Católica dá, hoje, a essa “aliança” entre Yaveh e os judeus?

Em síntese, os teólogos antigos – e também os atuais – resolveram a questão com declarações como as seguintes:

“ A circuncisão é um rito, sem dúvida, tomado do ambiente, que recebe um novo sentido, do vínculo com a comunidade abençoada de Abraão. E a razão da escolha desse estranho rito deve ser procurada, sem dúvida, na promessa de bênção à descendência, e por isso o órgão da transmissão da vida é santificado e consagrado...”

Outros exegetas e estudiosos da Bíblia afirmam que essa “operação” “se transforma em sinal que recordará a Deus (como no caso do arco-íris) sua aliança e ao homem sua pertinência ao povo escolhido e as consequentes obrigações”.

São Paulo, por quem sinto uma grande curiosidade e admiração, afirmou sobre a circuncisão: “É o selo da justiça da fé”.

Na verdade, nenhuma dessas interpretações me convence.

Não acredito que Deus, já disse, se servisse de uma “aliança” tão pouco poética, a não ser, claro, que tivesse outros fins...

Por que, então, Yaveh ou Sadday se estende com tamanha riqueza de “detalhes” ao comunicar a Abraão a “aliança” em questão?

“ ... aos oito dias... a carne do prepúcio... de geração em geração...”

É verdade que a “equipe” falou de aliança, mas, como dizia anteriormente, como podiam fazer Abraão compreender os múltiplos obstáculos de tipo genético, infeccioso etc. que poderiam cair sobre aquela futura nação se não respeitasse mínimas normas sanitárias?

Vamos analisar, mesmo que só superficialmente, alguns dos inconvenientes e consequências que derivam hoje – e imaginemos naquela época – da fimose.¹⁹

De acordo com as consultas que fiz a prestigiosos urologistas, a principal doença que um homem afetado de fimose pode contrair é a “balanite”.

Essa doença é uma inflamação da superfície mucosa da glândula, que, por ser frequentemente acompanhada de um inchaço na mucosa do prepúcio, motiva o quadro de “balanopostite”. Esse processo inflamatório, com participação de ambas as partes, é mantido por germes comuns.

Logicamente – afirmam os médicos –, a fimose favoreceria severamente esse tipo de infecção por não permitir os cuidados higiênicos normais. Provocaria, ainda, o estancamento de secreções irritantes e dos próprios germes no local.

Na forma aguda da doença, o paciente sofre tumefação do prepúcio e da glândula – que agrava naturalmente a fimose, caso já exista –, surgindo vermelhidão, erosões mais ou menos extensas da mucosa, dor aguda ao tato e eventuais transtornos da micção.

Nas formas crônicas, esses sintomas aparecem atenuados e a evolução, geralmente, pode levar à esclerose do prepúcio.

O paciente que sofreu “balanite” crônica – e isso é de grande importância – determina, estatisticamente, uma maior incidência de câncer de pênis. Essa doença, e mais ainda a “balanopostite”, pode ser considerada um processo que tem uma influência positiva e direta no surgimento de câncer nesse órgão.

Evidentemente, a “balanopostite”, que implica a existência de uma inflamação na glândula e no prepúcio e, obviamente, a presença de germes, pode ser transmitida durante o ato sexual, com a consequente contaminação vaginal.

Por esse motivo, os urologistas aconselham a abstenção sexual durante a evolução clínica desse quadro inflamatório, supondo que esta circunstância já dificultaria o coito...

A circuncisão – e já começamos a ver as vantagens da “aliança” de Yaveh com os judeus –, evidentemente, evita em uma alta porcentagem o surgimento de “balanopostites” agudas e, mais ainda, das formas crônicas.

Outra circunstância importante que afeta o homem não circuncidado é a ejaculação precoce.

Por ter a glândula permanentemente coberta, o afetado tem mais sensibilidade que o homem operado. Neste, pelo constante contato com a roupa, ocorre um certo reforço das células epiteliais do prepúcio, como

resposta ao estímulo mecânico do toque. E o circuncidado, dessa forma, perde uma discreta sensibilidade na glândula.

Essa leve perda de sensibilidade permite ao homem operado coitos de maior duração, proporcionando à mulher, inclusive, mais intensa satisfação sexual, e – o que é mais importante – evita, de certo modo, a ejaculação precoce.

É engraçado que os “astronautas” velassem, inclusive, por esses “detalhes” eróticos do povo israelita...

Ao inquirir os especialistas em urologia sobre a existência de estatísticas, mundialmente falando, sobre essas doenças em homens “não circuncidados”, eles responderam:

“ A balanopostite é muito mais frequente no homem não circuncidado. Neste sentido, as estatísticas são tão numerosas quanto concludentes. É demonstrativa a verificada no Mont Sinai Hospital de Nova York sobre pacientes de raça judaica, que permitiu observar um único caso de câncer de pênis, dando-se a circunstância de que o paciente não estava circuncidado.”

Em geral, as doenças venéreas contraídas por ascensão dos germes pela uretra durante o coito encontram, sem dúvida, uma circunstância favorecedora em homens com fimose ou não circuncidados, justamente pela possibilidade de acúmulo de germes e a dificuldade de realizar uma higiene adequada.

Minha surpresa foi considerável ao ouvir a resposta dos médicos à pergunta específica de como a circuncisão de seus homens poderia afetar um povo inteiro, como foi o caso dos judeus há 3.200 anos.

Do ponto de vista genético – explicaram-me –, e de forma direta, o fato da circuncisão não mostrou uma influência sobre a descendência. Porém, a possibilidade de um aumento das doenças venéreas – principalmente as contraídas pela possível subida dos germes pelo canal geniturinário – pode provocar esterilidade no homem e na mulher.

Nestas considerações – apontaram os especialistas – não pretendemos incluir a sífilis, cuja existência não está provada naquela época, mas sim a blenorragia em primeiro lugar e, talvez, a linfogranulomatose venérea e o cancro mole de Ducrey.

Uma raça circuncidada, conseqüentemente, melhoraria seu índice de natalidade, posto que cairia o das doenças potencialmente esterilizantes, como são os casos já mencionados.

Em resumo: as vantagens da circuncisão são basicamente higiênicas, com probabilidades de aumento na natalidade e prolongamento do ato sexual.

Os “astronautas”, então, tinham razões de sobra para estabelecer a circuncisão como uma prática obrigatória entre os homens que deviam formar o povo de Israel. Um povo que podia se ver afetado, como as demais comunidades humanas, pelas doenças venéreas, pelas infecções e, definitivamente, pela falta de higiene.

E, posto que também não era questão de ignorar o ritmo evolutivo daquela gente – injetando antibióticos ou “penicilinas espaciais”, – a “equipe” não teve mais remédio senão recorrer ao símbolo do rito ou da cerimônia para atingir a verdadeira meta: uma raça saudável.

Não concordo, portanto, com essa outra corrente da Igreja que tenta explicar a “aliança” da circuncisão como uma “iniciação”, com base no fato de que outros povos do mundo já a praticavam antes mesmo do povo judeu.

Duvido muito que os “astronautas” tivessem o menor interesse em iniciar aquele povo em ritos mais ou menos mágicos ou misteriosos, visto que, justamente, o que tentavam era inculcar nos israelitas a ideia básica de um Deus único, onipotente e implacável para com seus inimigos...

O fato certo de que outros povos como o egípcio, etíope, fenício, sírio, bem como muitos grupos étnicos de África, Polinésia, América etc., praticassem desde muito antigamente a circuncisão masculina e a extirpação do clitóris na mulher, não está justificando – longe disso – a decisão de Yaveh. Isso seria absurdo, se partimos da premissa de que estamos falando da “divindade” ou, de acordo com minha hipótese, de “intermediários” do grande Deus.

Repito: as razões tinham que ser outras... Razões puramente higiênico-sanitárias.

Mas o programa de trabalho dos “astronautas” não ia acabar, do ponto de vista “médico”, com a implantação da circuncisão.

Se continuarmos lendo a Bíblia – especialmente o texto Levítico – veremos o fabuloso “manual” de medicina preventiva que aqueles seres ditaram.

TIVERAM QUE FAZER TUDO

A verdade é que aquele grupo de “homens do Espaço” – sempre porta-vozes da vontade de Deus e do “alto-comando” – teve que fazer praticamente tudo na ordem da constituição social, econômica, religiosa e até política da comunidade escolhida.

Partindo do zero e invocando sempre o nome de Yaveh, explicaram a Moisés e a outros “iniciados” como fazer os censos, como construir seus acampamentos em pleno deserto, como deviam ser distribuídas as doze tribos, como tratar os leprosos e impuros, como separar os alimentos “puros” dos “impuros”, como temperá-los, como saber distinguir os animais propícios para o consumo dos que podiam ser perigosos ou nocivos...

O Levítico é revelador nesse sentido. Jamais, em toda a História de nossa humanidade, um “deus” havia se preocupado em confeccionar tão perfeito “catálogo” das coisas adequadas e não adequadas para a despensa...

O “trabalho”, sem dúvida, não era gratuito ou folclórico. Aquelas normas da “equipe” celeste obedeciam a razões precisas e vitais. Razões de saúde, nem mais nem menos.

E sem intenção de me estender no assunto dos “alimentos” puros e impuros, vejamos um mero exemplo:

No Levítico (11, 1-30), os “astronautas” fornecem a lista desses alimentos. Entre os animais considerados “impuros” é citado, entre os de terra, o porco. Entre os “malditos” do mar, todos aqueles “que tenham pés”.

Se refletirmos sobre esses dois exemplos, notaremos a enorme carga sanitária dos conselhos da “equipe”. Por um lado, o porco, por não estar sujeito a um rigoroso controle veterinário, pode transmitir ao homem as perigosas doenças conhecidas como teníase e triquinose.

Por outro, os “animais do mar e com patas” – que não são outros senão as saborosas centolas e outros mariscos – foram considerados “impuros”

pelos “astronautas” por uma simples razão, fácil de compreender em nossos tempos: há 3 mil anos, e em pleno deserto, o possível armazenamento e posterior consumo desse tipo de exemplar marinho implicava o grave risco de decomposição, devido principalmente às altas temperaturas (até 70° no verão). Uma intoxicação por marisco naqueles tempos – e ainda agora, se não for tratada a tempo – teria sido catastrófica.

E o que podiam fazer, uma vez mais, os “astronautas”, se era totalmente impossível que fornecessem câmaras frigoríficas ou os correspondentes “controles veterinários” ao recém-fundado povo judeu? Só o “truque” de uma ordem divina podia garantir um certo alívio na incidência de epidemias, infecções intestinais, índices de mortalidade etc.

Foi pouco tempo depois – já iniciado o êxodo – que os “astronautas” se viram realmente submetidos aos mais árduos problemas.

¹⁸ *Sadday*: parece que se tratava do antigo nome divino usado na época patriarcal antediluviana. Mas o significado não está claro. Pode se tratar do “Deus da Montanha”, segundo o acádio (*sadu*). Também poderia ser entendido como “Deus da Estepe”, segundo o hebraico (*Sadeh*).

¹⁹ Fimose: estreiteza do orifício do prepúcio, que impede a saída da glândula.

14. Os “astronautas” preparam o Êxodo

Apesar de suas formidáveis naves, da insuspeitada tecnologia que utilizavam e do extremo conhecimento dos lugares onde estavam sendo registrados os acontecimentos, os “astronautas” tropeçaram com o primeiro grande problema para controlar e manter, em pleno deserto, aquela multidão de mais de 600 mil homens, sem contar os rebanhos.

Ainda por cima, a rígida postura do faraó – lógica, por outro lado –, que não consentia que os eficazes escravos judeus fossem embora, complicou tudo.

E muito apesar da “equipe”, o povo egípcio teve que ser dissuadido. Primeiro com as pragas e outras calamidades. Por último – e imagino que esta decisão deve ter sido dolorosa para os “astronautas” –, com o sangrento massacre dos primogênitos.

Eu me perguntei muitas vezes: não puderam encontrar outra solução para que os israelitas pudessem sair do Egito?

A verdade é que a imagem de Yaveh não fica muito bem depois daquele “sacrifício”...

Por que sacrificar tantos inocentes?

É possível que os responsáveis pela missão tivessem suas razões para fazer aquilo.

Para mim, porém, este é um dos pontos mais obscuros da “operação”. Sempre considere Deus como doador de vida. Jamais como verdugo, e muito menos de crianças inocentes...

No fundo, esse massacre reforça minha certeza de que a “equipe” era formada por “astronautas”. Seres que, definitivamente, também podiam errar.

A COLUNA DE FOGO

O certo é que aquela partida – o grande êxodo – devia preocupar profundamente os “astronautas”.

E, desde o primeiro instante, uma ou várias naves puseram-se à frente da grande massa humana. Assim parece se depreender do texto recolhido no capítulo 13 do Êxodo:

... Partiram de Sukkot e acamparam em Etam, à margem do deserto.

Yaveh ia à frente deles, de dia em coluna de nuvem para guiá-los pelo caminho, e à noite em coluna de fogo para iluminá-los, de modo que pudessem marchar de dia e de noite. Não se afastou do povo nem a coluna de nuvem de dia, nem a coluna de fogo à noite.

A descrição da “coluna” de nuvem ou de fogo coincide com o que, há anos, nós, estudiosos e investigadores da Ufologia, conhecemos como naves cilíndricas, “charutos” ou grandes objetos fusiformes.

Não raro, trata-se de naves “mães” ou “nutrizes” – de dimensões consideráveis – dentro das quais há outros veículos menores, quase sempre utilizados em missões exploratórias.

Hoje, quando as testemunhas da passagem desses gigantescos óvnis tentam descrevê-los, quase sempre são associados com formidáveis “colunas voadoras”, “charutos voadores”, “cilindros” etc.

Se esses objetos são observados durante a noite, as testemunhas recordam, maravilhados, a potência de sua luz e as diversas cores que emitem.

Como é possível que a descrição do povo judeu há mais de 3 mil anos coincida – e de que forma! – com a das testemunhas de óvnis “nutrizes” de nossos dias?

Na minha opinião, a longa marcha pelo deserto exigia a presença constante das naves maiores. As razões são óbvias: além do diário abastecimento de homens e rebanhos, a “equipe” de “astronautas” ia ter que velar pela segurança física daquelas centenas de milhares de israelitas, que se veriam acossados pelas epidemias, pela sede e pelos ataques dos povos do grande deserto.

Ao mesmo tempo, a “equipe” teria que ensinar aquele povo a conviver de acordo com uma nova Lei e um novo e único Deus, conforme expus em capítulos anteriores.

E, efetivamente, as mencionadas naves “nutrizes” não tardaram a demonstrar sua eficácia...



A “nuvem” e a “glória” de Yaveh e a “coluna” de fogo, na opinião de muitos investigadores de óvnis atuais, eram apenas termos que serviam ao povo judeu para designar uma mesma coisa: as naves espaciais da “equipe” de Yaveh.

15. Dois massacres muito pouco claros...

Eis outro assunto tão obscuro quanto a morte dos primogênitos egípcios: o descalabro ocasionado por “Yaveh” ao exército do faraó na não menos famosa e misteriosa passagem dos israelitas pelo mar Vermelho.

Lendo o Êxodo (14, 1-5), começamos a suspeitar que a “equipe” de “anjos” de Yaveh sabia das possíveis intenções do exército egípcio. E mais: diante das palavras de Yaveh a Moisés, não temos mais remédio senão pensar que – por razões ocultas – os tripulantes daquelas naves tinham interesse em deixar as tropas do faraó fora de combate, demonstrando ao povo escolhido, uma vez mais, o poder do Deus que os acabara de tirar da escravidão.

Senão, como entender essas frases de Yaveh a Moisés?

Falou Yaveh a Moisés, dizendo:

“Dize aos israelitas que voltem e acampem em frente a Pi Hajiot, entre Migdol e o mar, em frente a Baal Sefon. Em frente a esse lugar acampareis, junto ao mar. O faraó dirá dos israelitas: ‘Andam errantes pelo país, e o deserto lhes fecha o passo’. Eu endurecerei o coração do faraó, e ele os perseguirá; mas eu manifestarei minha glória às custas do faraó e de todo seu exército, e saberão os egípcios que eu sou Yaveh.”

Assim fizeram.

Depois de 2 mil anos, e muito especialmente depois da construção do canal de Suez, o antigo território que serviu de palco para o grande êxodo do povo judeu mudou tão substancialmente que os especialistas não conseguem entrar em um acordo a respeito do lugar exato em que se deu a milagrosa travessia pelas águas.

O Êxodo, porém, estabelece com clareza que Yaveh guia os israelitas até o chamado “mar de Suf”.

Diz assim:

Quando o faraó deixou o povo sair, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, embora fosse mais curto, pois Ele disse a si mesmo:

“Que não ocorra que, ao se ver atacado, o povo se arrependa e volte para o Egito.”

Deus fez o povo dar uma volta pelo caminho do deserto do mar de Suf...

E prossegue a Bíblia: “Partiram de Sukkot e acamparam em Etam, à margem do deserto”.

O ruim é que os especialistas também não entram em acordo quanto à localização do citado mar de Suf. Em hebraico, *yam suf* significa “mar das Canas”. Em outras ocasiões, essa palavra foi traduzida, também, como “mar Vermelho”. E o caso é que, se repassarmos os Livros Sagrados, veremos que falam, em diversas ocasiões, do “mar dos Juncos” ou “mar dos Canaviais”.

Em Josué, por exemplo, diz o capítulo 2, 10:

“ ... Porque soubemos como Yaveh secou as águas do mar das Canas diante de vós em vossa saída do Egito.”

Hoje, sabemos, porém, que não crescem canaviais nas margens do mar Vermelho. Esse “mar” a que a Bíblia faz alusão deve ter existido de verdade, mas ao norte do que hoje é o golfo de Suez. A construção do grande canal e o passar do tempo mudaram completamente a velha fisionomia daquele território. Nada se sabe, por exemplo, do lago Ballah, situado ao sul da rota dos filisteus. Também desapareceu.

Pelo que consta dos arquivos egípcios, nos tempos de Ramsés ii, o golfo de Suez se comunicava com os lagos “Amargos”. E essas ramificações – na maioria pantanosas – chegavam, inclusive, até o lago Timsah, o lago dos Crocodilos.

Há, então, a possibilidade de que a Bíblia se refira justamente a essa região pantanosa quando fala do “mar de Suf ou dos Canaviais”. Nas marismas que os lagos “Amargos” deviam formar podia haver juncos e canas.

Os “astronautas”, enfim, preferiram tirar a multidão judia por essa região que se arriscar a se envolver em maiores conflitos se pegassem a rota do Leste, a dos ferozes filisteus. O próprio “Yaveh” comenta no Êxodo (13, 17-19).

Era lógico que a “equipe” não quisesse se preocupar e preocupar os israelitas com um problema tão grave como as constantes e sangrentas lutas com aquele povo, e que, sem dúvida, teriam tido que enfrentar caso fossem para o Canaã pela rota mais curta.

DE NOVO AS NAVES

E, como apontava no início deste capítulo, os “anjos” de Yaveh não tardaram muito a utilizar as grandes naves...

Nessa ocasião foi contra o exército do faraó.

Mas, vamos seguir o fio da narração, como aparece no Êxodo:

Quando anunciaram ao rei do Egito que o povo havia fugido, mudou o coração do faraó e de seus servidores a respeito do povo, e disseram:

“Que foi que fizemos permitindo que Israel deixe de nos servir?”

O faraó mandou atrelar seu carro e levou consigo suas tropas. Pegou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, montados por seus combatentes. Yaveh endureceu o coração do faraó, rei do Egito, que perseguiu os israelitas, mas os israelitas saíram desanimados. Os egípcios os perseguiram: todos os cavalos, os carros do faraó, com a gente dos carros e seu exército; e os alcançaram enquanto acampavam junto ao mar, perto de Pi Hajirat, em frente a Baal Sefon. Quando o faraó se aproximou, os israelitas ergueram seus olhos, e vendo que os egípcios marchavam atrás deles, temeram muito e clamaram a Yaveh. E disseram a Moisés:

“Por acaso não havia sepulturas no Egito? Precisavas nos trazer para morrer no deserto? Que fizeste conosco tirando-nos do Egito? Não te dissemos claramente no Egito: deixa-nos em paz, queremos servir os egípcios? Porque é melhor servir os egípcios que morrer no deserto.”

Respondeu Moisés ao povo:

“Não temais; estais firmes e vereis a salvação que Yaveh vos outorgará neste dia, pois os egípcios que agora vedes, não voltareis a ver jamais. Yaveh lutará por vós, que não tereis com que vos preocupar.”

TRAVESSIA DO MAR

Disse Yaveh a Moisés:

“Por que continuas clamando a mim? Dize aos israelitas que se ponham em marcha. E tu, ergue teu cajado, estende tua mão sobre o mar e divide-o, para que os israelitas entrem no mar com pé seco. Que vou endurecer o coração dos egípcios para que os persigam, e me cobrirei de glória às custas do faraó e de todo seu exército, de seus carros e dos guerreiros dos carros.

“Saberão os egípcios que eu sou Yaveh, quando me houver coberto de glória às custas do faraó, de seus carros e de seus cavaleiros.”

Pôs-se em marcha o Anjo de Yaveh que ia à frente do Exército de Israel, e passou à retaguarda. Também a coluna de nuvem da frente deslocou-se dali e colocou-se atrás, entre o acampamento dos egípcios e o acampamento dos israelitas. A nuvem era tenebrosa e transcorreu a noite sem que pudessem fazer contato uns com os outros. Moisés estendeu sua mão sobre o mar, e Yaveh fez soprar durante toda a noite um forte vento do Leste que secou o mar, e dividiram-se as águas. Os israelitas entraram no mar com pé seco, enquanto as águas formavam muralhas à direita e à esquerda. Os egípcios lançaram-se em sua perseguição, entrando atrás deles, no meio do mar, todos os cavalos do faraó e os carros com seus guerreiros.

Chegada a vigília matutina, olhou Yaveh da coluna de fogo e fumaça para o exército dos egípcios e semeou a confusão no exército egípcio.

Entortou as rodas de seus carros, que só podiam avançar com grande dificuldade.

E exclamaram os egípcios:

“Fujamos diante de Israel, porque Yaveh luta por eles contra os egípcios.”

Disse Yaveh a Moisés:

“Estende tua mão sobre o mar, e as águas voltarão sobre os egípcios, sobre seus carros e sobre os guerreiros dos carros.”

Estendeu Moisés sua mão sobre o mar, e ao raiar o alvorecer, voltou o mar a seu leito; de modo que os egípcios, ao tentarem fugir, viram-se em frente às águas. Assim precipitou Yaveh os egípcios ao mar, pois quando retrocederam as águas, cobriram os carros e sua gente, todo o exército do faraó, que havia entrado no mar para persegui-los; não escapou nem um único sequer.

Mas os israelitas passaram com pé seco pelo mar, enquanto as águas faziam muralhas à direita e à esquerda.

Aquele dia Yaveh salvou Israel do poder dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos às margens do mar. E vendo Israel a mão forte que Yaveh havia levantado contra os egípcios, o povo temeu Yaveh, e acreditaram em Yaveh e em Moisés, seu servo.

O “MILAGRE”

Poucos relatos adquirem um brilho tão fascinante quanto o que acabamos de ler na Bíblia.



“Pôs-se em marcha o Anjo de Yaveh que ia à frente do exército de Israel, e passou à retaguarda. Também a coluna de nuvem da frente deslocou-se dali e colocou-se atrás, entre o acampamento dos egípcios e o acampamento dos israelitas. (Êxodo, 14)

O que foi que realmente aconteceu no “mar dos Canaviais”?

Se considerarmos o Êxodo, os egípcios foram engolidos pelo mar. Se, porém, consultarmos o livro de Josué, a versão muda.

Diz este último texto sagrado:

“ ... Já sei que Yaveh vos deu a terra – diz o capítulo 2, 9 – que nos haveis aterrorizado e que todos os habitantes dessa região tremeram diante de vós: porque soubemos como Yaveh secou as águas do mar de Suf diante de vós a vossa saída do Egito...”

E, mais adiante, no mesmo livro (24, 6-8), Josué especifica:

“ Tirei vossos pais do Egito e chegastes ao mar; os egípcios perseguiram vossos pais com os carros e seus guerreiros até o mar de Suf. Clamaram então a Yaveh, que estendeu densas névoas entre vós e os egípcios, e fez voltar sobre eles o mar, que os cobriu.”

É evidente que a “equipe” de “anjos” ou “astronautas” viu-se obrigada a utilizar, mais uma vez, sua poderosa tecnologia – sua “glória” – em prol de um duplo objetivo: pôr o povo judeu a salvo e deixar o exército egípcio fora de combate. Com isso, conseguir-se-ia um relativo período de calma na iminente peregrinação pelo deserto e – como assim foi, de fato – uma também provisória “submissão”, por medo, dos israelitas à vontade de Yaveh.

Os seres que integravam aquela insólita “missão” não deviam ignorar a rejeição que o povo israelita sentia por aquele “projeto louco” de Moisés e de Yaveh, seu Deus. Por que abandonar o Egito, onde – apesar da escravidão – tinham comida e teto garantidos? Ali haviam nascido seus filhos e ali estavam enterrados seus pais. Por que ter que sair precipitadamente das terras do Nilo para ir morrer no deserto?

Esses temores – como vemos no Êxodo – foram esgrimidos pelo povo diante de Moisés assim que as coisas começaram a complicar...

Era necessário, portanto, que a “equipe” desse um “chacoalhão” especialmente brutal e estremecido, a fim de que o “povo sentisse muito medo...”.

E os “astronautas” – continuamos supondo que muito a seu pesar – tiveram que matar de novo.

Moisés, por sua vez, “jogou” com vantagem diante dos israelitas. Ele já sabia o que ia acontecer. Pouco antes, a “equipe” lhe havia antecipado. O assunto era realmente tão grave e decisivo que os “astronautas” – sempre em nome de Yaveh – tiveram que celebrar com ele, assim como narra o Êxodo (14, 1-5), uma reunião prévia, na qual lhe informaram os “detalhes” da operação.

Era lógico, por outro lado, posto que a “equipe” tinha que fortalecer a autoridade e segurança de seu “representante” e “iniciado”, Moisés.

E chegou o “milagre”.

Eis que “pôs-se em marcha o Anjo de Yaveh que ia à frente do Exército de Israel, e passou à retaguarda. Também a coluna de nuvem da frente deslocou-se dali e colocou-se atrás, entre o acampamento dos egípcios e o acampamento dos israelitas”.

A precisão do relato é total. Tal como interpreto os conceitos “Anjo de Yaveh” e “coluna de nuvem” – e insisto, pela enésima vez, no caráter absolutamente pessoal dessa interpretação –, o Êxodo está nos dizendo que os israelitas viram a súbita mudança de posição de, pelo menos, duas naves. A “coluna de nuvem” ou nave “nutriz” deixou a vanguarda e situou-se justamente atrás do acampamento judeu. E o mesmo fez o “Anjo de Yaveh”.

Para os israelitas – como já disse em outras passagens – devia ser muito difícil estabelecer uma clara diferenciação entre os “anjos” e suas naves. Tudo era uma única coisa, um único conceito, uma única realidade: o “Anjo de Yaveh” ou a “glória de Yaveh”.

O que parece provável é que existisse uma diferença na forma e dimensão das duas naves. Do contrário, o Êxodo teria falado de duas “colunas de nuvem” ou de um único “Anjo de Yaveh”. A especificação, porém, é contundente: primeiro “pôs-se em marcha o Anjo de Yaveh”. Depois, a “coluna de nuvem”...

E, até certo ponto, a ordem dos movimentos das naves também é lógica. Qualquer estrategista militar envia primeiro seus “exploradores” ou veículos menores e leves, para “explorar” ou “reconhecer” o terreno e a situação. Depois, chega o “grosso” do exército: a poderosa e gigantesca “nutriz” ou “coluna de nuvem”.

Esses primeiros movimentos da “equipe” se desenrolaram naturalmente durante o dia.

Ao cair da noite, o Êxodo afirma que “a nuvem era tenebrosa e que transcorreu a noite sem que pudessem manter contato uns com os outros em toda a noite”.

A nova definição de “nuvem tenebrosa” se encaixa também, com absoluta precisão, nas atuais descrições daquelas naves “mães” que foram vistas durante a noite.

Em um dos últimos casos que pude investigar sobre naves “nutrizes”, justamente no País Vasco, as testemunhas – moradores do povo vizcaíno de Castillo y Elejabeitia – afirmaram que aquele objeto com forma de “charuto” era tão descomunal que algumas testemunhas acharam que “o fim do mundo estava chegando...”.

As dimensões do gigantesco óvni – segundo cálculos de triangulação, posto que foi visto simultaneamente na capital de Santander – deixaram-nos perplexos. Aquele aparelho monstruoso passava dos 750 metros de extensão...

E não é dos maiores, também.

Que impressão podia causar nos israelitas, então, uma dessas naves – com forma ou aparência de “coluna de nuvem” – a altura tão baixa? E não esqueçamos que o aspecto de nuvem podia proceder de uma perfeita “camuflagem”, como já vimos em casos atuais de óvnis.

Está igualmente claro que os “astronautas” deixaram a noite passar. Para uma “operação” como a que estava prestes a ocorrer, a luz do dia era praticamente essencial.

Mas as naves não perderam tempo. E diz o Êxodo que “Yaveh fez soprar, durante toda a noite, um forte vento do Leste que secou o mar, e dividiram-se as águas”.

É possível que as naves tenham provocado uma corrente de ar tão forte e prolongada que parte das águas do “mar de Suf” ou das “Canas” tenha sofrido um anormal retrocesso, ficando a descoberto – e seco, portanto – um canal ou passagem, previsto para a saída de emergência do povo escolhido.

E o Êxodo continua entrando em detalhes:

“ ... Os israelitas entraram no mar com pé seco, enquanto as águas formavam muralhas à direita e à esquerda.”

Entrar com “pé seco” pode significar “sem se molhar” ou “com facilidade”. Quanto à “muralha de água”, aqui a coisa se complica consideravelmente. Nem mesmo os exegetas entram em acordo neste ponto.

Enquanto uns afirmam que os israelitas atravessaram o mar entre essas duas “muralhas” de água, outros se inclinam por um retrocesso das águas, que impressionou o exército do faraó como consequência do refluxo.

No fundo, tanto em um caso quanto em outro, o importante é que ocorreu um feito anormal e extraordinário que permitiu que uns se pusessem a salvo e que outros fossem aniquilados...

Pois bem, como a “equipe de astronautas” pôde separar as águas ou, na segunda hipótese, fazê-las retroceder e manter tão considerável massa imóvel?

Nem mesmo hoje, com nossa pomposa tecnologia, podemos elucidar o segredo. Só nos resta, portanto, continuar especulando.

Se se tratava de uma “viela” nas águas do mar de Suf – como afirma o Êxodo –, podemos pensar que várias dessas naves “cravaram” no fundo marítimo longos “campos de força”, que puderam agir como sólidas paredes ou paredes de contenção. O resto era simples: outras naves – inclusive a gigantesca “nutriz” – teriam procedido a uma “varredura” das águas que ficaram entre as duas “cortinas”. E surgiu diante dos assustados olhos dos israelitas – para não falar do próprio Moisés – uma fantástica “passagem”.



“... a coluna de nuvem da frente se deslocou dali e colocou-se atrás, entre o acampamento dos egípcios e o acampamento dos israelitas...”

Nossa ciência não desenvolveu, ainda, satisfatoriamente, os “campos de força”. Mas sabemos que existem. Que são uma esperança.

Na atualidade, algumas experiências nesse terreno demonstraram que esses “campos magnéticos ou eletromagnéticos”, apesar de invisíveis, gozam de uma estrutura física concreta. E podem ser tão impenetráveis quanto uma placa de chumbo.

Em quase todos os casos óvnis que se registram hoje no planeta, aparecem efeitos direta ou indiretamente provocados pelos respectivos campos magnéticos ou eletromagnéticos dessas naves. Quando um desses objetos se aproxima de automóveis, barcos, aviões ou instalações elétricas, as luzes se apagam, as baterias se descarregam, as ondas de rádio ou televisão sofrem interferências e os sistemas eletrônicos, bússolas etc. ficam bloqueados ou “enlouquecidos”.

É um fato comprovado, enfim, que os óvnis se cercam ou que “emitem” determinados “campos de força”. Por que não imaginar, então, que aquelas naves podiam utilizar esses “campos magnéticos”, posto que, sem dúvida, eles os conheciam e os tinham ao alcance da mão?

DENSAS NÉVOAS

Se nos inclinarmos pela segunda teoria – o retrocesso das águas e seu posterior refluxo –, o assunto se torna mais difícil.

Neste caso, talvez os “astronautas” tenham escolhido um determinado setor do “mar dos Canaviais” e, mediante um procedimento que nem sequer suspeitamos, empurraram as águas em uma determinada direção, acumulando-as como se fosse uma represa.

Deslocado o acampamento, teria bastado suprimir os “campos de força” que podiam agir como paredes para que as águas regressassem a seu leito natural com toda a violência própria da mais impetuosa cheia.

A descarga das águas sobre o exército egípcio, porém, não parece ter acontecido à noite. O Êxodo esclarece que foi à chegada da vigília matutina – ou seja, a partir das seis da manhã –, quando “olhou Yaveh da

coluna de fogo e fumaça para o exército dos egípcios e semeou a confusão no exército egípcio”.

E surge novamente, como vemos, a descrição da “coluna de fogo”. Sinal inequívoco da presença de uma das grandes naves durante a noite. O texto grego do Êxodo faz alusão específica ao “transcurso da noite”. E, por sua vez, o hebraico especifica muito mais. Diz “que houve a nuvem e a escuridão; e aquela iluminou a noite”.

E Símaco acrescenta:

“ A nuvem era escura de um lado e luminosa do outro.”

Esta última descrição poderia ser interpretada – posto que a grande nave “nutriz” ou “coluna de nuvem” havia se colocado entre os dois acampamentos – como uma iluminação parcial da nave. A metade dela, talvez a face que dava para o acampamento israelita, permanecia iluminada, e a outra metade, a que os egípcios viam, nas trevas. Isso, unido a suas inquestionáveis dimensões, podia oferecer – tanto para uns quanto para outros – o já conhecido aspecto tenebroso.

Mas, obviamente, também não podemos ter certeza.

O que realmente fica muito claro é que, quando a “equipe” julgou oportuno, “abriu” ou “afastou” as águas e começou a travessia. E os egípcios, que permaneciam também à espera do novo dia, lançaram-se em perseguição daqueles que haviam sido seus escravos.

Parece provável que os tripulantes das naves tenham deixado os carros e os infantes penetrarem no leito marinho, estimulando, assim, sua confiança.

Uma vez na “armadilha”, Yaveh – diz Josué – “estendeu densas névoas entre os judeus e os egípcios”.

Essa nova manobra deve ter detido o ímpeto dos egípcios, que começaram a encontrar sérias dificuldades. O Êxodo acrescenta, inclusive, que “Yaveh estragou as rodas de seus carros, que só podiam avançar com grande dificuldade”.

Tanto a névoa quanto as dificuldades nas rodas dos velozes e leves carros egípcios não parecem ter outro sentido senão retardar ou congelar a carga do exército do faraó, dando tempo, assim, para que todos os israelitas

pudessem sair do “canal” ou do talvegue sobre o qual as águas deviam voltar.

E no instante em que as naves tiveram certeza de que o povo de Moisés já se encontrava do outro lado, provocaram o cataclismo.

Mas a “equipe” – sempre consciente de sua “missão” – não esquece os detalhes. E antes de proceder à descarga das águas sobre os egípcios, dirige-se a Moisés e, possivelmente à vista de todo o povo, lhe “ordena” que volte a estender sua mão sobre o mar “para que as águas engulam os perseguidores”.

É evidente que os “astronautas” não desperdiçam a menor oportunidade de fortalecer – sempre diante da “galera” israelita – a autoridade e a personalidade de Moisés.

Trata-se, na minha opinião, de um simples gesto. Quando Moisés estendeu novamente seu braço para o mar, os “anjos” que faziam o “milagre” possível dentro de suas naves acionaram os correspondentes mecanismos, desbloqueando todo o “sistema”.

E a “coincidência” deixou os judeus maravilhados...

Não é preciso dizer que as mencionadas “dificuldades” nas rodas dos carros do exército egípcio podiam ter sido provocadas por uma paralisação parcial ou coletiva das diversas unidades.

Quantos casos ocorrem, hoje em dia, de óvnis que “paralisam” as testemunhas e animais próximos!

Basta, na realidade, fazê-los cair ou envolvê-los nesses mesmos campos magnéticos ou eletromagnéticos que parecem proteger as naves para conseguir tal efeito.

Por fim, voltamos ao mesmo dilema: será que era totalmente necessário que os “homens” de Yaveh provocassem esse novo massacre? Não puderam encontrar outros sistemas para evitar novas e violentas mortes?

OUTRA VEZ, A COMODIDADE DA IGREJA

E embora eu tenha tentado, não consigo seguir adiante e ignorar a interpretação de alguns autores modernos sobre o “milagre” da travessia do “mar dos Juncos”.



“Chegada a vigília matutina, olhou Yaveh da coluna de fogo e fumaça para o exército dos egípcios...” e “... as águas cobriram os carros”.
(Êxodo, 14)

O comentário bíblico *São Jerônimo*, por exemplo, dirigido por especialistas de renome como Raymond Brown, do Union Theological Seminary de Nova York; Joseph A. Fitzmyer (SJ), da Fordham University de Nova York, e Roland Murphy, da Duke University, encerra o assunto com a seguinte frase:

“... a Providência divina serviu-se, dessa vez, de uma série de fenômenos naturais.”

E, para se livrar da responsabilidade, sustentam a afirmação com o seguinte comentário:

“ O feito não é único na História. As fontes clássicas nos dizem que o vento fez a água da lagoa retroceder, e assim Cipião pôde tomar Nova Cartago. O mesmo texto bíblico nos informa do papel desempenhado pelo

vento, facilitando aos hebreus a travessia das superficiais águas do mar das Canas.”

Na minha opinião, descarregar a possível explicação do fato nos elementos e fenômenos da Natureza é cair novamente no fácil. No confortável... Com essa postura, os teólogos e exegetas, além de não convencerem os espíritos medianamente críticos e racionais, podem pôr em risco a confiança dos fiéis em outras interpretações.

Que semelhança pode haver entre o episódio da retirada das águas de Cipião e a presença do “Anjo de Yaveh” e da “coluna de fogo” entre os acampamentos judeu e egípcio, com as “muralhas” de água que se levantavam de ambos os lados do caminho, com as “névoas” e com a “paralisação”, enfim, das rodas dos carros do faraó?

Ao centrar a causa principal da milagrosa travessia das águas nos “fenômenos e forças da Natureza”, os teólogos e exegetas esquecem a outra face da moeda: o faraó e seus homens.²⁰

Se aquele território era, para os judeus, pouco ou nada conhecido, não creio que acontecesse o mesmo com os egípcios. Tanto o faraó quanto suas tropas – para não falar de seus corpos especiais de exploradores – deviam se deslocar pelos lagos amargos, regiões desérticas e margens do atual golfo de Suez como se estivessem em casa.

Havia sido justamente Ramsés ii que fizera ressurgir as velhas minas de cobre e turquesas existentes no monte Sinai. Do Nilo até as montanhas da península, abria-se um antiquíssimo caminho de ferradura – de 3 mil anos antes de Cristo –, pelo qual sempre haviam circulado intermináveis colunas de trabalhadores e escravos. Essas minas haviam sido abandonadas em várias ocasiões, e na época do êxodo judeu estavam praticamente de novo em exploração.

Se naquela região semilacustre e pantanosa do mar de Suf ocorressem fenômenos estranhos, próprios da Natureza – coisa que duvido –, o povo egípcio devia conhecê-los e muito melhor, evidentemente, que o judeu.

Por que o faraó ia cair na armadilha de um desses “fenômenos naturais”, como apontam os teólogos, se ele e seus guerreiros sabiam de seu alcance e periculosidade?

Deve ter sido “outra coisa”, insisto, que provocou o massacre. “Algo” tão insólito e fora do comum que jamais teria passado pela mente dos egípcios.

E também não compartilho a opinião dos exegetas católicos ao expor “que o vento facilitou aos hebreus a travessia das superficiais águas do mar das Canas”.

É possível que em determinadas áreas e canais do “mar das Algas ou dos Juncos” a profundidade das águas não fosse excessiva, mas não se pode afirmar tão categoricamente que todas as partes fossem iguais. O texto bíblico, pelo menos, não fala de “águas superficiais”. Ao contrário. Moisés e seu povo, e os egípcios depois, ficaram situados entre duas “muralhas” de água. Teria sido mais que suficiente para provocar o aniquilamento do exército do faraó Merneptah que a profundidade do canal ou do lago ou do mar houvesse atingido os três ou quatro metros.

Se o vento soprou durante a noite toda e secou as águas superficiais dessa região, que tipo de enchente caiu sobre o faraó? Na suposição esgrimida pelos teólogos e especialistas nas Sagradas Escrituras, o exército inimigo poderia ter atravessado a área seca com a mesma ou maior celeridade que os israelitas.

Pessoalmente, fico desanimado com esse conselho ou recomendação de muitos especialistas, que veem na “travessia do mar Vermelho” um simples e belo “gênero literário”. Será que há algo mais confortável e vazio ao mesmo tempo que sentenciar aquilo que não se entende como “gênero literário”, “linda metáfora” ou “façanha literária”?

Outros exegetas, por exemplo, julgaram ver nesse feito milagroso mais uma prova do poder taumátúrgico²¹ de Moisés. Não acredito que a “equipe” de “astronautas” precisasse adornar a personalidade do “iniciado” com faculdades de tipo paranormal. O “poder” do grupo celeste era tal, que era mais que suficiente. E outra coisa é, como já mencionei, o fato de que “Yaveh” aproveitasse essas atuações portentosas para enriquecer a autoridade e personalidade de seu grande “intermediário”.

É preciso recordar aos eminentes doutores da Igreja que Moisés, aceitando a possibilidade de que houvesse sido “treinado” ou “iniciado” por Yaveh, subiu ao topo do Sinai muito tempo depois da “travessia do

mar Vermelho”. Conforme comentei em capítulos anteriores, é possível que naqueles “quarenta dias e quarenta noites” os “astronautas” tenham informado seus planos a Moisés e tenham despertado nele – tudo é possível – as faculdades taumatúrgicas a que os exegetas se referem. Mas tudo isso, como relata o Êxodo, foi posterior.

E torno a me perguntar: será que atribuir o “milagre” da travessia de Moisés e seus homens pelo “mar dos Juncos” a uma elevadíssima tecnologia, justamente a serviço dos planos divinos, diminui ou aumenta a beleza e transcendência desse Grande Deus?

20 Hoje ainda existem certas dúvidas sobre a identidade do faraó que protagonizou a perseguição de Moisés e seu povo. Segundo uma primeira versão, o êxodo ocorreu no século xv a.C., nos tempos da dinastia xviii (1450-1449). Segundo esta hipótese, o faraó opressor (o que condenou os israelitas a trabalhos forçados e deu a ordem de extermínio dos recém-nascidos varões) foi Tutmés iii, que viveu nos anos 1504-1447, e o faraó do tempo do êxodo, Amenófis ii (1447-1420). Esta é a opinião de especialistas como Ruffini, Bea, Frey, Schopfer e Touzard.

Em uma segunda versão, os especialistas apontam a possibilidade de o êxodo ter acontecido no século XIII a.C., sob a dinastia xix (em 1220 a.C.).

Segundo esta opinião, o faraó opressor-construtor teria sido Ramsés II, que viveu entre 1292 e 1225. O faraó do êxodo propriamente dito teria sido Merneptah (1225-1214).

Os mais recentes trabalhos arqueológicos parecem dar maior credibilidade à segunda hipótese.

21 Taumaturgia: faculdade de realizar prodígios.

16. Os “astronautas” perderam a paciência

O que aconteceu depois – nos anos seguintes – está perfeitamente registrado nesse formidável testemunho escrito que são livros como o Levítico, Números etc.

Se repassarmos a Bíblia com calma – e à luz dessa nova suposição – comprovaremos que a “equipe” de Yaveh não teve mais remédio senão aplicar uma série de “purgas” nos israelitas. Uma “limpeza” de elementos “não gratos ou pouco propícios”, que poderiam atrapalhar seriamente o objetivo final da “missão”.

Aquele povo “indômito” ocasionou problema atrás de problema aos “astronautas”. Desde o incidente da falta de comida, três dias depois da travessia do mar de Suf, à grave revolta registrada no regresso dos exploradores à terra de Canaã, passando por discussões e incidentes como o que aconteceu ao pé do Sinai, quando parte dos israelitas acreditou que Moisés jamais voltaria e decidiu voltar às velhas crenças e idolatria egípcias, fundindo um touro de ouro.

A “equipe” deve ter compreendido que aquela comunidade precisava de uma seleção, e assim anunciaram a Moisés:

“ ... Nenhum dos que viram minha glória – diz o Números (14, 22-38) – e os sinais que realizei no Egito e no deserto, que me puseram à prova já dez vezes e não ouviram minha voz, verá a terra que prometi com juramento a seus pais. Não a verá nenhum dos que me desprezaram. Mas a meu servo Caleb, visto que foi animado de outro espírito e me obedeceu pontualmente, farei entrar na terra onde estive, e sua descendência a possuirá.

“ O amalecita e o cananeu habitam o campo. Amanhã, voltai-vos e parti para o deserto, rumo ao mar de Suf.”

Yaveh falou a Moisés e Aaron e disse:

“ Até quando esta comunidade perversa, que está murmurando contra mim? Ouvi as queixas dos israelitas, que estão murmurando contra mim. Dize a eles: Por minha vida – oráculo de Yaveh – que hei de fazer convosco o que haveis falado a meus ouvidos. Por terem murmurado contra mim, neste deserto cairão vossos cadáveres, os de todos os que fostes revistados e contados, de vinte anos para cima.

“ Eu vos juro que não entrareis na terra em que jurei estabelecer-vos. Só a Caleb, filho de Yefunné, e a Josué, filho de Nun, e a vossos filhos, de quem dissestes que cairiam em cativo, introduzirei, e conhecerão a terra que vós haveis desprezado.

“ Vossos cadáveres cairão neste deserto e vossos filhos serão nômades quarenta anos no deserto, arcando com vossa infidelidade, até que não falte um único de vossos cadáveres no deserto. Segundo o número dos dias que utilizastes para explorar o país, quarenta dias, carregareis quarenta anos com vossos pecados, um ano para cada dia. Assim, sabereis o que é afastar-se de mim. Eu, Yaveh, falei. Isso é o que farei com toda esta comunidade perversa, amotinada contra mim. Neste deserto não ficará um: nele não há de morrer.”

Os responsáveis pela “operação” tiveram que perceber a necessidade de entregar a terra prometida – Canaã – a uma geração limpa de coração. A homens e mulheres que não fraquejassem em suas ideias e crenças. Aos israelitas que realmente demonstrassem sua fidelidade à nova ideia de um Deus único. Senão, todos os esforços da “equipe” teriam sido em vão...

Por isso Yaveh decide perdoar os menores de vinte anos. O resto – inclusive Moisés – é praticamente afastado do projeto final e relegado a uma peregrinação sem sentido pelo deserto. Uma peregrinação que, simbolicamente, foi fixada em quarenta anos.

No fundo, a razão básica desse aparentemente absurdo caminhar dos judeus durante tantos anos por um deserto tão reduzido precisa ser procurada nessa necessidade de “seleção” dos homens que estavam destinados a criar a comunidade última, na qual deveria nascer o “Enviado”.²²

É realmente grave a teimosia e a “soberba” daquele povo...

Como é possível que continuassem duvidando da eficácia e presença de Yaveh, se ele já os havia tirado de mil apuros?

Como podiam querer voltar para o Egito – assim como disseram antes da “condenação” da “equipe” – se haviam visto e continuavam vendo, todo dia, a “glória” de Yaveh e suas “colunas de nuvem ou de fogo”?

Neste sentido, é compreensível a irritação e até o desespero dos “astronautas”, que viam a cada passo a distorcida e perversa comunidade israelita os ignorar, maldizer e até trair.

Não faz sentido que os judeus sentissem medo das palavras e manifestações dos exploradores que marcharam às terras de Canaã, se eles mesmos haviam sido testemunhas do extermínio dos primogênitos dos egípcios e até do próprio exército do faraó...

E, porém, assim foi:

Yaveh falou a Moisés – conta o Números (13 e 14) – e disse:

“Envia alguns homens, um de cada tribo paterna, para que explorem a terra de Canaã que vou dar aos israelitas. Que sejam todos principais entre eles.” Enviou-os Moisés, segundo a ordem de Yaveh, do deserto de Paran: todos eles eram chefes dos israelitas...

E após a relação dos nomes, prossegue o Números:

... Moisés os enviou para explorar o país de Canaã, e disse a eles:

“Subi, ao Negueb, e depois subireis à montanha. Reconhecei o país, para ver como é, e o povo que o habita, se é forte ou fraco, escasso ou numeroso; e como é o país em que vivem, bom ou ruim; como são as cidades em que habitam, abertas ou fortificadas; e como é a terra, fértil ou pobre, se tem árvores ou não. Tende coragem e trazei alguns produtos do país.”

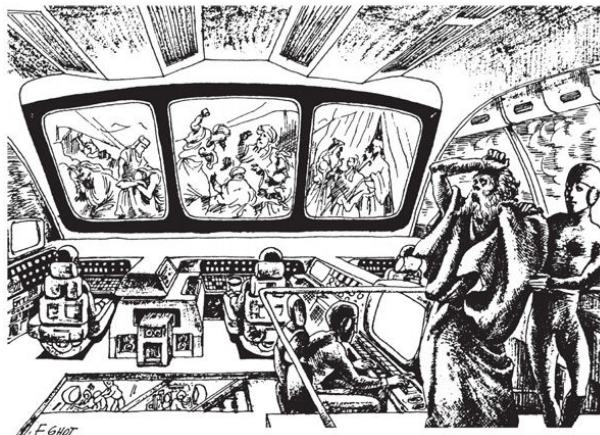
Era o tempo das primeiras uvas. Subiram e exploraram o país, desde o deserto de Sin até Rejob, à entrada de Jamat. Subiram pelo Negueb e chegaram até Hebron, onde residiam Ajiman, Sesay e Talmay, os descendentes de Anaq.

Hebron havia sido fundada sete anos antes de Tânis do Egito. Chegaram ao vale de Escol e cortaram um galho com um cacho de uva, que transportaram com uma vara os dois, e também romãs e figos. Esse lugar foi chamado de vale de Escol, pelo cacho que os israelitas cortaram ali.

RELATO DOS ENVIADOS

Ao cabo de quarenta dias voltaram de explorar a terra. Foram e se apresentaram a Moisés, a Aaron e a toda a comunidade dos israelitas, no

deserto de Paran, em Cades. Fizeram uma descrição para eles e toda a comunidade e lhes mostraram os produtos do país.



“E quando o povo viu que Moisés demorava a descer do monte Sinai, reuniu-se o povo em torno a Aaron e lhe disseram: “Anda, faze-nos um Deus que vá adiante conosco...”. (Êxodo, 32)

Contaram-lhes o seguinte:

“ Fomos ao país a que nos enviaste, e realmente jorra leite e mel; estes são seus produtos. Mas o povo que habita o país é poderoso; as cidades, fortificadas e muito grandes; vimos até descendentes de Anaq ali. O amalecita ocupa a região do Negueb; o hitita, o amorreu e o jebuseu ocupam a montanha; o cananeu, as margens do mar e do rio Jordão.”

Caleb calou o povo diante de Moisés, dizendo: “Subamos e conquistaremos o país, porque, sem dúvida, poderemos com ele”.

Mas os homens que haviam ido com ele disseram:

“ Não podemos subir contra esse povo, porque é mais forte que nós.”

E começaram a falar mal do país que haviam explorado aos israelitas, dizendo:

“ O país que percorremos e exploramos é um país que devora seus próprios habitantes. Toda a gente que vimos ali é gente alta. Vimos também gigantes, filhos de Anaq, da raça de gigantes. Nós ficamos como gafanhotos diante deles, e isso mesmo é o que parecíamos para eles.”

REBELIÃO DE ISRAEL

Então, toda a comunidade ergueu a voz e pôs-se a gritar; e as pessoas estiveram chorando aquela noite. Depois, todos os israelitas murmuraram contra Moisés e Aaron, e toda a comunidade disse a eles:

“ Quem dera houvéssemos morrido no Egito! E, senão, quem dera houvéssemos morrido no deserto! Por que Yaveh nos traz a este país para nos fazer cair ao fio de espada e para que nossas mulheres e crianças caiam em cativeiro? Não é melhor que voltemos ao Egito?”

E diziam uns aos outros:

“ Vamos nomear um chefe e voltar para o Egito.”

Moisés e Aaron prostraram-se diante de toda a assembleia da comunidade dos israelitas. Mas Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Yefunné, que eram daqueles que haviam explorado o país, rasgaram suas vestimentas e disseram a toda a comunidade dos israelitas:

“ A terra que percorremos e exploramos é muito boa terra. Se Yaveh nos for favorável, levar-nos-á a essa terra e a entregará a nós. É uma terra onde brota leite e mel. Não vos rebeleis contra Yaveh, nem temais a gente do país, porque já estão vencidos. Retirou-se deles sua sombra, e, porém, Yaveh está conosco. Não tenhais medo.”

CÓLERA DE YAVEH

Toda a comunidade falava de apedrejá-los, quando a “glória de Yaveh” apareceu diante da Tenda do Encontro para todos os israelitas. E disse Yaveh a Moisés:

“ Até quando este povo vai me desprezar? Até quando vai desconfiar de mim, com todos os sinais que dei a eles? Eu os ferirei com a peste e os deserdarei. Mas a ti, transformarei em um povo maior e mais poderoso que eles.”

Moisés respondeu a Yaveh:

“ Mas os egípcios sabem muito bem que, com teu poder, tiraste este povo deles. Contaram-no aos habitantes desse país. Eles sabem que tu, Yaveh, está no meio deste povo, e que te mostras cara a cara; que tu, Yaveh, permaneces em tua Nuvem sobre nós, e caminhas diante de nós de dia na coluna de Nuvem, e à noite na coluna de fogo. Se fizeres perecer este povo como um único homem, dirão os povos que ouviram falar de ti:

“ ‘Yaveh, como não conseguiu introduzir esse povo na terra que lhes havia prometido em juramento, matou-os no deserto.’ Mostra, pois, agora teu poder, meu senhor, como prometeu...

“ Perdoa, pois, a iniquidade deste povo conforme a grandeza de tua bondade, como suportaste este povo do Egito até aqui.”

UMA TERRA PRÓSPERA

Pelas palavras dos exploradores, era evidente que a “equipe” soubera escolher a terra. Um lugar próspero, onde cresciam abundantes e grandes frutos.

Como era evidente, também – e observamos isso justamente nesta passagem –, a constante “vigilância” a que o acampamento israelita era submetido...

No momento exato, quando Moisés, Aaron e dois exploradores, fiéis a Yaveh, corriam grave risco de serem apedrejados, então surge sobre a Tenda do Encontro a “glória” de Yaveh.

No fundo, devia ser extremamente simples controlar os movimentos e até os pensamentos dos judeus.

Em qualquer uma das naves – e muito especialmente na “nutriz” –, os “astronautas” só teriam tido que acionar as telas de televisão para observar, ao vivo, o que acontecia a cada momento com os homens de Moisés.

Por isso, assim que notaram que a rebelião estava sendo fomentada e que, inclusive, a vida de seus “contatos” estava em perigo, uma das naves – a “glória de Yaveh” – apareceu ou desceu sobre o acampamento. Ambas as operações teriam sido perfeitamente possíveis: “aparecer” sobre a Tenda, mudando instantaneamente de dimensão, ou descer fisicamente no lugar onde a comunidade se assentava.

E ali, pela enésima vez, o porta-voz ou responsável da “equipe” fez mais que palpável a indignação geral.

UMA NOVA INJUSTIÇA?

Mas, não gostaria de fechar este capítulo sem antes apontar o que, para mim, constitui uma nova “leviandade” da “equipe” de Yaveh. E usei aspas

porque, obviamente, não sei como qualificar a longa cadeia de invasões – hoje se chamam agressões – que o jovem povo israelita praticou, com as naves espaciais à frente.

Lenta mas firmemente, o exército judeu – sempre com a “glória de Yaveh” adiante – foi expulsando de seus territórios e cidades os amalecitas, hititas, amorreus, jebuseus e cananeus.

Uma expulsão que se prolongou durante anos e que significou outro caudaloso rio de sangue...

Acho que se alguém fizesse o balanço final, veríamos com inquietude que a condução e o definitivo assentamento do povo escolhido às terras de Canaã acarretaram dezenas de milhares de mortos, incêndios, lágrimas e violência sem conta...

Reconheço, da mesma forma – posto que já disse e admito que aquela “equipe” de “anjos” estava às ordens de Deus –, que talvez não houvesse outra fórmula, outro caminho.

E, embora saiba que os “caminhos do Senhor são inescrutáveis”, não posso evitar um certo mal-estar ao descobrir tanta morte e destruição por onde passava o povo israelita...

Se nos limitarmos a julgar fria e objetivamente o “momento” escolhido pela “equipe” de Yaveh para a travessia do Jordão e a entrada da comunidade israelita na Terra da Promissão, havemos de reconhecer que os “astronautas” – uma vez mais – sabiam o que estavam fazendo...

Vejamos. Qual era a situação do mundo conhecido naquela época, cerca de 1.200 anos antes do nascimento do “Enviado”?

Quando Israel se encontra acampado do outro lado do rio Jordão, disposto a penetrar nas terras de Canaã, no Mediterrâneo, também está prestes a ser decidida a sorte de Troia.

Os heróis de Homero – Aquiles, Agamenon e Ulisses – estão preparados para suas façanhas.

O reino do Nilo, por sua vez, está em plena decadência. Acabou seu velho esplendor, e o último rei – “Sol Eknaton” – acabou debilitando o Egito politicamente. Aquilo que havia sido uma província egípcia desde 1550 a.C., após a expulsão dos hicsos, é agora uma terra dividida e

corrompida pelo que resta da ocupação egípcia. Canaã, enfim, é presa fácil para o povo escolhido.

E a “equipe” de Yaveh sabe disso. E ordena ao bravo Josué – sucessor de Moisés – que entre em Canaã sem perda de tempo.

Começa, assim, uma longa e não menos dura etapa. Um período em que serão consumidos por volta de 1.200 anos, quando os “astronautas” estabelecerão, já definitivamente, a pátria dos israelitas.

Treze séculos depois, o povo escolhido terá alcançado maturidade suficiente para ver o “Enviado” nascer em seu seio.

E, curiosamente, com o povo “escolhido” já assentado, as aparições da “glória” de Yaveh e das famosas “colunas de nuvem ou de fogo” – que prodigalizaram tão intensamente sua presença entre os judeus – quase desaparecem. Durante os últimos 500 anos a.C., essas naves mal são visíveis.

É como se a missão da grande “equipe” houvesse passado para segundo plano. Agora, tudo segue seu curso natural. Nem mais nem menos, o que já estava programado...

Mas esse momento – o do surgimento, em nosso planeta, do Filho do Altíssimo – seria precedido por outros fenômenos similares ou muito parecidos aos que os patriarcas e antepassados do povo israelita já haviam vivido na saída do Egito e no longo caminho para Canaã.

E voltaram as naves espaciais e os “anjos” ou “astronautas”. Mas esse “retorno” não foi mais – como na Antiguidade – sob o sinal do medo ou do sangue. Nessa última fase, a culminância da “Operação Redenção”, tudo seria radicalmente diferente.

Algumas vezes me perguntei se esses “anjos” ou “astronautas” que “colaboraram” com o “alto-comando” nos cuidados a Maria, na Anunciação, no Nascimento de Jesus e na vida pública Dele, foram os mesmos que tiraram a colônia israelita do Egito ou que conduziram pacientemente Moisés e seu povo pela Península do Sinai...

Ninguém, evidentemente, pode saber a resposta, por enquanto. O que podemos pensar é que se eram seres muito mais evoluídos que nós, talvez houvessem vencido os ridículos limites de nossa vida média. Talvez – por que não? – gozavam, ou gozam, de uma existência infinitamente mais

longa que a nossa. Talvez sua tecnologia ou sua natureza – diferentes da que conhecemos – lhes permitisse viver centenas de anos, supondo que nosso cômputo do tempo fosse ajustável a suas vidas.

Talvez tenha ocorrido o que nós conhecemos por “troca de guarda”. E outros seres vieram substituir, a cada determinado período de tempo, os que mostravam sinais de cansaço.

Mas essa apaixonante incógnita bem que merece um tratamento à parte...

Seja como for, o certo é que cerca de quinze anos antes do nascimento de Jesus de Nazaré, os “astronautas” fizeram novo contato com o povo judeu.

²² A península do Sinai tem forma triangular, com uma extensão de 415 quilômetros por 240 quilômetros de largura na base, que se encontra ao Norte.

17. A Anunciação: um duplo “encontro” com os “astronautas”?

Só nos Evangelhos apócrifos – a cujos textos me reintegro de novo – pude encontrar uma descrição mais detalhada do delicado tema da Anunciação a Maria.

Um assunto realmente apaixonante e misterioso e para o qual o ser humano quase não tem palavras.

Analiso essa passagem com o máximo respeito de que sou capaz. Deus bem sabe...

Não pretendo, como talvez possam pensar os intransigentes ou fanáticos, elucidar nenhum mistério... Seria ridículo. Seria como equiparar-se a Deus. E eu sou apenas um repórter, sempre em busca da Verdade.

Um repórter – isso sim – que teria gostado de estar presente naquele momento...

O APÓCRIFO DE TIAGO

Mas vejamos o que dizem os textos dos Evangelhos apócrifos.

E vamos começar pelo Protoevangelho de Tiago:

XI

1. Certo dia, pegou Maria um cântaro e foi enchê-lo de água. Mas eis que se fez ouvir uma voz, que dizia:

“Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és entre as mulheres.”

E ela pôs o olhar em volta, à direita e à esquerda, para ver de onde podia vir essa voz. E, toda trêmula, foi para sua casa, deixou a ânfora, pegou a púrpura, sentou-se em seu banco e pôs-se a fiar.

2. Mas de repente, um anjo do Senhor surgiu diante dela, dizendo:

“Não temas, Maria, pois encontraste graça diante do Senhor onipotente e vais conceber por Sua palavra.”

Mas ela, ao ouvi-lo, ficou perplexa e disse para si:

“Deverei eu conceber por virtude do Deus vivo e haverei de dar à luz depois como as outras mulheres?”

3. Ao que o anjo respondeu:

“ Não será assim, Maria, mas a virtude do Senhor te cobrirá com sua sombra; por isso, o fruto santo que há de nascer de ti será chamado de Filho do Altíssimo. Tu lhe porás por nome de Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas próprias iniquidades.”

Então, disse Maria:

“ Eis aqui a escrava do Senhor em sua presença; faça-se em mim segundo tua palavra.”

XII

1. E, concluído seu trabalho com a púrpura e o escarlate, levou-o ao sacerdote. Este a abençoou e exclamou:

“ Maria, o Senhor louvou teu nome e serás abençoada em todas as gerações da Terra.”

2. Cheia de gozo, Maria foi à casa de Isabel, sua parente. Bateu à porta e, ao ouvi-la, Isabel deixou o escarlate, correu para a porta, abriu e, ao ver Maria, bendisse-a, dizendo:

“ Que fiz para merecer que a mãe de meu senhor venha a minha casa? Pois nota que o fruto que levo em meu seio começou a pular dentro de mim, como para bendizer.”

Mas Maria havia se esquecido dos mistérios que lhe havia comunicado o arcanjo Gabriel e elevou seus olhos ao céu e disse:

“ Quem sou eu, Senhor, que todas as gerações me bendizem?”

3. E passou três meses na casa de Isabel. E dia a dia sua gravidez ia crescendo, e, temerosa, foi para sua casa e se escondia dos filhos de Israel. Quando aconteceram estas coisas, tinha ela dezesseis anos.

O APÓCRIFO DE MATEUS

Antes de seguir adiante com o Protoevangelho de Tiago, vejamos o que conta Mateus, em seu apócrifo da Natividade, sobre esses fatos concretos:

IX

1. No dia seguinte, enquanto se encontrava Maria junto à fonte, enchendo o cântaro de água, surgiu o anjo de Deus e lhe disse:

“ Ditosa és, Maria, porque preparaste para o Senhor um quarto em teu seio. Eis que uma luz do céu virá para morar em ti e por teu meio iluminará todo o mundo.”

2. Três dias depois, enquanto se encontrava no labor da púrpura, foi a ela um jovem de beleza indescritível. Maria, ao vê-lo, ficou impressionada de medo e pôs-se a tremer. Mas ele lhe disse:

“ Não temas, Maria, porque encontraste graça diante dos olhos de Deus. Eis que vais conceber em teu seio e vais dar à luz um rei cujo domínio atingirá não só a Terra, mas também o céu, e cujo reinado durará por todos os séculos.”

APÓCRIFO DO LIVRO SOBRE A NATIVIDADE DE MARIA

Por último, a mesma passagem da aparição do anjo é relatada assim no texto do Livro sobre a Natividade de Maria:

IX

1. Nesses mesmos dias – ou seja, no início de sua chegada à Galileia – foi enviado por Deus o anjo Gabriel, para que lhe anunciasse a concepção do Senhor e para que a pusesse a par da

maneira e ordem como ia se desenrolar esse acontecimento.

E assim, chegando ao lugar onde ela se encontrava, inundou-o de um fulgor extraordinário. Depois saudou-a amabilissimamente nestes termos:

“ Deus te salve, Maria, Virgem gratíssima ao Senhor, Virgem cheia de graça: o Senhor está contigo; tu és mais bendita que todas as mulheres e que todos os homens que nasceram até agora.”

2. A Virgem, que estava bem acostumada a ver rostos angelicais e a quem era familiar ver-se circundada de resplendores celestiais, não se assustou pela visão do anjo, nem ficou aturdida pela magnitude do resplendor; apenas viu-se surpresa pela maneira de falar daquele anjo. E assim, pôs-se a pensar a que se devia saudação tão insólita, que prognóstico poderia lhe trazer e que desenlace teria finalmente. O anjo, por inspiração divina, foi ao encontro de tais pensamentos e disse-lhe:

“ Não tenhas medo, Maria, de que nesta minha saudação tenha velado algo contrário a tua castidade. Justamente por teres escolhido o caminho da pureza, encontres graça aos olhos do Senhor. E por isso vais conceber e dar à luz um filho sem pecado algum de tua parte.

“ 3. Ele será grande, pois estenderá seu domínio de mar a mar e do rio até os confins da Terra. Será chamado Filho do Altíssimo, porque quem vai nascer humilde na Terra está reinando cheio de majestade no céu. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó. Seu reinado não terá fim. Ele é rei de reis e senhor dos que dominam. Seu trono durará pelos séculos dos séculos.”

4. Então, a Virgem, não por incredulidade às palavras do anjo, mas querendo apenas saber como teriam de ser cumpridas, respondeu:

“ E como se verificará isso? Como poderei dar à luz se nunca vou conhecer homem, de acordo com meus votos?”

Disse o anjo:

“ Não penses, Maria, que vais conceber de maneira humana: sem união marital alguma, darás à luz sendo Virgem e amamentarás permanecendo Virgem. O Espírito Santo virá, de fato, sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra contra todos os ardores da concupiscência. Portanto, apenas teu rebento será santo, porque sendo o único concebido e nascido sem pecado, se chamará Filho de Deus.”

Maria, então, estendeu seus braços e elevou seus olhos ao céu, dizendo:

“ Eis aqui a escrava do Senhor, posto que não sou digna do nome de senhora: faça-se em mim segundo tua palavra.”

POR QUE DOIS “ENCONTROS”?

Nos dois primeiros apócrifos – os de Tiago e Mateus – os autores falam com clareza de dois “encontros” de Maria com os “anjos”. Primeiro na fonte – possivelmente na periferia do povoado onde a Virgem residia naquele momento –, e, por último, o mais importante, em seu próprio domicílio.

Mas, por que dois “encontros”? Será que os membros da “equipe” consideraram mais prudente? Será que, talvez, Maria precisava de uma “familiarização” com esses seres?

Vejo, talvez, um contrassenso nisso, posto que nas passagens anteriores desses mesmos apócrifos repete-se o “contato” diário que Maria mantinha com os “anjos” ou “astronautas”. Devia estar, portanto, muito acostumada a sua presença. E assim específica, por exemplo, o terceiro texto apócrifo, quando afirma que Maria não se assustou com a chegada do anjo e do “fulgor extraordinário que encheu o aposento”.

Um fulgor que bem podia proceder das próprias roupas do “astronauta”, ou da nave, próxima à casa de Maria, na qual talvez o “anjo” houvesse chegado à aldeia.

Também pode ser, evidentemente, que tal resplendor nascesse da própria constituição do ser.

DOMÍNIO DA TELEPATIA

E prossegue o Livro sobre a Natividade de Maria, e aponta que o anjo, “por inspiração divina, foi ao encontro dos pensamentos da Virgem”.

Eu suponho que um ser tão extraordinariamente evoluído – os três apócrifos e até os Evangelhos canônicos coincidem na identidade do “mensageiro”: Gabriel – dominava perfeitamente o que nós conhecemos como transmissão do pensamento ou telepatia. Não deve ter sido um problema, para ele, captar os sentimentos e dúvidas que estavam surgindo na mente de Maria.

Por isso que a expressão “por inspiração divina” não me parece a mais apropriada; mas, na verdade, isso também não tem maior importância.

A RESPEITO DA LIBERDADE HUMANA, ATÉ O LIMITE

Devemos reconhecer que, tanto tendo sido um “astronauta” ou dois no anúncio a Maria, o “alto-comando” demonstrou um grande respeito pela liberdade humana. Pensando bem, que necessidade tinha de advertir a menina acerca da gravidez? A misteriosa concepção de Jesus podia ter simplesmente acontecido. E talvez, no transcurso da gestação – ou não –, a “equipe” podia ter descido novamente até Maria e José e lhes contado as razões e origem da súbita gravidez.

Mas nada disso aconteceu.

Um membro da “equipe”, definitivamente, chegado o grande instante, surgiu diante da Virgem e a advertiu das intenções “superiores”.

E eu me perguntei algumas vezes: e se a jovem Maria, pelas razões que fossem, houvesse se negado? O que teria acontecido? O que o “Estado-Maior” e os próprios “astronautas” teriam feito?

O que indubitavelmente é fascinante é o modo como tudo aconteceu. Como pôde realmente ocorrer a concepção virginal e milagrosa naquela menina que, segundo todos os relatórios históricos, devia rondar os treze, catorze anos? Qual pode ter sido o “sistema” de que o Espírito Santo se valeu? E o mais problemático e delicado: a “equipe” de “astronautas” participou dessa “fase”?

Algumas pessoas que conheceram minhas inquietudes nesse terreno acusaram-me de arrogante e irreverente. Gostaria de deixar perfeitamente claro que, embora tenha consciência de meus muitos pecados e limitações, espero não cair jamais na idiotice da soberba. Porque é coisa de idiota conhecer a maravilhosa profundidade e poder de Deus e rebelar-se contra Ele. Isso é o que entendo por soberba.

Em meu caso – e neste caso específico –, move-me apenas uma constante curiosidade, um afã de saber...

Sei que Deus – com sua única vontade – pôde fazer o milagre da concepção virginal de Maria. Mas algo me diz que – sem perder esse caráter sobrenatural – naquele “ato” as criaturas ou hierarquias a serviço de Deus também podem ter participado. O que sabemos, na realidade, acerca dos métodos, tecnologias e meios desses seres tão próximos à Suprema Perfeição?

Que ninguém me julgue, portanto, um insensato irreverente. Talvez, como um atormentado buscador da Verdade...

18. Uma concepção virginal “controlada”?

Acho que, às vezes, o homem de nosso tempo corre um sério risco de perder a noção da perspectiva.

Esquecemos, por exemplo, que, há apenas oitenta anos, a ideia de uma sociedade manipulada por um grande computador central teria soado aos ouvidos dos cidadãos como o mais alucinante dos relatos de ficção científica. Hoje, porém, a entrada dos cérebros eletrônicos na sociedade ocidental é um fato amplamente aceito. Eu diria que até esperançoso.

Quem teria apostado, há duzentos anos, em uma comunidade servida e quase prestes a ser manipulada por robôs?

Como teria reagido a sociedade napoleônica – para não retroceder excessivamente no tempo – diante de um projeto como o que o Japão hoje desenvolve: a construção de uma “segunda geração” de robôs, encarregados da árida e dura programação de máquinas?

Por onde teríamos que começar a explicar ao amigo Napoleão que na segunda metade do século xx iríamos ganhar e perder batalhas graças à existência de “bombas” ou projéteis teleguiados a partir de um centro de controle?

Será que a Santa Inquisição teria aceitado que uma lei como a de transplantes de órgãos fosse sequer discutida no Parlamento da nação?

Quantos políticos – para não falar de religiosos – teriam corrido o grave risco de ser mandados para a fogueira pelo Santo Ofício se naquela época houvessem chegado a questionar a necessidade de um controle de natalidade?

Que palavras ou terminologia os sábios e grandes humanistas do Renascimento teriam utilizado para explicar a sua sociedade os atuais experimentos de “marca-passos cerebrais”?

Como teria reagido a Igreja Católica em pleno Concílio de Trento se alguém houvesse mostrado ao Sagrado Colégio Cardinalício um simples

filme do papa João Paulo ii aterrissando em Nova York em um gigantesco “pássaro” de aço...?

Os esquemas mentais daquelas sociedades – tanto os individuais quanto os coletivos – teriam ficado “bloqueados” diante da “terrível” notícia da consecução, poucas centenas de anos depois, de um “bebê de proveta”.

Conseguir a fecundação do óvulo feminino fora do molde natural do ventre materno? O experimento teria sido tomado como “coisa do diabo” ou, na melhor das hipóteses, como um “milagre”...

Hoje, sabemos que o “bebê de proveta” é uma realidade, uma descoberta da Ciência. A ninguém ocorre pensar em um milagre nem na intervenção sobrenatural de anjos ou santos.

O que acontece, então?

Por que hoje, em plena Era Espacial, são registrados tão poucos milagres e, porém, há quinhentos anos, estavam à ordem do dia?

Não será que os avanços científicos e técnicos começaram a esclarecer muitos pontos obscuros para os quais, no passado, só cabia a explicação milagrosa?

Como podemos ou devemos entender, então, o conceito de “milagre”?

A própria Igreja nos ensina, hoje, em um gesto de prudência, que o milagre é aquilo que quebra as leis físicas e naturais e que só pode ser assimilado à luz de uma intervenção externa ao homem.

E estou me aproximando do final desta exposição.

Embora reconheça que o poder de Deus é ilimitado e que pode conseguir tudo a que se propuser, por que não aceitar, também, a possibilidade, ou hipótese, ou teoria de uma “intervenção” ou “ação” puramente técnica ou científica – não sei que palavras utilizar – na “fase intermediária”, digamos assim, da Concepção Virginal de Maria?

Tentarei me explicar.



“No mês sexto foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, por nome de Nazaré, a uma virgem chamada Maria...” (São Lucas, 1)

Se a “Operação Redenção” estava sendo “conduzida”, em boa medida, por toda uma “equipe”, integrada pelo que hoje poderíamos qualificar como “astronautas” ou “missionários do Espaço” a serviço de Deus, por que rejeitar a ideia de uma Concepção Virginal “controlada” ou “dirigida” fisicamente e mediante um “sistema” que só 2 mil anos depois estaríamos em condições de começar a entender?

Se a própria presença das naves e de seus ocupantes – os “anjos” – era já, na minha opinião, motivo de assombro e só podia se encaixar nas consciências dos israelitas como a “glória de Yaveh”, como conseguir fazer com que aquela comunidade assimilasse o caráter talvez puramente científico de uma concepção virginal?

É lógico que os “responsáveis” pela missão, conscientes do baixo nível evolutivo daqueles homens e mulheres, recorressem simplesmente à

fórmula da “intervenção sobrenatural”.

Para que e por que complicar mais as coisas?

Mas, o que entendo eu por uma Concepção Virginal “controlada ou dirigida fisicamente”?

É possível que muitas pessoas arranquem os cabelos diante do que vou expor...

ALGUMAS HIPÓTESES

Só me ocorre antecipar algo que tentarei expor com mais calma no final deste item: é que não questiono – Deus me livre – a origem absolutamente divina de Jesus de Nazaré. Acredito piamente nela.

Mas, vamos às teorias ou possibilidades que há tempos se abrigam em meu coração e que, talvez, encerram a chave da concepção virginal de Maria:

Primeira teoria: inseminação artificial

Hoje, sabemos que, graças aos avanços da Medicina, a inseminação artificial é uma realidade. Existem muitos bancos de esperma no mundo, utilizados, quando assim se deseja, para a fecundação do óvulo feminino.

O número de crianças nascidas por esse procedimento é cada vez maior. Hoje, na Espanha, já existem três bancos de esperma. O primeiro, obra do doutor Simón Marina, em Barcelona. O segundo, na Residencia Sanitaria Enrique Satamayar, da Seguridade Social, em Bilbao, dirigido pelo doutor Partuondo, e o terceiro, em Madri, obra do doutor Giménez, situado no centro Ramón y Cajal.

Os primeiros e complicados problemas da sobrevivência do esperma masculino já foram definitivamente resolvidos, graças aos prodigiosos avanços tecnológicos. Na verdade, armazenar os espermatozoides, congelados a 196° centígrados em nitrogênio líquido, sem que sofram danos e conservem seu poder fecundador, só foi possível quando se encontrou um meio crioprotetor adequado. Os cristais de gelo que se formavam prejudicavam as estruturas celulares, e no caso dos espermatozoides, perdiam a capacidade de fecundação. Jean Rostand encontrou um meio de impedir que esses cristais de gelo se formassem

sem afetar quimicamente as células vivas. Isso aconteceu em 1954. Desde então, os bancos de sêmen foram proliferando.

O sêmen, armazenado em lâminas de plástico de 0,25 mililitro de capacidade, pode ser conservado intacto durante mais de cinco anos.

E surge a pergunta: será que a concepção virginal de Maria pode ter sido praticada por meio do método da inseminação artificial?

Embora o sistema tenha sido absolutamente “milagroso” para os homens há mais de 2 mil anos,²³ pessoalmente, “não” creio que os “astronautas” tenham utilizado esse procedimento. Além de seu caráter irremediavelmente grosseiro – é preciso introduzir uma seringa especial por via vaginal –, a inseminação artificial, tal como a conhecemos hoje, não é segura. As porcentagens de sucesso são, ainda, dificilmente calculáveis, devido a muitos fatores ainda desconhecidos que interferem no processo. Pode-se dizer, porém, de forma aproximada, que de todas as mulheres que solicitam a inseminação artificial, e tendo em conta as desistências por diversos motivos, a porcentagem de fecundação é de 40% ao cabo de seis meses, não ultrapassando os 60% ao cabo de um ano.

Evidentemente, a “equipe” não podia correr esses riscos...

Fica claro, ainda, por meio dos livros sagrados, que a concepção da Virgem deve ter acontecido praticamente no momento do anúncio do “astronauta”, ou pouco depois.

Mas há, ainda, outro fator que invalida – segundo nossos atuais conhecimentos, claro – a teoria da inseminação.

Estou me referindo à presença física dos espermatozoides. Este, nem mais nem menos, é o grande “cavalo de batalha” que confronta a Igreja e o racionalismo científico.

Enquanto a Teologia não aceita a presença de tais corpos, posto que isso poderia implicar o reconhecimento da presença de homem na concepção, alguns setores da Ciência – para os quais é muito difícil aceitar o “mistério” religioso – insistem na impossibilidade de fecundação e posterior gestação natural sem a existência de pelo menos um espermatozoide.

E digo que a inseminação artificial fica anulada nesse sentido porque – pelo menos atualmente – a quantidade de espermatozoides que se lançam à

corrida do óvulo em cada inseminação é astronômica. O poder fecundador do sêmen é caracterizado, justamente, pela concentração de espermatozoides e sua mobilidade. A ejaculação de um homem normal tem um volume variável de 2 a 5 mililitros, com mais de 70 milhões de espermatozoides por mililitro, dos quais mais de 80% são móveis. Isso quer dizer que um homem normal lança entre 140 e 350 milhões de espermatozoides em cada ato sexual.

Recentemente, o grande cientista David Epel afirmava que, por meio de fotografias feitas com microscópio eletrônico de varredura, Mia Tegner havia observado, no laboratório da Scripps Institution of Oceanography, que, em condições de saturação, podem se unir a um único óvulo até 1.500 espermatozoides. (Refere-se, neste caso, a experiências feitas com ouriços-do-mar.) Pois bem, em termos do óvulo humano, embora essa superabundância seja necessária para assegurar que pelo menos um espermatozoide fecunde o óvulo, pode derivar também em outros graves problemas. A saber: se mais de um espermatozoide perfurar o óvulo – fenômeno conhecido como “polispermia” –, o número de cromossomos será maior que o de uma dotação normal, e o desenvolvimento será detido nos primeiros estágios da embriogênese. Por isso, as espécies animais – e também o homem – tiveram que criar mecanismos que impedem que mais de um espermatozoide penetre no óvulo.

Se aceitássemos a tese da “inseminação artificial” como o procedimento de que os “astronautas” se valeram na concepção virginal de Maria, poderíamos tropeçar – quase com certeza – com este grave risco da “polispermia”.

E o que teria acontecido se a gravidez da Virgem houvesse malogrado como consequência da perfuração de seu óvulo por mais de um espermatozoide? E o que teria sido ainda mais insólito: o que teria acontecido se Maria houvesse concebido... gêmeos ou trigêmeos!?

Eram muitos riscos, na minha opinião, para que a “equipe” celeste pudesse adotar esse sistema. A não ser, naturalmente, que a “inseminação artificial” que uma civilização tão extraordinária pudesse ter praticado reunisse outras características.

De qualquer maneira, sempre acabaríamos tropeçando na mesma pedra: o espermatozoide estaria igualmente presente. E isso não se encaixa na ação sobrenatural e misteriosa do Espírito Santo.

Segunda teoria: fecundação in vitro

Todos ficamos confusos ou surpresos quando, na madrugada do dia 26 de julho de 1978, os médicos do Hospital Geral de Oldham, na Inglaterra, trouxeram ao mundo uma menina de “proveta”. O bebê, com 2,7 quilogramas e um estado de saúde “excelente”, era a primeira criatura deste planeta a ser fecundada fora do seio materno.

A técnica dos doutores Steptoe e Robert Edwards consiste em pegar um óvulo da mulher e fertilizá-lo com os espermatozoides do marido em um tubo de ensaio. Após um período de incubação, o novo ser humano é implantado no útero materno, onde prossegue seu desenvolvimento normal até o nascimento.

Se o sistema de “inseminação artificial” teria sido “coisa do diabo” para nossos ancestrais – sem falar para os israelitas de mais de 2 mil anos atrás –, o que teriam pensado da concepção de um homem “fora” da mulher? Nos tempos de Galileu – e até mesmo em épocas mais próximas – os doutores Steptoe e Edwards e todo o hospital teriam sido “purificados” com o fogo das fogueiras...

Esse revolucionário e promissor avanço da Medicina dificilmente teria sido entendido pelos homens da Idade Média e por nossos próprios avós. Eis aqui outro fato que fortalece minha crença a respeito da incompreensão dos homens há 4 mil, ou 2 mil anos, em relação a seres que fossem capazes de se deslocar em naves siderais ou que procedessem de outros astros.

Mas, voltemos ao delicado tema da concepção virginal de Maria.

Podemos pensar que os “astronautas” se valeram desse sistema da fecundação *in vitro* para fertilizar o óvulo da Virgem?

Embora esse procedimento seja mais sofisticado e sutil que o da inseminação artificial, também não me inclino a acreditar nele como uma solução.

Definitivamente, encontramos-nos no mesmo beco sem saída: a presença dos necessários espermatozoides. O problema se repete.

Como já insinuei anteriormente – e utilizando as palavras mais elementares do mundo –, se Jesus de Nazaré era o Filho de Deus, sua concepção no seio de Maria não podia ser obra de um espermatozoide, posto que este é um “transmissor” humano de vida.

Pois bem, na minha opinião, a natureza humana de Cristo foi total e absolutamente normal, dentro do âmbito físico-biológico. Ele era, definitivamente, um homem como qualquer outro. E não estou me referindo agora, logicamente, a seu caráter divino...

E a Ciência nos diz que para o desenvolvimento embrionário e a perfeita gestação de um ser humano é condição básica uma carga perfeita e completa do que se denomina “código genético”. O normal é que o óvulo da mulher encerre a metade desse “código” (23 cromossomos) e o espermatozoide do homem o resto (outros 23 cromossomos). Se ambas as células se fundem com sucesso, acontece a conhecida fecundação, e temos um novo indivíduo, com sua dotação normal de cromossomos: 46. Qualquer alteração neste “pacote” de cromossomos pode conduzir ao aborto ou a alterações no futuro ser humano. Evidentemente, nada disso aconteceu com Jesus.

Mas, então, como pode ter sido a fecundação do óvulo de Maria?

Terceira teoria: transporte por uma radiação desconhecida

Chegando a este limite aparentemente infranqueável para a Ciência e a tecnologia humanas de 1980, entramos sem querer no mesmo e obscuro terreno do mistério em que a Igreja se desenvolveu e desenvolve durante vinte séculos. A partir daqui, portanto, minhas proposições têm que se afastar do que sabe ou marca o conhecimento do homem. O que não quer dizer que me submeto à fácil situação dos que professam a “fé do carvoeiro”...

Acredito piamente na sensatez de Deus. Já disse isso. Uma sensatez que duvido muito que o faça ignorar, como se nada fosse, as leis físicas que procedem de seu poder e de sua inteligência. Aqui, justamente, pode estar

a chave para entender ou se aproximar, um dia, do ainda “mistério” da concepção de Jesus.

Se a Grande Força, ou Deus, quis que seu Filho fosse feito como qualquer um de nós, com certeza tentou respeitar as linhas mestras de seu desenvolvimento embrionário. Algo estava claro, e assim foi anunciado pelo “astronauta” à futura mãe:

“... Conceberás sem obra de homem.”

Mas isso não tinha por que significar que o óvulo de Maria ficaria “órfão” desses 23 cromossomos restantes e indispensáveis, segundo a genética, para que um homem prosperasse. Hoje, sabemos que com a fecundação ocorre uma ativação geral do letárgico metabolismo da célula feminina, dando início, assim, ao desenvolvimento embrionário. E está igualmente provado que essa ativação e iniciação não se devem ao fato de o espermatozoide aportar algum fator de que o óvulo careça. A pesquisa demonstrou, nesse sentido, que o “despertar” do óvulo feminino pode ser induzido puncionando-o com uma agulha ou expondo-o a soluções ácidas ou salinas. A diferença entre esses últimos métodos de estimulação do óvulo e o natural do espermatozoide é que os embriões resultantes por aqueles procedimentos não sobrevivem. E a razão é chave: esses “possíveis” seres morrem porque carecem da metade da dotação cromossômica característica da espécie.

Como, então, o embrião de Jesus de Nazaré poderia ter sobrevivido se só houvesse contado com os 23 cromossomos próprios do óvulo de Maria?

É por isso que acredito firmemente em algum tipo de ação física na fecundação da Virgem.

Mas, como?

A pergunta acaba sempre em primeiro plano...

Permitam-me um último rodeio antes de expor minha hipótese.

Essa lamentável falta de perspectiva a que o homem de nosso tempo está submetido o leva, por exemplo, a não perceber que até 1877 a humanidade não havia conseguido ver, ainda, a “corrida de um espermatozoide rumo a um óvulo”. Só então, e graças ao zoólogo suíço Hermann Fol, que observou no microscópio um espermatozoide de estrela-do-mar se aderir

ao óvulo e o fecundar, acabaram séculos de especulações sobre como, onde e por que se produzia realmente a fertilização de uma mulher.

Ou seja, faz apenas cem anos que “descobrimos” o “segredo” da vida...

Como poderíamos sequer imaginar os meios ou canais de fecundação de uma civilização que povoe nosso próprio planeta, ou qualquer outro, dentro de um milhão de anos?

Isso, justamente, pode ser o que aconteceu há 2 mil anos nas terras de Israel com aqueles “astronautas” chegados de Deus sabe onde.

Aqueles seres – tão próximos da Força Criadora – puderam “transportar”, mesmo à distância, a “carga genética” necessária para fecundar o óvulo da Virgem. Talvez, um dia, nós também cheguemos a descobrir que a fecundação da mulher é possível sem sequer tocá-la.

Imaginemos, por um momento, a possibilidade de manipular essa “carga genética”, mas sem a necessidade do “estojo” que a transporta: o espermatozoide. Se descobríssemos um sistema para que essa “carga” não se danificasse em seu novo estado, talvez fosse possível “lançá-la” ou “dirigi-la” de fora até o óvulo da mulher.

Neste caso, a fecundação seria perfeita e normal. Mas Maria teria conservado sua virgindade. Isso, por outro lado, permitiria a seleção prévia dessa “carga genética”, de forma que sempre obteríamos indivíduos sem taras ou alterações. Por esse procedimento, ainda ideal para nós, não seriam necessários esses milhões de “cargas genéticas” que – graças aos espermatozoides – correm para o óvulo em cada ejaculação.

Para esse “lançamento” ou “transporte” à distância seria necessário, também, um adequado “apoio logístico”. Talvez uma determinada radiação. Talvez um laser. Aceitando essa possibilidade, o mesmo “astronauta” que fez o anúncio a Maria pode ter “disparado” nela a citada “carga genética”. Era lógico supor que a “equipe” mantivesse a menstruação de Maria sob controle.

É possível, também, que os “astronautas” tenham chegado a “desmaterializar” essa “carga genética” fora do corpo de Maria, “materializando-a” quase instantaneamente dentro do óvulo da Virgem. Se eram seres que podiam manipular as mudanças de dimensões, por que rejeitar a hipótese? Teria sido suficiente, talvez, uma mudança ou variação

nos eixos das partículas subatômicas que integravam esses genes para fazê-los “saltar” de dimensão.

O grande problema da origem dessa “carga genética” – e posto que estamos falando da Divindade – é algo que já escapa definitivamente de meu ridículo cérebro.

Quarta teoria: Uma ação absolutamente direta da Divindade

Por último, já esbocei em outras partes deste ensaio, não podemos descartar – inclusive do ponto de vista científico – outro tipo de “ação”, absolutamente vinculada, talvez, à mão ou à vontade dessa Grande Força.

Eu cairia em minha própria armadilha se fechasse o caminho para outra ou outras possibilidades, tal como a fecundação do óvulo humano “pela simples vontade dessa Grande Energia que chamamos de Deus”.

Não é meu propósito violar os limites de meu próprio entendimento. E sei que Deus ou a Verdade estão muito além...

Esta última tese, naturalmente, não teria afetado a “equipe”. A ação e responsabilidade teriam recaído diretamente nessa Divindade.

Em qualquer caso, a virgindade da menina poderia ter ficado perfeitamente a salvo. Todas as consultas que fiz a ginecologistas levaram sempre ao mesmo fim: a virgindade não constitui, hoje, um obstáculo intransponível para a concepção.

A Medicina atual está cheia de casos em que mulheres que não perderam a virgindade ficaram grávidas. Tudo depende, por exemplo, das circunstâncias e da resistência do hímen.

Um veterano ginecologista me contava que nas Faculdades de Medicina continuam usando como exemplo aquele caso de uma garota que, após tomar banho na banheira de sua casa, ficou grávida. A explicação era muito simples. Minutos antes, um irmão da garota havia tomado banho no mesmo lugar, masturbando-se. Milhões de espermatozoides ficaram flutuando nos restos de água. Quando a jovem foi tomar banho – e apesar de ter enchido a banheira com água limpa –, alguns espermatozoides conseguiram penetrar na vagina, fecundando-a.

E embora isso, evidentemente, seja quase bizarro, os médicos concordam e concebem que uma mulher possa continuar sendo virgem mesmo depois

de um parto. Como dizia, tudo depende da natureza e elasticidade do hímen.

A CONCEPÇÃO PODE TER SIDO EM JANEIRO

É evidente que aquela “equipe” tinha tudo previsto, e, entre outros “detalhes”, o momento oportuno para a concepção. Se os “astronautas” conheciam de antemão o lugar e as circunstâncias do nascimento do Enviado, não tiveram mais remédio senão enfrentar o então inevitável problema das chuvas.

A época das viagens, naquelas terras, começava em fevereiro ou março. Isso se devia basicamente ao clima. Nesses meses, justamente, acaba a época de chuvas, e só então se podia pensar em viajar. Os caminhos molhados eram uma grave ameaça para os peregrinos, que só podiam se deslocar a pé ou no lombo do gado. “Rezai para que vossa fuga não seja no inverno”, diz são Mateus.

Era necessário, então, esperar os meses secos – de março a setembro – para se pôr em marcha e ir, por exemplo, às festas e mercados de Jerusalém.

Justamente nessa época do ano crescia imensamente o número de estrangeiros na grande cidade, que chegavam de todas as partes do mundo para celebrar as três grandes festas de peregrinação: Páscoa, Pentecostes e os Tabernáculos.

Os membros da “equipe” deviam saber muito bem disso. E posto que Jesus devia nascer em Belém da Judeia, o lógico é que o deslocamento de José e Maria fosse realizado durante a época seca.

A meteorologia atual ratifica essa ideia.

Segundo são Lucas, “... havia uns pastores naquela mesma comarca que pernoitavam ao relento e velavam por turno para guardar seus rebanhos” (2, 8). Os meteorologistas fizeram medições muito precisas das temperaturas no Hebron. Essa localidade, situada ao sul das montanhas da Judeia, tem o mesmo clima que a próxima Belém. A curva da temperatura oferece geadas em três meses: em dezembro, com 2,8° abaixo de zero; em janeiro, com 1,6° abaixo de zero, e em fevereiro, com 0,1° abaixo de zero (graus Celsius).

Os dois primeiros meses oferecem, ao mesmo tempo, as precipitações mais altas do ano: 147 milímetros em dezembro e 187 em janeiro. E posto que o clima da Palestina não sofreu variações notáveis nos últimos 2 mil anos, esses números podem servir de base para nossa proposição.

Na época do Natal, reina a geada em Belém. Isso quer dizer que os pastores não podiam ficar ao relento em pleno mês de dezembro. Nessa data, como nos meses de janeiro e fevereiro, o normal é que os rebanhos se encontrem abrigados sob um teto. Isso coincide, ainda, com o já mencionado problema das chuvas. Isso, por outro lado, fica reforçado por uma notícia do Talmud, segundo a qual, naqueles lugares, os rebanhos saíam ao campo no mês de março e eram recolhidos no início de novembro.

Isso demonstra que o nascimento de Jesus não pode ter sido em dezembro, e sim em outubro ou talvez setembro. Nesse caso, a concepção pode ter ocorrido no início do ano. Mais ou menos em janeiro ou fevereiro.

Uma concepção que, embora pareça mentira, e segundo os textos dos Evangelhos apócrifos, encheu José e Maria de problemas e amargura...

23 Tentativas de inseminação artificial foram registradas na França já no século XIX, mas, historicamente, temos notícias de que era praticada já na Idade Média. E cita-se o caso de Arnaud de Villeneuve, médico de reis e papas, a quem se atribui a inseminação artificial da esposa de Henrique iv de Castela, conhecido como o Impotente. Um advogado célebre dos tribunais parisienses do século passado era filho de uma condessa a quem Giroud havia praticado a inseminação artificial em 1838. O mesmo Giroud, especialista de vanguarda da época, relatava na revista *L'Abeille Médicale* que desde 1838 havia tratado por esse meio doze mulheres, das quais dez engravidaram, sendo a experiência um verdadeiro sucesso. Em 1883, o doutor Lajatre, de Bourdeaux, fazia até publicidade nos jornais sobre a inseminação artificial. Mas, devido a uma exorbitante nota referente aos honorários por um tratamento sem sucesso, foi condenado por um tribunal, junto com a prática da inseminação artificial.

19. José e Maria, submetidos a julgamento

Tenha a concepção da jovem Maria sido “dirigida” ou não pela equipe de “astronautas”, o que realmente deve ter constituído um grave problema – digamos social – foram os “sintomas” imediatos da fecundação.

Tal como aparece nos Evangelhos canônicos e apócrifos, a Virgem, que morava, ao que parece, em Nazaré, pequena aldeia da Galileia, começou a dar evidentes sinais de seu Estado de boa esperança. E posto que tanto José quanto Maria se encontravam ainda em pleno noivado – ou seja, simplesmente “prometidos” –, o assunto, como ocorre sempre, começou a se envenenar, sendo o alvo principal dos mexericos e intrigas.

Que outras notícias podiam amenizar a vida cinza e rotineira de uma comunidade tão pequena e distante como Nazaré?

A própria Galileia, região setentrional da Palestina, tanto por sua considerável distância de Jerusalém como por seus contatos com os pagãos, era malvista nos centros religiosos oficiais. Era chamada “Galileia dos pagãos”. E, ainda por cima, Nazaré não aparece nem nos textos do Antigo Testamento nem nos escritos de Flavio Josefo. Devia se tratar, enfim, de uma aldeia pequena onde o modo de vida era muito primitivo. Mesmo nos tempos de Herodes. Os últimos achados arqueológicos dos Franciscanos confirmam isso. Duvido muito, portanto, que o lugar onde Jesus passou sua infância e juventude fosse um modelo de conforto. Nem de beleza. São Jerônimo chamava Nazaré de “Flor da Galileia”. Suponho que esse elogio nasceu mais por seu zelo cristão que por um conhecimento objetivo da realidade. Uma aldeia sem água corrente, sem luz, com as ruas de terra ou areia e possivelmente mergulhada em nuvens de moscas não podia ser um paraíso...

Hoje, graças ao turismo e aos dólares que milhares de curiosos e peregrinos vindos do mundo todo aportam, Nazaré sofreu uma mudança

radical. Em suas ruas e vielas estão situadas as oficinas abertas e as lojas de muitos carpinteiros. Curiosa coincidência...!

Nelas são construídas cangas de madeira para os bois, arados e uma grande variedade de utensílios para as tarefas próprias do campo.

Hoje, conserva-se até uma fonte situada ao pé de uma colina, que brota em forma de manancial. É chamada de “fonte de Maria” (*Ain Maryam*) e, sendo verdadeira sua origem, pode se tratar do mesmo lugar onde contam os apócrifos que a Virgem foi surpreendida por aquela “voz misteriosa” e pelo não menos misterioso “anjo” ou “astronauta”.

Suponho que, como mais uma “atração” turística, as mulheres atuais de Nazaré continuam levando os cântaros de água sobre suas cabeças.

Naquele ambiente tão reduzido – talvez a aldeia não chegasse sequer aos mil habitantes (hoje tem uns 10 mil) –, a gravidez da menina deve ter sido um “acontecimento”...

A lei hebraica, ainda, era muito dura neste aspecto. Se José ou qualquer outro membro do povo houvesse violentado Maria em pleno desposório, a carga dessa lei seria implacável com o responsável. É mais que lógica, portanto, a atitude de José, “que resolveu repudiá-la em segredo”, como diz o Evangelho segundo são Mateus.

A MULHER: CIDADÃ DE SEGUNDA CATEGORIA

Para os homens do século xx, e especialmente para os da cultura ocidental, aquele “sistema” de casamento de então é estranho. Porém, é vital conhecê-lo se quisermos compreender melhor a imensa angústia de José.

Como já citei anteriormente, a situação social da mulher na comunidade judia há mais de 2 mil anos não era das melhores. Ela era excluída da vida pública. Enquanto era menina, devia permanecer na casa paterna ou, como no caso excepcional de Maria, no Templo. Sob a proteção do pai, as filhas deviam entrar depois dos rapazes. Sua formação se limitava à aprendizagem dos trabalhos domésticos, costurar e tecer particularmente. Cuidavam dos irmãos e irmãs menores e, em relação ao pai, tinham os mesmos deveres que para com os filhos: alimentá-lo e dar-lhe de beber, vesti-lo e cobri-lo, levá-lo à rua e trazê-lo de volta quando era velho, lavar seu rosto, mãos e pés. Mas não tinham os mesmos direitos a herança que

seus irmãos. Neste caso, os irmãos e seus descendentes precediam as filhas.

O pátrio poder era extraordinariamente grande em relação às filhas menores antes do casamento. Estavam totalmente em poder de seu pai. Eis aqui a curiosa distinção que se fazia das mulheres de então:

“A menor” (até a idade de “doze anos e um dia”). “A jovem” (entre os doze e os doze anos e meio) e “a maior” (depois dos doze anos e meio). Nessa idade, aproximadamente, ocorria a primeira menstruação.

Até os doze anos e meio, o pai tinha total poder. Sua filha não tinha direito de possuir. Tudo absolutamente – desde suas roupas ao fruto de seu trabalho, e até o que pudesse encontrar na rua – pertencia a seu pai.

A filha que não havia alcançado os doze anos e meio tinha, ainda, muito pouco direito de dispor de si mesma. O pai, se assim desejasse, podia anular seus votos. Eis um dado importante a ter em conta se pensarmos no voto feito por Maria...

O pai representava sua filha em todos os assuntos legais e muito especialmente na hora de aceitar ou rejeitar uma proposta de casamento. Até os doze anos e meio, uma filha não tinha direito de rejeitar o casamento decidido por seu pai. Insólito: ele podia, inclusive, casá-la com um deformado! E mais ainda: o pai, de acordo com a lei, podia vender sua filha como escrava, desde que não houvesse chegado à citada idade de doze anos e meio.

Os “esponsais”, que aconteciam a uma idade muito precoce segundo nosso particular modo de ver as coisas, preparavam a passagem da jovem do poder do pai ao do marido. Essa era a chave. A idade normal para esses sponsais era – para a mulher – entre os doze e doze anos e meio. Justamente ao chegar à puberdade. Há dados, inclusive, de sponsais e casamentos ainda mais precoces. Era muito corrente, por exemplo, prometer-se a uma parente, e não só nos círculos elevados, onde, por manterem as filhas separadas do mundo exterior, era difícil o conhecimento entre os jovens.

Esses “esponsais”, definitivamente, significavam algo parecido ao que nós conhecemos e praticamos – não sei se o costume ainda continua em vigor... – como “pedido de mão”. Precediam o casamento propriamente

dito e à estipulação do contrato matrimonial. Significava a “aquisição” da noiva pelo noivo. Dessa forma, constituía-se a formalização válida do casamento. A prometida era chamada de “esposa”. Podia ficar “viúva” nesse período e ser “repudiada” mediante um libelo de divórcio e condenada à morte em caso de adultério. O “casamento” acontecia um ano depois dos “esponsais”.

A fundamental importância do contrato matrimonial – que era feito depois dos sponsais – consistia, segundo a lei, na regulamentação das relações jurídicas entre os esposos em questões financeiras. As principais disposições eram as seguintes:

1. Fixação do que o pai da noiva devia pagar: bens extradotais (ou seja, que continuavam sendo propriedade da noiva, dos quais o marido só obtinha o usufruto) e bens chamados “em ferro”. Ou seja, que passavam à propriedade do marido, mas cujo equivalente devia ser devolvido à mulher no caso de ruptura matrimonial.
2. Estipulação da garantia matrimonial. Ou seja, a soma que a mulher deveria perceber em caso de separação ou de morte do marido.

O mais claro indicador da lamentável situação da mulher judia daquela época era a equiparação existente entre a “aquisição” da mulher e da escrava. “Adquire-se a mulher por dinheiro, contrato e relações sexuais.” Assim rezava o escrito rabínico *Qiddushin*. Ainda, “Adquire-se a escrava pagã por dinheiro, contrato e tomada de posse”. Temos que reconhecer que era uma “sutil” matização...

Que diferença podia haver entre a esposa e a escrava, então?

Talvez, as únicas diferenças a lei determinava: a esposa conservava o direito de possuir os bens (não de dispor deles) que havia trazido de sua casa como bens extradotais e, em segundo termo, a segurança que o contrato matrimonial podia lhe dar.

O amor, como podemos apreciar, não aparece em lugar nenhum.

O marido, ainda, podia levar concubinas para sua casa. Segundo R. Meir, a diferença entre uma esposa e uma concubina é que “aquela dispõe de um ‘contrato’, e a concubina não”.

Geralmente, uma vez celebrado o “casamento” – um ano depois dos “esponsais” –, a jovem era levada à casa do marido e passava para sua “jurisdição” e “domínio”. E aí devia começar um novo calvário para a mulher. Ali, devia enfrentar todos os parentes do marido, e geralmente era olhada com hostilidade ou desprezo.

Isso me fez pensar, algumas vezes, se a jovem Maria, uma vez na casa de José, pode ter tido atrito também com os filhos e outros parentes do “carpinteiro/construtor”. Se José era viúvo, de idade avançada e com seis filhos na casa, quantos problemas e tensões surgiriam com a entrada de Maria na nova família? Não acredito, como pretendem os místicos e beatos, que “tudo era cor-de-rosa”...

Em face do péssimo comportamento que se tinha em relação às mulheres em geral, duvido muito que Maria fosse uma exceção. Essa parte da vida (eu diria infância) da Virgem é extremamente obscura. Só os Evangelhos apócrifos fornecem alguma luz, mas também não podemos ter certeza, cem por cento, de sua veracidade. Mas é a única coisa de que dispomos...

Sabemos, pelos escritos rabínicos e pela Lei, bem como por outros documentos históricos, que na vida conjugal daqueles tempos – sempre depois do “casamento” – a mulher tinha o direito de ser sustentada por seu marido, podendo exigir isso nos tribunais. O marido tinha que lhe assegurar alimentação, vestuário e alojamento e cumprir o dever conjugal. Ainda, era obrigado a resgatar sua mulher em caso de cativo. Devia lhe fornecer medicamentos em caso de doença e a sepultura na morte. Até mesmo o mais pobre era obrigado a arranjar, pelo menos, dois flautistas e uma carpideira. Por último, tinha a obrigação de pronunciar um discurso fúnebre no enterro de sua mulher...

E quais eram as obrigações da esposa? Que trabalho Maria normalmente faria em Nazaré?

Vejamos.

Os deveres da esposa consistiam, em primeiro lugar, em atender às necessidades da casa. Devia moer, costurar, lavar, cozinhar, amamentar os filhos, fazer a cama de seu marido e, para compensar seu sustento (anotem, “feministas”), elaborar a lã, fiar e tecer, e até preparar a bebida de seu marido, lavar seu rosto, mãos e pés...

Mas os direitos do esposo iam muito além. Ele podia reivindicar o que sua mulher encontrava no campo ou na rua. E também o produto de seu trabalho manual. A mulher, enfim, tinha a obrigação de obedecer a seu *rab*, como os maridos se faziam chamar. Esta palavra, nem mais nem menos, significa “dono”. Essa obediência – como se fosse pouco – era considerada um “dever religioso”.

Um fato que me confirma na crença de que Maria pode ter tido problemas com os filhos de José aparece justamente nessas leis. As relações entre os filhos e os pais eram também determinadas pela obediência que a mulher devia a seu marido. Os filhos, por exemplo, eram obrigados a colocar o respeito devido ao pai acima do respeito devido à mãe. Em caso de perigo de morte, havia que salvar primeiro o marido.

Há dois fatos significativos a respeito do grau de dependência da mulher em relação a seu marido:

1. A poligamia era permitida. Às vezes, os maridos tomavam uma segunda esposa, quando não se entendiam com a primeira e não a podiam repudiar devido à elevada soma de dinheiro que havia sido fixada no contrato matrimonial. Como dado puramente comparativo, em 1927, em Artas, perto de Belém, de um total de 112 homens casados, doze tinham várias mulheres. Ou seja, em números redondos, 10%. Onze tinham duas, e um, três mulheres.
2. O direito ao divórcio era exclusivo do homem. Quando Salomé, irmã de Herodes, o Grande, enviou o libelo de divórcio a seu marido, estava agindo, como expressamente constata Josefo (*Antiguidades*, xv), contra as leis judias, que só concediam ao marido o direito de dar libelo de divórcio.

AS DÚVIDAS DOS TEÓLOGOS

Essas duas “fases” nos casamentos de 2 mil anos atrás semearam, desde o início, uma grande dúvida nos teólogos católicos: Maria estava realmente casada com José quando ficou grávida ou só estava na primeira “etapa”: os “esponsais”?

De acordo com as palavras de Mateus – o único que, juntamente com Lucas, fornece algumas “pistas” –, a pequena Maria devia se encontrar na casa de seus pais – Ana e Joaquim – e apenas “prometida” a José. Ou seja, nesse período de um ano, talvez, que era conhecido como tempo de “esponsais”.

É preciso esclarecer que as relações sexuais eram legais nesse tempo, mas “malvistas”...

É muito provável, portanto, e posto que não dispomos de mais informação a respeito, que Maria se encontrasse realmente em plenos “esponsais”, esperando os trâmites do “contrato matrimonial” e a posterior “condução”, entre festas e alegrias, à casa de seu futuro marido.

Maria, em resumo, estava legalmente “casada”. A ponto de, nessa situação, como já comentei anteriormente, o “prometido” poder repudiá-la em caso de adultério; e, no caso da morte do futuro marido, ela receberia as considerações de toda viúva.

Essa situação – por pura dedução lógica – encaixa-se muito melhor nas dúvidas e angústias de José, seu prometido. Caso se houvesse concluído o “contrato matrimonial” e Maria já morasse na casa de José, sua gravidez ainda não teria chamado a atenção do povo e dos escribas e sacerdotes, como veremos a seguir nos Evangelhos apócrifos.

É uma pena que só Mateus se atreva a tocar no assunto das hesitações de José diante da inesperada gravidez de Maria. Os demais evangelistas não se manifestam.

Porém, como indica Mateus fugazmente, aquele aparente “deslize” da Virgem deve ter sido motivo de grave preocupação, tanto para seu “prometido” quanto para os familiares de ambos, para não falar dos sacerdotes do templo que – segundo os apócrifos – a haviam guardado até essa época.

Como é possível, então, que os demais evangelistas não se ocupem do problema?

Talvez por uma absurda atitude reverencial?

Se consultarmos, porém, os Evangelhos apócrifos, veremos que o “deslize” de Maria teve mais importância do que imaginamos. E se o próprio Mateus diz a verdade em seu apócrifo da Natividade, o assunto

deve ter sido tão grave que pouco faltou para que tanto José quanto a menina fossem lapidados ou expulsos da aldeia.

Se o evangelista Mateus é parco em palavras ao relatar o “percalço” em seu testemunho canônico, não ocorre o mesmo com o mencionado apócrifo.

Vamos repassar a curiosa história:

JOSÉ, OCUPADO COM SUAS CONSTRUÇÕES

Assim diz são Mateus:

1. Enquanto isso acontecia (refere-se à Anunciação), José estava na cidade marítima de Cafarnaum ocupado com seu trabalho, pois seu ofício era o de carpinteiro. Permaneceu ali nove meses consecutivos, e quando voltou para casa, encontrou Maria grávida, fato pelo qual pôs-se a tremer e, todo angustiado, exclamou:

“ Senhor e Deus meu, recebe minha alma, pois é melhor eu já morrer que viver.”

Mas as donzelas que acompanhavam Maria lhe disseram:

“ Que dizes, José? Nós podemos atestar que nenhum homem se aproximou dela. Temos certeza de que sua integridade e sua virgindade permanecem invioladas, pois foi Deus quem a guardou. Sempre permaneceu conosco, entregue à oração. Todos os dias vem um anjo falar com ela e dele também recebe, diariamente, seu alimento.

“ Como é possível que se possa encontrar nela pecado algum? E se queres que te manifestemos claramente o que pensamos, nossa opinião é que sua gravidez se deve a uma intervenção angelical.”

2. Mas José disse:

“ Por que vos empenhais em me fazer acreditar que foi justamente um anjo quem a engravidou? Pode muito bem ter acontecido que alguém se fingiu de anjo e a enganou.”

E ao dizer isso, chorava e se lamentava, dizendo:

“ Com que cara vou me apresentar no templo de Deus? Como vou me atrever a fixar o olhar nos sacerdotes? Que hei de fazer?”

E enquanto dizia essas coisas, pensava em se esconder e mandá-la embora.

XI

1. Estava já determinado a se levantar à noite e fugir para algum lugar desconhecido, quando apareceu um anjo de Deus e lhe disse:

“ José, filho de Davi, não tenhas medo de admitir Maria como esposa tua, pois o que leva em suas entranhas é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um filho, que se chamará Jesus, porque será quem salvará teu povo de seus pecados.”

Levantou-se José do sonho e, dando graças ao Senhor, seu Deus, contou a Maria e a suas companheiras a visão que havia tido, e, consolado pelo que se referia a Maria, disse a ela:

“ Fiz mal em abrigar suspeitas contra ti.”

XII

1. Depois disso, foi se espalhando o rumor de que Maria estava grávida, fato pelo qual os servidores do templo prenderam José e o levaram diante do pontífice. Este e os sacerdotes começaram a injuriá-lo desta maneira:

“ Por que usurpaste fraudulentamente o direito matrimonial de uma donzela, a quem os anjos de Deus alimentavam no templo como se fosse uma pomba, e que nunca quis ver sequer o rosto de um homem, e que tinha, ainda, um conhecimento perfeito da lei de Deus?

“ Se tu não a houvesses violentado, ela teria permanecido virgem até o dia de hoje.”

Mas José jurava que não a havia tocado. Então, o pontífice Abiatar disse:

“ Glória a Deus que agora mesmo te farei beber a água do Senhor e instantaneamente será descoberto teu pecado.”

2. E se reuniu o povo inteiro de Israel em quantidade tal, que era impossível contá-lo. Maria foi levada também ao templo de Deus. E os sacerdotes, bem como seus parentes e conhecidos, diziam a ela, chorando:

“ Confessa teu pecado aos pontífices: tu que eras como uma pomba no templo de Deus e recebias o alimento das mãos de um anjo.”

Foi chamado José diante do altar de Deus e lhe deram de beber a água do Senhor. Aquela água que, ao ser provada por um homem perjuro, fazia surgir em seu rosto um sinal divino, depois de dar sete voltas em torno ao altar de Deus. José a bebeu com toda a tranquilidade e deu as voltas rituais, sem que surgisse nele sinal algum de ter pecado. Então os sacerdotes, os ministros destes e todo o povo proclamaram-no inocente com estas palavras:

“ Ditoso és, porque não foi encontrado em ti rastro algum de culpa.”

3. Depois chamaram Maria e lhe disseram:

“ E tu, que desculpa poderás alegar? Ou será que poderá haver algum sinal de mais peso contra ti que essa gravidez que te está delatando? Agora, posto que José é inocente, só exigimos de ti que nos digas quem foi que te enganou. De qualquer maneira, será melhor que tu mesma te delates antes que a ira de Deus ponha o estigma em teu rosto sob os olhos de todo o povo.”

Então Maria, sem hesitação alguma, nem medo, disse:

“ Se é que há em mim alguma contaminação ou pecado por me ter deixado levar pela concupiscência ou pela impureza, manifeste-o o Senhor aos olhos de toda a gente e sirva eu a todos de escarmento.”

E, dito isso, aproximou-se decididamente do altar de Deus, deu as voltas rituais e bebeu a água do Senhor, sem que aparecesse nela sinal algum de pecado.

4. Estava todo o povo paralisado, e ao mesmo tempo perplexo, ao ver por um lado os sinais de sua gravidez, e constatar, por outro, a ausência de indícios que comprovassem sua culpa, fato pelo qual formou-se um murmúrio de opiniões em volta do assunto. Uns a proclamavam santa. Outros, de má-fé, transformavam-se em detratores de sua inocência. Então Maria, vendo que o povo suspeitava ainda de si, pensando que não estava perfeitamente justificada, disse em voz clara para que todo o mundo a ouvisse:

“ Pela vida de Adonai, Senhor dos exércitos, em cuja presença estou, que nunca conheci homem e nem penso em conhecer, visto que assim havia decidido desde minha infância. Este é o voto que fiz ao Senhor em minha infância: permanecer pura por amor àquele que me criou. Nessa integridade confio viver só para Ele, transcorrendo minha existência livre de toda mancha.”

5. Então, todos a abraçaram, pedindo que perdoasse suas injustas suspeitas. E toda a multidão, juntamente com os sacerdotes e as virgens, conduziram-na até sua casa. Todos estavam cheios de júbilo e clamavam com gritos de alegria:

“ Bendito seja o nome de Deus, que se dignou a esclarecer tua inocência diante do povo de Israel inteiro.”

20. “Aparições em sonhos” e muito mais

Os Evangelhos apócrifos nos revelam outro dado de grande valor “jornalístico”.

José, além de carpinteiro e ebanista, possivelmente tinha seus próprios “negócios” como construtor.

Era lógico, posto que naqueles tempos – com mais razão que atualmente – as edificações exigiam um maior volume de madeira.

É muito possível que José – como conta Mateus e Tiago – deixasse Maria depois de celebrados os “esponsais” e se dedicasse àquelas construções e trabalhos que eram seu meio de vida. Se o futuro cônjuge de Maria tinha, como afirma Bagatti, uma idade avançada e uma prole de seis filhos, não tinha mais remédio senão trabalhar.

E em que José podia trabalhar?

Embora nada se saiba a respeito, há também a possibilidade de que nosso homem “andasse”, a negócios, pela grande cidade sagrada: Jerusalém. Ali, definitivamente, é onde mais trabalho podia haver.

Os príncipes da família herodiana eram soberanos amantes das construções. E seu exemplo induziu à imitação. Por isso, a indústria da construção – conta J. Jeremias – atingiu, durante seu governo e na época posterior, uma grande importância. Eis aqui, por exemplo, algumas das principais edificações levadas a cabo nos tempos de Herodes, o Grande (37-4 a.C.), e sob cujo mandato viveu José:

1. Restauração do Templo (de 20-19 a.C. até 62-64 d.C.).
2. Construção do palácio de Herodes, perto da muralha oeste, junto à “Porta ocidental que conduz a Lydda”, hoje Porta de Jaffa.
3. Construção, no mesmo lugar, das três torres de Herodes: Hippicus, Fasael e Mariamme.
4. Ao norte do Templo, dominando-o, foi construída a torre Antonia, no mesmo lugar – segundo Jeremias – em que havia sido erguida

- anteriormente a fortaleza do templo chamado Birah e Bâris.
5. O magnífico sepulcro que Herodes mandou construir em vida.
 6. O teatro construído por Herodes em Jerusalém.
 7. Possivelmente, o hipódromo da cidade santa pertencia também à época herodiana.
 8. Construção de um aqueduto.
 9. Monumento sobre a entrada ao sepulcro de Davi.

Sabe-se, por exemplo, que a construção e restauração do Templo de Jerusalém dava trabalho a mais de 18 mil judeus. Entre todos esses operários, deviam ser absolutamente necessários – e até muito estimados – os carpinteiros/ebanistas.

Isso me inclina a pensar que José, homem honrado e cumpridor da lei, tinha que trabalhar assiduamente nessas obras, sem contar as que os romanos realizaram...

Pôncio Pilatos, por exemplo, embora eu duvide que José tenha trabalhado nessa época, mandou construir um aqueduto. Para a construção, não lhe ocorreu outra coisa senão lançar mão do dinheiro do Templo e, naturalmente, provocou uma revolta.

Em todas essas construções – palácios, templo, sinagogas etc. –, era necessário o concurso de muitos grêmios. E, entre eles, obviamente, o dos carpinteiros.

Flavio Josefo conta que o palácio de Herodes era especialmente luxuoso. Os mais diversos ofícios haviam rivalizado tanto no ornato externo quanto na decoração interna, tanto na escolha dos materiais quanto em sua aplicação.

As principais atividades de Jerusalém, definitivamente, eram o artesanato artístico e a construção monumental, a construção ordinária – à qual José dedicaria também uma atenção significativa –, a indústria têxtil (não esqueçamos que aqueles teares eram de madeira) e a elaboração do azeite, da qual os carpinteiros também participavam.

Tenho plena certeza de que José deve ter dedicado boa parte de sua atenção ao trabalho na construção do grande Templo de Jerusalém.

“ Em 46 anos construiu-se este templo, e tu o levantarás em três dias?” (João, 2, 20), disseram os judeus a Jesus no ano 27. Naquela época, as obras ainda não estavam terminadas. Herodes havia começado as novas construções no ano 19-20 antes do nascimento do Enviado e só acabaram no ano 62-64 depois de Cristo, no tempo do governador Albino.

Naqueles trabalhos, foram utilizados os serviços de 18 mil homens. Foram necessários canteiros, carpinteiros, prateiros, ourives e fundidores de bronze principalmente. Os carpinteiros tinham que preparar as madeiras, que em parte eram de cedro. Os troncos eram trazidos do vizinho Líbano. Os pórticos que cercavam a esplanada do templo estavam cobertos com artesoados de madeira de cedro. Essa mesma madeira também foi utilizada nos alicerces do santuário.

A lista de ocupações em que José pode ter colaborado, enfim, seria interminável. Sem contar as estadias, mais ou menos prolongadas, em Nazaré e em outras aldeias e povoados próximos. Ali, com certeza, podia trabalhar em construções de tipo ordinário (casas, fornos, poços, aquedutos, sinagogas etc.), bem como em trabalhos direta ou indiretamente relacionados com a pesca. Não esqueçamos que perto de Nazaré – aldeia em que, ao que parece, residiu durante um tempo prolongado – se encontravam aldeias como Cafarnaum, Genesaret, Magdala, Tiberíades, Caná, Naim, Betsaida etc.

Um bom artesão como José, ajudado por seus filhos, pode ter se dedicado também, e com o mesmo esmero, à construção de pequenas ou grandes embarcações.

E o que dizer dos utensílios e ferramentas para a lavoura? Será que não eram fabricados, também, pelo marido da Virgem?

José e seus ajudantes – com certeza seus filhos, aos quais um dia se juntaria o próprio Jesus – podem ter conhecido, ainda, a técnica da construção de objetos para as casas. Naquela época, o plástico ainda não existia, e a maior parte das casas, muitas delas imitando as luxuosas mansões romanas, gozava de sólidos e primorosos móveis: mesas, bancos, leitos, cadeiras, talheres etc.

Alguns estudiosos da Bíblia julgaram ver, inclusive, na palavra *tekon* – com a qual se designa, às vezes, o ofício de José e posteriormente de Jesus

– os ofícios de carpinteiro, construtor e serralheiro!

Tudo isso, definitivamente, me faz pensar que José não era um “pobre carpinteiro”, como nos pintaram sempre. Exercia o ofício de carpinteiro, sim, mas também devia praticar o “pluriemprego” em atividades como a construção de casas, restaurações, fabricação de móveis, utensílios para a lavoura e um longo *et cetera*.

Os artesãos daquela época, na medida em que eram proprietários de suas oficinas e não trabalhavam como assalariados, pertenciam – quer gostemos ou não – ao que hoje poderíamos chamar de “classe média”. E esses círculos artesanais eram mais prósperos quanto mais vinculados ao Templo se encontravam.

Também não devemos esquecer que José contraiu matrimônio com a única filha de Ana e Joaquim, uma família de grande fortuna e que possuía terras, rebanhos e servos. O dote dado por Joaquim para o casamento deve ter sido simplesmente maravilhoso.

Não raro, a soma para o casamento – *moohar* – que o pai de uma jovem de Jerusalém recebia do noivo forasteiro no dia dos esponsais era, segundo se diz, particularmente elevada. E o contrário também. E, que nós saibamos, a citada família de Maria deve ter vivido em Jerusalém.

Não quero dizer, com isso, que José era rico. Nada disso. Porém, sua situação social – fruto de seu trabalho – devia ser, pelo menos, honrosa. Um fato que, como veremos mais adiante, teria certa importância...

E SE HOUVESSE REPUDIADO MARIA?

Voltando à aflição de José, o que teria acontecido caso ele a houvesse repudiado publicamente?

Sei que isso não teria acontecido de jeito nenhum, posto que o “plano” da grande “equipe” – dos Céus, em suma – não podia falhar nos últimos “cem metros” por uma razão como esta. Porém, e posto que os Evangelhos canônicos afirmam que José passou algum tempo remoendo a ideia, o que teria acontecido com Maria se o “astronauta” não houvesse intervindo?

Dada a situação da Virgem – em plenos “esponsais” –, o peso da Lei teria sido, quase com certeza, brutal. Vejamos o que dizia o Deuteronômio (22, 20) nesses casos:

“ ... Se um homem se casa com uma mulher – caso dos ‘esponsais’ – e depois de chegar até ela... a difama publicamente dizendo ‘Casei-me com esta mulher e, ao chegar a ela, não a encontrei virgem’ ... E se é verdade, se não se veem na jovem as provas da virgindade, levarão a jovem à porta da casa de seu pai (onde devia estar vivendo Maria) e os homens de sua cidade a apedrejarão até a morte, por ter cometido uma infâmia em Israel prostituindo-se na casa de seu pai...”

As dúvidas de José ao ver que Maria – sua “prometida” – estava grávida, diante da alternativa de repudiá-la publicamente, são totalmente compreensíveis. Aquele homem, justo e bom, não me parece que pudesse desejar a morte de ninguém, e muito menos de uma menina de treze anos. Aqui, justamente, aparece muito mais patente a possibilidade de José ser um homem de idade avançada. Se fosse um jovem, e dada a natureza e gravidade da suposta falta de Maria, a reação de José talvez houvesse sido muito mais primária e temperamental. E isso teria sido fatal para o “plano”.

Mas não foi. José, consciente do problema, retirou-se possivelmente em si mesmo e pensou. E hesitou... Mas, em suma, sua reação não foi violenta nem imediata. Houve tempo suficiente para que “os de cima” reagissem...

Sempre teria restado a esperança de que, se José chegasse a repudiar publicamente sua “esposa”, na hora de efetuar o teste da virgindade,²⁴ os sacerdotes e o povo inteiro houvessem topado com a enorme surpresa de sua virgindade. Mas, o que teriam feito nesse caso? E também, se Maria já apresentava um ventre suficientemente pronunciado – como assim devia ser –, será que se teria cumprido a Lei, praticando nela o citado teste de virgindade? Neste caso, pelo menos para os olhos dos humanos, a prova dessa falta de virgindade estava bem palpável...

E supondo que Maria não houvesse sido lapidada – e que, dadas as “influências” de seu pai, Joaquim, e de seus parentes e amigos, sua vida fosse perdoada –, o que teria acontecido com o filho que levava nas entranhas?

O futuro, para a criança, sem falar para a mãe e para a própria família de Maria, teria sido quase pior que a morte.

A Virgem teria dado à luz um filho bastardo. E qual era a situação social desses homens em Israel?

“ O bastardo – dizia a Lei – não é admitido na assembleia de Yaveh; nem seus descendentes até a décima geração serão admitidos na assembleia de Yaveh” (Deuteronômio, 23, 3). Os bastardos, portanto, não podiam se casar, não tinham direito às dignidades públicas, sendo desprezados por todos.

Se pensarmos que a mancha do bastardo marcava todos os descendentes homens para sempre, e indelevelmente, e que se discutia vivamente se as famílias de bastardos participariam da libertação final de Israel, compreenderemos que a palavra “bastardo” deve ter constituído uma das piores injúrias. A ponto de, por exemplo, quem a empregasse ser condenado a 39 chibatadas.

A situação de Jesus de Nazaré, enfim, supondo que houvesse vindo ao mundo nessas circunstâncias, teria sido realmente nefasta, em face do “trabalho” que o esperava.

Será que as multidões teriam seguido um bastardo? Será que teria podido sequer entrar no Templo ou participar das festas e tradições religiosas? Até o acesso às sinagogas lhe teria sido proibido...

Com que autoridade teria falado diante dos doutores da Lei ou diante dos fariseus?

Estava claro que essa possibilidade não era a correta nem a desejada pelos “comandos” celestes nem pelos “astronautas de Yaveh”.

E, logicamente, não consentiram, abortando todas as intenções de José.

Porém, perguntamo-nos por que a “equipe” deixou que as coisas chegassem a extremos tão perigosos e comprometedores.

Será que não houve outro remédio?

Na verdade, a inquietude de José, para não falar de sua “esposa” Maria e dos familiares dela, deve ter sido tão grande que não podemos estranhar as afirmações de Tiago em seu apócrifo:

1. Ao chegar ao sexto mês de sua gravidez, voltou José de suas edificações; e, ao entrar em casa, deu-se conta de que Maria estava grávida. Então, feriu seu rosto e se jogou ao chão sobre um saco e chorou amargamente, dizendo:

“ Com que cara vou me apresentar agora diante de meu Senhor? E que oração farei eu por esta donzela? Porque a recebi virgem do templo do Senhor e não a soube guardar. Quem foi

que me pôs insídias e cometeu tamanha desonestidade em minha casa, violando uma virgem? Será que se repetiu em mim a história de Adão? Assim como, no momento preciso em que ele estava glorificando Deus, veio a serpente e, ao encontrar Eva sozinha, enganou-a, o mesmo aconteceu comigo.”

TODOS FALAM DOS “ANJOS”

Mateus, por sua vez, escreve que as donzelas que haviam acompanhado Maria todo aquele tempo esgrimiram, em defesa da jovem, “que nenhum homem havia se aproximado dela e que todos os dias se aproximava de Maria um anjo, de quem recebia seu alimento e com quem conversava”.

E em um gesto de audácia, as moças sugerem, diante do confuso José, que “a gravidez da Virgem se deve a uma intervenção angelical”.

Mas José – que ainda conservava um mínimo de bom-senso – as fez ver que não aceitava o fato insólito de que “um anjo a houvesse engravidado”.

Para mim, o que realmente as donzelas estavam insinuando – talvez inconscientemente – é que a gravidez de Maria se devia a um fato sobrenatural. Incompreensível para elas.

E, além do dado concreto – repetido em outras passagens dos Evangelhos apócrifos – do famoso “anjo” que ia diariamente a Nazaré para fornecer os alimentos à menina, voltamos a encontrar a possibilidade de que as palavras do “anjo” Gabriel – “o que está diante de Yaveh” – na Anunciação houvessem sido realmente o aviso da “chegada” de uma nave espacial. Uma nave na qual – por que não? – se procederia ao decisivo momento da Concepção Virginal.

“ O Espírito Santo virá sobre ti – diz são Lucas – e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra...”

Os próprios comentaristas da Bíblia de Jerusalém, revisada e ampliada por Desclée de Brouwer, afirmam, em uma de suas notas de rodapé da página 1.458, que essa expressão do evangelista Lucas “evoca a nuvem luminosa, sinal da presença de Yaveh, ou as asas do pássaro que simboliza o poder protetor e criador”.

Se isso é aceito pela própria Igreja Católica, por que não admitir que esse poder do Altíssimo podia estar materializado, como já comentei no capítulo anterior, na “equipe de astronautas ou anjos” e nas naves que pilotavam?

Neste caso, a “intervenção angelical” a que as donzelas fazem referência no apócrifo de São Mateus estaria plenamente justificada.

Não se trataria, naturalmente, de uma “ação puramente carnal” por parte dos “astronautas”, mas de uma “mediação”, talvez, na fecundação do óvulo da jovem virgem.

OS MISTERIOSOS “SONHOS”

E quando o consternado José, depois de não poucos pensamentos, decide repudiá-la em segredo, eis que, justamente nesse momento, aparece de novo o “anjo do Senhor”.

Aparece “em sonhos”, afirmam os evangelistas, tanto nos textos “oficiais” (canônicos) quanto nos apócrifos. E esse tipo de aparição – sempre durante a noite – se repete muitas vezes...

Mas, logicamente, surgem novas dúvidas:

Como devemos entender essas “aparições” noturnas? Será que um dos “mensageiros” ou “astronautas” entrava materialmente nos sonhos do personagem e lhe dizia o que devia pôr em prática?

Não resta dúvida de que seres de outras dimensões – se é que esses eram – podiam perfeitamente fazer isso.

Conheço dezenas de pessoas que afirmam estar em “contato” com seres do Espaço e que “recebem” boa parte das informações por meio de sonhos. Eles, pelo menos, afirmam que “se sentem diante de seres de aparência humana – geralmente de grande altura – e de aspecto resplandecente, uniformizados com trajes metalizados, com quem conversam”.

Outros, inclusive, especialistas em “viagens astrais”, afirmam que podem “sair” de si mesmos e entrar nas naves desses seres superiores e de aspecto “angelical”.

O que realmente aconteceu com José?

Duvido muito que aquele rústico carpinteiro soubesse como fazer uma “viagem astral”.

Por outro lado, se a presença do “anjo” era registrada apenas em um estado de sonho, não havia o risco de que José, ao acordar, pudesse esquecer o sonho? Quantas pessoas são incapazes de recordar o que, sem sombra de dúvida, sonharam na noite anterior? O fenômeno é frequente...

Também é possível que José recordasse o sonho. É possível. Mas, é racional que o fruto de um sonho faça o atormentado “prometido” de Maria mudar de opinião? Evidentemente, não. Era necessário “algo” claro e palpável – e muito mais se levarmos em conta a mente simples do carpinteiro – para que José adotasse uma postura definitiva. Uma atitude sólida o suficiente para aceitar o famoso “julgamento da água”, como narram os Evangelhos apócrifos de Mateus e Tiago... Mas, o que podia ser “isso”, tão claro e palpável?

Acho que não violaremos, longe disso, a essência da citada passagem evangélica se analisarmos a “aparição em sonhos” de outro ponto de vista...

Uma vez mais, fica claro que tanto Maria quanto José, e os personagens direta ou indiretamente envolvidos na “operação”, deviam estar sendo permanentemente “vigiados”.

O procedimento é o de menos. Talvez alguma nave – da qual descia, diariamente, o “anjo” ou “astronauta” que entregava os alimentos a Maria – permanecesse muito próxima à residência da jovem. E talvez, nesse veículo, se procedesse a uma sistemática e detalhada “checagem” da Virgem. Algo parecido ao que fazemos atualmente no Cabo Kennedy com os astronautas que lançamos no espaço.

Mas esse “controle” talvez não acabasse no aspecto puramente físico ou clínico de Maria. É possível que sua tecnologia ou a evoluída mente dos “tripulantes” lhes permitisse conhecer os pensamentos e sentimentos de cada protagonista da “operação”.

Só assim poderiam ter percebido o grande erro que José estava prestes a cometer. E evitaram o iminente repúdio com um “encontro” direto ou “próximo”, como se diz agora, entre o “prometido” de Maria e um dos “astronautas”.

Aquele “anjo do Senhor” escolheu obviamente a noite, posto que se tratava do momento mais discreto. Todo mundo estaria dormindo na aldeia. Inclusive José, que talvez tenha sido acordado materialmente.

Uma vez acordado e apaziguado, José recebeu a explicação oportuna. E, de alguma forma, o “prometido” da Virgem ficou convencido de duas

coisas: de que aquele “encontro” havia sido efetivamente real e da inocência da jovem.

Se analisarmos, desse novo ângulo, a expressão “aparição em sonhos”, veremos que a interpretação muda substancialmente, sem que isso implique deformação alguma na essência da passagem.

Deus continua influenciando José, mas – este é meu ponto de vista – de uma forma mais normal e racional. Claro que esses qualificativos só poderiam ser compreendidos a partir da segunda metade do século xx, quando já começávamos a desfrutar da corrida espacial. Para o bom José, aquele “astronauta”, como repeti várias vezes, só podia ser uma “aparição” divina...

Mas é que, além de tudo, esse “anjo” ou “astronauta” gozava desse caráter de “enviado” ou “missionário” divino, posto que, na minha opinião, fazia parte de uma “operação celeste”.

O TESTE DA ÁGUA

Ao ler os apócrifos de Mateus e de Tiago pude observar, também, que ambos coincidem no que denominam o “teste da água”. E embora ocorra uma certa diferença na hora de “aplicar” essa água aos supostos culpados, a essência é a mesma.

O apócrifo da Natividade de Tiago fala assim em relação a esse curioso fato, também relatado por Mateus, como pudemos comprovar:

“ Devolve, pois – prosseguiu o sacerdote –, a Virgem que recebeste do templo do Senhor.”

Então os olhos de José se encheram de lágrimas. Mas o sacerdote acrescentou:

“ Vos farei beber a água do teste do Senhor e ela exporá vossos pecados diante de vossos próprios olhos.”

2. E tomando-a, fez José beber, enviando-o depois à montanha; mas ele voltou são e salvo. Fez depois o mesmo com Maria, enviando-a também à montanha; mas ela voltou sã e salva. E todo o povo ficou admirado ao ver que não aparecia pecado neles.

Tanto Mateus quanto Tiago “obrigam José e Maria a beberem dessa misteriosa água”. Mas, enquanto o primeiro afirmava que, uma vez

ingerida a bebida, ambos se dirigiram à montanha, Mateus escreve que cada “suspeito” devia dar sete voltas em torno ao altar do Senhor.



E um “anjo do Senhor” apareceu para José em sonhos...

Se realmente aconteceu, o importante, definitivamente, é que os supostos pecadores deviam beber algum líquido especial que, como afirma são Mateus, “fazia surgir no rosto um sinal divino”.

No fundo, esse assunto me recorda os célebres “julgamentos de Deus”, tão frequentes na Idade Média.

A não ser, claro, que o costume em questão do povo judeu tivesse alguma origem “divina”, previamente indicada pela “equipe” de Yaveh.

Porém – e por mais que tenha me aprofundado no Antigo Testamento –, o mais próximo que encontrei desse “teste da água” refere-se ao ritual das águas lustrais descrito no Números (19, 17-22).

Mas continuo pensando que esse ritual pouco ou nada tem a ver com o “teste” a que os apócrifos fazem alusão.

Que tipo de “sinal divino” podia aparecer no rosto dos supostos culpados depois de ingerir a “água”? Ou não se tratava de água?

Estamos diante de um novo caso de autossugestão?

Em uma de minhas últimas andanças atrás dos óvnis, tive a felicidade de conhecer Manuel Laza Palacio, o penúltimo romântico, incansável buscador – há trinta anos – do tesouro dos “Cinco Reis”. Um patrimônio de joias procedente, segundo a lenda, dos últimos monarcas almorávidas, que, segundo meu amigo Laza, se encontra enterrado – e bem enterrado –

na enigmática gruta existente em Málaga, cujo nome é, justamente, “Caverna do Tesouro”.

Pois bem, eis que, em uma amena conversa com o “buscador do tesouro”, ele me relatou algo que – instantaneamente – me recordou o famoso “teste da água” dos Evangelhos apócrifos.

“ ... Pesquisando sobre as superstições e o esoterismo em geral dos povos orientais – explicou o malaguenho –, encontrei, um dia, uma notícia que me deixou petrificado. Ao traduzir a crônica latina de Afonso vii, pude comprovar que a propósito da chegada a Valência do conde castelhano Rodrigo de Lara, que voltava de Jerusalém e que se hospedou com o famoso chefe almorávida Aben Gania, deram ao guerreiro castelhano uma taça de “água”, e logo depois ficou leproso...

“ A questão poderia levar ao riso qualquer pessoa que não esteja familiarizada com o mundo medieval e suas assombrosas crenças e práticas mágicas.

“ Mas prossegui com minhas pesquisas, e tive a sorte de encontrar um valioso livro, escrito pelo sábio doutor Mauchamps, que atuou muitos anos como médico no Marrocos, estudando a fundo a feitiçaria berbere. Pois bem, os feiticeiros marroquinos o assassinaram em 1907, mas “o livro do doutor pôde ser resgatado e publicado pelo especialista Jules Bois. Graças a essa obra, pude comprovar que a notícia dada na crônica latina sobre a mágica doença provocada no conde Rodrigo de Lara era absolutamente certa.”

“ Água” capaz de provocar lepra, e quase imediatamente? Será que não me encontrava diante de um caso “gêmeo” ao da “água” dada a José e Maria?

24 O “teste de virgindade”, como indica o Deuteronômio, era realizado com um tecido branco, com o qual se rompia o hímen. Se estivesse intacto, o pano ficaria manchado de sangue. Caso a mulher não fosse virgem, o pano não apresentaria mancha alguma. Esse pano era mostrado às anciãs da cidade, que davam o veredicto. Essa cerimônia é muito similar à realizada, hoje, pelos ciganos em suas bodas.

21. Antes do parto: paralisação total da região?

E chegou o momento culminante.

A “Operação Redenção” estava prestes a entrar na etapa decisiva: o nascimento do “Enviado”. A chegada do Filho do Altíssimo ao velho planeta Terra.

Todos, mais ou menos, sabemos o que os Evangelhos canônicos narram sobre esse transcendente fato.

Mas, o que dizem os apócrifos? O nascimento de Jesus de Nazaré foi como sempre acreditamos?

Vejamos o que diz o Protoevangelho de Tiago:

XVII

1. E veio uma ordem do imperador Augusto para que se fizesse o censo de todos os habitantes de Belém da Judeia. E pensou José:

“ Claro que a meus filhos eu recenseei, mas que vou fazer com essa donzela? Como vou incluí-la no censo? Como minha esposa? Tenho vergonha. Como minha filha? Mas se todos os filhos de Israel já sabem que não é! Este é o dia do Senhor, que Ele faça segundo seu beneplácito.”

2. E, selando sua jumenta, fez Maria se acomodar sobre ela, e enquanto um filho seu ia adiante puxando o animal pela corda, José os acompanhava. Quando estavam a três milhas de distância, José voltou seu rosto para Maria e encontrou-a triste; e disse a si mesmo:

“ É que a gravidez deve causar-lhe desconforto.” Mas, ao voltar-se outra vez, encontrou-a sorridente, e disse a ela:

“ Maria, o que é que te acontece, que umas vezes vejo sorridente teu rosto, e outras triste?

E ela disse:

“ É que se apresentam dois povos diante de meus olhos, um que chora e se aflige, e outro que se alegra e regozija.”

3. E ao chegar à metade do caminho, disse Maria a José:

“ Desce-me, porque o fruto de minhas entranhas luta por vir à luz.”

E ajudou-a a apegar da jumenta, dizendo:

“ Onde poderia eu levar-te para resguardar teu pudor? Porque estamos no descampado.”

XVIII

1. E, encontrando uma caverna, introduziu-a ali, e tendo deixado com ela seus filhos, foi buscar uma parteira hebreia na região de Belém.

2. E eu, José, comecei a andar, mas não podia avançar; e ao elevar meus olhos para o espaço, pareceu-me ver que o ar estava estremecido de espanto; e quando fixei meus olhos no

firmamento, encontrei-o estático e os pássaros do céu imóveis; e ao dirigir meu olhar para trás, vi um recipiente no chão e uns trabalhadores em posição de comer, com suas mãos na vasilha. Mas os que simulavam mastigar, na realidade não mastigavam; e os que pareciam estar em atitude de tomar a comida, também não a tiravam do prato; e, finalmente, os que pareciam introduzir os manjares na boca, não o faziam, pois todos tinham seus rostos olhando para cima.

Também havia umas ovelhas que iam sendo tocadas, mas não davam um passo, estavam paradas, e o pastor levantou sua mão direita para lhes bater com o cajado, mas ficou sua mão estendida no ar. E ao dirigir minha vista para o leito do rio, vi uns cabritinhos pondo nela seus focinhos, mas não bebiam. Em uma palavra, todas as coisas estavam, por um momento, afastadas de seu curso normal.

XIX

1. E então uma mulher que descia da montanha me disse:

“Aonde vais tu?”

E eu respondi:

“Estou procurando uma parteira hebreia.”

Ela replicou:

“Mas, tu és de Israel?”

E respondi:

“Sim.”

“E quem é – acrescentou – que está dando à luz na caverna?”

“É minha esposa”, disse eu.

E ela disse:

“Então, não é tua mulher?”

Eu lhe respondi:

“É Maria, a que foi criada no templo do Senhor, tive a sorte de que a entregassem a mim como mulher, mas ela não o é, concebeu por virtude do Espírito Santo.”

E inquiriu a parteira:

“Isso é verdade?”

José respondeu:

“Vem e verás.”

Então, a parteira pôs-se a caminho com ele.

2. Ao chegar à gruta, pararam, e eis que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa. E exclamou a parteira:

“Minha alma foi engrandecida hoje, porque viram meus olhos coisas incríveis, pois nasceu a salvação para Israel.”

De repente, a nuvem começou a se retirar da gruta e brilhou lá dentro uma luz tão grande que nossos olhos não podiam resistir. Em um momento, começou a diminuir, até que surgiu a criança e foi tomar o peito de sua mãe, Maria. A parteira então deu um grito, dizendo:

“Grande é para mim o dia de hoje, visto que pude ver com meus próprios olhos um novo milagre.”

3. Ao sair a parteira da gruta veio a seu encontro Salomé, e ela exclamou:

“Salomé, Salomé, tenho que te contar uma maravilha nunca vista, e é que uma virgem deu à luz; coisa que, como sabe, não sofre a natureza humana.”

Mas Salomé disse:

“Glória ao Senhor, meu Deus, que não acreditarei em tal coisa se não me é dado introduzir meu dedo e examinar sua natureza.”

1. E tendo entrado a parteira, disse a Maria:

“Ajeita-te, porque há entre nós uma grande discussão em relação a ti.”

Salomé, pois, introduziu seu dedo na natureza, mas de repente soltou um grito, dizendo:

“Ai de mim! Minha maldade e minha incredulidade são culpadas! Por examinar o Deus vivo desprende-se de meu corpo minha mão carbonizada.”

2. E dobrou seus joelhos diante do Senhor, dizendo:

“Oh, Deus de nossos pais, lembra-te de mim, porque sou descendente de Abraão, de Isaac e de Jacó; não faças de mim um escarmento para os filhos de Israel; devolve-me aos pobres, pois sabes, Senhor, que em teu nome exercia minhas curas, recebendo de ti meu salário.”

3. E surgiu um anjo do céu, dizendo a ela:

“Salomé, Salomé, o Senhor te ouviu. Aproxima tua mão do Menino, toma-o, e haverá para ti alegria e gozo.”

4. E se aproximou Salomé e pegou-o, dizendo:

“Adorá-lo-ei porque nasceu para ser o grande rei de Israel.”

Mas, de repente, sentiu-se curada e saiu em paz da caverna. Então, ouviu-se uma voz que dizia:

“Salomé, Salomé, não digas as maravilhas que viste enquanto o Menino não estiver em Jerusalém.”



Os “astronautas”, atentos ao grande movimento do parto, devem ter ido imediatamente às proximidades da gruta. José não deve ter conseguido chegar à aldeia de Belém...

OUTRA VEZ OS MEDIÓCRES “REPÓRTERES”

Lendo essas passagens dos apócrifos, compreendi que são muito poucas coisas as que realmente nos chegaram sobre o nascimento de Jesus.

Parece mentira que um fato de tamanha importância só tenha sido registrado por Mateus e Lucas. E este último, não com muita generosidade. Os demais evangelistas “oficiais” – João e Marcos – ou não

lhe deram importância ou não souberam como levar adiante a “investigação”.

Uma vez mais, lamento ter nascido 2 mil anos atrasado...

Quantas vezes desejei esse sonho impossível! Quantas vezes pensei no “acompanhamento oficial” de Jesus de Nazaré! Quantos dados, quantas notícias, quantas informações ignoradas ou perdidas teríamos hoje?

Mas, certamente, os caminhos dos “de cima” são imprevisíveis.

Além disso, se nos pusermos a pensar, com certeza, se os jornalistas tivessem tido essa grande oportunidade de acompanhar Jesus em sua vida, pelo menos na pública, as grandes redes americanas de televisão teriam comprado a exclusividade... Claro que sempre teriam existido “Ticos Medina”, “Cuadras Salcedo”, “Manus Leguineche”, “Fernandos Múgica” ou “Pepes García Martínez” que acabariam passando a perna nos grandes...

Mas vamos esquecer os sonhos e voltar aos apócrifos. Para começar, nos textos expostos encontro de novo uma circunstância que brilha e cintila sem cessar: a velhice, ou idade avançada de José.

Que outro significado pode encerrar esse meio lamento do patriarca: “Claro que a meus filhos recensearei, mas, que vou fazer com essa donzela? Como vou incluí-la no censo? Como minha esposa? Tenho vergonha. Como minha filha? Mas se todos os filhos de Israel já sabem que não é!...”

Quase desnecessários os comentários.

Por que José podia ter vergonha? Só me ocorre uma saída: se José havia passado – e bem passado – da idade da procriação, como ia se apresentar diante das autoridades responsáveis do censo, ou diante do povo de Belém, com aquela mocinha e em muito adiantado estado de gestação?

QUE ROTA JOSÉ SEGUIU?

Outro detalhe, na minha opinião, pouco esclarecido é o itinerário que o grupo seguiu.

Nenhum dos evangelistas fornece um único dado a respeito. Por onde José e sua família foram?

Se Maria já vivia com José – coisa mais que certa –, isso significa que deviam residir, como aponta Lucas em duas ocasiões, na aldeia de Nazaré,

na província da Galileia, ao norte de Jerusalém. Se José era da família de Davi e devia se recensear em Belém, ao sul e na província da Judeia, o caminho era considerável. Mas aqui se apresenta o primeiro dilema: que rota José e sua família escolheram? Se observarmos o mapa da Palestina nos tempos do Novo Testamento, notaremos que, entre a província da Galileia e a Judeia, onde se encontra Belém, aparecia o território da Samaria como uma “cunha” e um pedaço da Decápolis.

Para alguns especialistas católicos, Maria e José devem ter saído de Nazaré e, cinco ou seis dias depois, chegado a Siquen – onde Abraão teve sua mais importante “visão” e promessa (Gênesis, 12, 6) – para, posteriormente, cruzar aldeias como Silo, Betel (onde Jacó teve também a misteriosa visão da não menos “misteriosa” “escala”), e dali a Jerusalém e Belém.

Esse percurso, supondo que existisse um caminho, representa, aproximadamente, uns 120 quilômetros.

Porém, essa rota, sob meu ponto de vista, encerrava um sério inconveniente naquela época: Samaria.

Hoje, é difícil entendermos o ódio e o asco que os samaritanos causavam aos judeus e vice-versa, naturalmente. Desde que os habitantes de Samaria – povo mestiço judeu-pagão – se separaram da comunidade israelita e construíram seu próprio templo no monte Garizin (no século iv antes de nossa Era), as relações ficaram tensas e até violentas.

O Eclesiástico (50, 25-26), por exemplo, diz: “Há duas nações que abomino, e a terceira não é povo: os habitantes de Seír, os filisteus e o povo ignorante que habita Siquen (Samaria)”.

Foi durante o governo do asmoneu João Hircano (134-104 a.C.) que as tensões foram muito mais perigosas. Pouco depois da morte de Antíoco vii (129 a.C.), João se apoderou da cidade samaritana de Siquen e destruiu o templo de Garizin. Assim relata o historiador Flavio Josefo em seu livro *Antiguidades*.

Não é de se estranhar, portanto, que, depois disso, o ambiente entre judeus e samaritanos realmente pegasse fogo...

Isso pode nos fazer compreender melhor por que os fariseus e sumos sacerdotes jogavam constantemente na cara de Jesus o fato de que

comesse e se relacionasse com samaritanos...

E, ainda por cima, a palavra “samaritano”, bem como “bastardo”, constituía uma infâmia na boca de um judeu. Segundo Jeremias, uma notícia tardia, mas digna de crédito, surgida nas últimas décadas anteriores à destruição do templo, informa sobre uma norma posta em vigor no ano 48 d.C., pela qual a comunidade judaica decidiu considerar os samaritanos “impuros desde o berço e em grau supremo e causadores de impureza”.

No cúmulo do ódio, essa norma especificava: “... as samaritanas menstruam desde o berço e seus maridos estão perpetuamente manchados por elas”.

E embora tenha ocorrido uma melhora passageira nas relações no final do século i antes de nossa Era – justamente pelo possível casamento de Herodes, o Grande, com uma samaritana –, as coisas, em geral, não deviam estar nada claras quando José e sua família decidiram ir de Nazaré a Belém.

As agressões dos samaritanos a qualquer judeu que atravessasse seu território deviam ser tão comuns, que Flavio Josefo, por exemplo, registra o fato em seus textos históricos. E conta que, em 52 d.C., guerrilheiros judeus atacaram povos samaritanos para vingar a morte de um ou vários peregrinos galileus que, ao ir a Jerusalém em peregrinação para uma das festas, haviam tomado o caminho que atravessa o citado território de Samaria e haviam sido atacados na fronteira norte, no povoado limítrofe de Ginaé; ou seja, em Djenin.

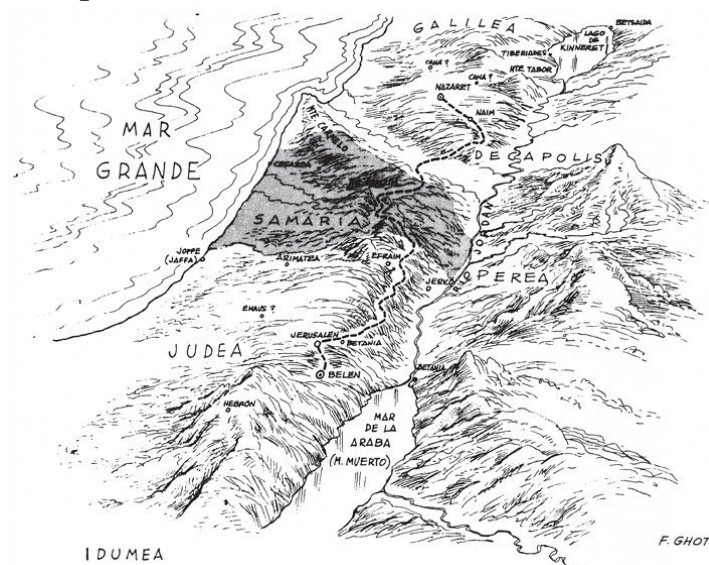
Quando Jesus atravessa a Samaria em uma de suas andanças, o povo lhe nega até água...

Se José, homem já de experiência na vida, estava a par desses problemas, deve ter pensado muito bem antes de decidir o caminho a seguir. Que teria feito qualquer um de nós se, naquelas circunstâncias, tivéssemos que cruzar um território potencialmente hostil e com a responsabilidade de vários rapazes e uma jovem esposa grávida?

Eu, pessoalmente, teria meditado sobre a possibilidade de escolher um segundo caminho.

E se voltarmos ao mapa da Palestina, notaremos que essa rota existia realmente. Estou me referindo ao “caminho do rio Jordão”. José podia ter

saído de Nazaré e, após passar por Naim, entrar na Decápolis, vencendo os poucos 15 quilômetros existentes entre a fronteira e a cidade de Escitópolis, situada em um dos pequenos afluentes do Jordão. Dali, a comitiva só teria tido que seguir o curso do mencionado rio sagrado, por sua margem direita. A uns 45, 50 quilômetros de Escitópolis (Beisan), José já se teria encontrado em território da Judeia. A uns 18 quilômetros desse ponto – onde confluem os territórios de Samaria, Pereia e Judeia –, ergue-se a mítica Jericó. Dali a Betania temos uns 22,5 quilômetros, e dessa aldeia à grande cidade de Jerusalém uns 4 ou 5 quilômetros. Por último, de Jerusalém – passagem quase obrigatória para José – até Belém restariam mais 7,5 quilômetros.



Se José, Maria e os filhos do marido da Virgem houvessem seguido pela rota que aparece na gravura de Ghot – cruzando o território de Samaria –, seus problemas e dificuldades teriam sido consideráveis. À falta de água, acrescentar-se-ia o perigo dos possíveis ataques dos samaritanos.

Essa segunda opção somava, aproximadamente, 127, 130 quilômetros. A diferença com o caminho que cruzava Samaria é muito pouca. Os riscos, porém, eram consideráveis por aquele território.

Naturalmente, ao perigo que representava a passagem por entre o povo samaritano deve-se acrescentar o constante e feroz bandoleirismo, bem como o péssimo estado dos caminhos.

Os assaltos e massacres em pleno campo ou nas montanhas deviam ser tão frequentes que os peregrinos, comerciantes e viajantes em geral costumavam organizar longas caravanas, protegendo-se, desse modo, contra as incursões dos bandidos. Lucas, em seu Evangelho, fala, por exemplo, da caravana de Nazaré, na qual os pais de Jesus tinham seus parentes e conhecidos. Essa caravana, justamente, passou por Jericó (Marcos, 10, 46).

Quanto aos caminhos, é fácil supor seu lamentável estado, principalmente em época de chuvas. Como já mencionei anteriormente, os peregrinos e viajantes andavam em caravanas a partir dos meses de fevereiro ou março. Nessa época, e até setembro ou outubro, o tempo era seco e os caminhos não eram tão desesperadamente desconfortáveis. José e Maria, suponho, devem ter esperado esses meses tranquilos e secos para se pôr em marcha.

E é quase certeza, também, que tanto José quanto seus filhos fizeram a viagem a pé. Talvez José, dada sua considerável idade, tenha feito alguns trechos montado nos asnos que, indubitavelmente, deviam acompanhar o grupo. Nos apócrifos vemos que Maria foi acomodada em uma jumenta. Era totalmente lógico e necessário, posto que duvido muito que pudesse fazer longos trajetos a pé, e muito menos por terrenos abruptos.

Enquanto o Sanedrin, como primeira autoridade nacional, teve os caminhos a seus cuidados, a verdade é que não se fez grande coisa para melhorá-los. Assim delata, também, a negligência desse órgão a respeito do estado de conservação do aqueduto de Jerusalém. Quando os romanos assumiram, a coisa mudou. Herodes, inclusive, esforçou-se para conseguir mais segurança nos caminhos. E muito especialmente na rota principal: a que partia de Jerusalém e se dirigia ao Norte, para os importantes “mercados” da Babilônia. O velho Herodes, o Grande, chegou a estabelecer, em Bataneia, o judeu da Babilônia Zamaris, que protegia os viajantes contra os bandoleiros da Traconítide.

Mas, voltemos à velha incógnita. Que caminho José e sua família escolheram?

Nos apócrifos aparece uma “pista” que me inclina a pensar que José pode ter escolhido justamente a segunda trilha: a do rio Jordão. Diz o

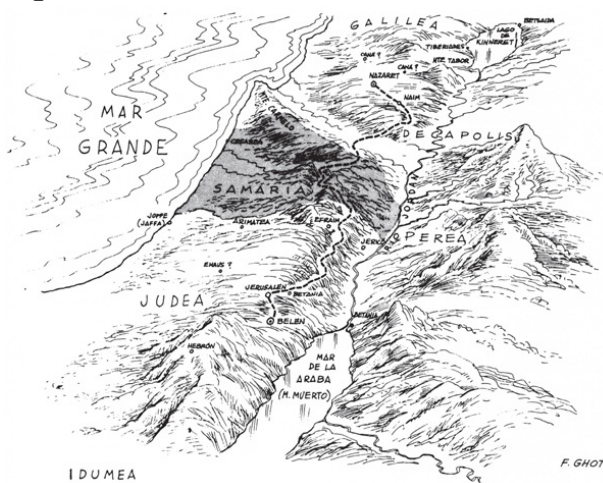
Protoevangelho de Tiago que José “dirigiu seu olhar para o leito do rio...”. Ali, ainda, havia uns trabalhadores que comiam e ovelhas que eram pastoreadas. Se não me engano, “no meio do caminho” entre Nazaré e Belém – como diz o autor do Evangelho apócrifo –, não existe um único rio no que poderíamos chamar de “o primeiro caminho”: o que cruza a Samaria. Mas há, sim, no “segundo caminho”. Ali fica, evidentemente, o grande leito do Jordão e seus afluentes (seis da margem direita e doze da esquerda). Não acredito, por outro lado, que no montanhoso terreno que se estende de Idumeia a Samaria – com toda a Judeia no meio – se pudesse praticar um pastoreio tão confortável e fácil para o rebanho quanto nos férteis pastos que correm à margem do Jordão. Nessa parte, o terreno se encontra ao nível do mar ou a uns trezentos metros abaixo. Naqueles tempos, o limite extremo dos cultivos mediterrâneos – e imagina-se, também, que dos bons pastos – podia ser marcado por uma linha que passasse da base do monte Hebron, nas cercanias de Jerusalém, rumo a Rimmon, leste de Siquen, e dali para o Norte. Mas essa faixa de terreno, cujo eixo central era o rio Jordão, estava exatamente na segunda rota. A da Samaria, porém, fica fora.

Evidentemente, esta suposição – creio eu – poderia ter certa importância. Se algum dia se provasse qual foi a rota exata e precisa que José seguiu rumo a Belém, e supondo que essa via fosse a do rio Jordão, o valor histórico dos apócrifos seria extraordinariamente reforçado.

Outro ponto nada fácil de decifrar totalmente é se José, Maria e os filhos dele seguiam sozinhos ou faziam parte de uma caravana maior. Como vimos, o costume parecia ser formar blocos compactos de viajantes, a fim de se protegerem mutuamente. Se o censo ordenado por Roma afetava todo o povo judeu, era de se supor que habitassem outros moradores em Nazaré, que também teriam que se dirigir a Belém, Jerusalém ou outras localidades do centro e sul da Judeia. Nesse caso, não teria sido muito prático e lógico que todos esses moradores houvessem se posto a caminho ao mesmo tempo e formando uma única caravana?

Essa teoria, porém, não coincide com o que acabamos de ler no apócrifo de Tiago. Se José teve que refugiar Maria e seus filhos em uma caverna e sair em busca de uma parteira é porque, com certeza, estava sozinho.

Senão, os demais membros da caravana, entre os quais haveria mulheres, teriam ajudado com presteza.



Na minha opinião, era muito mais prudente que José e sua família houvessem escolhido o caminho da margem direita do rio Jordão para irem de Nazaré a Belém. Desta forma, evitavam passar pelo perigoso e áspero terreno de Samaria (sombreado no mapa).

O abastecimento de água e alimentos teria sido mais fácil, e caminhando por um terreno menos abrupto, o tempo investido na viagem teria, inclusive, sido menor.

Por outro lado – e se levarmos em conta o grande momento que estava prestes a se produzir –, era compreensível que a “equipe” de “astronautas”, que devia seguir José e Maria muito de perto, não quisesse a presença de muitas testemunhas.

E novamente me fascina a história fornecida pelos Evangelhos apócrifos. Por quê? Justamente porque nesse “meio do caminho” entre Nazaré e Belém – talvez muito perto do leito do Jordão ou de alguns de seus afluentes – ia ocorrer o formidável nascimento do Enviado.

Esse novo enfoque da História é muito mais racional e sensato, como veremos a seguir...

REALMENTE CHEGARAM A BELÉM?

Acho que, como quase todo o mundo, sempre dei por razoável aquela explicação tradicional sobre o nascimento de Jesus em um estábulo.

Porém, um belo dia, ao ler os textos apócrifos, percebi algo que não se encaixava...

E recorri de novo ao Evangelho canônico – o de São Lucas (2, 1-7) –, mas continuava não entendendo.

Como era possível que um homem como José, artesão e, portanto, com certas possibilidades econômicas, e com família, amigos e até antepassados na aldeia de Belém, não pudesse encontrar alojamento no povoado?²⁵

Eu não entendia...

Quanto mais pensava sobre isso, mais clara se apresentava diante de meu espírito a realidade de uma lamentável “lacuna” nos Evangelhos canônicos. Com exceção de Lucas e de outra citação fugaz de São Mateus (2, 1) sobre o local do nascimento de Jesus, os demais evangelistas “oficiais” não fazem menção a um dado tão “jornalístico” e emotivo como o do “berço” do “Enviado”.

Mas não vamos desviar da estrada principal desse curioso assunto.

A própria Bíblia de Jerusalém, ao comentar o Evangelho de Lucas (página 1.460), diz literalmente referindo-se ao problema da falta de pousada em Belém:

“ 2.7 (b) Melhor que uma pousada (*pandoheion*), a palavra grega *katalyma* pode designar uma sala em que a família de José se alojava. Se ele tinha seu domicílio em Belém, se explica melhor que tenha voltado para o censo e também que tenha levado sua jovem mulher grávida.”

E prossegue este interessante comentário:

“ A manjedoura estava, sem dúvida, instalada em uma parede do pobre albergue, e este estava tão cheio que não puderam encontrar lugar melhor para deitar a criança. Uma piedosa lenda dotou o estábulo de dois animais...”

Há aqui, no mínimo, uma contradição. Se os exegetas e teólogos católicos reconhecem que José podia ter seu domicílio em Belém, por que dirigir-se a uma pousada ou a um estábulo?

Também, não vamos perder de vista essa curiosa nota dos dois animais, considerada pela própria Igreja como “uma piedosa lenda...”.

Vou além, inclusive. É muito provável que José tenha participado da construção de algumas das casas de Belém. A natureza de sua profissão torna isso perfeitamente verossímil. Mas, mesmo que não, é inadmissível que dentre essas centenas de moradores que viviam na aldeia – de onde procedia toda a família do artesão, não vamos esquecer – não houvesse um único que permitisse que Maria descansasse ou se refugiasse em seu lar. E se não em seus aposentos, pelo menos nos pátios internos das casas.

Seja por dinheiro, por laços familiares, por amizade ou por caridade, tenho certeza de que alguém teria oferecido sua casa a José e sua mulher. E se, ainda por cima, José dispunha de seu próprio domicílio, como podemos imaginar Maria dando à luz em um foco de infecções tão perigoso como um estábulo? Jesus devia nascer humildemente, eu sei, mas esse honroso gesto não tem por que estar relacionado a pouca higiene. E, na verdade, de acordo com os apócrifos, Jesus ia nascer em um lugar muito mais esquecido e deplorável...

Não podemos esquecer que o povo israelita – por tradição – era e é um povo absolutamente hospitaleiro, e muito mais com seus amigos e familiares, e mais ainda – atrevo-me a acrescentar – se houvessem notado o estado da esposa do carpinteiro.

Não me contento, portanto, com essa frágil desculpa de são Lucas quando diz:

“... e aconteceu que, enquanto eles estavam ali, chegou o dia do parto, e deu à luz seu filho primogênito, enrolou-o em fraldas e deitou-o em uma manjedoura, porque não havia lugar no alojamento.”

Pelo menos para mim, faz muito mais sentido que José e Maria se houvessem visto obrigados a entrar em uma caverna – não em um estábulo – porque, simplesmente, tal como expõem o Protoevangelho de Tiago e o Evangelho apócrifo de são Mateus, “o momento do parto chegou em pleno caminho para Belém”.

Isso, obviamente, faz mais sentido...

Por que, então, são Lucas afirma que “chegou o dia do parto enquanto estavam ali”?

A exposição do evangelista, na minha opinião, é duvidosa.

Se José e sua gente estavam havia vários dias em Belém – como parece se deduzir das palavras de Lucas –, onde dormiam ou descansavam?

Se José, efetivamente, era da casa e família de Davi, o lógico é que tivesse família naquele povoado. Nesse caso, o “ilógico” teria sido que levasse Maria até a pousada ou alojamento. E muito mais ilógico, a um estábulo.

Como indica Tiago, ainda a caminho de Belém, devem ter chegado a Maria os primeiros sinais ou desconfortos do parto iminente.

E o que José podia fazer em pleno descampado? Ele mesmo, nesse apócrifo, exclama:

“Onde poderia eu levar-te para resguardar teu pudor? Porque estamos no descampado.”

Imagino a aflição do carpinteiro, acostumado ao vaivém de sua rude profissão, mas incapaz de saber “por onde começar” em um parto...

E, como primeira medida, tanto José quanto seus filhos optariam por procurar uma casa, qualquer refúgio aonde levar a parturiente.

Esse local de emergência – segundo os textos apócrifos – foi justamente uma caverna subterrânea, não um estábulo.

O Evangelho da Natividade, de Mateus, revela alguns pontos decisivos nesse mesmo sentido. Vejamos:

“... Mandou o anjo deter os animais, porque o tempo de dar à luz havia chegado. Depois, mandou Maria descer da jumenta e entrar em uma caverna subterrânea, onde sempre reinou a escuridão, sem que nunca entrasse um raio de luz, porque o Sol não podia penetrar ali.”

Tiago, por sua vez, como já vimos, diz que “encontrando uma caverna, introduziu-a lá, e tendo deixado com ela seus filhos, José foi buscar uma parteira hebreia na região de Belém”.

UM FÉRREO CONTROLE

De novo, e absolutamente a tempo, surge diante do grupo um “anjo” do Senhor.

Não é difícil suspeitar que a “equipe” de “astronautas” devia estar trabalhando naqueles últimos momentos “com os cinco sentidos”.

Se a jovem Virgem houvesse chegado a Belém antes de parir, tudo teria se complicado. Como “agir” em plena aldeia? Como evitar o rebuliço que, sem dúvida, as naves provocavam? E o mais grave: se Jesus houvesse nascido em Belém, a notícia de sua chegada ao planeta teria chegado aos ouvidos do temido Herodes, o Grande, muito antes do necessário e do previsto. Não esqueçamos que a aldeia fica a pouca distância de Jerusalém.

Talvez, embora nos pareça incrível, fosse preciso ganhar tempo. E esse tempo podia ser proporcionado por um nascimento à distância, “no meio do caminho entre Nazaré e Belém”. Nem tudo acabava com o nascimento de Jesus...

E, naturalmente, dentro dessa teoria geral – não esqueçamos que se trata apenas de uma hipótese de trabalho –, o momento e o lugar exatos do parto deviam ter sido perfeitamente estudados pelos tripulantes das naves. E, da mesma maneira, estou persuadido a acreditar que os “astronautas” não haviam perdido – nem por um segundo – o controle dos sinais vitais de Maria. Se nós somos capazes, hoje, de controlar de Houston o ritmo cardíaco, a respiração ou a pressão sanguínea dos homens que passeiam pela Lua ou que giram em volta do planeta, o que não poderiam conseguir civilizações tão extremamente adiantadas?

Era natural que essa “checagem” à distância fosse extremamente rigorosa. Dois mil longos anos de preparação não podiam naufragar agora, diante de qualquer contingência...

Jamais “os céus” ficaram tão atentos a uma menina e ao asno que a levava. Nossos médicos também teriam agido assim.

E se essa “marcação” em cima de Maria e de todos que a cercavam era realmente férrea assim, não tem nada de particular que, no momento crítico, um ou vários “astronautas” descessem e detivessem a marcha do grupo. Uma marcha que, talvez, José ou a própria Virgem haviam se encarregado já de deter diante dos primeiros desconfortos.

E surge, aqui, outro interessante dilema: Maria sofreu as conhecidas dores anteriores ao parto?

A Igreja, amparando-se no às vezes esburacado “guarda-chuva teológico”, chegou a afirmar que não, que a Virgem não podia sofrer essas

dores “posto que era a única criatura na face da Terra que havia nascido sem culpa original”.

Respeito essa opinião, mas, francamente, é difícil de acreditar...

Os Evangelhos apócrifos especificam claramente “que haviam chegado os primeiros sintomas...”. Claro que a palavra “sintomas” pode significar muitas coisas.

UMA PARALISAÇÃO

Mas, voltemos aos “astronautas”...

A gravidade e responsabilidade deviam ser tais naquele momento que – segundo meu ponto de vista – uma ou várias naves espaciais tinham que estar muito próximas. Atentas. Preparadas. Uma, inclusive, já aterrissada muito perto da caverna...

E, talvez, uma das primeiras medidas adotadas pela “equipe” tenha sido a paralisação de tudo que existia junto à gruta e em um amplo raio.

Também é possível que essa “paralisação” se devesse à extrema proximidade dos veículos dos “astronautas”.

Perguntam-me por que falo de paralisação?

As passagens do apócrifo de Tiago, nas quais José tenta inutilmente sair correndo em busca de uma parteira, são eloquentes. Quando os li pela primeira vez, não podia acreditar no que tinha diante de mim. E convido o leitor a repassá-lo com extrema calma...

Será que se pode conceber – e escrito há mais de dois mil anos – uma forma mais linda e plástica para descrever uma paralisação de homens, animais e da própria Natureza?

Para a “testemunha” – José – a única explicação que talvez podia se encaixar em seu cérebro era que “todas as coisas eram, em um momento, afastadas de seu curso normal”.

E o que mais é uma paralisação em massa?

A causa desse enigmático fenômeno teria que ser buscada, possivelmente, como já adiantei, nos seguintes e hipotéticos fatos:

Diante da iminência do parto, algumas naves, logicamente, viram-se obrigadas a descer na região. É possível, inclusive, que tenham aterrissado. E que essa “aproximação” à gruta subterrânea implicasse uma

maior ou menor paralisação de tudo que se movia em torno ao ponto escolhido. Uma paralisação que pode ter sido instantânea ou de uma certa duração...

Neste caso, o fenômeno teria sido absoluta e deliberadamente provocado pelos “astronautas”. No fundo, talvez se tratasse de uma elementar medida de segurança...

Também cabe pensar que foi um fato fortuito, originado pelos fortes campos magnéticos ou eletromagnéticos das naves.

Ao se estabelecerem ou aterrissarem a tão pouca distância, tudo o que entrou em seu raio de ação se viu afetado. E homens, ovelhas, pássaros, vento ficaram “congelados”. E entre eles, José, que, apesar de “não poder avançar”, percebia tudo...

O que isso me faz lembrar?

Simplesmente, de outros muitos casos de misteriosas paralisações, experimentadas por dezenas de testemunhas de óvnis em nossos dias...

O PILOTO QUE FICOU IMOBILIZADO

Eis aqui, como uma prova infinitesimal do que digo, alguns fatos, todos eles investigados pessoalmente por mim, que evidenciam a possibilidade dessa paralisação.

Há alguns anos – e assim foi detalhado em meu livro *100.000 Km em busca de óvnis* –, um piloto espanhol de linhas aéreas, Antonio Manzano, contou-me que certa madrugada, quando caminhava pela região chamada “El Cobre”, na província de Cádiz, observou um estranho objeto luminoso pousado em terra...

“ Eu estava caçando”, disse, “e segurava uma lanterna na mão. De repente, ao subir um pequeno cerro, vi no fundo do vale seguinte uma espécie de disco muito luminoso, aterrissado. Eu estava a pouca distância, e ao tentar avançar para aquela ‘coisa’ tão chamativa, fiquei paralisado. Mas não era de medo...”

“ Eu podia ver e sentir. Porém, meus músculos não obedeciam. Era impossível avançar ou retroceder. O que estava acontecendo comigo?”

“ Lembro que a poucos passos daquele disco de luz branca e muito intensa havia alguém. Pareceu-me um homem, mas mais alto que o

normal. De pelo menos dois metros.

“Estava me dando as costas e parecia contemplar algum detalhe do objeto. Usava uma espécie de macacão metalizado, como se fosse uma vestimenta de uma única peça.

“ Depois de alguns segundos, começou a caminhar para o disco. Inclinou-se e entrou pela parte inferior do objeto. Depois, não o vi mais.

“ E, pouco tempo depois, aquele aparelho mudou de cor. Subiu lentamente e, a poucos metros do solo, tornou a se estabilizar. E diante de meu espanto, afastou-se a uma velocidade imensa. E eu o perdi no horizonte em menos de cinco segundos!

“ Nesse momento, ao perdê-lo de vista, recuperei os movimentos. Minha lanterna, porém, continuava apagada. E o relógio de pulso estava parado. Não pude fazer com que funcionasse...”

O CASO DO EBANISTA/CARPINTEIRO

Outro caso de paralisação aconteceu em 1978, na região mineira de Gallarta, no País Vasco.

A testemunha principal foi um modesto ebanista e carpinteiro, Juan Sillero, que mora em uma casa situada em “La Florida”, na citada região vasca de Gallarta.

Uma noite – segundo me explicou Sillero –, sentiu um zumbido estranho e forte. Foi até a sacada de sua casa e ficou aterrorizado. Diante dele, a pouca distância, havia um enorme disco – de uns 50 metros de diâmetro – que brilhava como ele jamais havia visto na vida.

O aparelho parecia estar em dificuldades...

“ Sim – comentou a testemunha – estava imóvel e em uma posição muito forçada. Em vez de estar na horizontal, o disco havia se situado “de lado”. Tinha umas longas “pernas” ou tubos que quase quebraram meu telhado.

“ Quando percebi, estava paralisado. Não podia me mexer!”

Quando perguntei a Juan Sillero se aquela súbita paralisação podia se dever ao medo, o ebanista respondeu que não, que aquela situação durou apenas até o objeto se perder, muito lentamente, por trás de um pinheiro que dá sombra à casa de Sillero.

“ Eu me assustei – acrescentou –, mas não foi essa a razão de minha imobilidade. Aquele objeto, tenho certeza, era a causa de eu não conseguir sequer gritar...”

UM CAMPONÊS IGUALMENTE PARALISADO

O caso de Valensole é também muito revelador. Na época, foi investigado por meu bom amigo J. C. Borret, bem como pela polícia francesa.

Tudo aconteceu em 1965, a uns dois quilômetros a noroeste de Uclensole, centro de cultivo de alfazema e aldeia principal de quase 2 mil habitantes, no departamento dos Alpes de Haute-Provence.

A testemunha foi um agricultor de uns quarenta anos. Um homem igualmente sério e incapaz de inventar uma história tão assombrosa como aquela...

“ Na manhã de 1o de julho”, conta o protagonista, “eu me encontrava em um campo de alfazema de minha propriedade. Trabalhava na plantação, e lá pelas seis da manhã, durante um pequeno descanso no trabalho, ouvi um silvo breve. Não vi nada, e pensei que talvez um helicóptero da Força Aérea houvesse tido algum problema, aterrissando nas proximidades.

“ Fui rapidamente até o local de onde procedia o barulho, e, ao deixar para trás um monte de pedras que me tapava a visão, observei – a uns cem metros – um objeto muito estranho, pousado em um dos campos de alfazema. Aquilo me indignou...

“ E apertei o passo.

“ Mas, conforme avançava para o suposto helicóptero, compreendi que ‘aquilo’ não era um helicóptero... Era como uma bola de rugby, do tamanho aproximado de um carro ‘Dauphine’.

“ Que estranho! – pensei –, mas continuei caminhando. Ao lado do ‘ovo’ havia dois homens. Ou melhor, duas ‘crianças’. Essa foi a primeira impressão que tive enquanto me aproximava. Mas, o que duas ‘crianças’ estavam fazendo em meu campo de alfazema ao lado de um aparelho tão estranho?

“ E, mentalmente, reconheci que não podiam ser crianças...”

O camponês chegou até uns dez metros. Segundo suas próprias palavras, os dois seres estavam levemente agachados. Um lhe dava as costas e o

outro estava de frente. O proprietário do campo garante que ambos olhavam – e com grande curiosidade – uma das plantas de alfazema.

“ ... e quando eu já estava a uns oito ou dez metros”, prosseguiu a testemunha, “o indivíduo que estava de frente para mim me viu. Os dois se levantaram. E o que estava de costas para mim levantou sua mão direita e me mostrou – foi o que achei na hora – um objeto pequeno. A partir desse instante, não pude me mexer. Fiquei paralisado, mas percebia tudo: via, sentia, ouvia...”

“ Aquele ser colocou rapidamente o objeto em um ‘estojo’ que tinha no cinto e ali ficaram, em frente a mim, como se estivessem discutindo.

“ – Como eram as ‘crianças’?

“ – Bem, não eram crianças. Vi isso claramente. Eram ‘homenzinhos’ de um metro, um pouco mais, de altura. As cabeças eram grandes. Desproporcionais em relação ao resto do corpo. Usavam um macacão azul-escuro e dos lados tinham uma espécie de estojos. O da direita mais volumoso que o da esquerda.

“ A pele deles era lisa e de uma tonalidade muito similar à dos europeus. Não tinham pálpebras e seus olhos eram como os nossos. Suas bocas, porém, eram um simples buraco redondo. Não tinham queixos e suas cabeças eram totalmente calvas. Pareciam sair diretamente dos ombros, sem pescoço algum.

“ O resto do corpo parecia normal: braços, pernas etc. Durante algum tempo, aqueles dois seres falaram entre si, como se estivessem discutindo. Emitiam um som gutural indefinível para mim...

“ E, curiosamente, embora eu não conseguisse mexer nem a cabeça, também não senti medo. Aqueles dois seres infundiam uma grande tranquilidade.

“ Depois de alguns minutos, subiram agilmente no aparelho. Primeiro com a ajuda da mão direita. Depois, com ambas. E uma vez dentro do objeto, uma porta corrediça se fechou de baixo para cima, como se fosse uma porta arquivo.

“ A ‘bola de rugby’ tinha, na parte superior, como uma cúpula transparente. Algo assim como o plexiglas. E ali surgiram, de novo, os dois seres.

“ – O senhor continuava imóvel?

“ – Completamente.

“ – E o que aconteceu?

“ – Aquele aparelho – de quase três metros de altura – emitiu um ruído surdo. Elevou-se a mais ou menos um metro do chão e começou a se deslocar para as colinas. Os dois estranhos seres permaneceram o tempo todo de frente para mim.

“ Quando aquele aparelho havia percorrido uns trinta metros, sua velocidade se tornou assombrosa e o perdi de vista em questão de décimos de segundo.

“ E ali fiquei, ainda paralisado, por mais uns dez ou quinze minutos. Depois, voltei ao normal.

“ Quando consegui me aproximar do local onde o ‘ovo’ estivera, notei uma vala de pouca profundidade e de 1,2 metro diâmetro. No centro, havia um buraco cilíndrico de 18 centímetros de diâmetro e 40 centímetros de profundidade. E quatro sulcos pouco profundos, de uma largura de 8 centímetros e 2 metros de comprimento.

“ Esses sulcos formavam uma cruz, cujo centro geométrico passava por aquele buraco.”

A alfazema só tornou a crescer naquele lugar dez anos depois. E ninguém sabe explicar a razão.

Os casos de paralisação, enfim, seriam intermináveis. Para quem investiga a presença de óvnis em nosso mundo, é evidente que esses tripulantes dispõem de oportunos sistemas para evitar que os humanos se aproximem de suas naves, ou, simplesmente, para “congelar” a capacidade de movimento dos intrusos.

Inclusive – como no caso do piloto e do ebanista/carpinteiro –, a entrada, voluntária ou involuntária, das testemunhas em uma determinada área, próxima aos veículos espaciais, pode afetar as testemunhas, seja paralisando-as ou provocando nelas sintomas de desfalecimento, tonturas etc.

Os campos magnéticos ou eletromagnéticos de que parecem gozar esses objetos em toda sua volta – como se fosse um “escudo” ou “colchão” protetor – originam frequentes alterações nos motores a explosão de

carros, motocicletas etc., bem como nos circuitos elétricos ou eletrônicos, telas de televisão, ondas de rádio etc.

Os casos dados em Ufologia são praticamente incontáveis. Isso me leva a suspeitar que naquela época – há mais de 2 mil anos – o influxo dos campos de força das naves espaciais que se encontravam perto da gruta onde Jesus estava prestes a nascer, poderiam ter ocasionado essas mesmas reações, supondo-se que esses veículos houvessem existido.

Por não dispor de sistemas elétricos ou motores, essa ação – puramente artificial – se fez sentir apenas nos seres vivos ou em tudo aquilo que podia se movimentar.

E ainda, a descrição do apócrifo de Tiago aporta outro “detalhe” altamente significativo.

Segundo o autor, “todos os homens ao redor estavam com os rostos voltados para cima”.

Mas, por quê?

Aquela paralisação geral, na minha opinião, deve ter sido precedida – pelo menos durante segundos ou décimos de segundo – por aquele gesto coletivo de “olhar para cima”.

E assim ficaram.

Mas, torno a fazer a pergunta: por que justamente com os rostos voltados para cima?

O argumento mais lógico pode ser este: porque ali em cima, no céu, havia algo que chamou a atenção de todos os camponeses ou pastores que se encontravam nesse momento na área. Elementar...

E o que podia haver no céu que chamasse a atenção de todos ao mesmo tempo e que quase imediatamente os paralisasse?

A resposta, para mim, é fácil: Uma ou várias naves. As formidáveis e já familiares “colunas de fogo”, também chamadas “glória de Yaveh” ou “o anjo do Senhor”...

Nesta descrição, justamente, cuja origem remonta a mais de 2 mil anos, surge diante de mim uma nova prova da presença de “astronautas” e de “veículos siderais” nos tempos bíblicos.

Se fosse um simples relato literário – “mais ou menos fantástico”, como diriam as teólogos –, como é possível que o autor tenha feito uma perfeita

descrição do que hoje, só vinte séculos depois, interpretamos como uma paralisação física? E por que esse autor ia fazer a paralisação geral de homens, rebanhos, pássaros etc. coincidir com o gesto dos trabalhadores de “olhar para o alto”?

O caso poderia guardar certa semelhança com outro. Imaginemos que o genial Manco de Lepanto [Miguel de Cervantes] houvesse sido testemunha da aterrissagem de um helicóptero, do qual descessem vários pilotos com o emblema e bandeira dos Estados Unidos. E que esses militares pertencessem ao século xxi.

Continuemos supondo que Cervantes descrevesse a cena com riqueza de detalhes, mas, naturalmente, acomodando o que havia visto a sua linguagem e conceitos, próprios de uma época em que o ser humano ainda não podia voar.

Para nós, homens do século xx, que não conhecemos nem descobrimos ainda a técnica de “viajar” para o passado ou o futuro, a formidável descrição do helicóptero, da bandeira dos Estados Unidos e dos pilotos nos deixaria espantados, mas não admitiríamos o fato como um acontecimento real.

Uns falaria de acaso. Outros de premonição, de profecia, de admirável “gênero literário”...

²⁵ José, em hebraico “Josef”, significa que “Deus acrescenta outrosinhos ao que acaba de nascer”. Era filho de Jacó ou de Eli, da família de Davi.

22. A caverna, permanentemente iluminada

Segundo o Evangelho apócrifo de Tiago, os “anjos” tiveram que esperar, talvez, que José se afastasse da caverna onde Maria acabava de entrar para – definitivamente – assistir ao grande instante.

Mateus, em seu texto, também apócrifo, vivifica essa ideia quando diz:

3. Fazia um tempo que José havia ido em busca de parteiras. Mas, quando chegou à caverna, Maria já havia dado à luz o infante. E disse a ela:

“Aqui te trago duas parteiras: Zelomi e Salomé. Mas ficaram na entrada da caverna, não se atrevendo a entrar pelo excessivo resplendor que a inunda.”

Acho que chegamos a outra fascinante pergunta: O que era, e principalmente, de onde provinha esse “excessivo resplendor” que inundava a gruta?

Mateus, ao descrever a entrada da Virgem na caverna subterrânea, põe especial cuidado em deixar bem claro que o Sol jamais havia penetrado ali. E por uma razão fácil de compreender: porque aquele vão – possivelmente natural – era configurado de tal forma que a luz não podia chegar ao interior.

“Mas, no exato momento em que Maria entrou” prossegue Mateus, “o recinto se inundou de resplendores e ficou todo refulgente, como se o Sol estivesse ali dentro. Aquela luz divina deixou a caverna como se fosse meio-dia. E enquanto Maria esteve ali, o resplendor não faltou nem de dia nem de noite.”

Também Tiago coincide com Mateus em tão enigmática e forte luz:

Ao chegar ao local da gruta, pararam (refere-se, como sabemos, a José e a parteira), e eis que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa. E exclamou a parteira:

“Minha alma foi engrandecida hoje, porque viram meus olhos coisas incríveis, pois nasceu a salvação de Israel.”

De repente – prossegue o Evangelho apócrifo –, a nuvem começou a se retirar da gruta e brilhou dentro uma luz tão grande, que nossos olhos não podiam resistir.

Esta, em um momento, começou a diminuir até que apareceu o Menino...

Talvez a chave nos seja dada por Tiago ao se referir a essa “nuvem luminosa” que estava na boca da caverna.

De novo aparece a “nuvem”...

Se analisarmos a passagem com atenção, notaremos que a “nuvem” em questão estava “sombreando a gruta”. Sinal inequívoco de que os fatos transcorriam em plena luz do dia. Do contrário, a “nuvem” não teria jogado sua sombra no solo...

Porém, o autor sagrado qualifica a “nuvem” como “luminosa”. Como era possível se, geralmente, as “colunas” ou “nuvens” de fogo só apareciam durante a noite?

A possível explicação, para mim, surge com a mesma clareza. Se era efetivamente dia, o Sol devia estar caindo em cheio sobre a nave. Os dados obtidos hoje pela Ufologia nos dizem que os óvnis observados a pleno Sol brilham ou espelham extraordinariamente. Sua fuselagem, segundo a maioria dos observadores, resplandece ao Sol como o aço inoxidável ou como um metal muito polido.

Essa poderia ser, talvez, uma das explicações. Também podia ser, naturalmente, que a nave em si estivesse emitindo luz nesse momento...

Não seria o primeiro caso na já ampla casuística óvni.

Seja como for, o importante é que a nave – sem dúvida, com certa forma de nuvem – havia se colocado sobre a gruta. Mas, por quê?

Ao começar a se retirar da gruta – diz Tiago –, as testemunhas puderam ver que do interior da caverna saía luz. Uma luminosidade tão extrema que “nossos olhos não podiam resistir”.

Quantos casos pude investigar até agora, em que as testemunhas da passagem ou aterrissagem de óvnis me falaram daquela “formidável luz que o objeto emitia e que lhes permitia ver como se fosse de dia...”!

Dezenas de pessoas me repetiram que a luminosidade era tão intensa que chegava a ferir seus olhos.

E eis que – por acaso? – dois escritores de mais de 2 mil anos estão dizendo o mesmo.

O espetáculo deve ter sido tão fora de série para José e as parteiras que, como afirma Mateus, elas preferiram ficar do lado de fora, com medo de tamanho resplendor.

E suponho que José – embora o autor sagrado não faça referência a isso – também “tropeçaria” com um ou outro problema se decidisse ultrapassar a entrada da gruta...



Enquanto Maria esteve no interior da caverna, “o resplendor não faltou nem de dia nem de noite”. Assim contam os Evangelhos apócrifos.

O PARTO

Como pode realmente ter acontecido o nascimento de Jesus?

Nem os evangelistas “oficiais” nem os que nos deixaram os textos apócrifos fornecem dados concretos suficientes para estabelecer a “mecânica” do parto. E a Igreja, prudentemente, deixa-o envolvido no mistério. Mais um...

Eu, de minha parte, não me sinto com forças para descer e mergulhar nesse mistério.

Respeitando as devidas diferenças, seria como perguntar à Medicina atual quais podem ser os sistemas ou mecanismos clínico-cirúrgicos que imperarão na especialidade ginecológica dentro de quinhentos ou mil anos.

Que mãe do século xv teria imaginado que, cinco séculos depois, os dolorosos partos poderiam ser feitos... sem dor?

Uma afirmação como esta, feita em pleno tempo da Inquisição, teria me conduzido – irremediavelmente – à fogueira.



E dizem os evangelhos apócrifos: “Ao chegar ao local da gruta, pararam – José e a parteira –, e eis que estava sombreada por uma nuvem luminosa”.

O que posso supor que aconteceu naqueles momentos tensos, no interior da gruta?

Por que aquela nave espacial havia se aproximado da gruta? Por que o interior da caverna foi inundado de luz? De onde nascia aquela luminosidade?

Só uma ideia – quase um pressentimento – se agita em meu coração: é possível que a “equipe” de “astronautas” – quando chegou o momento – tenha descido materialmente e entrado, inclusive, no local onde a jovem Maria se encontrava, e que – de alguma forma que nem sequer podemos suspeitar – contribuíram ou ajudaram no parto.

Que “técnicas” utilizaram no parto? É possível que nenhuma. É possível que o parto em si fosse realmente “milagroso”, no mais literal dos sentidos.

Ou é possível que Deus – mais uma vez – se servisse da mais complexa e depurada Ciência para tornar realidade o nascimento de seu “Enviado”.

Como saber? Como saber se Maria sofreu as mesmas dores que as outras mulheres?

No apócrifo denominado *Liber de infantia Salvatoris* pude encontrar passagens que lançam um raio de luz sobre a forma como, talvez, ocorreu o grande acontecimento:

... E a parteira entrou na caverna. Parou diante da presença de Maria. Depois que esta consentiu em ser examinada por horas, exclamou a parteira e disse a grandes vozes:

“ Misericórdia, Senhor e grande Deus, pois jamais se ouviu, nem se viu, nem pôde caber em suspeita humana que os peitos estejam cheios de leite e que, ao mesmo tempo, um menino recém-nascido esteja denunciando a virgindade de sua mãe. Virgem concebeu, virgem deu à luz e continua sendo virgem.”

70. Diante da demora da parteira, José penetrou na caverna. Veio então ela a seu encontro e ambos saíram, encontrando Simeão (um dos filhos de José) em pé. Este lhe perguntou:

“ Senhora, que é da donzela? Pode abrigar alguma esperança de vida?”

Disse-lhe a parteira:

“ Que é que dizes, homem? Senta-te e te contarei uma coisa maravilhosa.”

E elevando seus olhos ao céu, disse a parteira com voz clara:

“ Pai onipotente, qual é o motivo de me ter cabido presenciar tamanho milagre, que me enche de estupor? O que fiz eu para ser digna de ver teus santos mistérios, de modo que fizesses vir tua serva naquele exato momento para ser testemunha das maravilhas de teus bens? Senhor, o que tenho que fazer? Como poderei narrar o que meus olhos viram?”

Disse-lhe Simeão:

“ Rogo-te me contes o que viste.”

Disse-lhe a parteira:

“ Não ficará isso oculto para ti, visto que é um assunto de muitos bens. Assim, pois, presta atenção a minhas palavras e retém-nas em teu coração:

71. “Quando entrei para examinar a donzela, encontrei-a com a face voltada para cima, olhando para o céu e falando consigo. Creio que estava em oração e bendizia o Altíssimo. Quando, pois, cheguei a ela, disse-lhe:

“ ‘Dize-me, filha, não sentes porventura algum desconforto ou algum membro dolorido?’ Mas ela continuava imóvel olhando para o céu, qual uma sólida rocha e como se nada ouvisse.

72. “Naquele momento, pararam todas as coisas, silenciosas e assustadas: os ventos deixaram de soprar; não se moveu folha alguma das árvores, nem se ouviu o ruído das águas; os rios ficaram imóveis e o mar sem onda; calaram os mananciais das águas e cessou o eco de vozes humanas. Reinava um grande silêncio. Até o próprio polo abandonou, a partir daquele momento, seu vertiginoso curso. As medidas das horas já haviam quase passado. Todas as coisas haviam se abismado no silêncio, assustadas e estupefatas. Nós estávamos esperando a chegada do Deus alto, a meta dos séculos.

73. “Quando chegou, pois, a hora, saiu à luz a virtude de Deus. E a donzela, que estava olhando fixamente para o céu, ficou transformada em uma vinha, pois já ia se antecipando o cúmulo dos bens. E assim que saiu à luz, a donzela adorou àquele a quem reconheceu ter ela mesma parido. O menino lançava de si resplendores, como o Sol. Estava limpíssimo e era gratíssimo aos olhos, pois só Ele surgiu como paz que apazigua tudo...

“ Aquela luz se multiplicou e escureceu com seu resplendor o fulgor do Sol, enquanto esta caverna se viu inundada por uma intensa claridade...

74. “Eu, de minha parte, fiquei cheia de estupor e de admiração e o medo se apoderou de mim, pois tinha fixa minha vista no intenso resplendor que emitia a luz que havia nascido.

“ E essa luz foi pouco a pouco se condensando e tomando a forma de um menino, até que surgiu um infante, como costumam ser os homens ao nascer.

“ Eu, então, ganhei coragem: inclinei-me, toquei-o, levantei-o em minhas mãos com grande reverência e me espantei ao ver que tinha o peso próprio de um recém-nascido. Examinei-o e vi que não estava manchado, mas que seu corpo todo era nítido, como acontece com o orvalho do Deus Altíssimo; era leve de peso e radiante aos olhos.

75. “... Quando tomei o infante – prossegue a parteira sua explicação –, vi que tinha o corpo limpo, sem as manchas com que costumam nascer os homens, e pensei para mim que talvez houvessem ficado outros fetos no útero da donzela. Pois é coisa que costuma acontecer às mulheres no parto, o que é causa de que corram risco e desfaleçam de ânimo.

“ E imediatamente chamei José e pus o menino em seus braços. Aproximei-me da donzela, toquei-a, e comprovei que não estava manchada de sangue.

“ Como contarei? O que direi? Não atino. Não sei como descrever uma claridade tão grande do Deus vivo...”

NENHUM RESTO DE SANGUE

Prescindindo das muitas exclamações, mais ou menos poéticas, da parteira – e que se devem, sem dúvida, ao entusiasmo ou fervor do autor sagrado –, o texto em si, supondo que registre a verdade, aporta alguns detalhes interessantes.

Por exemplo, a parteira fica logicamente aterrorizada ao comprovar que a criança e sua mãe estão limpas de sangue e daqueles fluxos e humores próprios de todo parto.

Como era possível?

Como os seios de Maria já se encontravam repletos de leite se o nascimento praticamente acabava de acontecer?

E o mais curioso: Por que a parteira fala de uma “luz que, pouco a pouco, vai se condensando e tomando a forma de um infante”?

O Evangelho apócrifo de Mateus, bem como o de Tiago, coincidem na falta de manchas de sangue, nos seios cheios de leite, e, evidentemente, na virgindade da jovem. E de novo sob a “camuflagem” do milagre, surge outra pergunta, não menos suspeita: O que aconteceu realmente com a mão de uma das parteiras? Por que Mateus diz que ficou seca assim que tocou a vagina de Maria?

Eis aqui o texto desse apócrifo:

4. A outra parteira, chamada Salomé, ao ouvir que a mãe continuava sendo virgem apesar do parto, disse:

“ Não acreditarei jamais no que ouço, se eu mesma em pessoa não o comprovar.”

E aproximou-se de Maria, dizendo-lhe:

“ Deixa-me que apalpe para ver se é verdade o que acaba de dizer Zelomi.” Assentiu Maria, e Salomé estendeu sua mão, mas esta ficou seca assim que a tocou. Então a parteira começou a chorar intensamente...

Tiago é mais explícito e afirma que a mão da parteira ficou carbonizada.

O que foi que aconteceu?

Sem querer, vem a minha memória um fato igualmente misterioso, registrado justamente no instante da ressurreição de Jesus de Nazaré, que os técnicos da nasa demonstraram, recentemente, ser uma formidável radiação emitida por todo o cadáver do Nazareno.

Uma energia ou radiação desconhecida pela técnica do homem, mas que deixou impressa a marca de Jesus no célebre Santo Sudário que se conserva em Turim.

Pode ter acontecido algo parecido naquele momento, igualmente decisivo, do nascimento do “Enviado”? Aquela “luz” que a parteira viu no parto pode ter deixado algum tipo de radiação no baixo-ventre de Maria? Foi isso que provocou, acidentalmente, a grave queimadura na mão da parteira incrédula?

Acho difícil acreditar que foi a “maldade” ou a lógica dúvida de Salomé que provocou a carbonização de sua mão... Para aquela, e para todas as parteiras do mundo, teria sido um acontecimento singular comprovar com seus próprios olhos que uma mulher dá à luz um bebê, conserva intacta sua virgindade e, principalmente, não apresenta manchas de sangue. Nem ela nem a criança.

Considero este último assunto como mais importante que a conservação da virgindade, porque – segundo as opiniões médicas atuais – é muito mais difícil essa insólita limpeza que a não ruptura do hímen. Ocorreram alguns casos de partos em que a mãe continua conservando a virgindade. A razão nada tem a ver com fatos milagrosos ou sobrenaturais. Simplesmente, a natureza do hímen – que é a membrana que fecha o conduto vaginal e, portanto, prova evidente de virgindade – é suficientemente elástica ou resistente para se dilatar ao máximo, permitindo a passagem do recém-nascido. Uma vez terminado o parto, o hímen volta a suas dimensões naturais. E ninguém diria que aquela mulher havia sido mãe.

Não sei se esse foi o caso de Maria. Possivelmente, não. Possivelmente, a “técnica” utilizada pela “equipe” foi tão perfeita, maravilhosa e desconhecida, tanto para os israelitas como para nós, que dificilmente a poderíamos assimilar.

Do que não resta dúvida é de que os “astronautas” estiveram novamente muito perto.

Perto o suficiente para proporcionar àquela caverna subterrânea a iluminação necessária em um momento como aquele.

Perto o suficiente para imobilizar todos os seres vivos que se encontravam nas proximidades.

Perto o suficiente – por que não? – para ajudar a jovem no instante do parto. É Mateus quem afirma em seu Evangelho apócrifo:

“ Finalmente, deu à luz um menino, a quem no momento de nascer os anjos cercaram...”

Perto o suficiente, e tão atentos à segurança da criança e de sua mãe, para que uma “voz” dissesse a Salomé, a parteira, quando saía da gruta:

“ Salomé, Salomé, não digas as maravilhas que viste enquanto o Menino não estiver em Jerusalém.”

Uma medida muito prudente se levarmos em conta a existência do cruel Herodes e dos fatos que estavam prestes a ocorrer com a chegada dos Magos...

Era normal que os “astronautas”, que indubitavelmente deviam se sentir satisfeitos com o sucesso da chegada do “Enviado”, não quisessem deslocar Maria e José e o recém-nascido, enquanto não houvessem transcorrido os fatos que, necessariamente, deviam ocorrer.

OS GINECOLOGISTAS NÃO SABEM O QUE PENSAR

Consultei prestigiosos médicos. Ao terminar a leitura desses apócrifos não quis ficar por ali, na pura especulação. Queria ouvir a voz da Ciência. O que a Medicina atual pode aportar ao mistério do parto de Maria?

Na quase totalidade, os ginecologistas a quem inquirei me contemplaram com espanto. Tanto os crentes quanto os indiferentes ou ateus.

“ Pergunta como pode ter sido o nascimento de Jesus? Devia perguntar isso aos teólogos...” Mas, naturalmente, os exegetas não têm resposta. Quando recorri aos mais ilustres representantes do Magistério da Igreja, deram de ombros, e com um sorriso de benevolência, aconselharam-me a não me “meter nessa confusão”.

Os médicos – muito mais humildes – tentaram pelo menos satisfazer algumas das questões que ferviam em minha mente... Tentarei resumir as muitas horas de diálogo com esses especialistas:

1. Praticamente todos os ginecologistas consultados responderam afirmativamente à possibilidade de que uma mulher possa conceber sem que por isso perca sua virgindade. É difícil, mas não impossível.
2. A medicina atual não conhece, por enquanto, outros métodos para fecundar o óvulo feminino que os estritamente naturais, bem como a inseminação artificial, *in vitro*, e as experimentais punções ou estimulação ácida ou elétrica do óvulo. Esses últimos, não obstante, não conduzem a um desenvolvimento embrionário normal.
3. Quanto aos partos, a ginecologia de 1980 reconhece e pôde comprovar que, em determinadas circunstâncias – não muito frequentes –, uma mulher pode dar à luz e continuar conservando sua virgindade. Tudo depende da elasticidade da membrana que fecha o canal vaginal, denominada “hímen”.
4. Os médicos consideram que – exceção feita às cirurgias chamadas “cesarianas” – qualquer gravidez normal tem como única saída natural o canal vaginal. Qualquer parto que não se realizasse por esse método iria contra as leis da própria Natureza.
5. Existe a possibilidade – dizem os especialistas – de que em determinados partos, quando o períneo cede de forma natural e durante um tempo prolongado, não ocorra derrame algum de sangue.

Nos partos de hoje, quando ocorrem hemorragias ou perdas normais de sangue, isso se deve, fundamentalmente, ao fato de que, dada a celeridade com que se praticam, é preciso rasgar os tecidos. Em tempos passados – e sem a pressa que caracteriza nossos dias –, a preparação para o parto podia durar até três dias. Há quarenta, cinquenta anos, por exemplo, o parto em si podia ter uma duração normal de dez a doze horas. Hoje, e por razões que todos conhecemos, os partos podem durar entre quatro e seis horas, em média.

O que já é quase impossível é que a criança saia absolutamente limpa. Os líquidos e secreções que a cobrem e protegem no seio materno não são eliminados no processo do parto.

6. Um parto que saia desses limites só poderia ser entendido pelo homem com base em uma ciência ou tecnologia superior e atualmente ignorada, ou pela via do “milagre”. Ou seja, acima das leis físicas naturais conhecidas.

TRÊS “TÉCNICAS” MILAGROSAS

A opinião da Medicina sobre o delicado tema não podia ser mais prudente. E, em boa medida, compartilho dessas opiniões. Acho que um parto poderá ser considerado “natural”, desde que a criatura venha ao mundo como determinou a Natureza. Mas entendo que esse não é o caso de Jesus. Os Evangelhos coincidem nisso: o Filho de Deus feito homem foi parido de forma misteriosa.

E, sem querer, deslizamos novamente para a origem da pergunta: Era um parto “milagroso” ou “misterioso” porque as pessoas simples de vinte séculos atrás não estavam capacitadas para compreender técnicas cirúrgicas como as nossas – só para fazer uma comparação? Ou foi um parto “sobrenatural”, no sentido literal da palavra? Ou seja, um parto “acima das leis naturais”...

Evidentemente, não posso responder a essa pergunta. Quem me dera!

Mas farei outra coisa: depositar no coração do leitor uma nova incógnita. E para isso, servir-me-ei de três fatos reais e concretos:

Um. Parece que em alguns hospitais dos Estados Unidos se trabalha na pesquisa de um laser que poderia substituir, em boa medida, a parteira e até o médico.

Se a descoberta prosperar, não tardaremos muito a ver em nossos hospitais um laser especial que, em segundos, abre o ventre da futura mãe. A criança é extraída de forma limpa, e esse mesmo raio fecha e cauteriza a ferida, sem deixar cicatriz alguma! A operação pode durar menos de cinco minutos.

Dois. Em muitas clínicas já se utiliza a chamada “vigilância eletrônica”. Foi a Maternidade Baudeloque, em Paris, uma das primeiras a utilizar essa nova descoberta. Embora a mortalidade infantil esteja diminuindo nos países ocidentais, não acontece o mesmo com as crianças anormais. Há cada vez mais. E parece que uma das causas primárias são os partos

difíceis. Pois bem, mediante a “vigilância eletrônica”, os médicos dispõem da necessária informação para saber “se o bebê pode ou não sofrer antes e durante o parto”. Para isso, colocam sobre o ventre da mãe um pequeno aparelho detector do qual pende um cabo eletrônico, ligado diretamente a uma máquina registradora. Esse engenho fica em um quarto contíguo, onde médicos especialistas observam as fitas magnéticas, os gráficos, as telas e toda a informação que lhes chega por meio do cabo. Passo a passo e minuto a minuto, os médicos sabem como vai se desenrolar o parto.

A informação mais importante é a do ritmo cardíaco do feto. Se são comprovados sintomas de insuficiência cardíaca, a intervenção dos médicos pode ser decisiva para salvar-lhe a vida.

Já se sabe, faz tempo, que a criança pode sofrer no ventre da mãe, mas o que não se conheciam eram as causas nem a intensidade desse sofrimento.

Durante as contrações da mãe, a circulação do sangue na placenta para e o feto fica momentaneamente sem oxigênio. Se essa situação se prolongar por alguns segundos a mais, a criança corre o risco de sofrer uma lesão cerebral irreversível. A experiência feita com duas macacas demonstrou que se essa situação – denominada “anoxia” – se prolongar por seis minutos, as células do cérebro se destroem totalmente, enquanto o coração resiste perfeitamente.

Esse novo “robô” para a “vigilância eletrônica” pode remediar esse grave risco. E assim como esses problemas, os da compressão do cordão umbilical, rh, mau posicionamento do bebê etc.

Três. Nos países mais avançados, foram instalados em hospitais e clínicas particulares sofisticados aparelhos para diagnóstico mediante ultrassons, em obstetrícia e ginecologia. Graças a esses ultrassons,²⁶ os ginecologistas podem “ver” em telas bidimensionais o desenvolvimento, posição, anomalias e características do feto a todo momento.

Pois bem, em face dessas três frentes específicas da ginecologia moderna, eu perguntaria ao leitor: “Como teriam sido qualificadas essas técnicas e sistemas científicos nas épocas de Abraão, Herodes, o Grande, Carlos Magno, são Tomás de Aquino, Afonso x, o Sábio, Calvino ou Bento xv?

Teríamos falado de “milagre”, de “mistério” ou de “intervenção sobrenatural”?

UMA MUDANÇA TRIDIMENSIONAL INSTANTÂNEA?

Como reagiríamos nós se um grupo de cientistas da Terra anunciasse ao mundo a descoberta da possibilidade de fazer “mudanças tridimensionais”?

Há pouco tempo, pude estudar um relatório dos supostos habitantes de um planeta supostamente situado nas imediações da estrela “Wolf 424”, a cerca de catorze anos-luz da Terra. Tratava-se, como os seguidores da Ufologia já devem ter adivinhado, de “Ummo”.

Nesse “relatório”, ao falar de como fazem suas naves desaparecerem, dizem literalmente:

“ Um observador que se encontre a uma distância não excessiva pode observar a aparente “aniquilação” instantânea de uma astronave desse tipo visualizada por ele.²⁷ Dois podem ser os motivos desse pseudodesaparecimento:

“ Como reiteramos em páginas precedentes, no instante em que todos os ‘ibozoo uu’ (modelo de entidade física elementar) correspondentes ao recinto limitado pela ‘itooaa’ (região externa envolvente de suas naves) mudam de ‘eixos’ (dimensão) no plano tridimensional em que o observador está situado, toda a massa integrada no recinto deixa de possuir existência física. Não que essa massa seja ‘aniquilada’, posto que seu substrato é constituído pelos ‘ibozoo uu’, mas, em outras palavras, a ‘massa’ será interpretada como uma ‘dobra da urdidura dos ibozoo uu’. Nossa Física – prosseguem os supostos ‘ummitas’ – interpreta esse fenômeno como se a orientação dessa depressão ou dobra das entidades constitutivas do espaço mudasse de sentido, de modo que os órgãos sensoriais ou os instrumentos físicos do observador não são capazes de captar a mudança.

“ Nesse instante, t_0 , o vazio no recinto é absoluto. Não há uma única molécula gasosa e, evidentemente, qualquer partícula sólida ou líquida, nem sequer uma partícula subatômica (próton, nêutron, fóton etc.) pode ser localizada probabilisticamente nesse recinto.

“ Dito na linguagem de vocês: A função de probabilidade é nula em t_0 . Porém, essa situação instável dura uma fração infinitesimal de tempo. O recinto é ‘invadido’ consecutivamente por ‘iboayaa’ (quantum energéticos), ou seja, propagam-se em seu seio campos eletromagnéticos e gravitacionais de diferentes frequências, imediatamente é atravessado por radiações iônicas e no fim ocorre uma ‘implosão’ com a precipitação do gás externo no vazio deixado pela estrutura ‘desaparecida’. Essa ‘implosão’ é a explicação desses ‘estrondos’ ou ‘trovões’ que alguns observadores de óvnis irmãos terrestres seus julgaram perceber em algumas ocasiões após o desaparecimento aparente do veículo.”

Esse documento, na minha opinião, poderia estar nos dando uma “pista” sobre um futuro conjunto de métodos científico-técnicos para “viajar” pelo espaço e – por que não? – para “fazer desaparecer” qualquer corpo (líquido, sólido ou gasoso, ou todos eles ao mesmo tempo) e voltar a “recompô-lo” ou “materializá-lo” em outro lugar.

Se a Ciência humana chegar, algum dia, a tamanho grau de perfeição, a “mudança tridimensional”, instantânea e à vontade, de um feto, por exemplo, seria como uma brincadeira. Momentos antes do parto, essa tecnologia superior poderia mudar os “eixos” de cada partícula subatômica do bebê, fazendo-o “saltar” para fora da mãe e “materializando-o” segundos depois.

Suponho que seria necessário vencer esse grave arrecife do “vazio” de que fala o “relatório” de “Ummo” e que, ao que parece, se apresenta no lugar onde “estava” o corpo “aniquilado”.

Embora esse esquema seja, hoje, puramente hipotético – quase ficção científica –, não estaremos levantando uma dúvida “gêmea” à que poderiam ter tido os Cavaleiros da Távola Redonda se alguém houvesse tentado lhes explicar o funcionamento de um porta-aviões ou de uma câmera fotográfica Polaroid?

Talvez esse “transporte” de toda uma massa de um plano tridimensional específico para outro e seu posterior “retorno” ao primeiro pudesse explicar essa misteriosa frase da parteira do Evangelho apócrifo:

Eu, de minha parte, fiquei cheia de estupor e de admiração e o medo se apoderou de mim, pois tinha fixa minha vista no intenso resplendor que emitia a luz que havia nascido.

E esta luz foi, pouco a pouco, se condensando e tomando a forma de um menino, até que apareceu um infante, como costumam ser os homens ao nascer.

Será que essa forma de “nascer” não se aproxima maravilhosamente da onipotência divina?

Talvez alguém possa esgrimir aquele argumento: “vai contra a Natureza”. É possível que vá, de fato, contra as vias que nós, até hoje, interpretamos como “naturais”, mas quem pode jurar que essa mudança de dimensões não é, também, outra das infinitas “vias” da Natureza? Uma Natureza, claro, à qual nem sequer tivemos acesso.

Durante séculos – embora já tenhamos esquecido –, a média de vida de um homem normal vinha sendo de quarenta, 45 anos. Até menos. Hoje, essa expectativa de vida é fixada em setenta, oitenta anos. Quem está, ou estava, atentando contra a Natureza: os homens da Idade da Pedra, que podiam aspirar a viver vinte ou trinta anos no máximo, ou nós, com setenta ou oitenta? Possivelmente, nem uns nem outros...

Que podemos pensar, portanto, de “astronautas” capazes de se deslocar, há mais de 2 mil anos, em naves siderais, e cujos lares podiam se encontrar em remotos confins de nosso universo ou de outros universos “paralelos”?

Quem atirá a primeira pedra da dúvida sobre suas possibilidades tecnológicas?

E, caso alguém possa continuar duvidando da presença dessas naves há mais de 2 mil anos, eis aqui, no capítulo seguinte, o que nos contam os assombrosos apócrifos.

26 Os ultrassons são ondas de natureza mecânica cuja frequência se encontra acima dos limites da audição. Ou seja, superiores a 18 mil Hertz (Hz).

27 Em Ufologia há muitos registros de casos de testemunhas que viram um óvni literalmente desaparecer.

23. Uma nave os guiou da Pérsia

Minhas suspeitas sobre a famosa “estrela” de Belém se confirmaram plenamente quando conheci os textos dos apócrifos.

Se depois da leitura de são Mateus e de são Lucas, no Novo Testamento, já tinha quase certeza de que a “estrela” em questão não podia ser o que astronômica e cientificamente se conhece hoje por uma estrela, quando encontrei os textos apócrifos, minhas dúvidas desapareceram por completo.

Como o leitor pode recordar, o Evangelho de são Mateus diz, entre outras coisas, sobre a “estrela”:

Nascido Jesus em Belém da Judeia, nos tempos do rei Herodes, uns magos que vinham do Oriente apresentaram-se em Jerusalém, dizendo:

“Onde está o rei dos judeus que nasceu? Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.”

E ouvindo isso, o rei Herodes se sobressaltou, e com ele toda a Jerusalém. Convocou todos os sumos sacerdotes e escribas do povo e por eles se informou do local onde havia de nascer o Cristo...

E prossegue Mateus:

... Então Herodes chamou os magos à parte, e por seus dados precisou o tempo da aparição da estrela...

Eles, depois de ouvirem o rei, puseram-se a caminho, e eis que a estrela que haviam visto no Oriente ia à frente deles, até que chegou e parou sobre o lugar onde estava a criança. Ao ver a estrela, encheram-se de imensa alegria...

O OUTRO TESTEMUNHO DE MATEUS

E o que diz o Evangelho apócrifo atribuído a Mateus? Eis aqui algumas passagens-chave:

6. Também uns pastores afirmavam ter visto por volta da meia-noite alguns anjos que cantavam hinos e bendiziam com louvações ao Deus do céu. Eles anunciavam, ainda, que havia nascido o Salvador de todos, Cristo Senhor, por quem haverá de vir a restauração de Israel.

7. Mas, além disso, havia uma enorme estrela que expandia seus raios sobre a gruta da manhã até a noite, sem que nunca jamais, desde a origem do mundo, se houvesse visto um astro de magnitude semelhante. Os profetas que havia em Jerusalém diziam que essa estrela era o sinal de que havia nascido o Messias, que devia cumprir a promessa feita não só a Israel, mas a todos os povos.

Antes de prosseguir com esse apócrifo, acho que vale a pena refletir sobre dois pontos dele.

Por um lado, Mateus coincide com o escrito de são Lucas sobre aqueles pastores “que dormiam ao relento (Lucas, 2, 8-14) e vigiavam em turnos, durante a noite, o rebanho”.

Pela enésima vez, “surgiu o anjo do Senhor – prossegue Lucas – e a glória do Senhor os envolveu em sua luz; e se encheram de medo...”.

O único evangelista “oficial” que fala dos pastores ao relento e da “mensagem” que os “astronautas” lhes deram é são Lucas. A bem da verdade, sempre o julguei bom e até normal. Porém, as coisas se complicam quando se pesquisa nos textos históricos da época e se contempla o grande “plano” em toda sua dimensão. Vejamos por que:

Na minha opinião, não era racional que os “astronautas” descessem até os apriscos onde deviam descansar os pastores. A “equipe”, perfeita conhecedora do povo “escolhido”, tinha que saber que esse ofício estava incluído na “lista negra” das profissões israelitas...

A pureza de origem, em grande medida, fora determinando a posição social do judeu dentro da comunidade de seu povo. Mas havia, também, circunstâncias – independentes da origem – que o manchavam aos olhos da opinião pública. Estou me referindo principalmente a uma série de profissões e trabalhos considerados “desprezíveis”. Esses ofícios rebaixavam socialmente quem os exercia. E os judeus chegaram, inclusive, a redigir listas desses trabalhos “desprezíveis”. Vejamos as quatro “listas negras”, de acordo com os escritos rabínicos *Qiddushin iv*, *Ketubor vii*, *Qiddushin 82a* e *Sanhedrin 25b*, respectivamente:

“Cuidador de asnos, Cameleiro, Marinheiro, Cocheiro, Pastor, Lojista, Médico e Açougueiro.” (Primeira lista.)

“Coletor de sujeira de cão, Fundidor de cobre e curtidor.” (Segunda lista.)

“Ourives (fabricante de peneiras), Cortador de linho, Moleiro, Vendedor ambulante, Tecelão (alfaiate), Barbeiro, Branqueador, Sangrador,

Banheiro e Curtidor.” (Terceira lista.)

“Jogador de dados, Usurário, Organizador de brigas de galo, Traficante de produtos do ano sabático, Pastor, Coletor de impostos e Publicano.” (Quarta lista.)

Outros escritos marginais registram, ainda, os bandidos, autores de atos de violência, suspeitos em assuntos de dinheiro, jogadores de sorte etc.

Dessas curiosas “listas negras” eram excluídos, por exemplo, os carregadores de malas. Abbá Shaul – que viveu no ano 150 d.C. – cita esses ofícios e escreve que são “ocupações de ladrões” e que levam, de modo especial, “à maldade”. Os transportadores, por exemplo, exceção feita aos citados carregadores de malas, ficavam quase totalmente incluídos nesse “pacote” de ofícios pouco recomendáveis. E os carregadores de malas ficavam livres de tamanha “mácula” não porque fossem honrados, mas porque, sendo requeridos para trajetos curtos, “podiam ser controlados mais facilmente...”.

Os pastores – dizem os textos da época de Jesus – não gozavam de boa reputação. A experiência provava que, na maioria dos casos, se tratava de pilantras e ladrões. Conduziam seus rebanhos a propriedades alheias e, ainda, roubavam parte dos produtos dos rebanhos. Por isso era proibido comprar lã, leite ou cabritos deles.

“ Para os coletores de impostos, pastores e publicanos – dizia um escrito rabínico – é difícil a penitência.” A razão era porque não podiam conhecer todos aqueles a quem haviam prejudicado ou enganado, aqueles a quem deviam uma reparação...

Os ofícios da quarta “lista negra” não eram apenas totalmente desprezados,²⁸ inclusive abominados, no espírito do público, mas também *de iure*, pois eram tidos oficialmente como ilegais e proscritos. Quem exercia um desses trabalhos, por exemplo, não podia ser juiz, e a incapacidade para prestar testemunho o equiparava ao escravo. Em outras palavras: estava privado dos direitos cívicos e políticos que todo israelita podia possuir, inclusive aquele que, como o bastardo, tinha uma origem gravemente maculada.

Como compreender, então – insisto –, o fato de os “astronautas” terem revelado o nascimento de Jesus a uns pastores? Todo o mundo sabia que

eram “mentirosos”, “ladrões” e “desprezíveis”. Quem poderia acreditar neles? Não me parece muito clara, portanto, a afirmação de são Lucas (2, 17-19) quando diz: “... Ao ver a criança, os pastores contaram o que os anjos lhes haviam dito acerca daquela criança; e todos os que os ouviram se maravilhavam com o que os pastores diziam”.

Das duas, uma: ou o bondoso Lucas está contando meia verdade, e neste caso as pessoas, com certeza, não teriam dado crédito às afirmações dos pastores, ou o relato mais verossímil seria o do apócrifo de Mateus, que não diz que os anjos foram diretamente até os pastores lhes comunicar notícia alguma sobre o nascimento de Jesus. Isso sim seria mais lógico. Os pastores podem ter visto as naves e os “astronautas”, mas não recebido mensagem alguma deles. Se os tripulantes estavam cientes desse nulo índice de credibilidade para com a profissão de pastor, para que desperdiçar forças comunicando tão boa-nova a quem, por princípio, não mereceria crédito?

Essa “precipitada” comunicação dos “astronautas” aos pastores que velavam o rebanho ao relento – como diz são Lucas – teria representado, ainda, outro risco: se Jerusalém distava uns oito quilômetros de Belém, a notícia do nascimento do novo “rei” de Israel teria chegado ao palácio de Herodes, o Grande, em horas. Não creio que a “equipe” celeste quisesse que os guerreiros herodianos soubessem do assunto tão cedo. Devem ter passado, na minha opinião, algumas semanas ou talvez meses até os “astronautas” terem dado “luz verde” à propagação maciça e oficial da “boa-nova”. Outra coisa é que indivíduos ou testemunhas esporádicas tenham visto a passagem das naves...

O próprio apócrifo de Mateus diz que “havia uma estrela que expandia seus raios sobre a gruta da manhã à noite... e que os profetas que havia em Jerusalém diziam que essa estrela era o sinal de que havia nascido o Messias...”.

Era lógico. Se Jesus havia nascido em uma gruta, no caminho, por exemplo, de Jericó a Belém, outros peregrinos ou viajantes podem ter visto a “estrela” ou sua forte iluminação. E a notícia, sem sombra de dúvida, chegaria a Jerusalém. E é possível que até o próprio Herodes conhecesse o rumor. Mas tratava-se apenas de um estranho “fenômeno”,

um “sinal”. A preocupante notícia do nascimento de um novo “rei” chegou ao tirano com a visita oficial dos “Magos” que procediam de outras terras que não a Palestina. E nesse momento, sim, a angústia de Herodes deve ter crescido...

As mais elementares medidas de segurança devem ter obrigado os “astronautas”, então, ao mais estrito silêncio sobre o nascimento de Cristo. Pelo menos, por uma boa temporada...

Outra coisa, e bem diferente, é que os pastores fossem testemunhas da agitada passagem das naves, com sua luminosidade, mudanças de cores etc.

Em segundo lugar – e prosseguindo com o comentário ao apócrifo de Mateus –, o que podemos deduzir, especialmente nós que investigamos e indagamos sobre o fenômeno óvni, da descrição dessa “estrela” de enorme volume ou luminosidade e que expandia ou emitia seus raios sobre a gruta da manhã à noite?

Onde já se havia visto uma “estrela” que aparecia durante o dia? E como é possível que uma estrela normal – as mais próximas situadas a dezenas de anos-luz do Sistema Solar – possa iluminar ou lançar sua luz sobre uma caverna, e só sobre uma caverna? Se o Sol – outra “estrela” – lança seus raios ao mundo todo, e não a uma parcela reduzida de terreno, por que outra estrela, logicamente situada muito mais longe da Terra, operaria esse “milagre”?

A descrição desse “fenômeno” se encaixa, porém, nas centenas de milhares de casos sobre óvnis registrados hoje em todo o mundo...

Mas, como pode um autor de princípios de nossa Era descrever tão admiravelmente o que hoje, vinte séculos depois, foi inclusive fotografado em cores? Aquele evangelista “apócrifo”, evidentemente, não podia estar mentindo nem inventando. Como podia suspeitar que milhares de anos depois, outros homens – nós – teriam provas irrefutáveis da presença de óvnis nos céus?

E aquela, segundo meus cálculos, era a segunda “estrela” descrita pelos apócrifos. A primeira, recordemos, situou-se perto da caverna e projetou sua sombra sobre ela pouco antes ou no exato momento do nascimento do

Enviado. E não seria a última “estrela” a ser vista nas proximidades da gruta...

DA CAVERNA AO ESTÁBULO?

E assim prossegue o Evangelho apócrifo de Mateus:

Três dias depois de nascer o Senhor, saiu Maria da gruta e se acomodou em um estábulo. Ali deitou o menino em uma manjedoura, e o boi e o asno o adoraram. Então, cumpriu-se o que havia sido anunciado pelo profeta Isaías:

“ O boi conheceu seu amo, e o asno a manjedoura de seu Senhor.” E até os próprios animais dentre os quais se encontrava adoravam-no sem cessar. E cumpriu-se o que havia predito o profeta Hababuc:

“ Tu te mostrarás em meio aos animais.”

Nesse mesmo lugar permaneceram José e Maria com o Menino durante três dias.

Eis aqui uma passagem com a qual também não posso concordar muito. Se José e Maria saíram da gruta três dias depois, não parece sensato que fossem para um estábulo. O normal, e muito mais depois de tal acontecimento, é que a família prosseguisse seu caminho para Belém. A não ser, claro, que os “astronautas” houvessem determinado o contrário e por razões que ninguém pode precisar.

A única razão que me vem à mente, e forçando muito a lógica, é a já expressa sobre a segurança da criança. Mas, se ninguém propagava o fato de sua divindade, não vejo razão pela qual sua segurança pudesse estar em risco, na própria aldeia de Belém ou em Jerusalém. E a prova está no fato de Maria e José, fiéis cumpridores da Lei, terem circuncidado Jesus oito dias após o nascimento...

Mas, quem pode saber a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade?

O mesmo apócrifo, mais adiante, reconhece:

1. No sexto dia, depois do nascimento, entraram em Belém, e ali passaram também o sétimo dia. No oitavo circuncidaram o Menino e lhe deram por nome Jesus, que é como o havia chamado o anjo antes de sua concepção.

XVI

1. Depois de transcorridos dois anos, vieram a Jerusalém uns magos procedentes do Oriente, trazendo consigo grandes dons. Eles perguntaram, com toda a solicitude, aos judeus:

“ Onde está o rei que vos nasceu? Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.”

Chegou este rumor ao rei Herodes. E ele ficou tão consternado ao ouvi-lo, que logo avisou os escribas, fariseus e doutores do povo para que lhe informassem onde havia de nascer o Messias segundo os vaticínios proféticos. Eles responderam:

“ Em Belém da Judeia, pois assim está escrito: E tu, Belém, terra da Judeia, de maneira alguma é a última dentre as principais da Judeia, pois de ti há de sair o chefe que governe meu povo Israel.”

Depois chamou os magos, e com todo o cuidado, averiguou deles o tempo em que havia aparecido a estrela. E com isso deixou-os ir a Belém, dizendo-lhes: “Ide e informai-vos com toda diligência sobre a criança, e quando a houverdes encontrado, avisai-me para que vá eu também e a adore”.

2. E enquanto avançavam no caminho, apareceu a estrela de novo e ia à frente deles, servindo-lhes de guia, até que chegaram finalmente ao lugar onde se encontrava o Menino. Ao ver a estrela, os Magos se regozijaram. Depois, entraram na casa e encontraram o Menino no colo de sua mãe.

Então abriram suas urnas e doaram a José e Maria muitos presentes. A seguir, foi cada um oferecendo ao Menino uma moeda de ouro. E, finalmente, o primeiro lhe apresentou uma oferta de ouro; o segundo, uma de incenso, e o terceiro, uma de mirra. E como tivessem ainda a intenção de voltar a Herodes, receberam durante o sonho aviso de um anjo para que não o fizessem. E então, adoraram ao Menino, transbordantes de júbilo, voltando a sua terra por outro caminho.

OS ESCRIBAS: DEPOSITÁRIOS DO ESOTERISMO

E chegamos, finalmente, aos misteriosos “Magos”.

Só Mateus os cita em seu Evangelho canônico. Alguns setores da Igreja Católica negam, hoje, que esses personagens tenham existido realmente. Mas esses teólogos não fornecem provas contundentes sobre essa suposta falta de rigor histórico no evangelista. O fato de escudar sua incredulidade argumentando que “estamos, com certeza, diante de uma linda lenda oriental” não é científico. Por essa mesma regra, também poderíamos estar diante de um “conto” ou “metáfora” ou “parábola” no caso do massacre dos inocentes ou na fuga para o Egito ou na própria ressurreição de Jesus de Nazaré.

Os teólogos aceitam e chamam essa incongruência pelo pomposo nome de “gênero midráshico” ou “construção haggádica”. Ou seja, uma forma ou modo de narrar a história, acrescentando detalhes pitorescos para enfatizar o ensinamento teológico que se depreende dos fatos realmente ocorridos.

Evidentemente, não compartilho dessa opinião. Acho, simplesmente, que tanto os “Magos” quanto a “estrela” que os guiou até Belém podem ter existido física e historicamente.

A única explicação medianamente racional que encontrei nesse sentido por parte da Igreja Católica é a que cita a Bíblia Comentada dos professores de Salamanca, que diz literalmente:

“ Muitas hipóteses foram lançadas sobre a estrela que os magos viram. Orígenes, a quem alguns modernos ainda seguem, acredita que se trata de um cometa. Célebre é a hipótese atribuída a Keppler: tratar-se-ia da conjunção dos planetas Saturno, Júpiter e Marte, que ocorreu no ano 747 da fundação de Roma. Dificilmente se explicam todas as características dessa estrela – prosseguem os professores de Salamanca – que aparecem no texto de uma constelação ou astro natural. Tudo leva a supor que se trata de um meteoro luminoso próximo da Terra, preparado ou criado por Deus para esse fim, como dispôs daquela coluna de fogo que guiava os hebreus pelo deserto à saída do Egito.”

Evidentemente, Orígenes não entendia muito de Astronomia...

Mas, prefiro comentar e dedicar outro capítulo às possíveis “explicações” científicas sobre a “estrela” de Belém.

Não quero soltar, por enquanto, o fio dessa, para mim, nada sólida teoria dos Magos e a estrela como um mero conto ou lenda...

Se essa narração fosse um simples “gênero midráshico”, como afirmam muitos teólogos e exegetas, como se explica essa reunião – no “cume” – de Herodes com os escribas, fariseus e doutores do povo?

Neste ponto, devemos recordar a esses hipercríticos o papel que os escribas representavam nos tempos de Jesus.

Justamente, o único fator do poder deles recaía em sua “sabedoria”. Quem desejasse ser admitido na corporação dos escribas pela ordenação devia percorrer um ciclo regular de estudos de vários anos. E recordemos que afora os sacerdotes chefes e os membros das famílias patrícias, só os escribas podiam entrar na assembleia suprema, o Sanedrin. O partido fariseu do Sanedrin, por exemplo, era integralmente composto por escribas. Mas sua influência e poder sobre o povo não residia no fato de possuírem o conhecimento da tradição no campo da legislação religiosa, e de que, devido a esse conhecimento, pudessem chegar aos postos-chave. Não. Seu prestígio estava baseado em um fato quase desconhecido pelos

homens do século xx: os escribas eram portadores de uma ciência secreta, da “tradição esotérica”.

Esta circunstância, logicamente, parecerá desconcertante para aqueles que, hoje em dia, atacam ou ignoram o mundo do esoterismo... e a Igreja se distinguiu – e ainda se distingue – por tais características.

Vejamos, como exemplo, algumas sentenças registradas pelo Talmud de Jerusalém (Veneza, 1523) e pelo manuscrito de Cambridge: “Não se devem explicar publicamente as leis sobre o incesto diante de três ouvintes, nem a história da criação do mundo diante de dois, nem a visão do carro diante de um só, a não ser que este seja prudente e de bom-senso. Quem considerar quatro coisas, mais valeria não houvesse vindo ao mundo: o que está em cima (a saber: em primeiro lugar), o que está embaixo (em segundo lugar), o que era antes (em terceiro lugar), o que será depois (em quarto lugar)”. Assim, pois, o ensinamento esotérico, em sentido estrito, tinha por objeto, como indicam também muitos outros testemunhos, “os segredos mais arcanos do ser divino (a visão do carro) e os segredos da maravilha da criação”, como relata Joachim Jeremias.

Outra vez o “carro de fogo”... E era considerado pelos escribas como um grande segredo dentro do esoterismo!

Essa teosofia e cosmogonia eram transmitidas privadamente, do mestre ao discípulo mais íntimo. Falava-se muito suavemente e, ainda, na discussão da sacrossanta visão do carro, cobria-se a cabeça com um véu – como narra o escrito rabínico *Yebamot* – devido a um medo reverencial diante do segredo do ser divino.

Os escribas, enfim, eram os grandes “iniciados”, os verdadeiros depositários da tradição esotérica. A quem Herodes, o Grande, podia recorrer, então, diante de uma emergência tão grave para ele como o suposto surgimento de um “rei” em seu reino? Aos doutores e fariseus, sim, mas, principalmente, aos escribas.

E estes, justamente, disseram-lhe o que todos sabemos: que o Messias devia nascer em Belém.

Quem pode considerar esses fatos como pura “lenda” ou “gênero midráshico”? E se o próprio “carro de fogo” constava dos escritos e tradições orais como algo absolutamente histórico, por que a “estrela” –

que também podia ter sido descrita como um “carro de fogo” – não gozaria desse mesmo caráter? Principalmente, por existirem dezenas ou centenas de testemunhas que a haviam visto...

O MASSACRE DAS CRIANÇAS: OUTRA “HISTÓRIA” ORIENTAL?

Essa corrente teológica dos “gêneros literários” levou outros exegetas e teólogos a considerar o massacre dos inocentes como uma simples “história” oriental. Exatamente igual à passagem dos Magos ou da “estrela” de Belém.

E baseiam sua teoria, por exemplo, no fato de que o historiador judeu romanizado Flavio Josefo não inclui o infanticídio em seus escritos.

Pessoalmente continuo não concordando com esses “midráshicos”...

Herodes era muito capaz de um massacre desses. Ele havia demonstrado isso amplamente. Além disso, muitos dos estudiosos daquele período estão de acordo em outro fato vital: Herodes queria apagar qualquer possibilidade de sublevação popular. E a chegada do Messias – o libertador de Israel – pode tê-lo preocupado até extremos pouco frequentes.

A crueldade de Herodes, o Grande, é uma verdade tristemente demonstrada. Matou sua primeira mulher, Marianna, três filhos e um irmão. A mais vaga suspeita de traição era suficiente para que condenasse à morte mesmo seus mais íntimos amigos e colaboradores.

Pouco faltou para que os “principais” da região fossem feitos prisioneiros e executados, simplesmente porque Herodes queria que, uma vez morto, “todo o mundo chorasse...”. A ordem foi abortada oportunamente por sua irmã, que odiava Herodes tanto ou mais que o restante de seus súditos.

Se acrescentarmos a isso que a vida das crianças – embora pareça mentira – não tinha, na época, o valor de hoje, é perfeitamente possível que o massacre de Belém pudesse passar inadvertido para Josefo ou que, simplesmente, ele não o incluísse em seus relatos.

E existe outra razão – não menos importante – pela qual deduzo que a degola dos inocentes não tem nada a ver com uma simples “história” ou “lenda”.

Todos os historiadores modernos sabem que a família real herodiana fazia parte do grupo que, entre os judeus, era conhecido como “os prosélitos”. Herodes, o Grande, não tinha sangue judeu nas veias. Seu pai, Antipater, era de família idumeia, e sua mãe, Kypros, descendia da família de um xeque árabe.

Herodes tentou inutilmente esconder que descendia de prosélitos. Ou seja, era o que Flavio Josefo chamava de “semijudeu”. Por meio de seu historiador de corte, Nicolas de Damasco, o amigo Herodes procurou propagar a notícia de que procedia dos primeiros judeus chegados do desterro da Babilônia. Mas ninguém o julgou. E muito especialmente depois do suspeito e gravíssimo gesto de mandar queimar os registros e arquivos genealógicos judeus...

Herodes, descendente de prosélitos, possivelmente também de escravos emancipados, não tinha, por isso, direito algum ao trono real dos judeus. O *Deuteronômio* (17, 15) proibia isso expressamente: “Nomearás teu rei a um de teus irmãos, não poderás nomear um estrangeiro”. A exegese rabínica desse texto excluía também o prosélito da dignidade real. E Herodes havia dito: “Quem interpreta o *Deuteronômio*?”. Os rabinos lhe explicaram, mas, como isso não convinha a Herodes, mandou matá-los. Isso, segundo Josefo, deve ter acontecido quando chegou ao poder, no ano 37 a.C. E caíram sob sua espada “os 45 principais membros do Sanedrin, membros do partido de Antígono”, rei e sumo sacerdote.

Como Herodes, o Grande, não ia se preocupar com o nascimento de um Messias salvador? E muito mais devido à comoção que, sem dúvida, a chegada de vários e exóticos personagens de terras orientais que afirmavam “ter visto a estrela do rei dos judeus pelo Oriente provocou em Jerusalém e em metade da Judeia”...

Aquela onda de entusiasmo popular, que deve ter coincidido com a aparição da estrela vista nas proximidades da gruta onde Jesus havia nascido, deve ter deixado o sanguinário rei tão nervoso que ele não hesitou em mandar eliminar todos os meninos menores de dois anos.

E por que dessa idade?

A explicação parece brotar da conversa mantida entre Herodes e os Magos. Se aquela “estrela” havia sido vista aproximadamente dois anos

antes, o “rei” dos judeus tinha que ter essa idade já.

Se esses misteriosos personagens orientais – possivelmente filósofos, doutores e astrólogos, que não reis – procediam de alguma cidade da Babilônia, o tempo normal para chegar até Jerusalém podia ser estimado em vários meses. É possível, inclusive, que até um ano. Tudo dependia da pressa da caravana e das circunstâncias e contratempos do caminho.

Entre umas coisas e outras, talvez os Magos tenham chegado a Belém quando o Menino já tinha mais de um ano. Isso explicaria perfeitamente o fato de a estrela parar, justamente, em cima da casa onde habitavam Maria e José. Os Evangelhos não falam de estábulo ou caverna. Citam uma “casa”.

Depois de tantos meses, o lógico é que a família de José – que havia viajado até Belém para o recenseamento, não para dar à luz – já morasse em qualquer uma das casas de seus familiares ou amigos ou, repito, de sua propriedade.

Se José não houvesse tido interesses ou propriedades nessa aldeia, por que permanecer tanto tempo nela? E ainda, o que teria acontecido se o “astronauta” não surgisse diante de José e lhe ordenasse ir imediatamente para o Egito? É muito provável que a família de Jesus houvesse se assentado definitivamente em Belém.

UMA NAVE NA PÉRSIA?

Mas o relato da “estrela” e dos Magos não acaba aqui. Vejamos outro interessantíssimo apócrifo – o Evangelho árabe sobre a Infância de Jesus –, que coincide com os anteriores e ainda os enriquece:

1. E aconteceu que, tendo nascido o Senhor Jesus em Belém da Judeia durante o reinado de Herodes – diz o manuscrito – vieram a Jerusalém uns Magos segundo a profecia de Zaratustra (Zoroastro). E traziam como presentes ouro, incenso e mirra. E o adoraram e ofereceram seus dons. Então Maria pegou uma daquelas fraldas e lhes entregou em retribuição. Eles se sentiram muito honrados em aceitá-lo de suas mãos.

E na mesma hora apareceu um anjo que tinha a mesma forma daquela estrela que lhes havia servido de guia no caminho. E seguindo o rastro de sua luz, partiram dali até chegar a sua pátria.

A profecia de Zaratustra, ou Zoroastro – segundo o manuscrito laurentino do século xiii conservado em Florença –, afirma que uma

virgem havia de dar à luz um filho que seria sacrificado pelos judeus e que depois subiria ao céu. Em seu nascimento apareceria uma estrela, sob cujo guia se encaminhariam os Magos a Belém, e ali adorariam ao recém-nascido.

Essa mesma profecia de Zoroastro encontra-se firmemente vinculada à redação siríaca desse mesmo Evangelho árabe da Infância. Nessa versão, apresenta-se o mesmo episódio da adoração dos Magos, mas notavelmente ampliado.

A siríaca, por exemplo, diz que, naquela mesma noite do nascimento de Jesus, um “anjo da guarda” foi enviado à Pérsia. E que ele apareceu em forma de “estrela” brilhante para os magnatas do reino, adoradores do fogo e das estrelas, quando estavam celebrando uma grande festa.

Então, três reis, filhos de reis, tomaram três libras de ouro, incenso e mirra; vestiram seus trajes preciosos, colocaram a tiara e, guiados pelo mesmo “anjo” que havia arrebatado Habacuc e alimentado Daniel na caverna dos leões, chegaram a Jerusalém.

Perguntaram a Herodes sobre o paradeiro do novo rei, e ao sair do palácio, tornaram a ver a “estrela”, mas dessa vez em forma de “coluna de fogo”.

Adoraram a criança, e durante a noite do quinto dia da semana posterior à Natividade, surgiu de novo o “anjo” que haviam visto na Pérsia em forma de “estrela”, e os acompanhou até chegarem a seu país.

Minha hipótese acerca da constante associação de “anjos” com “estrelas” e “nuvens luminosas” ou “colunas de fogo” e vice-versa se vê fortalecida, neste caso, com o testemunho do citado Evangelho árabe.

Já não resta dúvida de que aqueles povos – tanto os persas quanto os israelitas – tinham um mesmo conceito para as naves espaciais e para seus ocupantes ou “astronautas”.

Acho até obrigatório, enfim, que se aquela “equipe” havia tirado os Magos de suas terras – guiando-os com uma de suas naves espaciais –, os conduzisse novamente, sãos e salvos, ao mesmo território.

Por isso o testemunho de são Mateus no Novo Testamento me parece, uma vez mais, incompleto quando diz que os magos, “avisados em sonhos, retiraram-se a seu país por outro caminho”.

A passagem do Evangelho apócrifo árabe é muito mais precisa, pois deixa bem claro que aquele mesmo “anjo” que haviam visto na Pérsia em forma de “estrela” foi o encarregado de acompanhá-los pelo novo rumo.

UMA ANÁLISE CIENTÍFICA

Um “anjo” em forma de “estrela”...

Mas, será que se pode falar com mais clareza?

E continuo me perguntando: que tipo de “estrela” pode guiar uma caravana durante semanas ou meses, por desertos, vales e montanhas?

Uma “estrela” que é capaz de pousar em terra?

Eis o que diz o apócrifo de Tiago:

“ 3. E naquele momento – ao sair do palácio de Herodes –, aquela estrela, que haviam visto no Oriente, tornou de novo a guiá-los até que chegaram à caverna, e pousou sobre a boca desta. Então, viram os magos o Menino com sua mãe, Maria, e tiraram dons de suas urnas: ouro, incenso e mirra.”

Como antecipei nas primeiras páginas, essa passagem, justamente, eletrizou-me de tal forma que decidi empreender esta aventura.

Uma “estrela” que aterrissa em frente à boca de uma gruta? Onde e quando já se viu maravilha como essa?

²⁸ No *Midrash Sal 23* pode-se ler também: “Não há ocupação mais desprezível que a de pastor”. Filon, por sua vez, diz em sua obra *De agricultura*: “Cuidar de cabras e cordeiros é considerado pouco glorioso”.

24. “Radiografia” da chamada estrela de Belém

Embora meu coração tenha intuído desde o início a verdadeira “natureza” da estrela de Belém, quero fazer um novo esforço e tentar racionalizar o fenômeno.

Supondo que o evangelista Mateus e os demais autores dos Evangelhos apócrifos tenham dito a verdade – como acredito –, em que possíveis “explicações” lógicas e terrestres podemos remexer em busca da verdade?

Tentarei, para isso, seguir uma ordem absolutamente “científica”.

A ESTRELA DE BELÉM PODE TER SIDO UM SOL?

Se nosso Sol – como diz a Astronomia – é uma “simples” estrela de “tipo médio”, é absurdo – do ponto de vista científico – pensar que uma dessas estrelas ou sóis podia ter se aproximado não só de nosso planeta, mas do próprio Sistema Solar que constitui nosso “bairro” sideral.

Se qualquer uma das 100 bilhões de estrelas que parecem formar nossa galáxia houvesse abandonado sua posição inicial para “chegar” até Belém, a “intrusa” teria desencadeado um apocalíptico desastre cósmico, muito antes de sequer divisar nosso sistema planetário.

E, logicamente, Belém e o resto do planeta talvez houvesse desaparecido do mapa celeste...

Basta dar uma olhada no firmamento, hoje, para saber que a estrela ou sol mais próximo de nós – algo como nosso “vizinho de porta” – dista mais de quatro anos-luz. Esse “vizinho” – Alfa de Centauro –, supondo que pudesse chegar até nosso mundo, teria necessitado um total de quatro anos viajando à velocidade da luz (a 300 mil km/s).

E segundo as cartas de todos os astrônomos, a “vizinha” não saiu do lugar desde que o homem teve a possibilidade de olhar para as estrelas.

É verdade que Deus pode tudo. Inclusive, que um sol de milhões de quilômetros de diâmetro e altíssimas temperaturas cruze o espaço e “guie”

uns magos do Oriente.

Porém, continuo acreditando que Deus deve ser bem mais sensato...

PODE TER SIDO UM COMETA?

Depois de contemplar a impossibilidade de a “estrela” de Belém ter sido um sol, resta-nos, também, a hipótese de que “aquilo” se tratasse, na realidade, de um cometa. Em nossas árvores de Natal, quase sempre representamos essa “estrela” com um longo rastro ou cauda.

Mas, o que dizem os astrônomos?

Todos os que estudam o firmamento sabem que um cometa, quando ainda se encontra muito afastado do Sol (nas proximidades de Plutão ou mais longe), é constituído simplesmente por uma aglomeração de corpos rochosos – o chamado “núcleo” –, cuja estrutura ainda não se conhece com certeza.

Quando esse núcleo se aproxima de nosso Sol, a energia solar radiante faz com que se desprendam dele gases e pequenas partículas sólidas, que ficam gravitando a sua volta e dão lugar à chamada “cabeleira” do cometa.

Ao chegar à órbita de Júpiter, essa “cabeleira” se desenvolve amplamente, e em algumas ocasiões alcança uma extensão superior a 150 mil quilômetros.

A uma distância de duas unidades astronômicas (uns 300 milhões de quilômetros) do Sol, a partir da “cabeleira” do cometa surge e se desenrola uma estreita “cauda”, também de matéria do núcleo. E estende-se na direção oposta ao Sol, ao longo de vários milhões de quilômetros.

O que isso quer dizer?

É que, simplesmente, a existência de um cometa – por menor que seja – leva implícitas dimensões gigantescas, completamente alheias às características descritas por são Mateus no Evangelho para a famosa “estrela” de Belém.



E a estrela ia à frente dos Magos, mostrando-lhes o caminho.

E devemos acrescentar, evidentemente, que nenhum cometa entra na atmosfera terrestre sem ocasionar sua autodestruição, bem como um sem-fim de sérias perturbações. Temos aí o exemplo do cometa Halley, que “tocou” as últimas camadas da atmosfera com sua “cauda” em 1911 e provocou uma histeria mundial.

Se a “estrela” de Belém houvesse sido um cometa – como afirmava Orígenes –, sua proximidade ao mundo teria sido delatada pela maioria dos povos. E sua passagem constaria, hoje, dos anais da História. Fato este que não consta.

As únicas referências históricas à presença de cometas nas épocas imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus de Nazaré são as seguintes, segundo pude constatar:

Depois do assassinato de César, pouco depois dos idos²⁹ do mês de março do ano 44 a.C., surgiu um brilhante cometa. No ano 17 de nossa Era surgiu

também outro, com uma magnífica cauda, que nos países mediterrâneos pôde ser observado durante uma noite inteira.

O seguinte em importância – pelo menos que nos conste historicamente – foi visto no ano 66, pouco antes do suicídio de Nero.

E entre um e outro ocorreu um relato de muita precisão, procedente dos astrônomos chineses.

A enciclopédia *Wen hien thung khao*, do sábio Ma Tuanlin, conta o seguinte sobre a aparição:

“ Nos primeiros anos do (imperador) Yven-yen, no sétimo mês, no dia Sin-uei (25 de agosto), foi visto um cometa na parte do céu Tung-tsing (perto de Mu, da constelação de Gêmeos). Deslocou-se sobre os U-Tchui-Heu (Gêmeos), saiu de Ha-su (constelação ‘Castor’ e ‘Pólux’) e empreendeu sua corrida para o Norte e entrou no grupo Hienyuen (‘Cabeça do Leão’) e na casa Thaiouei (‘Cauda do Leão’).

“ No quinto dia desapareceu no Dragão Azul (Constelação de Escorpião). Em conjunto, o cometa foi observado durante 63 dias.”

O detalhado relato da antiga China contém – segundo se pôde descobrir nos dias de hoje – a primeira descrição do célebre cometa Halley, o vistoso astro que passa pelas “proximidades” do Sol a cada 76 anos, e que foi visto, efetivamente, da Terra. A última vez que surgiu, como relatava anteriormente, foi de 1909 a 1911.

E voltará em 1986...

Porém, os cometas, embora tenham um caráter cíclico como o Halley e dimensões tão consideráveis, nem sempre são vistos por todo o mundo. Assim, no ano 12 a.C., o Halley constituiu um acontecimento celeste e foi visível detalhadamente. Mas nem nos países do Mediterrâneo, nem na Mesopotâmia, nem no Egito se fez menção, naquela época, a um corpo sideral tão luminoso e impressionante.

Por outro lado, para o mundo do esoterismo pode ser importante – talvez transcendente e altamente significativo – que esse formidável Halley tenha passado sobre nosso mundo pouco antes do nascimento de Jesus...

E, para concluir este tópico, façamos uma nova pergunta: Que cometa poderia “guiar” os magos, desaparecer do firmamento ao chegar à cidade de Jerusalém e, pouco depois, quando esses magos retomaram a viagem

para a aldeia de Belém, apresentar-se de novo diante da caravana, indicando-lhes o rumo?

E como filigrana cósmica final, o “cometa” “parou acima do lugar onde estava a criança...”.

“ Demais” para um cometa...

NEM METEORO NEM METEORITO

Essa tentativa de justificação “razoável” da “estrela” que os Magos do Oriente viram e seguiram nos parece mais absurda, inclusive, que as anteriores.

Os meteoros – reza a Ciência – são minúsculas partículas, do tamanho de uma cabeça de alfinete, metálicas ou pétreas, que só são visíveis quando penetram na atmosfera terrestre, à velocidade de algumas dezenas de milhares de quilômetros por hora.

O calor que se produz no toque com a atmosfera os deixa incandescentes. E traçam no céu noturno, então, esses rastros luminosos tão conhecidos pelo nome de “estrelas cadentes”.

Ao contrário, os meteoritos alcançam, às vezes, dimensões de alguns metros e, portanto, são sempre grandes o suficiente para não se consumirem por completo durante a queda.

Quando um meteoro entra na atmosfera de nosso mundo, tem a mesma velocidade que um corpo em órbita em volta do Sol, a uma distância igual à da Terra. Essa velocidade depende do tipo de órbita. Para as circulares – como a terrestre –, é de 30 quilômetros por segundo. Se é uma órbita parabólica, a velocidade de queda do meteoro ou meteorito será de 42 quilômetros por segundo. Para que possamos entender melhor, esses meteoros que vemos rasgar com sua luz as noites de verão caem a simplesmente 150 mil quilômetros por hora!

Naturalmente, a visão dessa queda se prolonga apenas por uns segundos ou décimos de segundo.

E se o meteorito já é de dimensões respeitáveis, o assunto se envenena muito mais...

A essa impressionante velocidade de queda deve-se somar seu peso, às vezes de até um milhão de toneladas. É mundialmente famoso, por

exemplo, o que caiu em 12 de fevereiro de 1947 na Sibéria Sul-oriental. O meteorito se fracionou no ar em milhares de pedaços, que caíram no solo como uma chuva de ferro. Uma área de 1 quilômetro quadrado ficou coberta de buracos e crateras, dos quais o maior tem um diâmetro de 27 metros.

É muito conhecida, também, a cratera de meteoro do Arizona. Atinge um diâmetro de 1.250 metros e uma profundidade de 170 metros. Estima-se que a quantidade total de fragmentos encontrados em volta da cratera pesa, aproximadamente, 12 mil toneladas.

E assim poderíamos continuar enumerando casos.

É evidente que nenhum meteoro ou meteorito teria podido manter um “voo horizontal”, guiando uma caravana, soltando jatos de luz, e, ainda por cima, para acima de uma casa.

A ESTRELA DE BELÉM FOI UMA NOVA OU SUPERNOVA?

Qualquer astrofísico ou fã de Astronomia terá percebido já, ao ler o título deste tópico, que a pergunta é absurda. Mas, vejamos por que eles têm razão...

Como dizia ao estudar a primeira possibilidade – de que a estrela de Belém fosse um Sol –, não podemos esquecer, em momento algum, que a aproximação de um desses gigantescos astros a nosso Sistema Solar seria catastrófica.

Com mais razão, portanto, se o fenômeno pudesse ser identificado com uma “nova” ou uma “supernova”.

Diz a Astrofísica do século xx: “As modernas teorias da evolução estelar predizem, para grande número de estrelas (ao menos para aquelas cuja massa, ao chegar à sequência principal, superam em mais de quatro vezes a de nosso Sol), uma explosão como etapa final de suas vidas. Este resultado não deixa de representar muitos problemas, mas parece dar a chave de um dos fenômenos mais espetaculares estudados pela Astronomia: as supernovas.

“ Uma supernova é uma estrela na qual ocorre um aumento rápido – em poucos dias – e extraordinariamente grande (vários milhões de vezes) de seu brilho, seguido também de uma rápida extinção.”

Trata-se de algo relativamente pouco frequente. Nos últimos mil anos, por exemplo, em nossa galáxia só foram observadas três supernovas. A primeira no ano 1054, e foi estudada pelos astrônomos chineses e japoneses. Os restos dessa explosão constituem a nebulosa de Câncer, ainda em expansão.

A segunda apareceu na constelação de Cassiopeia, em 1572. A terceira, na área de Sagitário, foi observada em 1904.

Atualmente, admite-se que – em média – aparece uma supernova a cada trinta anos em uma galáxia.

Quanto às estrelas denominadas novas são, em sua aparência imediata, muito iguais às supernovas, mas em uma escala muito menor. Sua luminosidade aumenta de 10 mil a 100 mil vezes a inicial. Mas, diferentemente também das supernovas, constituem um fenômeno que se repete a cada certo número de anos.

Conclusão: nenhuma nova ou supernova pode ser registrada dentro de nossa Sistema Solar. Entre outras razões, porque neste “bairro” planetário onde se move a “velha bola azul” que chamamos de Terra não há nem houve esse tipo de estrela.

O fato de que a explosão de uma dessas estrelas no firmamento – a bilhões de anos-luz de nosso mundo – tenha alertado os Magos e os feito marchar em busca do rei dos judeus é outro problema a discutir...

Mas prefiro analisar esta apreciação – o de uma suposta “conjunção” planetária – no próximo tópico. Uma teoria que, diga-se de passagem, está “na moda” entre os exegetas e teólogos modernos...

ESTAMOS DIANTE DE UMA “CONJUNÇÃO” DE PLANETAS?

Eis aqui um debate interessante.

Hoje, astronomicamente falando, conhece-se como “conjunção” o fato de dois planetas se situarem no mesmo grau de longitude. Ou, para ser mais claro, que se “aproximem” ou se alinhem tanto entre si, que possam parecer uma única estrela de grande luminosidade.

Teria sido isso que os Magos viram e que os guiou?

Vamos começar do início...

A história da “conjunção” planetária entrou na moda no mundo com a descoberta feita pelo matemático imperial e astrônomo Johannes Kepler.

Na noite de 17 de dezembro de 1603, o célebre personagem estava sentado no Hradschin de Praga, sobre o rio Moldava. E observava com grande atenção a aproximação de dois planetas. Naquela noite, Saturno e Júpiter se encontraram na constelação de Peixes.

E ao tornar a calcular suas posições, Kepler descobriu um relato do rabino Abarbanel que dava pormenores sobre uma extraordinária influência que os astrólogos judeus atribuíam à mesma constelação. “O Messias – afirmavam – teria que vir durante uma conjunção de Saturno e Júpiter na constelação de Peixes.”

E Kepler pensou:

“ A conjunção ocorrida na época do nascimento do menino Jesus teria sido a mesma que se repete, agora, em 1603?”

O astrônomo pegou papel e lápis e fez os cálculos necessários.

Resultado: observação de uma tripla “conjunção” dentro de um mesmo ano. E o cálculo astronômico indicou a data para esse fenômeno: ano 7 a.C.

Segundo as tabelas astrológicas, devia ter ocorrido no ano 6 a.C.

Kepler optou, então, pelo ano 6, e remeteu a concepção em Maria ao ano 7 a.C.

O matemático expôs sua fascinante descoberta em uma porção de livros e artigos. Mas Kepler foi “vítima” de uma crise de misticismo e – como costuma acontecer nesses casos – suas hipóteses e achados caíram no esquecimento ou foram menosprezados.

E chegou o século xx. E com ele, outra descoberta que viria reivindicar o dito por Kepler (um pouco tarde, isso sim): em 1925, o erudito alemão P. Schnabel decifrou uns traços cuneiformes, procedentes de um célebre “Instituto Técnico” da antiga escola de Astrologia de Sippar, na Babilônia. Havia ali uma notícia surpreendente.

Tratava-se da situação dos planetas na constelação de Peixes. Os planetas Júpiter e Saturno estavam cuidadosamente assinalados durante um período de cinco meses. E isso ocorreu – de acordo com nosso cômputo – no ano 7 antes do nascimento de Jesus.

O achado era tão importante, que boa parte da Astronomia oficial se dedicou à comprovação do cálculo. E graças aos ultramodernos “planetários”, ratificou-se – para satisfação de todos, com exceção do já falecido Kepler, claro – que no ano 7 antes de nossa Era houve uma “conjunção” de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes.

Como o matemático do século xvii havia calculado, repetiu-se por três vezes. E parece que a “conjunção” foi visível em condições muito favoráveis no espaço no Mediterrâneo.

Segundo esses cálculos astronômicos modernos, as três “conjunções” citadas ocorreram nas seguintes datas:

Em 29 de maio do ano 7 a.C. ocorreu, visível durante duas horas, a primeira aproximação dos planetas.

A segunda “conjunção” foi registrada em 3 de outubro, aos 18º, na constelação de Peixes.

Em 4 de dezembro acontecia a terceira e última.

O achado astronômico – importante em si mesmo, não resta dúvida – serviu para que muitos estudiosos das Sagradas Escrituras associassem essa tripla “conjunção” com a “estrela” de Belém.

Contribuiu para isso – e como! – a não menos importante confirmação de que Jesus não nasceu no ano zero de nossa Era, como se acreditava, mas – justamente – entre os anos menos 6 ou menos 7.

ALGUNS PONTOS OBSCUROS

Até aqui, temos a teoria da famosa “conjunção” planetária. E embora a hipótese seja cientificamente aceitável, e inclusive convincente, também há pontos escuros nela...

Vejamos alguns.

Aceitemos que os Magos – sem dúvida astrônomos e astrólogos – moravam na cidade de Sippar, na florescente Babilônia, onde foram encontradas as tabuletas que confirmaram a descoberta de Kepler.

Se esses Magos haviam visto a “conjunção” no Oriente, tal como notificaram a Herodes, por que se puseram a caminho rumo ao Ocidente? Ou seja, no sentido oposto...

E outro nada desprezível dilema: será que essa “conjunção” só foi vista pelos astrônomos e astrólogos da Babilônia?

Não faz sentido que essa “conjunção” – divisada, com certeza, em toda a bacia Mediterrânea – só fosse “interpretada” pelos doutores da distante Babilônia. Não podemos ignorar que Jerusalém era, naquele tempo, um foco extraordinário de cultura. Nos tempos de Herodes, por exemplo, Hillel foi da Babilônia para ouvir Shemanya e Abtalyon, sem se intimidar com uma viagem, a pé, de semanas ou meses...

Por sua vez, Janan Ben Abishalon foi do Egito a Jerusalém, onde mais tarde foi juiz, e Nahum, colega seu no mesmo tribunal de Média, também. Paulo também se mudou de Tarso de Cilícia a Jerusalém para estudar ao lado de Gamaliel.

Se a vinda do Messias era esperada com verdadeira expectativa pelo povo hebreu, como é possível que os astrônomos, escribas e doutores judeus que viviam na Palestina – e que deviam ser tão bons ou melhores “profissionais” que os de Sippar – não se dessem conta de que a consabida “conjunção” planetária era o sinal tão longa e ansiosamente esperado?

E dado que a “conjunção” dos planetas se repetiu por três vezes no mesmo ano, não podemos imaginar que, nas três ocasiões, o fenômeno os pegou dormindo... ou em greve.

Isso me leva a pensar, enfim, que as três “conjunções” do ano “menos sete” pouco ou nada tiveram a ver com a cada vez mais intrigante “estrela” de Belém.

Se considerarmos, ainda, que a viagem dos Magos para Jerusalém deve ter durado meses, como explicar que a “conjunção” permanecesse todo esse tempo no firmamento? Essas aproximações entre planetas se prolongam, no máximo, por vários dias. Talvez uma semana...

E outro fato fundamental que os exegetas defensores dessa teoria também esqueceram: os Magos devem ter seguido, supondo que procedessem da Babilônia, uma direção Leste-Oeste. Ao sair de Jerusalém e encaminhar-se para a aldeia de Belém, esse rumo mudou para Sul-Oeste. Como é possível que uma “conjunção” também mude de direção? Por último, o fato de a “conjunção” se colocar sobre uma casa da humilde aldeia de Belém me parece um deboche...

E embora os Magos houvessem se informado sobre a aldeia específica onde devia ter nascido o “rei dos judeus”, posto que assim Herodes acabava de lhes comunicar, também é estranho (para não dizer cômico) que a “conjunção” em questão fosse à frente da caravana e “parasse” justo acima do lugar. Belém não devia ser muito grande naquela época, mas agruparia o número suficiente de casas, estábulos, grutas e apriscos para confundir um estrangeiro que andava procurando um dos muitos bebês da aldeia.

Razão demais, enfim, para que a “estrela” parasse acima do lugar exato em que o Menino que buscavam vivia, e a respeito do qual – com toda a certeza – os Magos não dispunham de descrição alguma.

É muito difícil de acreditar que uma “conjunção planetária”, a milhões de quilômetros de nosso mundo, possa se comportar dessa forma.

CAMINHAVAM DURANTE O DIA

Também não podemos esquecer um detalhe de extrema importância. Todos os testemunhos históricos dizem que as caravanas que circulavam naquela época – e inclusive posteriormente – faziam isso geralmente durante o dia. Raramente avançavam à noite.

Tanto os mercadores quanto os “mensageiros”, emigrantes ou, inclusive, as expedições militares, faziam suas viagens “de Sol a Sol”.

As mais elementares normas de segurança – contra salteadores, acidentes no terreno, ataques de animais etc. – assim aconselhavam.

Mas, segundo isso, e dado que as estrelas, cometas, meteoros, meteoritos e conjunções planetárias não são visíveis a plena luz do dia, que tipo de “estrela” guiava os astrólogos?

A ESTRELA DE BELÉM FOI UMA NAVE SIDERAL?

E posto que a possibilidade de o relato do evangelista sobre os Magos e a estrela de Belém ser apenas um “gênero midráshico”, como defendem alguns teólogos, só resta, na minha opinião, uma única e possível explicação.

Se a estrela de Belém não foi um Sol, nem uma nova ou uma supernova; se é impossível que se tratasse de um cometa, de um meteoro ou de um

meteorito; se a “estrela” de Belém não foi uma “conjunção” de planetas nem há possibilidade de confundi-la com um fenômeno óptico ou meteorológico, nem com um balão-sonda ou o planeta Vênus (como diriam hoje os militares...); e se também não era uma lenda oriental ou uma invenção de São Mateus e dos Evangelhos apócrifos, o que resta?

Simplesmente, a estrela de Belém – como já expus extensamente em páginas anteriores – pode ter sido o que hoje conhecemos como “nave sideral”. Uma brilhante nave espacial que, evidentemente, não podia proceder da Terra...

Uma nave que eu, pessoalmente, identifico e associo ao que hoje, em nossa civilização, se conhece por “objeto voador não identificado” – óvni.

E algo muito forte torna a clamar em meu espírito. E me diz que não estou enganado.

²⁹ Idos: no antigo cômputo romano, o dia 15 de março, maio, julho e outubro, e o 13 dos outros meses.

25. Os “astronautas”, hoje

Mas os “astronautas” de Yaveh não se esqueceram do planeta chamado Terra.

Na minha opinião, o grande “plano” não foi concluído ainda.

Por quê?

Tentarei evitar fugazmente minha própria falta de perspectiva no tempo e no espaço. Só assim posso me aproximar e tentar aproximar o leitor da “verdade” que pulsa dentro de meu Eu interior.

Tal como vimos, esses seres celestes deixaram suas marcas no mundo há uns 4 mil anos. Abraão e os demais patriarcas foram testemunhas diretas da presença da “glória”, da “nuvem”, da “coluna” ou do “anjo” de Yaveh.

Pouco depois – há uns 3.200 anos –, Moisés e os demais “escolhidos” tiveram diante de si os mesmos “astronautas” de Yaveh.

E o mesmo aconteceu na época do rei Salomão – há uns 2.900 anos –, quando a “equipe” de seres a serviço do Grande Deus projetou o templo de Israel, “onde morava a nuvem de Yaveh...”.

Por último – há 2 mil anos –, aqueles “astronautas” culminaram a fase mais delicada do “plano”: e Jesus de Nazaré surgiu no planeta.

Se, como afirmei nas primeiras linhas desta tese, os “astronautas” de Yaveh eram seres de carne e osso, procedentes talvez de outros universos ou planos “paralelos” ao nosso, como é possível que pudessem “estar presentes” ao longo de 2 mil anos?

Será que o tempo – tal como nós o concebemos – não conta para eles?

Naturalmente, só podemos continuar especulando. E surgem diante de mim duas variantes:

Primeira: que aqueles seres que trabalharam no grande “plano” da Redenção humana não eram os mesmos ao longo desses 2 mil anos.

Neste caso, se os “astronautas” estavam atrelados à realidade física do tempo, como ocorre com o homem, a única explicação medianamente

razoável para essa constante e constatável presença dos “celestiais” entre os patriarcas e na própria vida de Jesus é a de “turnos” perfeitamente organizados.

Dentro de um único e monolítico “plano”, os “astronautas” – sempre segundo essa primeira hipótese – teriam se sucedido nas diversas fases do mesmo. Talvez seus veículos, trajes espaciais e recursos técnicos possam ter mudado com o passar dos séculos. Porém, está claro que não aconteceu o mesmo com seu objetivo final, que foi mantido com todo o rigor.

Segunda: que os “astronautas” eram os mesmos durante os 2 mil anos de preparação do “plano”.

Essa teoria, eu sei, é mais difícil e irreal. Se nosso cérebro não está preparado, ainda, para “saltar” no tempo ou para entender outras “realidades”, onde a vida inteligente transcorra fora dessa “direção única e sem retorno” que é o passar dos dias, como podemos imaginar seres total e absolutamente livres dessa “corrente” ou dessa “torrente” que nos limita implacavelmente?

Mas, embora não possamos compreender, por que negar ou fechar os olhos da mente a essa possibilidade?

Há exatamente 2 mil anos, quando Pedro tomou as rédeas da Igreja, nem ele nem seus sucessores podiam sequer suspeitar que, vinte séculos depois, essa mesma Igreja teria que enfrentar realidades tão concretas como o aborto institucionalizado, a pílula anticoncepcional, a eutanásia ou os bebês de proveta. Nem naqueles primeiros tempos do cristianismo, nem na Idade Média, nem no século XIX, os teólogos ou Santos Padres da Igreja teriam assimilado com facilidade os conceitos e fenômenos sociais que caracterizam nossas atuais gerações. Será que por isso os homens de 1980 estão mais afastados que Pedro ou que santo Agostinho, ou que Joana d’Arc, da grande mensagem divina?

Há 2 mil anos – inclusive no referido século XIX –, os sacerdotes e fiéis cristãos teriam tido sérias dificuldades para entender duas palavras tão rotineiras como “computadores eletrônicos”. Em maio de 1980, a celebração de um Congresso sobre a Igreja e os computadores eletrônicos, em Saint Paul de Vence (costa Azul), constituiu um fato quase

insignificante. Porque a tecnologia a serviço de Deus, finalmente, começa a ter um caráter absolutamente lógico e normal.

Por que nos descabelarmos, então, diante da fascinante possibilidade de civilizações – a serviço da Grande Força – capazes de controlar algo tão arisco para nós quanto o tempo?

Só assim, sendo capazes de estar dentro do nosso tempo e, ao mesmo tempo, fora dele, os “astronautas” poderiam ter levado a cabo missões tão diferentes e distantes no tempo quanto a travessia do mar dos Juncos, a promulgação das Leis no monte Sinai, a condução do povo escolhido até a Palestina ou dos Magos até a aldeia de Belém da Judeia.

Para esses seres, o passar das gerações não representaria nenhum transtorno. Isso, inclusive, casaria exatamente com muitas de suas manifestações a homens como Jacó, Moisés ou Joaquim. Naquelas aparições, os “astronautas” repetiram sem cessar “que eram os mesmos que haviam se mostrado aos pais e ancestrais desses patriarcas e profetas”.

Pessoalmente – e também não disponho de provas –, inclino-me por essa segunda teoria. O domínio do tempo é, talvez, muito mais natural em seres cuja sabedoria e experiência os levou praticamente às portas – ou ao interior, quem sabe? – da Verdade.

Se o Cristo desceu a este mundo para nos ensinar como vencer a morte, não parece lógico que seus servidores e colaboradores já desfrutassem dessa prerrogativa?

Einstein nos deu um primeiro aviso com sua teoria da relatividade. Nem mesmo hoje podemos entender muito bem a “redução” que o tempo de um cosmonauta humano sofreria se pudesse ser lançado no espaço a uma velocidade próxima à da luz (300 mil quilômetros por segundo). Duzentos anos terrestres ficariam reduzidos, nessas circunstâncias, a 24 meses... e esse cosmonauta norte-americano ou soviético, depois de queimar dois anos pelo universo à velocidade da luz, voltaria à Terra duzentos anos depois de sua partida!

Como compreender, hoje, essa maravilhosa distorção do tempo?

E se tudo pode ter sido assim, se aqueles “astronautas” celestes não estavam nem estão sujeitos ao tempo, por que supor que levantaram âncoras deste mundo?

É verdade que o Cristo nasceu e morreu há mais de 2 mil anos. E é verdade também que cumpriu sua “tarefa”. Verdade que nos deixou sua mensagem. Verdade que os homens, desde então, dispõem de uma “estrada” segura rumo ao Conhecimento. Mas, em minha humilde opinião, o “plano” não foi arquivado com a partida do Enviado...

Se um dos objetivos básicos da presença da “equipe” de “astronautas” na Terra foi a elevação espiritual do ser humano – perfeitamente sedimentada com a chegada de Jesus –, não creio que esses seres fossem tão ignorantes para não perceber que essa abertura do homem para a Perfeição ia precisar de uma quase permanente “lubrificação” e “manutenção”.

Era normal, portanto, que não se afastassem muito e que, ao contrário, acompanhassem o devir da História humana com toda a atenção.

Se os israelitas de 3.200 anos eram um povo indômito, como poderíamos qualificar os homens da Santa Inquisição, os traficantes de escravos do século xviii ou nossas gerações, capazes de explodir bombas nucleares no Japão ou de “adorar” o “bezerro de ouro” do dinheiro ou do poder acima, inclusive, das vidas ou da dignidade humanas?

Será que uma humanidade como essa não precisa de progressivos “empurrões” ou “descargas” que façam subir o termômetro de sua espiritualidade? Será que esses milhões de homens que nasceram nos últimos 2 mil anos não imploraram por uma resposta a sua profunda inquietude? Será que o gênero humano não precisou, e precisa, de líderes, sinais, milagres ou prodígios que iluminem sua penosa peregrinação?

E chegamos ao final de minha exposição.

Curiosamente – suspeito, diria eu –, a partir dos primeiros séculos de nossa Era, e conforme a doutrina de Jesus de Nazaré ganhava terreno no mundo, outros prodígios começaram a ser registrados pelo planeta. Assim, desde os séculos x e xi até a primeira metade do século xx, o mundo tradicionalmente cristão contabilizou umas 21 mil “aparições marianas”. E o mesmo acontecia nas órbitas orientais e americanas, mas, logicamente, jamais receberam tal qualificativo.

Todas essas “visões”, “aparições”, “milagres” ou “contatos” com seres e “esferas” sobrenaturais desembocaram irremissivelmente em uma nítida elevação espiritual dos povos. Temos aqui os exemplos de Santiago de

Compostela, Lourdes, Fátima, Guadalupe, El Pilar... O “catálogo” alcança 21 mil “aparições”.

E embora um aprofundamento neste novo campo pudesse nos levar muito longe, acho que é suficiente mencionar que a presença desses seres foi – e é – permanente na História.

Quando analisamos essas “aparições” com um máximo de objetividade, percebemos que, com elas, o nível espiritual dos povos próximos e distantes ao local onde se registrou sobe quase violentamente. E as massas experimentam um inusitado fervor.

O leitor deve se perguntar por que associo as chamadas “aparições marianas” com aquela “equipe” de “astronautas” ou seres celestes.

Muito simples. Ao estudá-las profundamente – e eu fiz isso generosamente –, acabamos encontrando muitos pontos em comum com os relatos que encerram os livros do Antigo e Novo Testamento, bem como com as histórias, lendas e escritos dos místicos e com as atuais investigações de óvnis.

Eu convido o leitor a se informar, a título de simples curiosidade, sobre os fatos milagrosos que ocorreram há sessenta anos em Fátima. Talvez encontre detalhes e descrições que parecem saídos de qualquer “encontro” ou visão de óvni atual.

E temos que reconhecer que todas ou quase todas essas “aparições” deram frutos. Nos campos, azinhais ou montanhas onde “se apresentou o anjo ou a grande luz ou a linda senhora” erguem-se, hoje, formidáveis basílicas ou humildes ermidas...

Se a intenção da “equipe” era manter o fogo sagrado da espiritualidade, a verdade é que, em linhas gerais, foram conseguindo.

Evidentemente, e seguindo a mesma linha de franqueza, acho que poucos estudiosos da Bíblia – talvez nenhum – chegaram a estabelecer essa ponte entre os “anjos” de Yaveh e as “aparições marianas”. Segundo os exegetas, ambos os fatos são diferentes. Sinto não concordar com o veredicto dos teólogos e estudiosos católicos. Para mim, insisto, tudo faz parte de um único “plano”: o grande plano.

Como explicar, senão, essas coincidências ao descrever os “anjos” do Antigo ou Novo Testamento e os que viram os videntes da Idade Média ou

de nosso próprio século? Por que essas semelhanças de luminosidade, grandioso resplendor etc. da Bíblia e da maioria das citadas aparições marianas?

E o mais significativo: que sentido podem encerrar essas 21 mil aparições, justamente depois do nascimento do cristianismo? Se Jesus já havia deixado sua “mensagem”, por que tantos sinais, milagres e manifestações “sobrenaturais”?

Já disse que não acredito nas puras manifestações “gratuitas” de Deus ou de seus servidores. Se ocorrem, é sempre por algum motivo.

E, neste caso – e sempre de acordo com minha opinião –, a chave teria que ser buscada nessa necessidade de ir elevando a espiritualidade e a inquietude humanas. Traços que, se dermos uma olhada na Idade Média, só descobriremos no seio dos mosteiros, de algumas ordens religiosas e em determinadas sociedades e irmandades secretas. Mas, o que acontecia com o povo simples?

Em geral, e basta dar uma olhada na História para comprovar, aquelas massas de seres humanos mal recebiam um verniz pseudorreligioso, mais colorista, folclórico e supersticioso que outra coisa...

A bem da verdade, essas súbitas e “estratégicas” aparições acendiam novamente os ânimos espirituais dos homens do povo. Aí temos, sem ir muito longe no tempo e no espaço, as multitudinárias peregrinações a Lourdes, Fátima ou Santiago de Compostela.

Mas, não quero me deixar levar pela magia desse fenômeno. Haverá tempo de analisá-lo em outra oportunidade...

Para mim, está claro que os “astronautas” não perderam contato com os homens da Terra. E minha longa e solitária corrida atrás dos “não identificados” me diz que os “astronautas” ainda estão aqui.

Eu não poderia fazer essa afirmação se não possuísse um dos mais ricos e completos arquivos sobre aparições de óvnis. É justamente com base nessa impressionante informação que tenho em meu poder que – por meio de um simples processo de dedução – associo ou identifico as “colunas de fogo” ou a “glória” de Yaveh do Antigo Testamento com as “luzes” sobre as azinheiras da Idade Média e dos séculos xviii ou xix, e com os atuais

discos silenciosos, majestosos e brilhantes que singram nossos céus ou aterrisam nos campos.

Mas, se esse fenômeno se repete – e com que precisão! – há mais de 4 mil anos, o que se pode depreender da atual presença óvni no mundo?

Acho que já disse em outras ocasiões. Na minha opinião, os óvnis que se veem atualmente pertencem, sem dúvida, a centenas ou milhares de civilizações diferentes. Pois bem, é mais que provável que algumas dessas naves externas estejam sendo tripuladas pelos “astronautas” de Yaveh...

Seres celestes – livres do tempo –, e a serviço da Grande Força, que acompanham muito de perto a evolução humana.

Seres que um dia “nos foram dados como guardiões”. Seres – “astronautas” – que navegam por nossos céus como um dia o fizeram com o povo escolhido ou com a gruta onde nasceu Jesus de Nazaré.

Seres que ainda “trabalham” nesse grande “plano”... Seres que, como vimos, não podiam se mostrar aos patriarcas ou aos discípulos de Jesus ou aos homens dos séculos xiv ou xix como realmente são: como “astronautas”.

Esta, talvez, seja a grande diferença entre nossa geração e as que povoaram a Terra desde os anos de Abraão. Nós já começamos a nos preparar para compreender algumas verdades. Nós podemos conceber a mais depurada técnica a serviço da Divindade.

Mas tiveram que se passar mais de 4 mil anos...

E é muito provável que ainda precisemos de um longo trecho para nos sentarmos em frente a esses “homens” de outros universos e retirarmos o véu que cobre nossos olhos.

É bom, apesar de tudo, que o ser humano do astro frio chamado Terra já tenha começado a cogitar essa possibilidade.

Porque, se tudo isso fosse assim, será que não teríamos encontrado, por extensão, a razão principal desse “não contato” entre os homens de nosso mundo e os que tripulam essas naves do exterior?

Será que não são os “astronautas” celestes que, justamente, esperam com impaciência que o homem da Terra acabe de dar esses “passos” em sua evolução mental para descer definitivamente?

E como aconteceu na época bíblica, talvez esses “astronautas” já tenham tomado a iniciativa, e muitas pessoas no mundo sabem, intuem ou sentem sua presença...

E todos, consciente ou inconscientemente, já trabalham por uma nova humanidade.

Agora, quase sem querer, quando contemplo as estrelas em minhas longas noites de solidão, um calafrio me estremece.

“ ... Será que essas naves que eu persigo poderiam ser as mesmas que um dia, há mais de 2 mil anos, iluminaram a gruta onde nasceu o grande Enviado?”

E por que não...

Setembro de 1980.

Pessoas consultadas

1. José Manuel Arroniz, doutor em Teologia e licenciado em Sagradas Escrituras.
2. Bellarmino Magatti e Antonio Battista (Studium Biblicum Franciscanum de Jerusalém).
3. Ignacio Mancini, Teodoro López e Manuel Crespo, de *Tierra Santa*.
4. Ignacio Mendieta, sacerdote.
5. Teólogos e exegetas das faculdades de Teologia de Deusto, Comillas, Salamanca e Navarra.
6. Sara Ruhin, chefe da Seção de Verificação Climática do Serviço de Meteorologia do Ministério de Transportes do Estado de Israel.
7. Miguel Ángel de Frutos, conselheiro cultural da Embaixada Espanhola no Cairo.
8. Laurinda Jaffe, da Universidade da Califórnia.
9. Mia Tegner e Davi Epel, do Laboratório da Scripps Institution of Oceanography.
10. Paul Berg e Cohen, médicos e pesquisadores em genética pela Universidade de Stanford.
11. Doutora Barral, médica e pesquisadora em genética (Ciudad Sanitaria Enrique Sotomayor, da Seguridade Social em Cruces-Baracaldo).
12. Doutor Portuondo, diretor do Banco de Esperma da Ciudad Sanitaria, da Seguridade Social em Bilbao.
13. Doutor José Moya Trilla, do Centro Médico de Diagnóstico e Tratamento Educacional (Barcelona).
14. Doutor Manuel Sarriá Díaz (aparelho digestivo), de Málaga.
15. Doutor Modesto Marín (urologista), de Bilbao.
16. Doutor Pedro Sustacha e equipe de ginecologistas das clínicas San Francisco Javier e Doctor Sansebastián, de Bilbao.
17. Doutor César Abadía Arechaga (pediatria e puericultura), Bilbao.
18. Especialistas do Laboratório de Genética da Universidade Autônoma de Bilbao.
19. P. Valverde Tort (Mataró).
20. Pilar Cernuda, redatora-chefe da Agência Sapisa.

Obras consultadas

1. *Diccionario Teológico*, de Kittel.
2. *Diccionario Teológico x*. León-Dufour (Biblioteca Herder).
3. *Biblia Comentada* (autores cristãos/professores de Salamanca).
4. Comentário bíblico *São Jerônimo* (Antigo e Novo Testamento).
5. *Bíblia de Jerusalém* (Desclée de Brouwer).

6. Joachim Jeremias (*Jerusalém no tempo de Jesus*. Estudo econômico e social do mundo do Novo Testamento).
7. Werner Keller (*E a Bíblia tinha razão*).
8. *Revelación y Teología*, de E. Schillebeeckx.
9. *La Revelación como Historia*, de W. Pannenberg, R. Rendtorff, U. Wilckens e T. Rendtorff.
10. *Arqueología bíblica*, de G. E. Wright.
11. R. de Vaux, *Historia Antigua de Israel*.
12. *Teología del Antiguo Testamento*, de Gerhard von Rad.
13. *Geología*, de Richard M. Pearl.
14. *Dicionário bíblico-teológico*, de Johannes B. Bauer.
15. *Los Evangelios apócrifos*, de Aurelio de Santos Otero (Biblioteca de Autores Cristãos).
16. *La Biblia apócrifa*, de Bonsirven e Daniel Rops.
17. *Los Evangelios apócrifos*, de E. González-Blanco.
18. *Tratado de la Virgen Santísima*, de Gregorio Alastruey (bac).
19. *Mariología*, de J. B. Carol (bac).
20. *Vaticano ii. Documentos* (Biblioteca de Autores Cristãos).
21. *Vaticano i. El Concilio de Pío ix*, de Enrique Rondet.
22. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*, de Siegfried Herrmann.
23. *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, de Von Rad.
24. *Teología de san José*, de Bonifacio Llamera, op.
25. *El Evangelio ante el psicoanálisis*, de Françoise Dolto.
26. *Meteorología*, de Ledesma Baleriola.
27. *O que é a teoria da relatividade*, de Landau e Rumer.
28. *Guía de campo de las estrellas y los planetas*, de Donald H. Menzel.
29. *Cosmología*, de H. Bondi.
30. *El universo*, de Margherita Hack.
31. *La aventura del cosmos*, de Albert Ducrocq.
32. *Conocimiento actual del universo*, de Bernard Lovell.
33. *Hijos del universo*, de Hoimar von Ditfurth.
34. *El Sistema Solar, Estrellas, cúmulos y galáxias* (Coleção Salvat).
35. *Cosmos*, de Andreas Faber-Kaiser.
36. *El Sistema Solar*, de Selecciones de Scientific American.
37. *Patología externa y Medicina operatoria*, de A. Vidal.
38. *Tratado de patología quirúrgica*, de Begouin, Bourgeois, Pedro Duval, Gosset, Jeanbrau, Lecene, Lenormant, Proust e Tixier.
39. *Diagnóstico con ultrasonidos en obstetricia y ginecología*, de F. Bonilla-Musoles.
40. *Estudios bíblicos* (cadernos 3 e 4), do Conselho Superior de Pesquisas Científicas. Patronato Menéndez Pelayo – Instituto Francisco Suárez.



J. J. Benítez nasceu em Pamplona, na Espanha, em 1946. Formou-se em jornalismo na Universidade de Navarra. Mora na Espanha com a esposa Blanca, junto ao mar. Celebra a noite de Natal no dia 21 de agosto, data do verdadeiro nascimento de Jesus, conforme suas descobertas.